

ESCOLA SUPERIOR DE TEOLOGIA
INSTITUTO ECUMÊNICO DE PÓS-GRADUACAO EM TEOLOGIA

MARIO BUENO RIBEIRO

ANDARILHAGENS PELO MUNDO
Paulo Freire no Conselho Mundial de Igrejas - CMI

São Leopoldo
2009

MARIO BUENO RIBEIRO

ANDARILHAGENS PELO MUNDO

Paulo Freire no Conselho Mundial de Igrejas - CMI

Tese de Doutorado
Para obtenção do grau de Doutor em
Teologia
Escola Superior de Teologia
Instituto Ecumênico de Pós-Graduação
Área: Religião e Educação

Orientador: Prof. Dr. Balduino Antonio Andreola

São Leopoldo
2009

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

R482a Ribeiro, Mario Bueno
Andarilhagens pelo mundo: Paulo Freire no
Conselho Mundial de Igrejas - CMI / Mario Bueno
Ribeiro; orientador Balduino Antonio Andreola. – São
Leopoldo : EST/PPG, 2009.
233 f.

Tese (doutorado) – Escola Superior de Teologia.
Programa de Pós-Graduação. Doutorado em Teologia.
São Leopoldo, 2009.

1. Freire, Paulo, 1921-1997. 2. Conselho Mundial de
Igrejas. 3. Igreja e educação. 4. Igreja e problemas
sociais. 5. Teologia da libertação. I. Andreola, Balduino
Antonio. II. Título.

MARIO BUENO RIBEIRO

ANDARILHAGENS PELO MUNDO

Paulo Freire no Conselho Mundial de Igrejas – CMI

Tese de Doutorado
Para obtenção do grau de Doutor em
Teologia
Escola Superior de Teologia
Instituto Ecumênico de Pós-Graduação
Área: Religião e Educação

São Leopoldo, 14 de outubro de 2009.

Prof. Dr. Balduino Antonio Andreola – Presidente

Prof. Dr. Remi Klein – EST/RS

Prof. Dr. Manfredo Carlos Wachs – EST/RS

Prof. Dr. Luiz Gilberto Kronbauer – UNILASALLE/RS

Prof. Dr. Norberto da Cunha Garin – IPA/RS

São Leopoldo
Outubro de 2009

Dedico

À minha mãe Maria, que se foi e deixou saudades...

Ao meu pai, o herói que cuidou dela todos os dias, no tempo da sua angústia.

Aos meus irmãos Elmar, Luzimar, Andréia e Marcio, para que sejam bem sucedidos.

Aos meus filhos, Gabriel e Laila, sementes de esperança de um mundo melhor

Aos pobres, oprimidos e esfarrapados do mundo;

Aos profetas e profetizas da esperança que denunciam a injustiça e anunciam a libertação.

A todos e todas que amo.

Minha gratidão

A Deus, no Cristo Libertador, aquele que Paulo Freire encontrou nos trabalhadores e não nas estruturas hierárquicas da Igreja;

Aos meus amigos-irmãos mestres e doutores Jaider, Clemildo, Manolo, Edgar e José Luis, pela acolhida, apoio, incentivo e pelos longos e bons tempos de conversa. Todos eles são aqueles amigos mais chegados que irmãos.

Ao meu orientador, Prof. Dr. Balduino Antonio Andreola, engajado, sempre amigo, competente, pelo compromisso freireano para com a educação e a vida.

Ao Instituto Porto Alegre da Igreja Metodista, por ter contribuído de forma extraordinária na minha jornada acadêmica.

Aos colegas, professores e professoras do Centro Universitário Metodista IPA, pela convivência que me permitiu um outro e novo olhar sobre a educação.

Ao Sydney, nosso pastor, amigo e sábio e sua esposa Cecília, amável e hospitaleira.

Ao Prof. Dr. Rudolf von Sinner, Rev. Dr. Ioan Sauca, Prof. Dr. Odair Pedroso Mateus, por tornarem o meu caminho em Genebra menos pedregoso e cuja ajuda não tenho como pagar.

À Faculdade Boas Novas, que me deu o privilégio de trabalhar novamente com a Teologia e a Pedagogia e conviver com estes campos do saber.

À Faculdade Salesiana Dom Bosco, uma instituição confessional católica romana por ter acolhido a mim, um protestante. Aos estudantes, na sua maioria das “ordens religiosas”, pela nossa convivência ecumênica.

À Edilza, companheira.

Aos meus filhos, Gabriel que me ajudou nas traduções e Laila, por sua doçura.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
CAPÍTULO I – PAULO FREIRE: VIDA, OBRAS, FORMAÇÃO, INFLUÊNCIAS E EXÍLIO NA AMÉRICA LATINA	16
1.1 O lócus do pensamento freireano	19
1.2 As influências sobre Paulo Freire: a família e o povo sofrido	25
1.3 As bases teóricas iniciais do pensamento freireano	27
1.4 A trajetória profissional de Paulo Freire costurada com sua práxis educacional	29
1.5 A aplicação do método	40
1.6 O método fora do Nordeste	41
CAPÍTULO II – O CONSELHO MUNDIAL DE IGREJAS	48
2.1 Ecumenismo	48
2.2 Cristianismo: cisões e tentativas de retorno à unidade – uma breve abordagem histórica do início ao Concílio Vaticano II	50
2.3 O Ecumenismo no século XX – raízes e gênese	64
2.4 O Conselho Mundial de Igrejas – o esforço protestante de ecumenismo	64
2.4.1 O CMI e as Associações, Federações e Alianças Cristãs	68
2.4.2 O CMI e as Conferências Missionárias	74
2.4.3 A Conferência de Edimburgo	76
2.4.4 De Edimburgo a Genebra: a Conferência Internacional de Missões e o Conselho Mundial de Igrejas – do CIM ao CMI	81
2.4.4.1 Primeiro braço do rio: O Conselho Internacional de Missões (e seus desdobramentos)	82
2.4.4.2 Segundo braço do rio: Movimento Vida e Trabalho	87
2.4.4.3 Terceiro braço do rio: Movimento de Fé e Ordem	88
2.4.5 A formação do CMI: os braços de rio se unirão num só rio	90
2.5 A Natureza do CMI	101
CAPÍTULO III – PAULO FREIRE NO CMI	106
3.1 A Educação “teológica” no CMI	107
3.1.1 O TEF – Theological Education Fund	109
3.1.2 O TEF torna-se PTE – Program on Theological Education	114
3.1.3 O PTE torna-se ETE – Ecumenical Theological Education	115
3.2 A Educação “não-teológica” no CMI	116
3.3 Paulo Freire no CMI	117
3.3.1 Dois termos, dois brasileiros	118
3.3.2 O Itinerário do Andarilho da Esperança: Paulo Freire no CMI	122
3.3.3 As viagens de Paulo Freire (cf. Anexo 3)	126
CONCLUSÃO	162
REFERÊNCIAS	167
ANEXOS	175

RESUMO

Nos modelos econômicos em que o lucro é a finalidade subordinam-se todas as instituições sociais para garantir os benefícios de uma minoria, sustentada pela opressão de uma maioria. Nos territórios ocupados pelos países ibéricos desde o século XV estabeleceu-se uma política de controle sobre as massas denominada de colonialismo. Essa política ganhou o selo oficial da Igreja que administrava o direito internacional e autorizava as ocupações. Com isso, criou-se nestes territórios uma mentalidade colonial. Embora independentes, as colônias mantiveram esta mentalidade que deve ser superada e contra a qual os oprimidos se julgavam incapazes de enfrentar, alimentados pelo discurso determinista religioso. Este trabalho trata da trajetória de Paulo Freire e do Conselho Mundial de Igrejas (CMI). Ambos nascidos no século XX. Paulo Freire é uma pessoa, CMI é uma organização internacional. Os esforços de ambos são comuns: contribuir na *Missio Dei* visando a libertação da pessoa humana. Um contribuiu com sua práxis epistemológica, outro com o aporte financeiro e ambos em resposta aos anseios humanos de libertação. A trajetória de Paulo Freire no Brasil, Chile e Estados Unidos é trabalhada no primeiro capítulo, e a do CMI no segundo capítulo. O capítulo três é reservado para descrever a trajetória de Paulo Freire a partir do CMI. O texto nos oferece leituras de itinerários. É uma contribuição para manter aceso os ideais do “andarilho a esperança” que são, num primeiro momento, a conscientização, seguida pela libertação e pela emancipação humana.

Palavras-chave: Paulo Freire; Conselho Mundial de Igrejas; conscientização; libertação.

ABSTRACT

In the actually economic models where sometimes profit it's the aim ambition of some groups of people. All of the socials engagement centers has been usually subordinate to keep safe all of minority's privileges which is supported by endless majority's oppression. Since the XV century, a massive policy, called by colonialism has been established by iberic countries over crowd of people. This policy received an official seal of Church which had the responsibility to administrate international rights and used to concede occupation's permission. As a consequence; in this areas, it were created colonial mentality. Thought independent, colonies have been keeping this kind thought witch must to be changed, reason why oppressed people judge themselves not able to face this situation, this group of people have been fed by religious determinism. This work treats to Paulo Freire's trajectory in part to World Council of Churches (WCC). Both of them were born in the XX century. Paulo Freire it's a person, WCC it's an International Found. Both efforts are common, it means: to contribute with *Missio Dei* seeking freedom of human person. The first one helps with his epistemological praxis and the second one with the financial support and both with humanities desires of freedom. The Paulo Freire's trajectory in Brazil, Chile and USA it's seemed in the chapter one and second one talks about the WCC. The chapter three it's reserved to broach Paulo Freire's trajectory from WCC. This work also offers us itinerary readings. It's just contributions to keep in evidence all of "Hope's walkers" ideals whose represents conscientization in the first sight e finally followed by freedom and human emancipation.

Keywords: Paulo Freire; World Council of Churches; conscientization; freedom

INTRODUÇÃO

Vivemos num mundo em que a injustiça e a desigualdade estão muito presentes e são aprofundadas pelo modelo econômico adotado pelos países desenvolvidos e por aqueles em desenvolvimento. No geral, os modelos econômicos que geram lucros para uma minoria necessitam da exploração de uma maioria. Idéias hegemônicas tentam nos fazer acreditar que este modelo é imutável. Mas Paulo Freire nos ensina a olhar a realidade de forma diferente. Em reuniões e encontros por todos os recantos deste mundo ouvimos em uníssono: “Um outro mundo é possível”.¹

Caio Prado Junior, considerado um dos mais significativos historiadores do Brasil depois de Capistrano de Abreu, pergunta sobre a gênese do Brasil: Quando e como começou o Brasil? E esta pergunta pode ser aplicada a todas as regiões que se tornaram colônias dos países ibéricos, especialmente de Portugal. E sua resposta é que o Brasil surgiu no quadro das atividades européias a partir do século XV. Essas atividades integraram um novo continente à órbita européia, assim como a África e a Ásia acabaram por integrar o universo todo em uma nova ordem, que é a do mundo moderno². Neste quadro de atividades encontramos o colonialismo que pode ser melhor entendido a partir das considerações que fazemos a seguir.

A **primeira consideração** refere-se o enriquecimento da Europa. A colonização do Brasil, da África e da Ásia serviram essencialmente para enriquecer

¹ Especialmente sobre esta questão podemos considerar as obras de Istvan Mezsáros, dentre elas *Para além do capital*.

² In: REIS, José Carlos. Anos 1960: Caio Prado Jr. e "A Revolução brasileira". **Rev. bras. Hist.** V. 19 n. 37, São Paulo, set. 1999, p. 20.

a Europa. A empresa marítima portuguesa no século XV foi alimentada e financiada por uma burguesia comercial sedenta de lucros. Com esta sede, a burguesia, com o apoio do rei, começou a sua expansão pela África e Índia. O Oriente ocupava a fantasia portuguesa como uma região de abundantes riquezas e por isso a Índia era o principal objetivo de Portugal. Nesta caminhada ocuparam o Ocidente africano, chegaram ao Brasil e se expandiram para o Oriente.³

Como **segunda consideração** nos arriscamos a afirmar que a Igreja é culpada, pois além da aliança entre os burgueses e a monarquia, há outra a ser considerada: a aliança da Igreja com as monarquias. Nesta aliança, a Igreja se sobrepõe à monarquia. Era a Igreja quem controlava o direito internacional e autorizava a colonização e a exploração de um novo território através dos “mandatos feudais” expedidos pelos papas. O poder papal vai se firmar como o “dominus totius orbis”. Embora questionado, este poder se imporá de forma poderosa na península ibérica. A Igreja, senhora do mundo, criou no imaginário português a idéia de que “civilização e fé católica estavam intimamente unidas. ‘Dilatar as fronteiras da fé e do império’ era o lema das conquistas portuguesas”.⁴ E isto significava estar “entre a cruz e a espada”. Nesse aspecto podemos fazer a mea-culpa da Igreja pela exploração colonial e dizimação de povos. Por isso a Igreja pediu perdão aos povos latino-americanos pelas barbáries cometidas. Os que não foram dizimados foram escravizados com a desculpa de que a Bíblia não condena este outro modelo econômico também ávido de lucro.

Com a escravização dos corpos escraviza-se também a alma, desumaniza-se o sujeito que deixa de ser humano para tornar-se objeto, reificado, não porque queira, mas porque é coagido inconscientemente para esta condição.

A terceira consideração é a de que a Igreja foi o sustentáculo ideológico da sociedade feudal e transferiu para a América Latina, via tridentismo, todo o ideário medieval. A concepção de senhorio e servilidade foi implementada nas colônias e nelas permaneceram.⁵ Assim foi nas colônias da América Latina e da África. A

³ In: BARBEIRO, Heródoto. **História Geral**. São Paulo: Editora Moderna, 1976, p. 156-157.

⁴ AZZI, Riolando. **O Catolicismo Popular no Brasil**. Coleção Cadernos de Teologia e Pastoral - 11, Petrópolis, Vozes, 1978, p.14.

⁵ In: SILVA, Clemildo Anacleto; RIBEIRO, Mario Bueno. **Intolerância Religiosa e Direitos Humanos**: mapeamentos de intolerância. Porto Alegre: Sulina, 2007.

mentalidade colonial ficou impregnada não somente nas mentes dos pobres e oprimidos, mas também nas dos opressores. Nem sempre o opressor se sabe opressor e que precisa também de libertação. A sombra do opressor pode ser retirada do oprimido que se conscientiza, se desaliena, mas isto implica em que este vazio deixado por “esta sombra” seja preenchido por outro conteúdo que Paulo Freire chama de autonomia.

A **quarta consideração** é a de que a mentalidade colonial se instalou nas colônias. Isto significou sempre uma completa descaracterização do humano enquanto ser. Significou que as pessoas podem estar no mundo mas não com o mundo. E significa que o ser humano torna-se apenas adaptado, acomodado, ajustado e se comporta de forma desarraigada, massificada. Não é sujeito, é coisa.

A partir destas considerações nas quais o colonialismo serviu para enriquecer a Europa; foi autorizado pela Igreja que o sustentou ideologicamente e que este colonialismo foi impregnado e se criou uma mentalidade colonial nos territórios ultramarinos e analisando a práxis anti-hegemônica de Paulo Freire podemos afirmar que é possível mudar tudo isso.

Nessa crença é que nos propusemos acompanhar o itinerário de Paulo Freire. Mas não nos ocupamos de Paulo Freire sem um motivo. Abraçar a concepção e a visão de mundo de Paulo Freire exige explicações, pois Paulo Freire foi um homem de causa. Advogado de formação abraçou a educação por julgar que, como advogado, não poderia defender uma causa injusta. E foi para uma causa justa: defender o ser humano aprisionado nas trevas da falsa consciência como aqueles prisioneiros ainda acorrentados pelos grilhões da ignorância do Mito da Caverna de Platão. Paulo Freire propõe a integração do humano ao mundo, seu enraizamento, sua “ação ativa” de optar pela realidade, de criar e recriar o mundo, de exercer a crítica e construir a cultura.

O **motivo** de realizarmos este trabalho parte da nossa preocupação com as questões teológicas e educacionais. Quando se estuda teologia nos cursos superiores de Ciências Teológicas há quase que um ocultamento da concepção libertadora de Paulo Freire. Nos cursos de licenciatura, quando há uma ênfase nas obras de Paulo Freire cita-se “en passant” sua presença no CMI. O que lemos de

Paulo Freire no CMI é sempre a reprodução de um texto de Moacir Gadotti em que afirma ter conhecido Paulo Freire em 1974 enquanto fazia doutorado na Universidade de Genebra; ou então que “ele trabalhava como Consultor Especial do Departamento de Educação do CMI”. Ou ainda lemos artigos ou entrevistas de pessoas que afirmaram ter conhecido Paulo Freire quando ele trabalhava no CMI.

Mas será que é só isso? Paulo Freire trabalhou dez anos no CMI e qual foi a sua contribuição efetiva no e a partir deste organismo ecumênico?

Para responder a estas e mais algumas questões assumimos alguns caminhos. O primeiro deles foi reler as obras de Paulo Freire. Depois fomos a Genebra em 2007 e coletamos informações nos arquivos do CMI. Entrevistamos duas pessoas que conheceram Paulo Freire e nos deram informações valiosas, uma mais e outra menos.

De posse dos documentos optamos por selecionar apenas dois para redigir este trabalho. E os dois documentos tratam das andarilhagens de Paulo Freire. O primeiro documento está em francês e é uma narrativa de Paulo Freire sobre seu itinerário do Brasil até sua chegada em Genebra. Nesse documento ele faz uma descrição da sua família e então descreve seus “problemas políticos”. O segundo documento é um relatório de viagens do tempo em que era funcionário do CMI. Os documentos são “datilografados” por Paulo Freire. Outros documentos que estão anexados referem-se a estes dois que selecionamos para a redação deste trabalho.

Este trabalho é essencialmente analítico-descritivo e nossa abordagem é qualitativa. É analítico no sentido de que os textos e documentos foram selecionados e analisados na tentativa de explicar o seu contexto. Embora possa parecer um tanto objetivista e positivista, a nossa intenção ao optar por esta construção se encaminha mais para uma hermenêutica atualizada. Um trabalho analítico possui várias categorias e optamos pela categoria histórica de análise, pois ao selecionarmos os documentos nosso interesse está em preservar os registros de Paulo Freire, mapear a sua experiência localizando-o no espaço e no tempo. Mapeado e localizado caminhamos para a tentativa de analisar os eventos para entender e interpretar como eles foram produzidos, o porquê e quais conseqüências podemos atribuir a estes fatos. O trabalho é também descritivo porque buscamos

conhecer e interpretar os documentos, após selecioná-los. Como os fatos já estão dados, não podemos modificá-los, mas podemos reinterpretá-los. Por conta da nossa inferência sobre os documentos, a nossa abordagem é qualitativa.

Quanto à estrutura este trabalho está dividido em três capítulos. No Capítulo I optamos por resgatar a biografia de Paulo Freire, buscando elementos biobibliográficos. Nesta construção entrelaçamos as falas de muitos autores, alguns mais distantes que fizeram análises da obra e do pensamento de Paulo Freire e outros mais próximos a ele que dele falam com intimidade. Consideramos neste capítulo o *lócus* do seu pensamento, as influências familiares e suas relações com o povo, suas bases teóricas (inicialmente francesas), sua trajetória profissional, seu envolvimento com as questões educacionais, a aplicação de seu “método” no nordeste e fora do nordeste e tratamos de parte do seu exílio. Alertamos, de início, que Paulo Freire várias vezes esclareceu que o seu método não se tratava propriamente de “método pedagógico”, mas sim de um “método de conhecimento”. A sua preocupação era com uma teoria (inovadora, com certeza) do conhecimento (problema epistemológico). Os esclarecimentos de Paulo Freire se deveram pelo fato de muitos reduzem a sua obra de Freire a um “método de alfabetização”.

No Capítulo II tratamos do maior organismo de representação do moderno movimento ecumênico: o CMI. Para conhecer o CMI e compreender a sua gênese e formação oferecemos uma conceituação de “ecumenismo” e tratamos da quebra de unidade da Igreja, afirmando que a natureza do cristianismo, como de outras instituições religiosas, é a cismática. Na história do cristianismo encontramos cisões que desestabilizaram a Igreja, mas a maior delas, com profundos desdobramentos teológicos foi resultado do movimento de reforma do século XVI. Apresentamos também a crise que a sociedade secularizada causou na Igreja, o seu fechamento e necessidade de reorganização e abertura para o mundo moderno, possível graças à atuação de João XXIII na década de 1960, com destaque especial para o Concílio Vaticano II e o documento *Unitatis Redintegratio*, sobre o Ecumenismo, no qual os demais cristãos ganham o título de “irmãos separados”.

Ainda no Capítulo II apresentamos os antecedentes do CMI, fundado a partir das associações leigas, das alianças e federações de Igrejas que desembocam nas

Conferências Missionárias. Além das Conferências citamos os Comitês “Fé e Ordem” e “Vida e Trabalho” como os braços de rio que formarão o caudaloso rio do CMI, no qual navega mais de 300 Igrejas presentes em mais de 100 países.

No Capítulo III tratamos de Paulo Freire no CMI. Discutimos a questão da Educação Teológica e “não-teológica” e como foi o envolvimento de Paulo Freire com o organismo através de viagens por todos os continentes. De posse de um documento que denominamos “Relatório de Viagem” traçamos o itinerário de Paulo Freire desde Genebra para todo o mundo. No documento foram registrados os encontros, alguns contatos os dias e o(s) assunto(s) para o(s) qual(is) Paulo Freire foi convidado. Temos a convicção de que nem todas as viagens de Paulo Freire estão registradas no documento, pois ele não relata a participação na Quinta Assembléia Geral do CMI, em Nairóbi, no Quênia, África. Mas sabemos que ele esteve neste evento.

Procuramos neste trabalho mostrar o Paulo Freire como o “andarilho da esperança”, o homem que, proibido de andar por sua terra, andarihou pelo mundo, perseguindo arduamente seu ideal de libertação e emancipação humana, através da conscientização, termo este do qual ele tinha uma especial preocupação: não banalizar mas fazer com que cada ser humano se apropriasse dele e trabalhasse para a transformação da realidade.

CAPÍTULO I – PAULO FREIRE: VIDA, OBRAS, FORMAÇÃO, INFLUÊNCIAS E EXÍLIO NA AMÉRICA LATINA

Com a diversidade que temos de obras sobre a vida de Paulo Freire poderíamos afirmar que seria fácil biografá-lo. Seria, se a nossa proposta fosse apenas relatar fatos de sua vida. Mas a história de vida de uma pessoa, qualquer que seja, envolve muito mais que fatos. Há os subjetivismos que estão presentes apenas na mente da pessoa viva, do sujeito histórico que é cada pessoa. Assim não é fácil descrever Paulo Freire ou qualquer outra pessoa humana.

Neste capítulo pretendemos tratar do Paulo Freire que, na sua compreensão do humano como um ser incompleto e inacabado, estava se radicalizando cada vez mais. Queremos tratar do Paulo Freire que nutria a esperança de melhores dias para o seu país, que ele redescobriu no exílio e que negou-lhe o que ele tanto defendia: o direito a dizer a palavra, no seu lugar. E ele pode dizer dias antes de findar seu tempo na “terra dos viventes”⁶. Paulo Freire, nos seus últimos dias afirmou que estava absolutamente feliz por estar vivo num momento histórico do Brasil em que percebia uma vontade amorosa de mudar o mundo. Referia-se à marcha dos sem-terra para garantir um direito: o da terra. E que “morreria feliz se visse um Brasil cheio, em seu tempo histórico, de marchas. Marcha dos que não tem escola, marcha dos reprovados, marcha dos que querem amar e não podem, marcha dos que se recusam a uma obediência servil, marcha dos que se rebelam, marcha dos que

⁶ Referência ao texto bíblico Salmo 166.9.

querem ser e estão proibidos de ser”.⁷ Marchas são andarilhagens históricas pelo mundo. Por isso queremos tratar do Paulo Freire que marchou, que foi andarilho no mundo. E o foi porque a porta de sua casa estava fechada e portas de outras casas foram abertas.

Paulo Freire estava guardando energias para escrever as suas “cartas pedagógicas”. Não viveu o suficiente para vê-las publicadas, mas o suficiente para entregar a nós, seus leitores, a sua mensagem. Depois de sua morte, Nita Freire, sua esposa, encaminhou os escritos para Balduino Andreola que os prefaciou “conversando” com Paulo Freire, de forma tão eloqüente e lúcida. Algo bom em nossa língua portuguesa é o gerúndio. E o gerúndio durativo dá idéia de movimento. E no “conversando” Andreola afirma

Se a tua voz, Paulo, fosse uma voz solitária, a esperança se tornaria difícil. Alegra-nos ver-te situado num processo histórico de grande envergadura. Tenho certeza plena de que todos os grandes mestres citados acima, e dezenas de outros, assinariam o que escreveste em tuas *Cartas pedagógicas*. Elas lançarão luzes novas sobre os caminhos de milhares de educadores, e de muitos milhões de pessoas, no mundo inteiro, que inspirados em tua obra, lutam para a construção histórica de um novo projeto de humanidade”⁸

Assim, apesar da tarefa dura com a qual nos deparamos, que é a de escrever sobre a vida de Paulo Freire, esta torna-se menos difícil pelo fato de seu pensamento e sua epistemologia expressarem sua vida e as aspirações de tantos outros na luta por um novo projeto de humanidade. Destacamos que esta tarefa se realiza a partir da nossa subjetividade e da forma como lemos Paulo Freire.

Desta forma, pretendemos traçar a trajetória de Paulo Freire e de sua epistemologia e tentar compreender o que foi a sua vida, do Recife até Genebra, do menino empobrecido ao “maior educador do nosso tempo”⁹, daquele que desde pequeno queria fazer algo para ajudar aos homens àquele responsável por um programa de educação de adultos do Departamento de Educação do Conselho Mundial de Igrejas.

⁷ Entrevista que Paulo Freire concedeu a Luciana Burlamaqui em 17 de abril de 1997. Disponível em www.paulofreire.ufpb.br.

⁸ FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Indignação**: cartas pedagógicas e outros escritos. São Paulo: Editora UNESP, 2000, p. 25. Neste texto, por grandes mestres Andreola refere-se a Mounier, Fiori, Petras, Du Pin, Ozanan, Buchez, Teilhard de Chardin, Bernanos, Péguy, De Lubac, Chenu, Lebret, Dom Hélder Câmara, Duclerc, Habermas, Madre Teresa, João XXIII, Gandhi, entre outros.

⁹ Entrevista com Balduino Andreola: Andarilhos com Paulo Freire. In: <http://www.ihuonline.unisinos.br/index.php?option=com_tema_capa&Itemid=23&task=detalhe&id=469>. Acesso em 25 de junho de 2009.

Paulo Freire, em entrevista à Revista *Presença Pedagógica*¹⁰ afirmou, no ano de 1995, que não havia mudado muito nos últimos trinta anos, mas que estava se radicalizando cada vez mais. Com isso Paulo Freire não quis se orgulhar, mas afirmar que continuava nele, e com mais força ainda, um profundo respeito pela pessoa humana. E esta radicalização de Paulo Freire foi demonstrada sempre nas suas opções. E suas opções foram favorecidas por suas experiências de vida. Foi assim que Paulo Freire optou por exilar-se na Bolívia, depois no Chile, lecionar por um período nos Estados Unidos da América e a sua mais especial opção: a de aceitar o trabalho no Conselho Mundial de Igrejas, em 1970.

Quando Paulo Freire chegou ao Conselho Mundial de Igrejas, organismo do qual trataremos noutro capítulo, seu pensamento já estava sistematizado e a sua Pedagogia do Oprimido já tinha sido publicada. Já era um Paulo Freire profundamente comprometido com a luta não somente pela libertação, mas também pela emancipação da pessoa humana através de um conceito amplamente discutido: a conscientização. Para Paulo Freire a conscientização era acima de tudo “uma consciência de classe”. E essa consciência era revolucionária.

Paulo Freire poderia ter permanecido nos Estados Unidos a partir de 1969 e trabalhado em excelentes universidades e centros de pesquisa, como o fez em Harvard, ganhando muito dinheiro no “coração do capitalismo” ou na “toca do bicho” como ele costumava dizer, entretanto sua opção melhor pelo Conselho Mundial de Igrejas contribuiu para atingir, com seu trabalho e de sua equipe, a África, a América Latina e outros países empobrecidos do planeta, para tornar-se o Paulo dos cinco continentes. E chegou no Conselho Mundial de Igrejas com uma afirmação: “você devem saber que eu tomei uma decisão. Meu problema é o problema dos esfarrapados da Terra. Você precisam saber que optei pela revolução”.¹¹

O pensamento de Paulo Freire, tanto em sua teoria quanto em sua prática é incomparável. Andreola, em entrevista concedida ao Instituto Humanitas Unisinos, afirma que Paulo Freire é muito mais estudado em outros países que no Brasil.

¹⁰ RODRIGUES, Neidson. Entrevista Paulo Freire: Crítico, radical e otimista. **Revista Presença Pedagógica**. Belo Horizonte, Ano I, n. 1, jan/fev 1995, p. 5-12.

¹¹ GERHARDT, Heinz-Peter. Uma voz europeia: Arqueologia de um pensamento. In: GADOTTI, Moacir (org.). **Paulo Freire: uma biobibliografia**. São Paulo: Cortez; Instituto Paulo Freire; Brasília: UNESCO, 1996, p. 163.

Segundo Andreola o pensamento freireano é desconsiderado por muitos intelectuais da academia brasileira. Ele cita que

em certas universidades o acolhimento não é muito favorável, em nome de opções pós-modernas, pós-estruturalistas, pós-críticas ou de modismos que configuram formas remanescentes de Colonialismo Cultural, ou então um fenômeno necrófilo, denunciado por Afrânio Coutinho. Prefaciando um dos volumes das obras de Anísio Teixeira, ele escreve que nós, brasileiros, somos tristemente famosos por condenar ao esquecimento grandes personalidades da nossa história. A revista *Veja* também refletiu esta mentalidade, pois, logo após a morte de Paulo Freire, candidatou-se rapidamente a “coveira” de sua obra, prevendo que ela teria duração efêmera, o que é amplamente desmentido pelos fatos.¹²

A resposta a esta reação a Paulo Freire é dada por Andreola, pois também é feita em “nome de opções (...), modismos que configuram formas remanescentes de colonialismo cultural”.¹³ Isto só pode ser resolvido a partir da aceitação da originalidade do pensamento de Paulo Freire, o que de fato ocorre fora do Brasil. É por isso que Paulo Freire obteve reconhecimento internacional e títulos doutorais “honoris causa” em 26 universidades do Brasil e exterior, além do seu título doutoral na Universidade do Recife, atual Universidade Federal de Pernambuco.

1.1 O lócus do pensamento freireano

O seu pensamento, que já tinha lastro, foi forjado especialmente a partir da década de 50 do século XX com forte influência de pensadores progressistas franceses. Paulo Freire preferia que seu pensamento fosse considerado como uma teoria do conhecimento, ou uma epistemologia. Para compreender melhor esta epistemologia, há que se considerar o contexto em que foi ganhando forma: o nordeste brasileiro. Esta região do Brasil foi a grande produtora da riqueza colonial, durante o ciclo da cana-de-açúcar, nos séculos XVII e XVIII.

Como espaço de exploração e expropriação, especialmente através da mão-de-obra escrava, o nordeste nunca se firmou como espaço de emancipação humana. Na região foi impregnada uma forte consciência colonial cujos traços ainda

¹² INSTITUTO HUMANISTAS UNISINOS. **Andarilhos com Paulo Freire** - Entrevista com Balduino Andreola. Disponível em: <http://amaivos.uol.com.br/templates/amaivos/amaivos07/noticia/noticia.asp?cod_noticia=8773&cod_canal=41>. Acesso em 15 de julho de 2007.

¹³ Idem, ibidem.

não se apagaram. Por isso a insistência de Paulo Freire na “superação do colonialismo” no nordeste brasileiro através da educação.

Neste nordeste brasileiro colonial é que nasceu Paulo Reglus Neves Freire, em 1921. Era filho de uma família de boas condições financeiras na capital pernambucana. Viu e sentiu o declínio da família como consequência da crise econômica que abalou o mundo a partir da quebra da bolsa de valores de Nova Iorque em 1929. A casa onde moravam, na Estrada do Encanamento, 724, no Bairro da Casa Amarela, no Recife, era cedida para a avó de Paulo Freire por um tio, conhecido por Rodovalho, bem sucedido comerciante no Rio de Janeiro que faliu por conta da crise econômica.

O pai de Paulo Freire, Joaquim, era capitão da Polícia Militar de Pernambuco. E usava gravata. Sua mãe, Edeltrudes, era “dona de casa” ou “prezadas domésticas” e exercia o ofício de bordadeira¹⁴. Ainda na cidade do Recife, Paulo Freire lembra que teve os primeiros contatos com a leitura em sua casa, à sombra de mangueiras. Ele próprio relatou que à sombra das mangueiras, e com gravetos destas, traçou as primeiras palavras, no quintal de sua casa, sob a orientação de seus pais. O chão fora seu quadro-negro e os gravetos o seu giz. Paulo Freire relata que em sua casa existiam duas mangueiras, muito próximas uma da outra, que permitam a seu pai armar a rede e também, debaixo destas, foi alfabetizado com palavras de seu cotidiano e de seu mundo. A experiência foi tão marcante que ele produziu um livro com o título “À sombra desta mangueira”.

Das sombras das mangueiras do quintal de sua casa, Paulo Freire foi encaminhado para a escola particular da jovem professora Eunice Vasconcelos (1909-1977). Neste espaço Paulo Freire, já alfabetizado, avançou das palavras às “sentenças” da língua portuguesa e ao intrincado mundo da linguagem. Certamente que as preocupações posteriores de Paulo Freire com as questões semânticas e sintáticas tiveram seu nascedouro com a “professorinha Eunice”, tanto que ele descreveu a sua experiência primeira no espaço escolar. De suas atividades primeiras ele diz:

¹⁴ FREIRE, Paulo; GUIMARÃES, Sérgio. **Sobre educação**: Diálogos. V. 1. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1982.

Eu me entregava com prazer à tarefa de "formar sentenças". Era assim que ela (**professora Eunice**) [**grifo meu**] costumava dizer. Eunice me pedia que colocasse numa folha de papel tantas palavras quantas eu conhecesse. Eu ia dando forma às sentenças com essas palavras que eu escolhia e escrevia. Então, Eunice debatia comigo o sentido, a significação de cada uma. (...) Fui criando naturalmente uma intimidade e um gosto com as ocorrências da língua – os verbos, seus modos, seus tempos... A professorinha só intervinha quando eu me via em dificuldade, mas nunca teve a preocupação de me fazer decorar regras gramaticais.

O que Paulo Freire fazia, ainda criança, sem a consciência teórica e ajudado por uma professora adolescente, era a ciência hermenêutica, de busca do sentido primeiro das palavras, dos discursos. Esta atividade de impacto em Paulo Freire permitiu-lhe, mais tarde, em sua ação-reflexão-ação usar e abusar dos termos, das palavras, algumas muitas inventadas e reinventadas. Anos mais tarde, em encontros com trabalhadores rurais, Paulo Freire, preocupado com sua linguagem acadêmica e consciente das diferenças semânticas e sintáticas, entremeava seus discursos com “quer dizer”, “isto é”¹⁵. Fazia isto como que querendo se fazer entender ou explicar melhor o que lhes dizia.

Com a crise econômica e a falência, o tio de Paulo Freire perdeu a casa e todos tiveram de assumir uma vida mais modesta no bairro de Jaboatão, distante dezoito quilômetros do Recife, atualmente sede de município autônomo.

Paulo Freire afirmou

Minha família, que era de classe média, foi obrigada a deixar a casa em Recife para morar em Jaboatão, com a idéia mágica de que saindo de lá as coisas melhorariam. No entanto, elas pioraram. Este fato provocou uma mudança fundamental na minha vida.¹⁶

Jaboatão, município vizinho de Recife, foi de grande importância na vida de Paulo Freire. Foi naquele lugar que Paulo Freire vivenciou novas experiências forjadoras de sua práxis. Ana Maria Araújo Freire, esposa do segundo casamento de Paulo Freire depois de sua viuvez em 1986, chama este período em Jaboatão de “espaço-tempo de aprendizagem”. Foi neste tempo que Paulo Freire tomou para si, “com paixão, os estudos das sintaxes popular e erudita da língua portuguesa”¹⁷.

¹⁵ FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Esperança**: um reencontro com a Pedagogia do oprimido. 6. ed. São Paulo: Editora Paz e Terra, 1999, p. 24.

¹⁶ BARRETO, Vera. **Paulo Freire para educadores**. São Paulo: Arte e Ciência, 1998, p. 19.

¹⁷ FREIRE, Ana Maria Araújo. A voz da esposa: A trajetória de Paulo Freire. In: GADOTTI, Moacir (org.). **Paulo Freire**: uma biobibliografia. São Paulo: Cortez: Instituto Paulo Freire; Brasília: UNESCO, 1996, p. 30.

Além dos percalços sofridos, empobrecimento e fome, em 31 de outubro de 1934 Paulo Freire perdeu o seu pai, vítima de uma “aneurisma abdominal”. Isto causou mais dificuldades para a família, considerando o contexto da época. A mãe de Paulo Freire era ainda uma mulher jovem, com quatro filhos para sustentar.

Ao falar sobre a mãe, numa entrevista, Paulo Freire disse que depois da morte do pai a família não teve nada com relação a coisas materiais e afirmou:

Uma das dores maiores que eu carrego em mim ainda hoje é a dor de quando acompanhava minha mãe nas compras. Ela ainda era uma mulher jovem, bonita. Era obrigada a ouvir gracejos, ironias, sugestões desrespeitosas de bodegueiros e açougueiros de quem ia tentar comprar 250 gramas de carne fiado. Representou dor para mim, aos treze anos e até antes - com ele vivo ainda e sem saber - não ter possibilidade física de brigar contra as ofensas. Isso provocou, ao lado da dor que me acompanha, uma profunda intolerância ao desrespeito.¹⁸

Paulo Freire relata que a mãe não teve condições financeiras para mantê-lo estudando, numa época em que apenas se podia vislumbrar algum futuro melhor através da educação. Ana Maria Freire relata que Paulo Freire concluíra o curso primário em Jaboatão e que sua formação escolar somente poderia ter prosseguimento na cidade do Recife. E numa escola paga. O curso ginásial foi iniciado em 1936, aos 15 anos, no Colégio 14 de Julho, no Bairro São José, um prolongamento do Colégio Francês Chateaubriand. Esgotados os recursos financeiros no final daquele ano, sua mãe perambulou por várias escolas na tentativa de encontrar uma que fosse gratuita. E foi numa das viagens ao Recife que a mãe de Paulo Freire contou com a ajuda de Aluizio Pessoa de Araújo, dono do Colégio Oswaldo Cruz, que ofereceu uma bolsa de estudos, para os sete anos de curso secundário e pré-jurídico. Mais tarde Paulo Freire cursaria Direito na Universidade do Recife.

Paulo Freire ingressou no Colégio Oswaldo Cruz, no Recife, para continuar seus estudos, aos 16 anos, quando muitos de seus colegas, de famílias abastadas, estavam ingressando na Educação Superior. O dono da escola, Prof. Aluizio Pessoa de Araújo, pai de Ana Maria Araújo, aceitou Paulo Freire na sua escola com apenas uma condição: que ele fosse estudioso.

¹⁸ CORTELLA, Mario Sérgio; VENCESLAU, Paulo de Tarso. Entrevista Paulo Freire. Seção Memória. **Revista Teoria & Debate**. São Paulo, EFPA, Ano 4, n. 17, jan/fev/mar, 1992.

Paulo Freire superou as expectativas de Aluízio, tornando-se, alguns anos depois, professor de Língua Portuguesa na mesma escola que o recebera anos antes. Nas notas da obra *Pedagogia da Esperança: um reencontro com a Pedagogia do Oprimido* está relatado que Aluízio usava como critérios para a escolha de docentes de seu colégio “a competência profissional e o da dedicação e seriedade no trato do ato de educar”¹⁹ e que, preponderantemente, do corpo docente do Colégio Oswaldo Cruz é que se formou o corpo docente de quase todas as faculdades que reunidas mais tarde, no ano de 1946, deram origem a Universidade Federal do Estado do Pernambuco. Nesta mesma nota, lista-se também personalidades de destaque que foram alunos deste colégio, reconhecidamente democrático e progressista. Depois de algum tempo como monitor, talvez para compensar a sua bolsa de estudos, Paulo Freire passou ao cargo de professor de Língua Portuguesa. Assumiu o cargo substituindo Moacir Albuquerque, considerado um dos melhores professores no Recife na área de Língua Portuguesa. O empenho de Paulo Freire na tarefa docente foi de intensa dedicação à leituras críticas de gramáticos brasileiros e portugueses. Paulo Freire deveria contribuir para o sustento da família e “parte da parte” que lhe cabia dos seus vencimentos eram utilizados para compra de literatura especializada na Língua Portuguesa. Ele afirmou que “naquele período de alumbramento em que me achava, apaixonado, enfeitiçado mesmo, pela docência no Colégio Oswaldo Cruz, apliquei um dinheiro maior na compra de uma roupa. (...) Não andava sujo, é verdade, mas andava feiamente vestido”.²⁰

Paulo Freire sempre fora profundamente grato ao Prof. Aluízio Araújo. Em 1977 Aluízio e sua esposa, Francisca, conhecida como Genove, passaram quinze dias na casa de Paulo Freire e Elza, em Genebra. Dois anos depois quando Paulo Freire veio visitar o Brasil, já em período final de exílio, também Aluízio estava em período final de sua existência terrena, pois falecera logo após o retorno de Paulo Freire à Genebra. O testemunho de Freire é que tanto Aluízio quanto Genove foram responsáveis pelas condições de seu desenvolvimento enquanto pensador.

¹⁹ FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Esperança**: um reencontro com a Pedagogia do oprimido. Notas de Ana Maria Araújo Freire. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992, p. 207-208.

²⁰ ROSAS, Paulo. **Paulo Freire**: aprendendo com a própria história. Disponível em <<http://www.fundaj.gov.br/observanordeste/obex06.pdf>>. Acessado em 08 de agosto de 2007.

De família de classe média para o empobrecimento, por causa da crise de 1929, Paulo Freire participou de dois diferentes mundos: de um lado, o status social marcado pelo simbolismo da gravata do pai e pelo piano alemão da tia que tocava as composições eruditas européias e, de outro lado, o coleguismo com os meninos pobres aos quais nomina: Dourado, Reginaldo, Baixa, Toinho Morango, Gerson Macaco. Desses mundos tão diferentes Paulo Freire diz:

Participando do mundo dos que comiam, mesmo que pouco comêssemos, participávamos também do mundo dos que não comiam, mesmo que comêssemos mais do que eles — o mundo dos meninos e das meninas dos córregos, dos mocambos, dos morros. Ao primeiro, estávamos ligados por nossa posição de classe; ao segundo, por nossa fome.²¹

A partir das relações e vivências nestes dois mundos, Paulo Freire passou a se autodenominar de “menino conectivo”. E sua conectividade era com a realidade. Viveu bons e maus momentos. Conheceu o que significa ser pobre. Nesta condição afirmou: “me tornei homem, graças à dor e ao sofrimento que não me submergiram nas sombras do desespero.”²² Com a pobreza, conheceu a fome. E a compreensão que teve da fome não foi *dicionária*.²³, mas poderia afirmar como na poesia bíblica: “antes eu te conhecia só de ouvir falar, mas agora os meus olhos te vêem”. (Jó 42.5). Sobre a questão da fome, há um relato interessante de Paulo Freire. Ele diz que:

Eu tinha possivelmente onze, doze anos, um pouco faminto, mas não tanto quanto dos meninos deste país, desde continente.

Lembro-me de uma manhã de domingo, uma manhã sem chuva. Estávamos, meus irmãos mais velhos e eu, no fundo do quintal, num gramado em que minha mãe plantara algumas roseiras para enfeitar a vida difícil. Eis que uma galinha pedrês se aproxima de nós, distraída, acompanhando com seu pescoço ondulante os pulos de um gafanhoto incauto. Em certo momento, a galinha apanhou o gafanhoto. E nós apanhamos a galinha. Pegamos a galinha num salto, sem haver um acerto prévio.

A mediação da nossa ação era a fome dos três, era a razão de ser da prática, e quando minha mãe ouviu os gritos da galinha e correu até nós no quintal, ela já não gritava mais porque entrava nos estertores. Nós havíamos estrangulado a galinha.

E eu não esqueço que minha mãe, cristã, católica, séria, bem-comportada, com uma consciência ética bastante aguçada, agarrou a galinha pedrês nas mãos e deve ter dito a ela mesma: o que fazer? Devolver esta galinha ao proprietário pedindo desculpa pelo ato dos seus filhos, como possivelmente a sua consciência ética sugeriria, ou, pelo contrário, fazer com aquela galinha o lauto almoço que há tempo não tínhamos?

Claro que ela nunca me disse isto, eu apenas traduzo a sua hesitação. De repente, sem dizer palavra, vira para o terraço e encaminha-se para a

²¹ BARRETO, Vera. **Paulo Freire para educadores**. São Paulo: Arte e Ciência, 1998, p. 19.

²² BARRETO, 1998, *idem*.

²³ FREIRE, Paulo. **À Sombra desta Mangueira**. São Paulo: Editora Olho D'água, 1995, p. 31.

cozinha, com o corpo quente da galinha do vizinho. Uma ou duas horas depois, comíamos uma excelente refeição.²⁴

Na seqüência do relato, Paulo Freire trata de uma questão deveras interessante no que diz respeito à classe social

No dia seguinte, não há dúvida nenhuma que o dono sentiu falta da galinha e deve ter estrebuchado de raiva contra o ladrão.

Possivelmente ele jamais poderia ter pensado que junto dele, na casa do vizinho, estavam os autores do sumiço. Mas ele não podia fazer esta conjectura porque os autores do sumiço eram os filhos do capitão Temístocles, meu pai, e os filhos do capitão Temístocles não podiam ser ladrões de galinha.

O meu vizinho não podia pensar que nós éramos os autores daquele furto porque a classe social à que nós pertencíamos não possibilitava que ele fizesse esta conjectura. No máximo, se viesse a descobrir que éramos nós os autores, o vizinho iria dar uma riso discreto e dizer à minha mãe: não se preocupe, isto é trela das crianças. Se fossem, porém, meninos de um operário, teriam sido considerados delinqüentes infantis. Na verdade, não éramos e nem fomos delinqüentes, matamos a galinha pedrês do vizinho para comer. Tínhamos fome. Inclusive, naquela época, eu não furtei dinheiro porque não houve chance, senão teria furtado. Mas açúcar de uma venda que tinha próxima da nossa casa eu quase canso de roubar. Descobri na infância que o açúcar era energético, e era meu corpo que ia aos torrões de açúcar bruto e não a minha mente, se eu posso fazer esta dicotomia inviável.²⁵

1.2 As influências sobre Paulo Freire: a família e o povo sofrido

Gerhardt, europeu que esteve pesquisando com detalhes a experiência de Paulo Freire em Angicos, no Estado do Rio Grande do Norte, relata que as primeiras influências em Paulo Freire foram da sua família.

Segundo o autor “Freire, seus irmãos e suas irmãs [**Paulo Freire teve apenas uma irmã, Stela**] foram educados pela mãe católica. O pai sempre esteve em íntimo contato com os círculos espirituais da cidade”²⁶. Ainda afirma, este autor, que a disposição do pai de Freire para com a família era sempre a do “diálogo” e aventura a pergunta se as circunstâncias familiares não foram uma precoce introdução para uma certa perspectiva em comunicação.

²⁴ BARRETO, 1998, p. 20-21.

²⁵ BARRETO, 1998, p. 21.

²⁶ GERHARDT, Heinz-Peter. Uma voz européia: Arqueologia de um pensamento. In: GADOTTI, Moacir (org.). **Paulo Freire: uma biobibliografia**, 1996, p.149.

Podemos considerar que esta pergunta de Gerhardt tem razão de ser, tanto que foi respondida pelo próprio Freire que, ao falar de seus pais, afirma:

com eles aprendi o diálogo que procuro manter com o mundo, com os homens, com Deus, com minha mulher, com meus filhos. O respeito de meu pai pelas crenças religiosas de minha mãe ensinou-me desde a infância a respeitar as opções dos demais. (...) casei-me aos 23 anos com Elza Maia Costa Oliveira (...) Com ela prossegui o diálogo que aprendera com meus pais. De nós vieram ao mundo cinco filhos, três moças e dois meninos, com quem ampliamos a nossa área dialogal.²⁷

Respondendo a uma pergunta de Vicente Madeira, Pró-Reitor de Pós-Graduação da Universidade Federal da Paraíba, Paulo Freire afirmou que fez “a escola primária no período mais duro da fome. Não da ‘fome’ intensa, mas de uma fome suficiente para atrapalhar o aprendizado.”²⁸

Foi neste contexto que, segundo Ana Maria Araújo Freire, Paulo

conheceu o prazer de viver com os amigos e conhecidos que foram solidários naqueles tempos difíceis, sentiu o sofrimento quando viu sua mãe, precocemente viúva, lutar para sustentar a si e a seus quatro filhos, fortaleceu-se no amor que entre eles aumentou por causa das dificuldades que juntos enfrentaram, sentiu angústia devido às coisas perdidas e às provações materiais (...)²⁹

Estas situações familiares descritas pela autora forçaram Paulo Freire ao amadurecimento. A autora afirma ainda que não foram somente as influências familiares que impulsionaram o seu pensamento. Ela escreve que “à sua experiência pessoal, ao seu que-fazer e às suas reflexões, Paulo Freire juntou as influências recebidas de diferentes pessoas (...) também das pessoas do povo que, igualmente fortes nas suas marcas, não ficaram esquecidas em sua práxis.”³⁰

Na experiência de Paulo Freire no SESI que será descrita mais adiante, enquanto educador, há um relato significativo que ele faz sobre a importância de pessoas do povo na sua trajetória. Paulo Freire escreveu que

Quase sempre, nas cerimônias acadêmicas em que me torno doutor *honoris causa* de alguma universidade, reconheço quanto devo também a homens como o que de quem falo agora, e não apenas a cientistas, pensadores e pensadoras que igualmente me ensinaram e continuam me ensinando e sem os quais e as quais não me teria sido possível aprender, inclusive, com o operário daquela noite. É que, sem a rigurosidade, que me leva à maior

²⁷ FREIRE, Paulo. **Conscientização**: Teoria e Prática da Libertação – uma introdução ao pensamento de Paulo Freire. São Paulo: Cortez & Moraes, 1979, p. 13 e 15.

²⁸ FREIRE. Ana Maria Araújo. A voz da esposa: A trajetória de Paulo Freire. In: GADOTTI, Moacir (org.). **Paulo Freire**: uma biobibliografia, 1996, p. 32.

²⁹ FREIRE. Ana Maria Araújo, 1996, p. 28, 29.

³⁰ FREIRE. Ana Maria Araújo, 1996, p. 62.

possibilidade de exatidão nos achados, não poderia perceber criticamente a importância do senso comum e o que nele há de bom senso. Quase sempre, nas cerimônias acadêmicas, eu o vejo de pé, numa das laterais do salão grande, cabeça erguida, olhos vivos, voz forte, clara, seguro de si, falando sua fala lúcida.³¹

Paulo Freire refere-se à experiência que teve após discursar para uma platéia de operários na década de 1960 e ouvir o discurso de um destes. Paulo Freire relata que cada frase do operário fazia com que ele "afundasse na cadeira", lançando raízes profundas na sua reflexão. O operário disse que entenderam as palavras as palavras de Paulo Freire "em sua sintaxe", outras foram mais difíceis de entender. No geral todo o discurso do "Dr. Freire" foi entendido. E o operário, corpo surrado e castigado pela crueza da vida nordestina lhe expõe sua dor e a de seus companheiros. O operário conseguiu até mesmo descrever com detalhes como era a casa de Paulo Freire. E disse que a sua vida e sua casa eram diferentes. Paulo Freire concordou com toda a descrição do operário e percebeu,

nas idas e vindas da fala, na sintaxe operária, na prosódia, nos movimentos do corpo, nas mãos do orador, nas metáforas tão comuns ao discurso popular, ele chamava a atenção do educador (...) para que, ao fazer o seu discurso ao povo, o educador esteja a par da compreensão do mundo que o povo esteja tendo.³²

Decepcionado, de retorno à sua casa, Paulo lamentou à esposa Elza que não fora entendido por aquela gente naquela noite. A resposta da esposa foi uma pergunta descortinadora: "Não terá sido você, (...) quem não os entendeu? (...) Eles entenderam mas precisavam de que você os entendesse. Essa é a questão."³³

1.3 As bases teóricas iniciais do pensamento freireano

Destacar a trajetória de Paulo Freire, no campo teórico e também na sua (atu)ação concreta a partir da sua experiência de exilado, trabalhando "de Genebra" para o mundo não é tarefa fácil, pois seu pensamento é muito abrangente. Torres, ao comentar sobre Freire escreve que ele é um pensador da práxis, e como tal, um pensador itinerante. Se alguém deseja seguir o itinerário intelectual de Paulo Freire terá de se defrontar com "um conjunto de caminhos diversos, amalgamados numa

³¹FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Esperança**: um reencontro com a Pedagogia do oprimido., 1999, p. 25-26. Das páginas 25 a 28 está o relato completo deste fato.

³² FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Esperança**, 1999, p. 27.

³³ FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Esperança**, 1999, p. 28.

estranha interconexão”³⁴. Ler e estudar Paulo Freire nos faz percebê-lo como alguém que se ocupou com vários ramos do conhecimento humano, pois para ele o humano não pode ser entendido de forma fragmentada. Paulo Freire, a partir de sua práxis trilha caminhos diversos, nos campos da filosofia, antropologia, psicologia, teologia, lingüística, comunicação, sociologia, sempre em diálogo com muitos autores. Faz estes caminhos todos porque o seu pensamento, ao ser encarnado realimenta a sua práxis.

Paulo Rosas afirma que os anos da década de 1950 foram importantes para a solidificação do pensamento de Paulo Freire. Rosas destaca o referencial bibliográfico do texto de 1959, *Educação e atualidade brasileira* que tornou Paulo Freire conhecido como educador progressista. Freire era leitor de isebianos como

Roland Corbisier, Hélio Jaguaribe, Djacir Menezes, Guerreiro Ramos, Álvaro Vieira Pinto e “clássicos”, à maneira de Rugendas e Saint-Hilaire, além de Fernando Azevedo, Anísio Teixeira, Gilberto Freyre, Karl Mannheim, Gabriel Marcel, Jacques Maritain, Caio Prado Junior. (...) achados mais pessoais (...) como Zevedei Barbu. (...) Emmanuel Mounier, Georges Gurvitch, Lebret.³⁵

Paulo Freire foi também leitor, na década de 1960, de intelectuais como “Marx, Sartre, Hobsbawn, Goldman, Lukács, Kosik, Gramsci”³⁶ entre outros.

Muitos críticos ao pensamento de intelectuais do ISEB, do qual Paulo Freire se alimentava, afirmam que uma marca do pensamento da instituição e do período histórico era a forte relação com o nacional-desenvolvimentismo e com o populismo. O ISEB foi criado em 14 de julho de 1955, através do Decreto n. 37.608, pelo presidente Café Filho, que assumiu o governo em lugar de Getúlio Vargas, morto em agosto de 1954.

O conjunto de autores lidos por Freire demonstram sua articulação com as diversas correntes de pensamento, sem perder o seu foco na libertação. E, sem dúvida, Paulo Freire foi um dos mais importantes dentre os educadores e pensadores sobre educação que viveu no século XX e é mundialmente conhecido por seu sistema de pensamento educacional dialético-prático.

³⁴ TORRES, Carlos Alberto. **Diálogo com Paulo Freire**, 1979, p. 6.

³⁵ ROSAS, Paulo. Paulo Freire: aprendendo com a própria história. Disponível em <<http://www.fundaj.gov.br/observanordeste/obex06.pdf>>. Acessado em 08 de agosto de 2007.

³⁶ SCOCUGLIA, Afonso Celso. **A história das idéias de Paulo Freire e a atual crise de paradigmas**. João Pessoa: Editora Universitária UFPB, 1997

Em Diálogos com Paulo Freire, os editores escrevem que o pensamento de Freire tem um itinerário definido, partindo da análise dos programas de educação para adultos e de uma crítica radical a estes programas para depois propor uma ação cultural para a liberdade³⁷.

Assim, pode-se afirmar que quando Paulo Freire empreendeu efetivamente seu trabalho pedagógico ou fez tais análises, no início da década de 1960, já possuía longa trajetória docente. E foram a sua trajetória e a sua formação que lhe ofereceram condições de formular um pensamento que afirmamos ser incomparável e nos ajuda a desvendar o Paulo Freire que desejava desde criança contribuir para o bem-estar humano e, para isso definiu-se mais tarde como educador, primeiro numa escola, depois numa instituição de serviço social, em diferentes universidades no Brasil e no exterior e, finalmente, em um organismo ecumênico internacional.

1.4 A trajetória profissional de Paulo Freire costurada com sua práxis educacional

Em 1944 Paulo Freire casou-se com a professora Elza Maria Costa Oliveira. Foi um casamento com a mulher que mais tarde vai compartilhar do seu pensamento e sua luta, pois, segundo afirma Osmar Fávero, quando conheceu e conviveu com Elza no Recife, ela já partilhava dos ideais de Paulo Freire pois

era uma boa professora alfabetizadora numa classe experimental. Naquele período era normal ter as classes experimentais, no sistema de ensino em que se Elza tentava sair do método “a – e – i – o – u” para o método da palavração, da sentencição.³⁸

Em meados do ano de 1947 Paulo Freire já era um experiente professor de Língua Portuguesa do Colégio Oswaldo Cruz. Quando cursava o último ano do Curso de Direito na Faculdade do Recife foi convidado para trabalhar no SEC (Setor de Educação e Cultura) do SESI³⁹ (Serviço Social da Indústria) no Recife. O convite

³⁷ SCOCUGLIA, 1997, p. 96.

* O autor refere-se à meados da década de 1950.

³⁸ FÁVERO, Osmar. **Programa Salto para o Futuro**. Rede TVE Brasil. Entrevista concedida em 18 de julho de 2003.

³⁹ Ana Maria Araújo Freire nos oferece suas impressões do que seria o SESI. Uma criação impositiva do governo do Presidente Eurico Gaspar Dutra, por Decreto-Lei (9403/46), sob tutela da Confederação Nacional das Indústrias, que tinha autorização para dirigir e organizar a Instituição.

A criação do SESI tornava explícitos, embora não ditos, os motivos desta: resolver as dificuldades que os encargos do pós-guerra tinham criado à vida social e econômica do Brasil e; favorecer e estimular a cooperação de classes em iniciativas

chegou a Paulo Freire, em sua casa, numa tarde clara no Recife, na Rua Rita de Souza, 224, Bairro da Casa Forte, por intermédio de um grande amigo com quem tinha divergências políticas mas não afetivas, Paulo Rangel Moreira.

Dias antes de ser convidado para este trabalho Paulo Freire passou por uma experiência interessante⁴⁰ que o tirou da advocacia e o lançou efetivamente como educador. Paulo Freire contou esta história a Paulo Rangel. Este acontecimento que envolveu um odontólogo endividado, naquela tarde de 1947, e a fala da esposa Elza foram influências importantes para a decisão e formulação do pensamento de Paulo Freire e de sua aceitação para trabalhar no SESI. Ele relata que

Naquela tarde, redizendo a Elza o dito – a conversa com o jovem odontólogo devedor [grifo meu] não poderia imaginar que um dia, tantos anos depois, escreveria a *Pedagogia do oprimido*, cujo discurso, cuja proposta tem algo a ver com a experiência daquela tarde pelo que ela significou também e sobretudo na decisão de aceitar o convite de Cid Sampaio, que me trazia Paulo Rangel. (...) dizer sim ao chamado do SESI, para a sua Divisão de Educação e Cultura, cujo campo de experiência, de estudo, de reflexão, de prática se constitui como um momento indispensável à gestação da *Pedagogia do oprimido*⁴¹.

Paulo Freire entendia todas as experiências dos momentos da sua vida (infância, adolescência, juventude, Recife, Jaboatão, Colégio Oswaldo Cruz, Curso de Direito), anteriores ao SESI, como retalhos ou pedaços de tramas* do tecido maior de sua existência e, sem dúvida, foram tempos fundantes de seu pensamento e de sua radicalização.

Paulo Freire trabalhou no SESI entre os anos de 1947 e 1957 e defrontou-se duramente com a questão do analfabetismo. Quando Freire apresenta o SESI como

tendentes à promoção de bem-estar dos trabalhadores e suas famílias favorecendo-lhes as melhorias das condições de vida. À Confederação Nacional da Indústria cabia, segundo o Decreto-Lei, proporcionar assistência social e melhores condições de habitação, nutrição, higiene dos trabalhadores e, como resultado, desenvolver o espírito de solidariedade entre empregados e empregadores. Ao desenvolver o “espírito de justiça social” entre as classes, os elementos disseminadores de influências dissolventes e prejudiciais aos interesses da coletividade seriam destruídos.

Isto significava, segundo Ana Maria, que “o documento em questão fala de dificuldades de pós-guerra, quando o Brasil poderia ter saído enriquecido do período bélico, desde que, anteriormente a ele, tinha sido um dos países fornecedores de estoques de produtos diversos essenciais ao momento guerreiro. Outros considerando escondem o receio do comunismo. Traduzem o medo do regime antagônico ao capitalismo, o da ‘cata às bruxas’ ordenada pelos países do ‘Norte’. Indicam uma camuflagem para o não desvelamento, claro e consciente, da luta de classe. ‘Pedem’ a aceitação calma e passiva das discrepantes diferenças das condições materiais entre empregadores e empregados. Assistem – **referente ao assistencialismo – [grifo meu]** para não enfrentar. (cf. FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Esperança**: um reencontro com a Pedagogia do oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992, p. 211-212).

⁴⁰ Um odontólogo endividado procurou Paulo Freire que era o “quase advogado” do seu credor, para justificar-se sobre a dívida. Ao final da conversa Freire aperta a mão do odontólogo dizendo que não era mais advogado nem do credor e nem de mais ninguém. Vai para casa no final do dia e conversa com a esposa Elza, comentando sua decisão de abandonar o Direito e dedicar-se à Educação. Elza responde: “Eu esperava isto, você é um educador”

⁴¹ FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Esperança**, 1992, p. 18.

* Sobre o tema trama sugerimos a leitura do livro *Pedagogia no encontro de tempo: ensaios inspirados em Paulo Freire*, de autoria de Danilo R. Streck, especialmente nas páginas 13 a 30. O livro foi publicado em 2001 pela Editora Vozes.

fundamental para o seu pensamento, é porque ali teve contato direto com os adultos trabalhadores analfabetos. Mas não eram somente adultos analfabetos. Paulo os via e percebia como desumanizados, oprimidos, sem palavra. Mas não os via assim porque fizeram opção por isso. Os via como seres que foram aviltados, roubados, despossuídos. Com isso, perderam a palavra e viviam na “cultura do silêncio”. Andreola, na obra *Andarilho da Esperança: Paulo Freire no CMI* trata desta questão ao referir-se à “glotofagia”⁴²

No contexto em que viveu Paulo Freire, em sua fase de formação na educação básica, nos anos vinte e trinta do século XX, acontecia no Brasil um movimento reivindicatório de mudanças na educação brasileira, especialmente pela constituição de uma política educacional. Era o advento da Escola Nova no Brasil. Do ponto de vista educacional, alicerçado nas idéias liberais, o escolanovismo era um movimento importado dos Estados Unidos e que se opunha à pedagogia tradicional e pretendia uma educação democrática e universalizadora, isto é, com acesso a todos. O ícone brasileiro deste movimento foi Anísio Teixeira que, por ter sido amigo e aluno de John Dewey, o maior expoente norte americano das idéias escolanovistas, transplantou estas idéias para o Brasil. A obra clássica de John Dewey, *Educação e Democracia*, foi traduzida para o português por Anísio Teixeira.

Anísio Teixeira, somado a mais vinte e quatro brasileiros⁴³ foram signatários de um documento: o “Manifesto dos Pioneiros da Escola Nova”, lançado como um documento ao povo e à nação. O teor deste documento reivindicava para o Brasil a educação laica, gratuita e democrática para todos, indistintamente e o fazia para um país que ainda não possuía uma política ou um sistema de educação.

⁴² Literalmente a palavra significa “comer a linguagem”. Por extensão, a partir de Paulo Freire e da apropriação do termo “cultura do silêncio” podemos entender como supressão da própria linguagem e assunção da linguagem do opressor. Especialmente no nordeste brasileiro Paulo Freire reconhecia uma “cultura do silêncio”, significando que esta população estava destituída da palavra. O silêncio afirmado por Freire não era da palavra falada, mas da ausência do som consciente das mentes obscurecidas por um sistema de dominação cultural. Era preciso “dar-lhes a palavra” ou melhor ainda, ajudar-lhes a “dizer a sua palavra” (cf. Fiori afirma no Prefácio da *Pedagogia do Oprimido*) para que ‘transitassem’ para a participação na construção de um Brasil, que fosse dono de seu próprio destino e que superasse o colonialismo.

⁴³ Fernando de Azevedo, Afrânio Peixoto, Antonio de Sampaio Doria, Anísio Spinola Teixeira, M. Bergstrom Lourenço Filho, Roquette Pinto, J. G. Frota Pessoa, Julio de Mesquita Filho, Raul Briquet, Mario Casassanta, C. Delgado de Carvalho, A. Ferreira de Almeida Jr., J. P. Fontenelle, Roldão Lopes de Barros, Noemy M. da Silveira, Hermes Lima, Attilio Vivacqua, Francisco Venancio Filho, Paulo Maranhão, Cecília Meirelles, Edgar Sussekind de Mendonça, Armanda Alvaro Alberto, Garcia de Rezende, Nóbrega da Cunha, Paschoal Lemme e Raul Gomes. (Os signatários estão relacionados no próprio documento, disponível na íntegra em <<http://escolanova.net/pages/manifesto.htm>>. Acessado em 28 de agosto de 2008.

Segundo Gadotti, Paulo Freire se considerava um simpatizante de Anísio Teixeira ao concordar com as idéias de Dewey no que dizia respeito à sua defesa do “aprender a aprender”, ao “aprender fazendo”, “à liberdade criativa e autonomia do educando”. Estas idéias estão expressas atualmente no Relatório A Educação para o século XXI da Unesco, conhecido como Relatório Jacques Delors.

Em 18 de julho de 1999 Sylvia Ganem Assmar, Carlos Otávio Fiúza Moreira e Vanilda Paiva participaram duma entrevista no Jornal do Brasil online na qual tratavam sobre a educação, Anísio Teixeira e o escolanovismo no Brasil. Fiúza e Paiva afirmam:

– As idéias da Escola Nova entram no Brasil no contexto da primeira guerra mundial, as levas de imigrantes, o surto industrial – um período de ebulição, de reformas, de questionamento do ensino provincial. O primeiro seminário educacional aconteceu em 1920. As famílias que podiam pagavam preceptores, periodicamente os jovens eram avaliados no Colégio Pedro II, ou um (sic) colégio religioso de grande porte. Dali seguiam para as universidades.

Havia um sistema municipal (**de educação [grifo meu]**), mas incipiente, em algumas capitais. Tudo era muito precário. Professores davam aula de camisolão. Em 1920, uma cidade inteira formou dois alunos. Foi nesse contexto que os imigrantes criaram suas próprias escolas para seus filhos. É nesse cenário que as idéias de uma escola universal e de qualidade se encaixam perfeitamente, pois atendem aos anseios das novas classes industriais. **[Paiva]**

– Os Pioneiros da Educação, tentam então criar os primeiros sistemas estaduais e depois o federal. Aí começa o nosso sistema público de ensino, na década de 20. Anísio, muito jovem, foi Secretário de Educação da Bahia (...). **[Fiúza]**

– Nesse momento ele ainda não tinha ido aos Estados Unidos. Fazia parte de um movimento que começou antes. Em 22, Lourenço Filho saiu de São Paulo e foi fazer a reforma do ensino no Ceará. Capanema está em Minas Gerais, enfim, é um movimento de grandes dimensões. Fernando de Azevedo que redigiu a carta de 32, será o expoente do Movimento dos Pioneiros da Educação. Anísio vai aos Estados Unidos, volta e continua fiel ao programa de Azevedo, na reforma de 1928. **[Paiva]**

– cresce a idéia de que o Estado deve criar, gerar, administrar o ensino público e que ele deve ser para todos. Uma conquista tardia, mas uma conquista, sem dúvida. (...) **[Fiúza]**

– O país vive um momento liberal quando Anísio chega dos Estados Unidos com as idéias de Dewey. A aliança liberal o toma imediatamente porque há essa identidade. E ele se mantém fiel ao grupo dos pioneiros e seus compromissos com a educação como instrumento de democracia. **[Paiva]**⁴⁴

Se a situação da educação brasileira era esta apontada por Paiva e Fiúza podemos então inferir qual o índice de miserabilidade e analfabetismo das pessoas

* A autora refere-se a Gustavo Capanema

** A autora refere-se ao Manifesto dos Pioneiros da Escola Nova.

⁴⁴ LAGÔA, Ana. A Utopia da educação pública. Entrevista. **Jornal do Brasil On-Line**. Rio de Janeiro, 18 jul. 1999. Seção Empregos e Educação para o Trabalho.

no nordeste brasileiro em que Paulo Freire viveu, especialmente na década em que trabalhou no SESI e esteve mais diretamente ligado ao povo e seu sofrimento.

Na virada do século XIX para o século XX o índice de analfabetismo no Brasil era de 65,3%. Duas décadas depois (em 1920) o índice nacional de analfabetismo era de 65% ou seja, aumentou o contingente populacional mas o índice de analfabetismo permaneceu praticamente o mesmo. Somente a partir dos anos de 1920 até a virada do século XX para o XXI é que os índices foram caindo década a década. O Brasil computava, no ano 2000, um índice de 13,6% de analfabetismo, segundo dados do IBGE. E os piores índices de desenvolvimento de educação e de desenvolvimento humano na região nordeste e norte continuam os piores do Brasil.⁴⁵

Os índices de analfabetismo sempre foram mais elevados e os de desenvolvimento humano (IDH) sempre foram mais baixos no nordeste que os índices do sudeste e sul brasileiros.⁴⁶ Paulo Freire, mesmo percebendo as dificuldades do nordeste nas questões educacionais, não havia feito nenhuma experiência ainda de alfabetização até início dos anos de 1960.

O trabalho de Paulo Freire no SESI era desenvolvido nos núcleos ou centros sociais que ofereciam atendimento médico, odontológico, escolar, e desenvolviam atividades esportivas e culturais. Este espaço de trabalho se expressou para Paulo Freire como um vasto campo de investigação. Foi no SESI que Paulo pode elaborar pesquisas, aprofundar conhecimentos, ajuntar a prática com a teoria. Na obra *Pedagogia da Esperança: um reencontro com a Pedagogia do oprimido* Paulo Freire dedica muitas páginas a descrever este período como um dos mais significativos pois foi o tempo das “soldaduras” e “ligaduras” ou, como citamos anteriormente, um tempo da gestação da Pedagogia do oprimido, manuscrito nos anos de 1967-1968 e veio à luz em 1970, em inglês, publicado nos Estados Unidos pela Editora Herder and Herder e em português pela Editora Paz e Terra. Sobre este tempo Rosas afirma que no texto *Pedagogia da Libertação em Paulo Freire* traçou algumas

⁴⁵ IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Disponível em < <http://www.ibge.gov.br>>. Acesso em 20 setembro de 2008.

⁴⁶ Elementos disponíveis em <<http://www.bcb.gov.br/pec/boletimregional/port/2009/01/br200901b1p.pdf>>. Acessado em 20 de setembro de 2008.

considerações sobre como Paulo Freire compôs a Pedagogia do oprimido. Para Rosas, a obra não é “resultado de um insight, o lampejo brilhante e fortuito de uma inspiração ou descoberta. É uma construção desenvolvida ao longo de duas décadas, um momento marcante em um processo de elaboração intelectual, e que, como tal, não representaria o término do processo”⁴⁷

A impressão que Paulo Freire transmite, quando se lê sobre o seu período no SESI é a de um homem profundamente preocupado e inquieto com as condições de vida das pessoas com as quais ele interage em seu cotidiano. Eram suas inquietações com as condições materiais, com as relações e modo de produção que balançavam sua estrutura, pela sua rigorosidade ética, sem rigorismos e pela leitura que fazia do mundo nordestino.

Paulo Freire aproveitou o tempo de SESI para fazer muitas pesquisas, as quais ele considerava “nada sofisticadas”^{***} para tentar entender alguns comportamentos, para comparar dados sobre pais urbanos, rurais e de comunidades de pescadores. E fazia isso para poder trabalhar com as pessoas. Ele mesmo relata, ao falar das pessoas que:

Às vezes, enquanto os ouvia, nas conversas com eles, em que aprendi algo de sua sintaxe e de sua semântica, sem o que não poderia, com eficácia, ter trabalhado com eles, me perguntava se não se inteiravam de quão pouco livres realmente eram.⁴⁸

Fávero também conheceu Paulo Freire quando deste período frutífero de sua trajetória. Na citação abaixo o autor descreve, como testemunha, como era a atuação de Freire no SESI. Ele afirma que

Paulo trabalhava no SENAI [**o autor deve estar se referindo ao SESI – grifo meu**], pegando pequenos textos tirados do jornal sobre salário, sobre condições de trabalho, condições de saúde, com os operários semialfabetizados no SESI, ele era diretor do SESI. Primeira notícia que eu tenho de Paulo Freire, deve ter sido 1961, ele era um professor curioso, ele usava o epidiascópio, um aparelho enorme, hoje a gente tem o retroprojektor, mas tem também o epidiascópio, que você põe o texto debaixo (sic), num jogo de espelhos, e projeta na parede e discute as condições de vida dos operários e tal, faz um processo educativo diferente.⁴⁹

⁴⁷ ROSAS, Paulo. **Paulo Freire:** aprendendo com a própria história. Disponível em <http://www.fundaj.gov.br/observanordeste/obex06.pdf>, p. 8. Acessado em 08 de agosto de 2007.

^{***} Quando Paulo Freire se refere a pesquisas “nada sofisticadas” não significa que sejam pesquisas sem valor científico. Eram formas de Freire coletar dados úteis nos diálogos com as pessoas com as quais trabalhava.

⁴⁸ FÁVERO, Osmar. **Programa Salto para o Futuro**. Rede TVE Brasil. 2003.

⁴⁹ FÁVERO, 2003.

Da experiência profícua no SESI Paulo Freire mudou para a esfera pública na década de 1950. Foi convidado a trabalhar para a cidade do Recife. Ocupou as funções de Conselheiro de Educação e Diretor da Divisão de Cultura e Recreação do Departamento de Documentação e Cultura da cidade do Recife. Iniciou também, em fins da década de cinquenta atividades como docente da Educação Superior. Foi professor de Filosofia da Educação e de História da Educação em Faculdades que atualmente compõem a Universidade Federal de Pernambuco.

Titulou-se como Doutor em História e Filosofia da Educação defendendo uma tese intitulada “Educação e Atualidade Brasileira” no ano de 1959. Paulo Freire amadureceu, fez acréscimos à sua tese de Doutorado e a publicou, em 1967, como livro intitulado *A Educação como prática da liberdade*, quando já estava no exílio. Nesta obra Paulo Freire sistematizou toda a sua experiência educativa até aquele momento.

Para entender um pouco sobre o envolvimento de Freire com o problema do analfabetismo é interessante recorrermos novamente à entrevista concedida por Fávero à TVE Brasil em agosto de 2003. Segundo Fávero, a discussão sobre analfabetismo no Brasil datava

desde os anos 20, dos anos 30, mas na verdade, só a partir de 1946-1947 é que foi oficializada essa discussão, com a 1ª Campanha Nacional de Alfabetização de Adultos, pelo Ministério da Educação. Esse é um momento de pós-guerra, um momento de redemocratização do país, depois da queda do Getúlio, é um momento da criação da UNESCO. A UNESCO influi na criação desses movimentos no mundo inteiro.⁵⁰

Fávero afirma que a primeira Campanha, organizada pelo governo federal e coordenada por Lourenço Filho chamava-se Campanha Nacional de Alfabetização de Crianças e Adolescentes, iniciada em 1947, durou até meados de 1950.

Esta primeira Campanha não era somente de alfabetização, mas de educação de base e significava a reposição de conteúdos da escola primária, integralizada e oferecia aulas de leitura, escrita, cálculo básico, noções de higiene, moral e civismo e, segundo Fávero, um pouco de extensão agrícola. Esta Campanha, pós ditadura Vargas não era bem vista por alguns setores da elite, pois

* Getúlio Vargas, presidente do Brasil

⁵⁰ FÁVERO, 2003.

era acusada de ser uma fábrica de eleitores quando o país estava passando por um processo de redemocratização e era necessário refazer a base eleitoral no Brasil. Fávero discorda desta visão das elites ao afirmar que esta Campanha também se deslocava dos grandes centros e atingia também a zona rural.

No período desta primeira Campanha constatou-se que o analfabetismo era da ordem de 60% (sessenta por cento) no Brasil (segundo dados do IBGE era de 56,1%), mas os índices do Nordeste eram maiores. Ao promover esta Campanha e as conseqüentes outras Campanhas que ocorrerão o governo mostrou que apenas alfabetizar não resolveria o problema, mas havia necessidade de ações conjuntas à alfabetização junto às comunidades. Fávero afirma que a partir desta primeira Campanha gera-se

uma segunda campanha, um pouquinho mais tarde, no final dos anos 40, meados dos anos 50. Essa campanha é curiosa, pouco estudada, ela também está no Ministério de Saúde, no Ministério da Agricultura. Aí ela vai trabalhar diretamente a partir de saúde, a partir de higiene com as populações, vai conseguir formar quadros médios, técnicos... Chamava, na época, o Departamento Nacional de Crianças. Todo esse grupo que trabalha com a extinção da malária, controle de endemias rurais e tal (...) ⁵¹

Essa segunda Campanha foi coordenada pelo sociólogo Artur Rios e tinha um cunho mais sociológico e, segundo Fávero, a sua força estava no grupo de sanitaristas, de médicos, de técnicos agrícolas e no cooperativismo, mas lamenta que haja poucos dados dessas campanhas, especialmente dados estatísticas.

Fávero faz uma boa leitura da educação na década de 1950 e 1960. Ele afirma que Juscelino Kubitschek, presidente de 1955 a 1960 não endossava estas Campanhas de Alfabetização. Mas foi no governo de Juscelino, a partir da convocação e realização do II Congresso de Educação de Adultos, na cidade do Rio de Janeiro que Paulo Freire ficou conhecido com educador progressista.

Neste Congresso, realizado entre os dias 6 e 16 de julho de 1958 Paulo Freire apresentou um relatório de sua autoria, intitulado “A Educação de Adultos e as Populações Marginais: o Problema dos Mocambos^{***}”, que com certeza era fruto de sua experiência no relacionamento com os trabalhadores assistidos pelo SESI.

⁵¹ FÁVERO, 2003.

^{***} Palavra de origem africana, do quimbundo mu'kambu, que pode significar “habitação miserável”.

Ana Maria Araújo Freire apresenta sinteticamente o conteúdo deste relatório.

Nele Paulo Freire propunha

Que a educação de Adultos na Zona dos Mocambos existentes no Estado de Pernambuco teria de se fundamentar na consciência da realidade da cotidianidade vivida pelos alfabetizandos para jamais reduzir-se num simples conhecer de letras, palavras e frases. Afirmava também que só se faria um trabalho educativo para a democracia se o processo de alfabetização de adultos não fosse *sobre* – verticalmente – ou *para* – assistencialmente – o homem (sic), mas com o homem(sic) (...), com os educandos e com a realidade. Propôs uma educação de adultos que estimulasse a colaboração, a decisão, a participação e a responsabilidade social e política.⁵²

Segundo Fávero, este Congresso tratou muito mais do ensino primário do que de educação de adultos. Os Congressos de Educação eram chamados de regionais mas, na verdade, eram estaduais. Todos os Estados traziam relatório dos Congressos Estaduais ou Regionais e traziam teses para serem discutidas. Era um grande encontro de acadêmicos. Fávero classifica o relatório de Freire como “esplendoroso” ao afirmar que o problema não era o analfabetismo e que alfabetizar não era a solução. O problema era a miséria do Nordeste. Ou se enfrentava a miséria do Nordeste, ou então alfabetização era a mesma coisa que tentar enxergar o fim do mar. Desde o início Paulo se situava na perspectiva da transformação das estruturas injustas de uma sociedade elitista e de construção de uma nova sociedade.

Neste sentido, Vanilda Paiva equivoca-se ao reduzir a proposta de Freire a um atrelamento à ideologia do nacional desenvolvimentismo que vigorava à época. E é Ana Maria Freire quem vai contestar Paiva ao destacar que quando da realização do II Congresso Nacional de Educação, no ano de 1958, Juscelino Kubitschek se afirmava no poder e também manifestava a sua preocupação com a miséria brasileira. E queria soluções para as mazelas nacionais, dentre elas a educacional. Juscelino tentou encaminhar pela via que conhecia: a populista. Não deu resultado pois naquele mesmo período, se não mente a história, Paulo Freire, encarnava e fazia “discurso e prática (...) por um caminho autenticamente popular”, e não populista, sendo mais tarde convidado pelo governo federal para liderar o Plano Nacional de Alfabetização.

⁵² FREIRE. Ana Maria Araújo, 1996, p. 35.

Na década de 1950 o governo propagava a idéia de que era necessária a erradicação do analfabetismo e pretendia, no dizer da época, “secar as fontes do analfabetismo”. A utilização do termo “erradicação” nos dá a idéia de que o analfabetismo era uma espécie de “praga”, ou de “erva daninha” que precisava ser debelada a qualquer custo. Para isso, o governo pegava um município importante que estava em fase de transição para cidade grande e tentava reestruturar inteiramente o seu sistema de ensino elementar. Colocava todas as crianças de 7 a 10 anos na escola regular, os adolescentes até 14 anos em classes de emergência e os adultos em classes noturnas, construía escolas, treinava professores e produzia material didático.

Essas experiências foram feitas em Leopoldina no Pará e que segundo Fávero, está bem relatado por João Alberto Moreira. Também foram feitas experiências semelhantes em outras cidades brasileiras: Feira de Santana e Santarém. Esta foi uma grande fase das propostas do Estado através do Ministério da Educação, aliado ao Ministério da Agricultura e o Ministério da Saúde e a grande intervenção do Estado nesse período dos anos 50, segundo Fávero.

No início dos anos de 1960 foi publicada a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei 4024/61) e o governo elaborou o Plano Nacional de Educação, transferindo para os Estados e para os Municípios algumas responsabilidades do ensino fundamental.

Neste mesmo período Paulo Freire já se encontrava, como afirmado anteriormente por Ana Maria Freire, com o seu pensamento político-pedagógico dialógico e libertador organizado. Já tratava das relações educador-educando⁵³.

Retomando a entrevista de Fávero podemos afirmar que havia um alvoroço no nordeste brasileiro por conta do analfabetismo. Muitas propostas e movimentos se organizavam. O movimento estudantil era muito forte neste período. E o movimento estudantil estava organizado em todo o Brasil. A Igreja Católica se

⁵³ Preferimos sempre separar por hífen à barra estas palavras pois as entendemos como compostas.

organizava e criou o MEB – Movimento de Educação de Base, através da CNBB*, no início de 1961⁵⁴. Paulo Freire emerge deste conjunto. Entretanto, Fávero diz que “a grande virtude dele [Paulo Freire] é ser o que melhor sistematizou e melhor fundamentou essas propostas”.⁵⁵

Fávero afirma ainda que

Se você pega até 1966, o sistema Paulo Freire é um dos sistemas, é uma das experiências, mas ele torna melhor as experiências, primeiro porque ele sistematiza um processo novo de alfabetização, de 1963-1964, que durou só alguns meses, porque o golpe militar cortou. Mas as campanhas são qualitativamente diferentes, elas não entram pela educação pura, elas entram pela cultura, entram pela cultura popular, isso se dá totalmente diferente. Você vai partir do que o povo conhece, do que ele sabe e vai tentar fazer um instrumental de alfabetização, que na verdade é mais do que isso, é um instrumental de educação popular que vai mexer com a cabeça das pessoas. Você vai fazer uma ação educativa que tem um movimento que parte da cultura, de como homens e mulheres vivem, na cidade e no campo, como é que eles vêem essa realidade, como você pode criticar essa realidade para instrumentalizá-la para uma mudança de base estrutural no país.⁵⁶

Ainda nos anos de 1960 em algumas prefeituras começaram a se fortalecer os movimentos de cultura popular, especialmente no Recife, com a gestão de Miguel Arraes e em Natal, com Djalma Maranhão. Fávero afirma que é neste período, extremamente rico em termos de experiências, de produção e de perspectivas, é que aparece Paulo Freire

com o Sistema de Alfabetização de Adultos, que ele começa fazer em Recife, no MCP de Recife. Depois ele sistematiza, vai aplicar em Angicos, em convênio com o Estado do Rio Grande do Norte e com financiamento da Aliança para o Progresso no Brasil.⁵⁷

Neste “aparecimento” de Paulo Freire, o seu “método” começa a ser estruturado, aplicado, testado e aperfeiçoado. Paulo era conhecido como educador progressista por causa do Congresso de Educação e a partir deste “aparecimento” passa a ser conhecido como alguém que está testando, com sucesso, um “método” de alfabetização.

* Conferência Nacional dos Bispos do Brasil. A criação do MEB é fruto de duas experiências da Igreja Católica: as escolas radiofônicas do SAR – Serviço de Assistência Rural, em Natal/RN e o Sirese – Sistema Radio Educativo de Sergipe, em Aracaju/SE.

⁵⁴ FAVERO, Osmar. MEB – Movimento de Educação de base: primeiros tempos: 1961-1965. In: ROSAS, Paulo. (org.). **Paulo Freire: Educação e Transformação Social**. Recife: Editora Universitária da UFPE, 2002, p. 133.

⁵⁵ FÁVERO, 2003.

⁵⁶ FÁVERO, 2003.

⁵⁷ FÁVERO, 2003.

No dia 13 de maio de 1960, no Recife, Germano Coelho fundou o Movimento de Cultura Popular, o MCP, com um grupo de educadores populares. Paulo Freire aderiu com entusiasmo ao MCP após ouvir a leitura do Estatuto. O MCP foi fechado pelo regime militar em 1964. Ana Maria Araújo Freire afirma que a intenção do MCP era “contribuir para a presença participativa das massas populares na sociedade brasileira”.⁵⁸ Segundo Almeri Bezerra, quando Paulo Freire se engajou no Movimento de Cultura Popular e depois assumiu a Secretaria Executiva do Serviço de Extensão Universitária (SEC) que ele mesmo criou,

as ocasiões não faltaram sobretudo porque foi aí que começou a se esboçar o que seria logo mais a Campanha Nacional de Alfabetização de Adultos a partir das idéias por ele desenvolvidas e experimentadas, em pequena escala no Recife, e em maior medida em Angicos, no Rio Grande do Norte. É quando a imprensa descobre Paulo Freire e batiza a experiência de “Método Paulo Freire de Alfabetização de Adultos em 40 Horas!”⁵⁹

1.5 A aplicação do método

No MCP Paulo Freire assumiu a direção da Divisão de Pesquisa e a coordenação do Projeto de Educação de Adultos. Nestas funções, começou a aplicar o seu “método”, o qual teve lugar no Centro de Cultura Dona Olegarinha, no Poço da Panela, Recife. Era uma turma pequena, de apenas 5 adultos analfabetos. Destes, dois desistiram. Paulo Freire justifica as desistências afirmando:

os alfabetizandos eram de origem rural, “revelando certo fatalismo e certa inércia diante dos problemas. Completamente analfabetos.” Já o primeiro teste, no vigésimo dia, alcançou resultados animadores. No trigésimo dia, “liam e escreviam texto simples e até jornal.”

A prática foi repetida com um grupo de 8 pessoas (3 desistiram). Os 5 restantes obtiveram resultados semelhantes ao anterior. Um terceiro grupo, de 25 pessoas, foi iniciado, mas por motivos que independeram da vontade de Paulo Freire, o trabalho precisou ser interrompido na vigésima hora, “com a maioria já lendo e escrevendo palavras e pequenos textos.”⁶⁰

Além da aplicação no Recife, o método foi aplicado em outros lugares e os resultados sempre foram positivos: na Campanha de Educação Popular da Paraíba

⁵⁸ FREIRE, Ana Maria Araújo., 1996, p. 40.

⁵⁹ ROSAS, Paulo. **Abrindo os Arquivos**. Centro Paulo Freire: Estudos e Pesquisas. Disponível em <http://www.paulofreire.org.br>. Acesso em março de 2008. Esta é uma conversa promovida por Paulo Rosas com Yves Mota, Maria Adozinda, Argentina Rosas, Jarbas Maciel, Juracy Andrade, Almeri Bezerra e Germano Coelho para conversa para debate sobre a passagem dos anos 50 para os 60.

⁶⁰ Idem ROSAS, Paulo. **Paulo Freire**: aprendendo com a própria história. Disponível em <<http://www.fundaj.gov.br/observanordeste/obex06.pdf>>, p. 5. Acessado em 08 de agosto de 2007.

(CEPLAR)⁶¹ em João Pessoa, no Serviço de Extensão Cultural da Universidade do Recife, com a colaboração de estudantes, sempre com resultados que justificavam a continuidade.

Paulo Rosas descreve que Paulo Freire se ocupou em extremo com a prática de seu “método” e pouco tempo lhe sobrava para “aprofundar a discussão dos fundamentos filosóficos de suas propostas pedagógicas, [pois] o sucesso alcançado pelas primeiras experiências com o método atropelava o desejo de seu idealizador.”⁶²

1.6 O método fora do Nordeste

Entre os meses de janeiro e março de 1963 a experiência mais bem-sucedida e que vai ganhar visibilidade nacional foi a de Angicos, no Rio Grande do Norte. Segundo os relatos da época, a bem-sucedida experiência foi também polêmica, especialmente por conta do seu financiamento. Os recursos vieram da USAID⁶³ e com a interveniência do governador Aluizio Alves, da UDN. Apesar deste percalço, fato é que a experiência de Angicos causou um impacto violento nas elites políticas e conservadoras do Brasil preocupou a elite conservadora brasileira, tendo em vista o caráter político do “método”. Foi por causa deste impacto que o “método” seria utilizado no Programa Nacional de Alfabetização, na década de 1960.

Afirmamos anteriormente que o movimento estudantil estava bem organizado no Brasil. A União Estadual de Estudantes (UEE) de São Paulo convidou parte dos pesquisadores da SEC da Universidade do Recife para divulgar e fazer a

⁶¹ Sobre a CEPLAR indico a obra muito bem escrita e fundamentada de SCOCUGLIA, Afonso Celso. **Educação popular: do Sistema Paulo Freire aos IPMs da Ditadura**, João Pessoa: Editora Universitária UFPB/São Paulo: Cortez Editora: Instituto Paulo Freire, 2000.

⁶² ROSAS, Paulo. **Paulo Freire: aprendendo com a própria história**. Disponível em <<http://www.fundaj.gov.br/observanordeste/obex06.pdf>>, p. 6. Acessado em 08 de agosto de 2007.

⁶³ **USAID** é a sigla em inglês para Agência dos Estados Unidos para o Desenvolvimento Internacional. Foi fundada em 1961 pelo presidente americano J. F. Kennedy. O Ministério da Educação do Brasil fez, na década de 1960 uma parceria para organizar a reforma do ensino no Brasil, que deu a conformação da educação básica em 11 anos e não em 12 anos como se estrutura a educação em países europeus. Com esta reforma foram suprimidos disciplinas de caráter reflexivo, como Filosofia, Sociologia, Educação Política. Outras disciplinas humanísticas tiveram sua carga horária reduzida e foi inserida como disciplina obrigatória o ensino da Língua Inglesa. A política de intervenção estrangeira no Brasil foi continuada pelo governo militar mas sofreu fortes críticas da opinião pública internacional. A instituição ainda sobrevive e, por ser uma agência federal americana, mantém escritórios em vários países, especialmente os ditos “emergentes” e pobres, realizando o que chamo de “caridade americana” de cunho primeiro ideológico e depois assistencialista.

experiência piloto do “método” ou “Sistema Paulo Freire”. Na obra *Paulo Freire para educadores* há uma descrição desta experiência que transcrevo:

O trabalho de alfabetização de Vila Helena Maria, do qual participamos, foi realizado pela UEE /SP (União Estadual dos Estudantes) e deveria servir de início a uma ampla campanha de alfabetização a ser desenvolvida pelos universitários paulistas.

O bairro de Vila Helena Maria era, em 1963, um dos mais pobres e afastados de Osasco, importante município da Grande São Paulo. Sua população, constituída em grande parte por migrantes de Minas Gerais, apresentava um alto índice de analfabetismo. O bairro não dispunha de rede de luz nem de esgoto. A água era retirada de cisternas (daí, a palavra geradora: sarilho) e nem sempre em condições de ser bebida ou utilizada no preparo de alimentos.

Um texto-memória desta experiência nos conta: “Naquele tempo começava a circular a notícia de que um professor nordestino estava desenvolvendo um trabalho de alfabetização de adultos no Recife e em Angicos. Dizia-se que ele conseguia uma alfabetização extremamente rápida, partindo de palavras extraídas do vocabulário popular. Falava-se, também, que este trabalho ampliava o nível de consciência dos alfabetizados. O nome deste desconhecido professor: Paulo Freire.”

A capacitação inicial da equipe que trabalhou em Vila Helena Maria foi feita pela equipe de Paulo Freire. Jomard de Brito, Elza, mulher e colaboradora de Paulo, e Aurenice Cardoso, além do próprio Paulo, estiveram em São Paulo durante uma semana na qual se discutiu a realidade brasileira, o modelo de educação vigente, o autoritarismo sempre presente na nossa história.⁶⁴

Apesar das condições precárias e da falta de recursos, os resultados do projeto em São Paulo foram muito positivos. Segundo o relato memória da experiência

Apesar de não termos realizado um estudo mais rigoroso em relação aos resultados, um breve trabalho de avaliação no final da experiência mostrou que 69% dos alfabetizados foram considerados alfabetizados (capazes de se comunicarem por escrito). A evasão foi muito pequena e sempre motivada por mudança de moradia.

(...)

A experiência de Vila Helena Maria teve sucesso porque entendeu a proposta de Paulo Freire como ato de conhecer algo maior que a memorização de numerosos “ba, be, bi, bo, bu.”

A certeza de que os alfabetizados eram capazes de aprender porque, como nós, eram capazes de pensar, foi um ponto de honra do projeto. Esta certeza, que nos vinha do reconhecimento da produção cultural dos grupos populares, nos animava a desafiá-los na descoberta dos “segredos” da escrita.

Sabíamos, também, que o caminho do conhecer passava pelo observar, comparar, diferenciar, concluir, operações intelectuais nem sempre estimuladas na nossa sociedade. Com Freire aprendemos que a leitura da palavra não podia estar dissociada da leitura do mundo.

No trabalho de Vila Helena Maria não tínhamos cartilha, comportamento muito enfatizado, naquela época, nas experiências inspiradas em Paulo Freire, e vivíamos numa época em que os mimeógrafos eram poucos. A Xerox ainda não havia descoberto o Brasil. Esta aparente carência de material acabou nos levando a centrar nossas ações em textos que não

⁶⁴ BARRETO, 1998, p. 93-94.

foram feitos para ensinar a ler, mas, sim, para ler. Nos valemos de jornais e revistas. Sem ter grande clareza da importância do que estávamos fazendo, centramos nosso trabalho na própria ação sobre a escrita, o que foi muito positivo.⁶⁵

O método também foi aplicado em Brasília. E a experiência de Brasília será emblemática para o projeto do Plano Nacional de Alfabetização. Segundo os relatos em *Paulo Freire para educadores*,

A experiência de Brasília teve uma especial importância devido a duas características principais:

- a primeira, por se dar na capital política e administrativa do país;
- a segunda, porque Brasília, segundo seus idealizadores, deveria ser 'elemento catalisador da economia regional, fulcro do desenvolvimento nacional e centro de irradiação político-social', pensamento este que refletia a euforia desenvolvimentista da época de sua construção."

A experiência de alfabetização teve início quando Paulo de Tarso, ministro da Educação e Cultura, instituiu junto ao seu gabinete a Comissão Nacional de Cultura Popular, com o objetivo de "implantar em âmbito nacional novos sistemas educacionais de cunho eminentemente popular, de modo a abranger áreas não atingidas pelos benefícios da educação" (Portaria Ministerial n° 195, de 8/7/63).

(...)

A experiência, que se estendeu até o dia 31 de março de 64, foi desenvolvida nas cidades-satélites do Gama, Sobradinho, Candangolândia, Núcleo Bandeirante e no Setor de Limpeza Pública. Em todos estes locais foram instalados os círculos de cultura em igrejas, galpões ou escolas, com o auxílio do próprio grupo interessado. Muitos funcionaram à luz de lâmpadas e com mobiliário improvisado com recursos da própria comunidade.

A divulgação dos cursos era feita através de alto-falantes, instalados em veículos, que percorriam as cidades-satélites.⁶⁶

A Comissão Nacional de Cultura popular foi presidida por Paulo Freire. Com isso, o Ministro Paulo de Tarso desejava implantar o Plano Nacional de Educação criando a Comissão Regional de Cultura Popular do Distrito Federal, "com o propósito de desenvolver e avaliar experiências de alfabetização em Brasília pelo método Paulo Freire, para verificação da conveniência de adoção deste método em nível nacional."⁶⁷

A intenção do Plano Nacional de Alfabetização, através da epistemologia freireana, segundo Ana Maria Freire, era alfabetizar, politizando, cinco milhões de adultos brasileiros. Isso significava, no Brasil, aumentar o contingente de eleitores em quase 50%. Preocupados com a conscientização política de significativa parcela dos eleitores brasileiros, as classes dominantes "colocaram-se contra o Programa,

⁶⁵ BARRETO, 1998, p. 95-96.

⁶⁶ BARRETO, 1998, p. 96-97.

⁶⁷ BARRETO, 1998, p.97.

que oficializado em 21 de janeiro de 1964, pelo Decreto nº 53.465, foi extinto pelo governo militar em 14 de abril do mesmo ano, através do Decreto nº 53.886.”⁶⁸ Assim, o Programa durou exatos oitenta e três dias.

Segundo Almeri Bezerra⁶⁹, que corrobora a questão acima apresentada, o sucesso da campanha de Angicos e o conseqüente sucesso (que foi abortado) do Programa Nacional de Alfabetização se deu porque partia da

tomada de consciência que os alfabetizandos faziam da sua situação de oprimidos, em uma sociedade onde eles eram excluídos até do direito de votar, as classes dominantes logo perceberam o risco e os partidos, movimentos e lideranças de esquerda começaram a sonhar (se não a ameaçar!) com milhões de recém-alfabetizados, munidos de um título de eleitor, e virando legalmente a mesa, ou seja, votando à esquerda! Pode? Não pode!, foi o que me disse, afável e cortês, o Coronel Governador do Ceará, a quem fui candidamente explicar o que estava tentando fazer em Fortaleza: explicar ‘o método Paulo Freire’ a um grupo de universitários que queriam iniciar uma campanha de alfabetização de adultos. ‘Não pode!’ me disse o Governador. E me explicou: ‘aqui no Ceará nós tivemos muito trabalho para estabelecer um equilíbrio de forças que eu não permitirei ver posto em risco por quem quer que seja’. A explicação era clara e sincera: se houver uma injeção de um número significativo de novos eleitores que irão votar – supõe-se, à esquerda – as regras preestabelecidas do jogo irão para o ar.

Foi preciso o golpe militar para que a classe dominante tirasse de cena os que ameaçavam as ‘regras preestabelecidas’ e organizasse ela mesma as condições em que a inclusão dos analfabetos pudesse ser feita não apenas sem risco, mas, sobretudo com vantagens. A manipulação das massas analfabetas não precisava mais do insuportável e oneroso cabresto. O controle dos meios de comunicação de massa - rádio e televisão - em vertiginosa expansão, garantiria a inclusão dos analfabetos com direito a voto, dentro da ordem estabelecida.

Situação análoga o Brasil tinha conhecido quando das discussões sobre o fim da escravidão. Como libertar os escravos, quando a forma de escravidão vigente não interessava mais às elites, sem medir os riscos de enormes distúrbios que as hordas de ex-escravos, sem donos, sem responsáveis e sem comida, haveriam de causar? Foi preciso inventar o caminho de uma “abolição” gradual e segura.⁷⁰

Sentindo-se ameaçado e, encarcerado pelo regime militar por setenta e cinco dias, Paulo Freire começou a sua trajetória ao exílio. Paulo Freire, que teve a Clodomir Moraes como companheiro de cela que o ensinou como responder aos Inquéritos Policiais Militares (IPMs) afirmou dias antes de sua morte, em entrevista

⁶⁸ GADOTTI, Moacir. A voz do biógrafo brasileiro: A prática à altura do sonho. In: GADOTTI, Moacir (org.). **Paulo Freire: uma biobibliografia**, 1996, p. 42.

⁶⁹ Almeri Bezerra é ex-padre e sociólogo pernambucano. Muito próximo a Dom Hélder Câmara. Assumiu a Teologia da Libertação e se reconhece como alguém que recebeu forte influência de Paulo Freire. Foi exilado durante o governo militar, morando na França, a Suíça, o Chile, o México, a Argélia, Angola e o Senegal. Trabalhou na África, terra onde se casou.

* O direito ao voto dos analfabetos brasileiros somente foi adquirido com a Constituição de 1988.

⁷⁰ ROSAS, Paulo. Paulo Rosas reúne Yves Mota, Maria Adozinda, Argentina Rosas, Jarbas Maciel, Juracy Andrade, Almeri Bezerra, Germano Coelho para conversa para debate sobre passagem dos anos 50 para os 60. Centro Paulo Freire de Estudos e Pesquisas. Disponível em: <<http://www.paulofreire.org.br/asp/template.asp?secao=abrindo&texto=1>>. Acesso em 12 set. 2007.

na televisão, que sentia vergonha da arbitrariedade e da forma de tratamento a que eram e são submetidos seres humanos nos regimes ditatoriais.

Temendo por sua vida, em setembro de 1964, Paulo Freire asilou-se na Bolívia e, logo após sua chegada naquele país, ocorreu o golpe militar. O vice-presidente, general René Barrientos, assumiu o poder, derrubando o presidente Víctor Paz Estenssoro. No governo de Barrientos foi quase destruída a oposição sindical e houve forte reação ao grupo de Ernesto “Che” Guevara.

Paulo Freire não se adaptou à altitude andina, pois fumava muito e faltava-lhe oxigênio. Na capital boliviana, La Paz, Paulo Freire quase que morre do coração, segundo comentou com Almeri Bezerra.

A política conservadora de Barrientos fez com que, dois meses depois de chegar à Bolívia, Paulo Freire e sua família se asilassem em Santiago, capital do Chile. Neste país Paulo Freire viveu, com sua família, de novembro de 1964 a abril de 1969. O governo do democrata-cristão Eduardo Frei convidou Paulo Freire para trabalhar na formação de técnicos para o setor agrário, no Instituto de Reforma Agrária presidida, à época, por Jacques Chonchol. No Chile Paulo Freire apoiou o processo de mudança no país e produziu obras importantes como *Extensão ou Comunicação* e, especialmente a *Pedagogia do oprimido*.

O partido político que estava no poder no Chile estava dividido. Enquanto que os educadores de esquerda do partido apoiavam Paulo Freire, os membros da direita o acusaram, em 1968, de ter escrito um livro que atentava contra a Democracia Cristã. Paulo Freire denominará esta acusação de “invenção ridícula”.

Com medo das reações dentro do partido que o apoiava, Paulo Freire deixou o Chile em 1969.

Almeri Bezerra diz que Paulo Freire tinha medo dos terremotos chilenos e

saíra do topo da Cordilheira mas, dela não se livrara. Em cima faltara-lhe o ar; em baixo, quando menos esperava, sentiu que lhe faltava o chão sob os pés. ‘Meu amigo, acho que tudo pode me faltar na vida; daria um jeito. Mas o chão, isso não! Quero sair dessa terra.’⁷¹

⁷¹ ROSAS, Paulo. Paulo Rosas reúne Yves Mota, Maria Adozinda, Argentina Rosas, Jarbas Maciel, Juracy Andrade, Almeri Bezerra, Germano Coelho para conversa para debate sobre passagem dos anos 50 para os 60, Idem.

Do Chile Paulo Freire mudou, por curto período, para Cambridge, estado de Massachusetts, nos EUA, onde permaneceu como Professor Convidado na Universidade de Harvard, importante centro de estudos na área de educação, lecionando livremente sobre sua epistemologia. Paulo foi para ficar pouco tempo, pois tinha planos de aceitar outro convite que permitira a ele cumprir com seu papel de educador comprometido com o ser humano oprimido. Ficou apenas dez meses no EUA.

Gadotti afirma que

O momento histórico que Paulo Freire viveu no Chile foi fundamental para explicar a consolidação da sua obra, iniciada no Brasil. Essa experiência foi fundamental para a formação de seu pensamento político-pedagógico. No Chile, ele encontrou um espaço político, social e educativo muito dinâmico, rico e desafiante, permitindo-lhe reestudar seu método em outro contexto, avaliá-lo na prática e sistematizá-lo teoricamente.⁷²

No início da década de 1970 Paulo Freire aceitou o convite para trabalhar como o principal Consultor Especial do Departamento de Educação do Conselho Mundial de Igrejas (CMI) em Genebra, Suíça.

Bezerra relata sobre a questão. Ele diz que o apelo de Freire para deixar o Chile chegou a ele quando estava em Roma. O Presidente e o Secretário Executivo do Centro de Documentação da Igreja Postconciliar (IDOC) se comoveram com o apelo e foram, juntamente com Bezerra a Genebra, cidade onde está sediado o Conselho Mundial das Igrejas e conseguiram que o Conselho enviasse uma carta convite ao Paulo Freire.

Segundo Bezerra Paulo Freire

viria para as margens do lago Lemano, onde não há terremotos; teria uma sala com secretária, a biblioteca da instituição, uma digna ajuda de custo e tempo para estudar, aprofundar as suas idéias... e aprender uma língua de maior comunicação, inglês ou francês, que o português ou o português, que Paulo cultivou sempre com muita graça, não bastavam.⁷³

Fazemos aqui uma parada no itinerário de Paulo Freire. E a justificativa é que a partir dos Estados Unidos, Paulo Freire se dirigirá a Genebra para trabalhar no CMI. Para entendermos o próximo *lócus* a partir do qual Paulo Freire fará as suas andanças pelo mundo é que trataremos, no próximo capítulo de como se

⁷² GADOTTI, Moacir, 1996, p. 72.

⁷³ ROSAS, Paulo. Paulo Rosas reúne Yves Mota, Maria Adozinda, Argentina Rosas, Jarbas Maciel, Juracy Andrade, Almeri Bezerra, Germano Coelho para conversa para debate sobre passagem dos anos 50 para os 60, *Ibidem*.

constituiu este organismo que oferecerá todo o aporte para Paulo Freire, viajando pelos cinco continentes, abordando o tema da educação, conscientização, libertação e da emancipação humana e agindo em favor dos esfarrapados do mundo. Somente então, depois de tratarmos do CMI, retomaremos a trajetória de Paulo Freire a partir da Europa e da Europa para o mundo.

CAPÍTULO II – O CONSELHO MUNDIAL DE IGREJAS

2.1 Ecumenismo

Definindo o vocábulo

Para tratarmos sobre o Conselho Mundial de Igrejas (CMI), resultado do moderno movimento ecumênico é importante definir o que seja o termo “ecumênico”. Este termo é um vocábulo que deriva do substantivo grego “οἶκος” que significa casa, o lugar em que vivemos, o nosso espaço vivencial, doméstico no qual deveríamos nos relacionar mais profundamente e do verbo grego “μεινω” que significa habitar ou hospedar-se, a depender do contexto em que esteja colocado.⁷⁴ Especificamente, no sentido atual, quando tratamos de ecumenismo, nos referimos a uma globalidade, a uma abrangência integral das relações, em todos os âmbitos da vida humana. No sentido da eclesiologia, a palavra nos remete à “unidade visível da Igreja” que ultrapassa todos os obstáculos teológicos, políticos, culturais, geográficos e religiosos.

Mas nem sempre foi esta a compreensão. Santa Ana⁷⁵ desenvolve o seu pensamento ecumenista e descreve quais foram as compreensões do termo *oikoumene* na visão do Ocidente. Refere-se *ao mundo habitado*. Os autores gregos especialmente os do século IV desenvolveram uma compreensão do termo que se

⁷⁴ Para conceituar o termo utilizamos a obra GINGRICH, F. Wilbur. (Trad. de ZABATIERO, Julio). **Léxico do Novo Testamento Grego/Português**. São Paulo: Vida Nova, 1984, p. 144 e 133.

⁷⁵ SANTA ANA, Julio H. de. **Ecumenismo e Libertação**: Reflexões sobre a relação entre a unidade cristã e o Reino de Deus. Petrópolis: Vozes, 1987. O autor é definido por Juan Bosch Navarro na obra **Para compreender o Ecumenismo**, p. 35, como “teólogo ecumenista”.

referia a um espaço limitado, a *polis* grega, o lugar da habitação. Assim, esta compreensão de *oikoumene* refere-se a um lugar geográfico específico. Com as conquistas alexandrinas o termo *oikoumene* ganha significado de espaço mais amplo: o *mundo habitado*, com todas as suas singularidades, limitações, cosmovisões e potencialidades. Nesta Antiguidade clássica o *oikoumene*, com e por conta de sua ampliação assume o significado de cultural. Com o declínio grego e ascensão do domínio romano o termo assume outra compreensão que abarca e complementa a compreensão anterior. Com os romanos o termo passa a ser referido como político.

A eclesiologia, como afirmamos anteriormente indica a palavra apenas em termos religiosos. Santa Ana afirma que não é apropriado limitar o uso do termo ecumênico apenas à esfera religiosa da existência humana. O termo já era compreendido no mundo neotestamentário como que sendo de caráter inclusivo, numa dimensão culturalista que abarcava com ela o geográfico e o político.

Santa Ana afirma que:

O ecumênico tem a ver com estas três importantes dimensões da existência humana: o *espaço* onde se vive, onde se dá a relação da pessoa humana com a natureza, onde se tem consciência do mundo que existe como circunstância da vida humana, do que está ao redor da pessoa e que influi sobre ela. É a dimensão geográfica (...) Mas também tem a ver com a *cultura*, ou seja, com o movimento através do qual a pessoa se vincula com a realidade, com a intenção de transformá-la, de humanizá-la, de torná-la mais acolhedora da vida (...) ainda é preciso levar em conta a dimensão *política* do termo. A totalidade das experiências humanas revela sua complexidade, sua variedade, sua grande diversidade, e isso é ainda mais evidente quando se observa a forma como as diversas sociedades através da história tentaram organizar-se e institucionalizar o uso do poder sobre a sociedade. (...) De fato, a unidade dos seres humanos, das nações, de toda essa variedade que caracteriza o povo de Deus inclui a dimensão geográfica, a cultural e a política. É, portanto, algo que tem a ver com toda a riqueza da vida humana.⁷⁶

Para entendermos as preocupações dos ecumenistas, e para tratar sobre ecumenismo temos de considerar uma afirmação do dominicano Navarro quando este afirma que:

(...) os diferentes tipos de ecumenismo (...) convergem sempre para a mesma realidade: a unidade dos cristãos, a unidade das Igrejas, a unidade da humanidade. **Na unidade se encontra o núcleo do problema ecumênico.**⁷⁷ [grifo meu]

⁷⁶ SANTA ANA, 1987, p. 20.

⁷⁷ NAVARRO, Juan Bosch. **Para compreender o Ecumenismo**. São Paulo: Edições Loyola, 1995, p. 23.

E Santa Ana ainda pergunta: “Como concretizar a unidade do povo de Deus num mundo dividido?”⁷⁸ Na realidade da divisão é que os cristãos se debruçam sobre os textos bíblicos e buscam um retorno à unidade perdida.

Para entender esta realidade de divisões procuramos fazer, de modo breve neste capítulo, num primeiro momento, uma descrição do cristianismo, em especial o católico romano, em suas cisões e tentativas de retorno a uma unidade. Num segundo momento tratamos do CMI, como importante organismo de representação ecumênica que parte do mundo protestante e se apresenta como instituição que procura discutir sobre a quebra de unidade e envidar esforços para resgatá-la.

2.2 Cristianismo: cisões e tentativas de retorno à unidade – uma breve abordagem histórica do início ao Concílio Vaticano II

Das cisões iniciais até a Reforma

A história do cristianismo é marcada por cisões. Sua gênese é sectária. Surgiu como um movimento ou seita no seio do judaísmo. Os Atos dos Apóstolos narram que Paulo em suas viagens missionárias procurava as sinagogas judaicas para disputar com os judeus acerca da fé no Cristo ou da crença da chegada e presença viva, por meio da ressurreição, do Messias. No transcorrer da história do cristianismo tentou-se firmar uma “ortodoxia”, primeiramente fundada nas crenças judaicas. No final do século primeiro os cristãos foram expulsos das sinagogas judaicas e os que não se adequavam a nova religião eram chamados de sectários ou hereges. Assim foi que o Cristianismo reagiu aos gnósticos do primeiro e segundo séculos e também a Marcião, no segundo.

O Cristianismo estabeleceu um cânon, um credo e afirmou a sua autoridade através da sucessão apostólica. Estas reações visavam, fundamentalmente, afirmar que o Cristianismo se define como uma unidade a partir de um conjunto escriturístico, de um conjunto de crenças e de uma autoridade que derivava dos apóstolos e, conseqüentemente, do próprio Cristo. Grande parte das informações

⁷⁸ SANTA ANA, 1987, p. 23.

que temos atualmente sobre estes debates iniciais e a necessidade da manutenção de uma unidade, dos três primeiros séculos, encontramos nos textos da *História Eclesiástica*⁷⁹ de Eusébio de Cesaréia.

Outro detalhe importante das discussões sobre a unidade foi firmada primeiramente pelo Concílio de Nicéia, em 325 e posteriormente confirmada pelo Concílio de Constantinopla em 381. O resultado destes dois Concílios deu-se com a formulação de fé niceno-constantinopolitana, com a qual concordaram cristãos do oriente e do ocidente. Nesta afirmação declara-se: “Cremos na Igreja Una, Santa, Católica e Apostólica.

Na era medieval, ano de 1054, ocorreu o grande cisma do Ocidente no qual o catolicismo ortodoxo (Oriental) selou o seu distanciamento do catolicismo romano (Occidental). Este distanciamento iniciou-se na Antiguidade e adentrou a Idade Média, em parte devido às grandes questões teológicas discutidas nos primeiros concílios universais da Igreja. Em 15 de julho de 1054 um episódio que serviu de catalisador para o grande cisma ou rompimento definitivo das Igrejas cristãs do Oriente com a Igreja Ocidental latina, segundo a reconstrução dos historiadores, foi aquele em que o legado papal Humberto de Silvacândida (secretário papal) jogou sobre o altar de Catedral de Santa Sofia, em Bizâncio, o libelo de excomunhão contra o então Patriarca de Constantinopla, Miguel Cerulário, recebendo em troca um anátema igual contra si. Neste episódio a Igreja Ocidental excomungou a Igreja Oriental e esta, por sua vez, amaldiçoou a Igreja Ocidental.

Dois outros movimentos medievais importantes sacudiram o Cristianismo: cátaros e valdenses. Destes, o que ainda sobrevive são os valdenses, que, conforme Walker,

Vindo a Reforma, aceitaram seus princípios e se tornaram protestantes. Sua história é o relato de heróica resistência às perseguições – honrosa história – sendo eles a única seita medieval que ainda agora sobrevive, ainda que com grandes modificações nos métodos e ideais com que se originaram.⁸⁰

⁷⁹ EUSÉBIO de Cesaréia. **História Eclesiástica**. Tradução de Wolfgang Fischer. São Paulo: Editora Novo Século, 2002. (As questões apresentadas encontram-se especialmente nos Livros II e III).

⁸⁰ WALKER, WILLINSTON. **História da Igreja Cristã**. V. 1. 3. ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Juerp/Aste, 1981, p. 326

Os movimentos de Reforma⁸¹ do século XVI foram os que mais representaram crise com a conseqüente quebra de unidade do Cristianismo após o grande cisma de 1054. Tais movimentos, em vários recantos da Europa, foram de questionamentos da estrutura de poder, das doutrinas e, fundamentalmente, da teologia. Segundo Nichols

Além da Alemanha, as demais nações da Europa ocidental, inclusive mesmo Espanha e a Itália, receberam a influência daquele despertar religioso do século XVI, em vários graus de intensidade. Todas as nações estavam mais ou menos preparadas para a Reforma pelas mesmas forças que haviam preparado a Alemanha: a insatisfação, o protesto contra as condições da Igreja; o sentimento patriótico contra a interferência dos papas nos negócios políticos e religiosos nacionais e a nova concepção de vida resultante da Renascença. Na Suíça, França, Países Baixos, Escócia, Inglaterra, explodiram revoluções religiosas e foram organizadas igrejas protestantes.⁸²

No mesmo ano em que Lutero afixou as suas 95 teses na porta da igreja do castelo de Wittenberg havia se encerrado o Concílio de Latrão V. Era a oportunidade de uma reforma interna da Igreja e que esta desperdiçara. Com isso, descontentamentos produziram o movimento liderado por Lutero e por outros reformadores que desafiaram os poderes espiritual e temporal e com isto arrastaram seguidores que defenderam a sua causa.

Lutero reagiu duramente aos papas e com apoio de alguns príncipes da região alemã reagiu também ao imperador Carlos V. O reformador foi excomungado pela Igreja em março de 1521 e, no mesmo ano foi convocado a comparecer perante a Dieta ou Reichstag de Worms, na qual Carlos V o chamou para a retratação acerca das teses que confrontavam a Igreja e que foi decisiva para a quebra efetiva da unidade. Lutero recusou-se à retratação após pedir um dia para pensar sobre o assunto. No dia 18 de abril de 1521 Lutero confirmou suas teses, afirmando que somente se retrataria caso alguém o convencesse de que estava equivocado. González relata que

Lutero compareceu diante da dieta, e a assistência foi grande. A presença do Imperador em Worms, rodeado de soldados espanhóis que abusavam do povo, haviam exacerbado ainda mais o sentimento nacional. Uma vez mais, em meio ao maior silêncio, se perguntou a Lutero se se retratava. O monge respondeu que o que havia escrito não era mais que a doutrina cristã que tanto ele como seus inimigos sustentava, e portanto ninguém deveria pedir-lhe que se retratasse daquilo. Outra parte tratava sobre a

⁸¹ No início do século XVI quatro movimentos eclodiram: o luterano, o anglicano, o calvinista e o anabatista. Destes, o mais impactante foi o luterano.

⁸² NICHOLS, Robert Hastings. **História da Igreja Cristã**. 7. ed. São Paulo: Casa Editora Presbiteriana, 1988, p. 159.

tiranía e as injustiças a que estavam submetidos os alemães, e também disto não se retrataria, pois tal não era o propósito da dieta, e tal negação somente contribuiria para aumentar a injustiça que se cometia. A terceira parte, que consistia em ataques a certos indivíduos e em pontos de doutrina que seus oponentes refutavam, certamente não havia escrito com demasiada aspereza. E assim, tão pouco dela se retrataria, a não ser que lhe convencessem de que estava errado.

Seu interlocutor insistiu: 'Retratas-te ou não'? E Lutero lhe respondeu, em alemão, e desdenhando, portanto o latim dos teólogos: 'Não posso nem quero retratar-me de coisa alguma, pois ir contra a consciência não é justo nem seguro. Deus me ajude. Amém'.⁸³

Noutra tradução encontrada em Nichols há relato do mesmo fato, com mais alguns detalhes:

Ao fim da defesa, o imperador, por intermédio de um oficial, perguntou-lhe se estava disposto a se retratar das afirmações que fizera, negando autoridade a certas decisões de alguns concílios - uma questão que naturalmente envolvia toda a matéria que se relacionava com a autoridade da Igreja. A sua resposta foi: 'É impossível retratar-me, a não ser que me provem que estou laborando em erro, pelo testemunho das Escrituras ou por uma razão evidente; não posso confiar nas decisões de concílios e de papas, pois é evidente que eles não somente tem errado, mas se tem contraditado uns aos outros. Minha consciência está alicerçada na Palavra de Deus, e não é seguro nem honesto agir contra a consciência de alguém. **Assim Deus me ajude. Amém**' [grifo meu]. A Dieta dissolveu-se em meio à grande confusão. Os espanhóis gritaram: 'À fogueira com ele!' mas os alemães dele se acercaram; 'e quando saíram do auditório, todos juntos e Lutero no meio deles, empunharam suas armas e levantaram as mãos acima das cabeças na maneira como costumava fazer um cavaleiro alemão quando derrubava seu antagonista num torneio'.⁸⁴

A atitude de Lutero e dos alemães foi considerada como provocação pelo Império. Lutero se retirou da Dieta de Worms no final do mês de abril de 1521. No mês seguinte, aos 25 de maio, o Imperador Carlos V obrigou a Dieta a publicar o Edito de Worms, no qual Lutero foi condenado por heresia⁸⁵ contra a Igreja. Estava definitivamente selada a quebra da unidade. Lutero, com apoio de significativa parte de príncipes alemães, classe composta basicamente por nobres e clérigos, rompera primeiro com o poder religioso e, em seguida com o poder temporal. Alguns territórios alemães tornaram-se protestantes, por conta da Dieta de Worms e com isso abraçaram a concepção teológica luterana.

⁸³ GONZÁLEZ, Justo. **Uma História Ilustrada do Cristianismo**: A Era dos reformadores. V. 6. São Paulo: Edições Vida Nova, 1983, p. 64.

⁸⁴ NICHOLS, 1988, p. 151.

⁸⁵ O termo herético tem sua origem no grego αἱρετικός que significa "faccioso, cismático, causador de divisões" (cf. GINGRICH, F. Wilbur; DANKER, Frederick W. **Léxico do Novo Testamento**: Grego/Português. São Paulo: Edições Vida Nova, 1984.

Estava assim decretada a divisão religiosa e política da Alemanha. Na seqüência houve outros levantes e guerras religiosas que definitivamente dividiu a Europa entre católicos e protestantes. Estabeleceu-se assim a mais profunda e duradoura divisão do Cristianismo ocidental.

O catolicismo romano e suas crises na sociedade moderna

Rompida a unidade, quebraram-se também os argumentos dogmáticos estabelecidos pelo teólogo Cipriano de Cartago, do século terceiro, em sua obra *De Catholicae Ecclesiae Unitate* na qual afirmou que

A Esposa de Cristo não pode tornar-se adúltera, ela é incorruptível e casta [cf. Ef 5.24-31]. Conhece só uma casa, observa, com delicado pudor, a inviolabilidade de um só tálamo. É ela que nos guarda para Deus e torna partícipes do Reino os filhos que gerou.

Aquele que, afastando-se da Igreja, vai juntar-se a uma adúltera, fica privado dos bens prometidos à Igreja. Quem abandona a Igreja de Cristo não chegará aos prêmios de Cristo. Torna-se estranho, torna-se profano, torna-se inimigo.

Não pode ter Deus por Pai quem não tem a Igreja por mãe. Como ninguém se pôde salvar fora da arca de Noé, assim ninguém se salva fora da Igreja.

O Senhor nos alerta e diz: "Quem não está comigo está contra mim, quem comigo não recolhe, dissipa" (Mt 12,30). Quem rompe a paz e a concórdia de Cristo trabalha contra Cristo. Quem faz colheita alhures, fora da Igreja, esse dissipa a Igreja de Cristo.⁸⁶

Embora não seja aceito por muitos teólogos protestantes, a Igreja de Roma envidou esforços para tentar reverter a divisão na Europa através da convocação de um Sínodo Católico. O papa Paulo III convocou o Sínodo para reunir-se em Mântua, com data marcada para o ano de 1537. Com o início de uma guerra entre França e Alemanha o Concílio foi suspenso. Em 1538, após o encerramento da guerra, Carlos V pressionou o papa Paulo III a convocar o Concílio para uma cidade alemã fronteiriça com a Itália, chamada Trento. O Concílio reuniu-se entre os anos de 1545 e 1563, com muitas interrupções das sessões.

⁸⁶ Adulterari non potest sponsa Christi, incorrupta est et pudica. Unam domum novit, unius cubiculi sanctitatem casto pudore custodit. Haec nos Deo servat, haec filios regno quos generavit assignat.

Quisquis ab Ecclesia segregatus adulterae jungitur, a promissis Ecclesiae separatur; nec perveniet ad Christi praemia, qui relinquit Ecclesiam Christi. Alienus est, profanus est, hostis est.

Habere jam non potest Deum patrem, qui Ecclesiam non habet matrem. Si potuit evadere quisquam qui extra arcam Noe fuit, et qui extra Ecclesiam foris fuerit evadit.

Monet Dominus et dicit: Qui non est mecum, adversus me est; et qui non mecum colligit, spargit (Matth. 12, 30). Qui pacem Christi et concordiam rumpit adversus Christum facit. Qui alibi praeter Ecclesiam colligit Christi Ecclesiam spargit. In: CARTHAGINENSIS, Cyprianus. **Liber De Catholicae Ecclesiae Unitate**. Documenta Catholica Omnia. Disponível em <<http://www.documentacatholicaomnia.eu/>>. Acesso em 10 de dezembro de 2008.

O Concílio de Trento é apresentado como o Concílio da Contra-Reforma. Entretanto, mais do que isso, o Concílio representou uma tentativa de reverter a quebra da unidade tanto religiosa quanto política da Europa.

Fischer-Wollpert descreve como aconteceu o décimo-nono Concílio Ecumênico. Segundo o autor, os membros alemães do Sacro Império Romano Germânico⁸⁷, votantes no parlamento de Nuremberg exigiram que se convocasse um Concílio para resolver as questões referentes à quebra da unidade da Igreja. A preocupação residia no fato do norte e leste da Alemanha terem se tornado protestantes. Cidades importantes do Império também estavam aderindo à fé reformada. Para o Imperador, “Cristo fora ultrajado” e era necessário uma reparação, o que não acontecera na Dieta de Augsburgo⁸⁸ em 1530, pois a afronta sofrida pelo Imperador neste encontro reforçou ainda mais o espírito evangélico e protestante dos príncipes alemães.

Desde a Dieta de Worms Carlos V tentou, por vias políticas e por sucessivos contatos com os papas, resolver a questão da divisão da Igreja e conseqüentemente do Império. Sob pressão do Imperador Carlos V, no ano de 1541 o papa Paulo III consentiu na convocação de um Concílio para reformar a Igreja e superar a divisão, com sede em Trento, como queria o Imperador. A partir de 1545 o Concílio se reuniu. Em 1547 o papa transferiu a sede do Concílio para Bolonha, mas o Imperador pressionou pelo retorno a Trento. O papa Julio II, atendendo às exigências do Imperador, devolve a sede do Concílio para Trento no ano de 1551. A alegação imperial era de que os teólogos protestantes alemães se negariam a discutir sobre a divisão da Igreja em território italiano.

De fato, Carlos V tinha razão, pois em 1552 os representantes dos estados imperiais protestantes começaram a fazer parte do Concílio e fizeram exigências das quais os teólogos romanos jamais abririam mão: “de que todos os pronunciamentos

⁸⁷ O **Sacro Império Romano-Germânico** foi a união de territórios da Europa Central que durou quase um milênio, vigorando a partir do século IX, dentro do sistema feudal, e se desfazendo a partir das conquistas napoleônicas no século XIX. Durante a sua existência o Sacro Império era composto pelos atuais países Alemanha, Áustria, Bélgica, Eslovênia, França, Holanda, Itália, Liechtenstein, Luxemburgo, Polônia, República Tcheca, Suíça. O território sofria ampliações e diminuições, dependendo dos movimentos, conflitos e guerras acontecidos na Europa Central. Os atuais países da Península ibérica e a Inglaterra não compunham o Império.

⁸⁸ Sobre esta questão, ver DREHER, Martin. Introdução. In: **CONFISSÃO DE AUGSBURGO: 1530-1980**. São Leopoldo: Editora Sinodal, 1980, p. 7-11.

até então feitos pelo concílio sobre a fé deveriam ser anulados.”⁸⁹ Não havendo acordos, “o concílio não conseguiu cumprir a tarefa que lhe fora inculcada pelo imperador, no sentido de restabelecer a unidade da fé.”⁹⁰

Provavelmente as conciliações não tenham acontecido, como afirma Walker, pelo fato de o Concílio contar com teólogos peritos do papa, dois jesuítas chamados Laynez e Salmeron que apoiaram um ideário antiprotestante. Shelley concorda com Walker, citando além destes (Diego Laynez e Alfonso Salmeron), outros nomes importantes da Contra-Reforma, todos formados em Paris como o “Mestre Inácio”. Foram eles Peter Faber, Somon Rodriguez Nicholas Bobadilla e Francisco Xavier.⁹¹ Citamos também uma obra de 1787, de autoria de Ayala em que destaca elogiosamente os nomes de importantes teólogos contra-reformistas, dentre eles os já citados. Segundo Ayala

Durará sem dúvida com a Igreja a memória de seu zelo, e ressoarão com os nomes de Dom Frei Bartolomé de los Mártires, de Dom Pedro Guerrero, do Cardeal Pacheco, de Dom Martin de Ayala, de Dom Diego de Alava, e de muitos outros espanhóis, os ternos e veementes clamores com que pediram a reforma dos costumes, anelando por ver renascer aqueles primitivos e felizes dias em que floresceram a competência ao zelo e desinteresse dos eclesiásticos, e o candor, a pureza, e a submissão dos seculares. Quanto nos ajudaram com suas luzes os sábios espanhóis Domingo, e Pedro de Soto, Carranza, Vega, Castro, Carvajal, Lainez, Salmeron, Villalpando, Covarrubias, Menchaca, Montano e Fuentidueñas? Os pontos mais importantes assumiram para seu exame, e contribuindo com seu talento e sabedoria à defesa da fé católica, e ao lustre imortal da nação espanhola, corresponderam amplamente a honra com que lhes distinguiu o Santo Concílio, e à expectativa da Igreja Universal.⁹²

Walker cita os *Credos da Cristandade*, de autoria de Schaff nos quais estão descritos os decretos doutrinários do Concílio de Trento. Segundo Walker

Os decretos doutrinários do Concílio de Trento foram claros e definidos em sua rejeição das crenças protestantes, ainda que por vezes hesitantes com referências a temas em discussão nas controvérsias medievais. A Escritura e a tradição são igualmente fontes de verdade. Só a Igreja tem o direito de interpretar. A justificação é habilmente definida, mas deixando lugar às boas obras. Os sacramentos são os sete medievais e definidos à maneira medieval. O resultado está expresso com habilidade, mas a Igreja fechou por completo a porta a qualquer compromisso ou modificação da doutrina medieval.

⁸⁹ FISCHER-WOLLPERT, Rudolf. **Léxico dos Papas:** de Pedro a João Paulo II. Petrópolis: Vozes, 1991, p. 235.

⁹⁰ FISCHER-WOLLPERT, 1991, p. 236.

⁹¹ SHELLEY, Bruce L. **História da Cristianismo:** ao alcance de todos. São Paulo: Sheed Publicações, 2004, p. 308. Obs.: (A grafia dos nomes são diferentes para Shelley e Walker).

⁹² AYALA, Ignácio Lopes de. **El sacrosanto y Ecuménico Concilio de Trento.** Prólogo. 3. ed. Madrid: Imprenta Real, 1787. (Obra traduzida do latim para o espanhol pelo autor. Original da Biblioteca de Catalunya. Digitalizado pela 12 mai. 2008). Tradução livre do espanhol.

Todavia, as reformas efetuadas pelo concílio, ainda que ficassem longe de satisfazer os desejos de muitos da Igreja Romana, foram consideráveis. (...) Passo menos elogiável foi a aprovação de um catálogo de livros proibidos, que seria preparado pelo papa (...). Disso resultou, em 1571, a criação por Pio V (1566-1572), em Roma da Congregação do Index, para a censura de publicações.⁹³

Ao analisarem as decisões do Concílio de Trento as alas mais conservadoras e fundamentalistas do protestantismo e dos movimentos pentecostais afirmam que a Igreja de Roma não avançou nas discussões realizadas pelo Concílio, estando apenas preocupada em reafirmar as suas convicções de fé medievais.

Neste sentido, podemos afirmar que todas as tentativas de retorno à unidade foram e estavam fracassadas, pois se estabeleceu definitivamente a ruptura mais profunda do Cristianismo. A Igreja romana teve que se reorganizar.

Nos séculos XVII e XVIII as questões referentes à quebra e retorno à unidade da Igreja pouco avançaram, pois o que prevaleceu na Europa católica romana e nas colônias dos contra-reformistas foram as decisões do Concílio de Trento, divulgadas e defendidas pelos jesuítas, os baluartes da Igreja Tridentina. Tanto os protestantes quanto os católicos romanos estavam impossibilitados de retomarem a unidade. Os protestantes não abririam mão de suas novas convicções, aliadas às questões políticas. Os católicos romanos não desejavam a sua descaracterização. A resposta romana foi coerente. Prevaleram as Escrituras e os escritos dos pais da Igreja. A profissão de fé tridentina declarou também, em reação à teologia protestante da livre interpretação das Escrituras que apenas o catolicismo romano tem, como sacramento, o múnus da hermenêutica, ou seja, é a fiel depositária e única com autoridade para interpretar e ensinar as Escrituras.

A Reforma interna da Igreja romana, como veremos adiante, foi conservadora e manteve benefícios eclesiásticos e demora nas decisões sobre o ensino teológico. Os anseios eram grandes, mas os clérigos não estavam dispostos a abandonar os seus benefícios. Segundo Besen as decisões do Concílio de Trento foram aplicadas com muita lentidão. Este autor indica alguns os pontos negativos da Igreja resultante do Concílio de Trento. Dentre eles:

⁹³ WALKER, 1981, p. 107.

excessiva centralização no papa e imagem da Igreja como estrutura de governo; clericalização da Igreja em detrimento dos leigos; separação do povo e do clero; rigidez litúrgica e acentuação do devocional na espiritualidade cristã, acentuando assim a contraposição àquilo que de positivo a Reforma protestante pedia: o uso da Bíblia, a Graça, a liturgia na língua do povo e a valorização do sacerdócio de todos os batizados.⁹⁴

Daqui em diante, tomamos como referência Fischer-Wollpert, em sua obra *Léxico dos Papas* (1991), para indicar o caminho da Igreja através da ação de alguns dos patriarcas da Igreja Ocidental, tomando o cuidado de conferir os dados noutras fontes que não serão aqui indicadas.

Findo o Concílio tridentino, fora eleito como papa a Pio V. Em seu governo, entre 1566 e 1572, foram publicados o catecismo para os sacerdotes, o breviário e o missal. Seu rigorismo institucional fez com que usasse de “extraordinária severidade para com os hereges. Assim, excomungou a rainha Elizabete da Inglaterra e a declarou deposta (...)”⁹⁵, sendo esta a última deposição de uma representante do poder temporal pelo papa. O papa seguinte, Gregório XIII, que governou de 1572 a 1585, tratou de organizar as instituições de preparo teológico do clero católico e fundiu seminários de formação na Alemanha, Hungria e criou a Universidade Gregoriana de Roma.

Cinqüenta anos depois, em 22 de junho 1622, o papa Gregório XV fundou a *Propaganda Fide*, atual Congregação para a Evangelização dos Povos

para dirigir e coordenar toda a atividade missionária da Igreja, procurando torná-la independente da tutela sufocante das potências coloniais católicas da época, em particular Espanha e Portugal. E essa é sua tarefa ainda hoje. Segundo a constituição apostólica *Pastor Bonus*, de 1988, a tarefa desse organismo é sempre “dirigir e coordenar no mundo inteiro sua obra da evangelização dos povos e a cooperação missionária”.⁹⁶

Fischer-Wollpert afirma que a função da *Propaganda Fide* no que diz respeito à missão evangelizadora se concentrava no além-mar. Outra função seria a de coordenar o movimento contra-reformista na Europa e junto aos jesuítas estavam ocupados com missões fora da Europa. Para cumprir esta função a *Propaganda Fide* tratou de fazer cumprir todos os decretos reformistas do Concílio de Trento. O

⁹⁴ BESEN, José Artulino (Pe.). A Reforma da Igreja: O Concílio de Trento. **Jornal Missão Jovem**. Disponível em <<http://www.pime.org.br/missaojovem/mjhistdaigrejatrento.htm>>. Acesso em 10 de fevereiro de 2009.

⁹⁵ FISCHER-WOLLPERT, 1991, p. 132.

⁹⁶ Gianni Cardinalle. **A Grande Rede das Missões**. Disponível em <<http://www.30giorni.it/br/articolo.asp?id=9185>>. Acesso em set. 2008.

ganho substancial dos jesuítas no cumprimento das orientações da *Propaganda Fide* foi ter o seu fundador canonizado em 1622, juntamente com Francisco Xavier. Outros dois baluartes contra-reformistas foram canonizados em 1623: Tereza d'Ávila e Felipe Néri. Este último fora conselheiro de vários papas conciliares e pós-conciliares.

Na atualidade a Propaganda Fide tem um sítio próprio na rede mundial de computadores, a Agenzia Fides, com conteúdo em italiano, espanhol, inglês, francês, português, alemão, chinês e árabe.

Na segunda metade do século XVII a Igreja sentirá um forte impacto com as mudanças estruturais da sociedade europeia, desencadeadas especialmente na França, com o chamado galicanismo, que era um absolutismo monárquico no qual as questões espirituais deveriam estar submetidas ao Estado. Foi o início do processo de secularização do mundo ocidental que culmina com as crises do século XIX. Com isso, a Igreja foi perdendo cada vez mais o seu espaço na sociedade e na cultura europeias. O avanço do liberalismo e do racionalismo aliado a um forte anticlericalismo separou a sociedade europeia do domínio ideológico da Igreja.

Este processo de secularização nos indica fortemente que a Igreja romana reforçou a atividade missionária fora da Europa, como podemos perceber nas decisões dos papas Inocêncio XII (1691-1700) e Clemente XI (1700-1721). Deste período complexo que marca a queda do poder da Igreja na Europa, há também um forte crescimento de grupos protestantes confessionais. Na Nova Inglaterra, atual Estados Unidos da América, os grupos religiosos que fugiram das perseguições na Europa estabeleceram as denominações evangélicas, que no século XIX fundarão suas empresas missionárias que desenvolverão as suas atividades para fora do território norteamericano. A partir das missões protestantes mundiais é que se organizará o Conselho Missionário Internacional que futuramente dará origem ao Conselho Mundial de Igrejas.

Fischer-Wollpert destaca que o papa Pio VI, que permaneceu no poder por quase 25 anos governando a Igreja entre os anos de 1775 a 1799, foi um dos que mais sofreu com a secularização. O papa teve dificuldades extremas por conta dos governantes absolutistas, da Revolução Francesa e da filosofia iluminista. Pio VI

faleceu como prisioneiro dos franceses em agosto de 1799, meses antes da tomada do poder na França por Napoleão Bonaparte. O seu sucessor, Pio VII somente foi eleito em março de 1800, “no mosteiro beneditino S. Giorgio, sob proteção austríaca”.⁹⁷ O catolicismo ficou completamente desarticulado na Europa e pensou-se que seria extinto. Esse era o desejo dos mais importantes filósofos iluministas franceses da época. Voltaire afirmara, na segunda metade do século XVIII, a necessidade de destruição da Igreja e do Cristo. Sua crítica ao catolicismo romano era ácida. Segundo ele

É apenas na Igreja Romana, acrescida da ferocidade dos descendentes dos hunos, dos godos e dos vândalos, que se vê essa série contínua de escândalos e barbáries desconhecidos de todos os sacerdotes das outras religiões do mundo. Em toda parte, os sacerdotes abusaram, porque são homens. (...) A Igreja Romana ganhou em quantidade de crimes de todas as seitas do mundo porque teve riquezas e poder.⁹⁸

Com a desarticulação da Igreja, Fischer-Wollpert destaca que a “reorganização da Igreja foi difícil em quase todos os países europeus, que haviam sido afetados pela Revolução Francesa. (...) Com numerosos países da Europa foram firmadas concordatas.”⁹⁹ Nesse sentido podemos afirmar que o século XIX será decisivo para a Igreja católica resgatar o seu poder e prestígio junto aos governos.

Pio IX, o papa que mais tempo ficou no poder, de 1846 a 1878 pode ser considerado uma das mais importantes e destacadas figuras da Igreja no século XIX. O seu governo foi marcado pelo ano de 1848, o mais emblemático do século por conta das Revoluções republicanas e nacionalistas, anti-absolutistas na Europa. O Brasil também sofreu os impactos da chamada “Primavera dos Povos”, como ficaram conhecidas tais Revoluções. Entretanto, enquanto que o povo pedia mais participação nos governos e Marx e Engels publicavam seus textos questionando a religião, a política, o modelo econômico, a Igreja se fechava cada vez mais em torno da figura do papa. O centralismo papal ficou conhecido como ultramontanismo.¹⁰⁰ Lage relata que

⁹⁷ FISCHER-WOLLPERT, 1991, p. 148.

⁹⁸ VOLTAIRE. **Deus e os homens**. São Paulo: Martins Fontes, 2000, p. 154.

⁹⁹ FISCHER-WOLLPERT, 1991, p. 150.

¹⁰⁰ De acordo com o verbete de LAGE, Ana Cristina P. in: LOMBARDI, Jose Claudinei; SAVIANI, Demerval; NASCIMENTO, Maria Isabel Moura. (orgs.) **Navegando pela História da Educação brasileira**. Campinas: Gráfica FE: HISTEDBR, 2006. (CD-Rom), **Ultramontanismo** é um termo que “designa, no catolicismo, especialmente francês, os fiéis que atribuem ao papa um importante papel na direção da fé e do comportamento do homem. Na Idade Média, o termo era utilizado quando elegia-se um

o ultramontanismo passou a ser referência para os católicos dos diversos países, mesmo que significasse um distanciamento dos interesses políticos e culturais. Apareceu como uma reação ao mundo moderno e como uma orientação política desenvolvida pela Igreja, marcada pelo centralismo romano, um fechamento sobre si mesma, **uma recusa do contato com o mundo moderno [grifo meu]**. Os principais documentos que expressam o pensamento centralizador do papa são as encíclicas de Gregório XVI (1831-1845), Pio IX (1846-1878), Leão XIII (1878-1903) e Pio XI (1922-1939).¹⁰¹

A centralidade no papa exigiu do governante da Igreja uma reação aos acontecimentos mundiais de contestação, à cultura, à filosofia e outros dados da sociedade no seu conjunto. Nesta linha de pensamento, em 1864 o papa publicou uma das mais polêmicas encíclicas, a Syllabus, na qual trata dos erros do século e os condena, quais sejam: panteísmo, naturalismo e racionalismo absoluto, racionalismo moderado, indiferentismo, latitudinarismo, socialismo, comunismo, sociedades secretas, sociedades bíblicas e clérigo-liberais. A encíclica tratava também de erros sobre a Igreja e os seus direitos, erros de sociedade civil, tanto considerada em si como nas suas relações com a Igreja, erros acerca da moral natural e a moral cristã, erros acerca do matrimônio cristão e erros acerca do principado civil do pontífice romano.

O texto resumo da encíclica demonstra a preocupação da igreja com a secularização e a modernidade e reafirma o catolicismo como o detentor da verdade de fé cristã, afirmando que o protestantismo não é parte da igreja verdadeira e que os seus fiéis não agradam a Deus, conforme o seu art. 18.

Segundo Fischer-Wollpert, no mesmo ano da publicação do Syllabus, 1864, o papa haveria confidenciado com o cardeais o interesse na convocação de um Concílio universal. A comissão preparatória foi constituída em 1865, o anúncio solene feito em 1867 e a convocação oficial em 1868. No final do ano de 1869 teve início a primeira sessão do Concílio Vaticano I. A tarefa do Concílio era “expor com clareza os princípios da verdade católica e adaptar às exigências da época a

papa não italiano (“além dos montes”). O nome toma outro sentido a partir do reinado de Filipe, o Belo (século XIV) na França, quando postularam os princípios do galicanismo, no qual defendiam o princípio da autonomia da Igreja francesa. O nome ultramontano foi utilizado pelos galicanos franceses, que pretendiam manter uma igreja separada do poder papal e aplicavam o termo aos partidários das doutrinas romanas que acreditavam ter que renunciar aos privilégios da Gália em favor da “cabeça” da Igreja (o papa), que residia “além dos montes”. **O ultramontanismo defende portanto o pleno poder papal.** Com a Revolução Francesa, as tendências separatistas do galicanismo aumentaram. As idéias ultramontanas também. Nas primeiras décadas do século XIX, devido a freqüentes conflitos entre a Igreja e o Estado em toda a Europa e América Latina, foram chamados de ultramontanos os partidários da liberdade da Igreja e de sua independência do Estado.

¹⁰¹ LAGE, Ana Cristina P. in: LOMBARDI, Jose Claudinei; SAVIANI, Demerval; NASCIMENTO, Maria Isabel Moura. (orgs.) **Navegando pela História da Educação brasileira.** Campinas: Gráfica FE: HISTEDBR, 2006. (CD-Rom)

disciplina eclesiástica.”¹⁰² O ganho considerável do Concílio foi resolver de forma definitiva as divisões internas da Igreja católica romana. Resolvida esta divisão, cabia à Igreja católica repensar as questões relativas ao mundo moderno e aos grupos acatólicos.

O Concílio Vaticano I não fora concluído por conta da guerra franco-prussiana, que irrompeu em 1870 e durou até 1871. As amarguras entre as nações da Europa central, não resolvidas nesta guerra, na qual a França teve de pagar alta indenização à Prússia, tendo o seu território ocupado por tropas alemãs até 1873, dará ocasião à Primeira Grande Guerra. Durante a guerra franco-prussiana, a Igreja romana perdeu os seus territórios na Itália por conta da unificação do país.

Embora o Concílio não tenha discutido as questões referentes à unidade da igreja, é importante destacar a figura de Leão XIII, governante da Igreja romana entre 1878 e 1903, que manifestou o desejo de unidade cristã. O papa,

em sua primeira encíclica, publicada em 21 de abril de 1878, mencionou a reconciliação da Igreja com a cultura entre as mais importantes tarefas dos eu pontificado (...) Via também como tarefa importante sua a reunificação dos cristãos separados na fé. Com tal objetivo publicou, em 1896, uma encíclica sobre a unidade da Igreja.¹⁰³

Quase um século depois da realização do Concílio Vaticano I, o papa João XXIII convocou o Concílio Vaticano II. Anunciado em 1959, o conclave teve início em 1963. O documento final do Concílio Vaticano II foi publicado contendo Constituições, Decretos e Declarações. As Constituições são documentos abrangentes, com declarações fundamentais sobre uma questão, com a intenção de ser substancial e completa; os Decretos são documentos com diretivas gerais e específicas para a vida de determinados círculos de pessoas e as Declarações são esclarecimentos da Igreja que se posiciona frente a questões bem determinadas. Nesse caminho, o documento final do Concílio Vaticano II sobre o Ecumenismo, é um Decreto denominado *Unitatis Redintegratio*, com três capítulos.

Fischer-Wollpert destaca que

O papa, ao anunciar o concílio, falou – conforme era usual – num concílio “ecumênico”. Tal manifestação levaria eventualmente a mal-entendidos, porquanto sob o termo “ecumênico”, no sentido comum de hoje (= unidade

¹⁰² FISCHER-WOLLPERT, 1991, p. 154.

¹⁰³ FISCHER-WOLLPERT, 1991, p. 156, 157.

das igrejas) já não se entende, conforme era a intenção, o concílio no sentido de histórico (= geral). O papa explicou também a finalidade da convocação: a Igreja deveria adaptar-se às exigências da época. Em 14 de junho de 1959, usou pela primeira vez a palavra “aggiornamento”, abertura da Igreja. E acrescentou: Uma vez realizada a tarefa do concílio, **a Igreja estará em melhores condições para convidar à unidade os irmãos separados [grifo meu]**.¹⁰⁴

No que diz respeito aos irmãos separados, cabe aqui uma consideração de extrema importância. No documento de convocação do concílio o papa João XXIII afirma que

No momento, pois, em que generosos e crescentes esforços de várias partes são feitos com o fim de reconstituir aquela unidade visível de todos os cristãos que corresponda aos desejos do divino Redentor, é muito natural que o próximo Concílio ilustre mais abundantemente aqueles capítulos de doutrina, mostre aqueles exemplos de caridade fraterna que tornarão ainda mais vivo nos irmãos separados o desejo do mais auspicioso retorno à unidade e para quem como que prepararão o caminho para a conseguir.¹⁰⁵

O *Unitatis Redintegratio* inicia afirmando que “promover a restauração da unidade entre todos os cristãos é um dos principais propósitos do sagrado Concílio Ecumênico Vaticano II. Pois Cristo Senhor fundou uma só e única Igreja”.¹⁰⁶ Entretanto, o documento desconsidera os esforços de unidade que não partam da Igreja romana. No que diz respeito ao patrimônio espiritual e litúrgico, no disciplinar e no teológico e nas diversas tradições, o documento afirma que as demais denominações cristãs fazem parte da catolicidade e da apostolicidade, mas o documento omite que tais denominações façam parte da santidade e da unidade da Igreja universal de Jesus Cristo.

A Igreja romana envidou esforços para o retorno da unidade da Igreja no Ocidente no século XX. Os documentos emanados do Vaticano pretendem uma unidade sob um mesmo governo. Mas as demais denominações do bloco cristão protestante possuem outras formas de governo e não se submetem à autoridade do sumo pontífice romano. Nesse sentido podemos afirmar que os protestantes caminharam noutra linha de pensamento em seus esforços para a unidade cristã.

¹⁰⁴ FISCHER-WOLLPERT, 1991, p. 164.

¹⁰⁵ CONCÍLIO Ecumênico Vaticano II. **Constituições – Decretos – Declarações – Documentos e Discursos Pontíficos**. São Paulo: Edições Paulinas, 1967, p. 9.

¹⁰⁶ CONCÍLIO Ecumênico Vaticano II, 1967, p. 216.

2.3 O Ecumenismo no século XX – raízes e gênese

O que queremos enfatizar a partir deste ponto é a questão ecumênica a partir do protestantismo. Anderson trata do ecumenismo como um grande esforço para unidades mundiais. Ele afirma que o ecumenismo

É uma característica distintiva do século XX. É um fenômeno que impacta a todas as ordens da vida contemporânea. As Nações Unidas com a ordem política; os mercados comuns com a ordem econômica; os consórcios na ordem mundial; o controle central nas comunicações e os intercâmbios internacionais nas ordens intelectuais são alguns dos indícios de um crescente ecumenismo. Devido a uma proliferação dos meios de comunicação em nosso mundo tecnológico e a revolução cibernética os contatos ecumênicos são cada vez mais possíveis e necessários. O provincialismo e o nacionalismo fanáticos vão se desmoronando. Tomamos consciência de uma certa integração mundial.¹⁰⁷

Assim, vemos que o ecumenismo atinge muitas áreas de ação das sociedades humanas. Especificamente trataremos aqui do ecumenismo no campo religioso e no que diz respeito à questão da unidade visível das Igrejas e denominações cristãs. E, nesse aspecto, o Conselho Mundial de Igrejas (CMI) é o maior e bem sucedido esforço para o ecumenismo no campo religioso, a partir do protestantismo.

2.4 O Conselho Mundial de Igrejas – o esforço protestante de ecumenismo

A discussão que fazemos a partir deste ponto, ao considerar o CMI como um dos principais organismos de representação ecumênica do planeta e, ao nosso ver, produto de um denominacionalismo norteamericano, de movimentos associativos e de missões cristãs protestantes encetadas pelas Igrejas da Europa e Estados Unidos da América, dos quais passamos a tratar.

¹⁰⁷ ANDERSON, Justo. **Historia de los bautistas**. Tomo 1. Sus bases y principios. 3. ed. El Paso, Texas: Casa Bautista de Publicaciones, 1993, p. 167. (texto traduzido do espanhol)

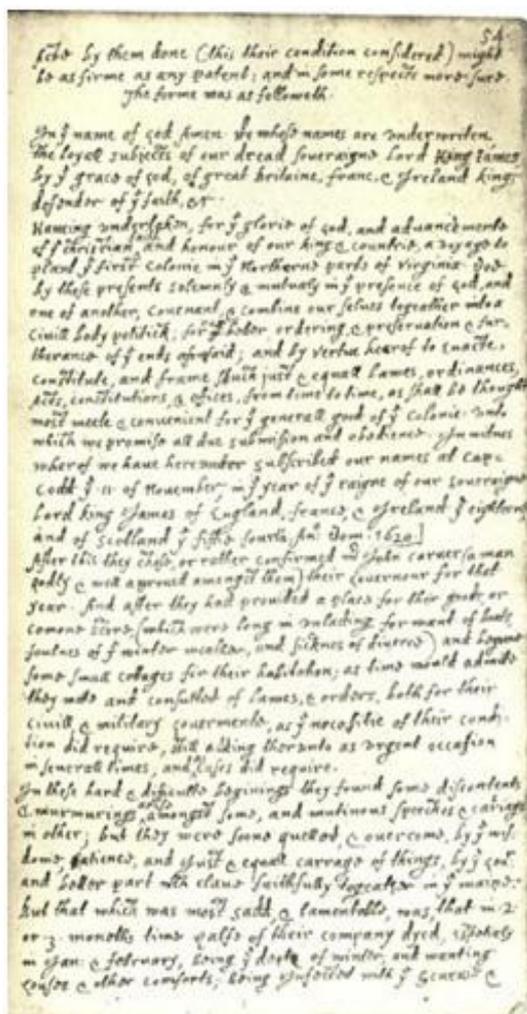


Figura 1 – Pacto de Mayflower

Para fundamentar esta afirmação é importante buscar, num primeiro momento, a história as raízes do denominacionalismo. No início do século XVII, mais precisamente no ano de 1620, chegam à colônia inglesa da Nova Inglaterra os “pilgrims”. Estes colonos estavam descontentes com a política dos reis ingleses Carlos I e Tiago I. Depois de muitos conflitos internos na Inglaterra, embarcaram no navio Mayflower com destino à Nova Inglaterra. Deveriam ocupar, conforme acordo, uma região mais ao sul da colônia, a Virgínia, mas optaram por estabelecer-se no que atualmente é o estado de Massachussets. Tais peregrinos, que se retiraram da Inglaterra sob alegação de perseguição religiosa, estabeleceram um pacto antes de chegarem à terra firme que levou o nome da embarcação na qual estavam (Mayflower Compact).

O Pacto estabelecia que os habitantes da nova terra não oficializariam uma religião. Assim, livremente se estabeleceu na Nova Inglaterra o denominacionalismo. Este sistema de organização denominacional permitiu futuramente às grandes denominações religiosas norte-americanas, a partir especialmente do início do século XIX, o empenho na missão cristianizadora do mundo, particularmente o Oriente, a África e a América Latina.

Para entendermos este denominacionalismo tomamos como referência a obra de Reily denominada *História Documental do Protestantismo no Brasil*, em que descreve a estrutura denominacional da Igreja Americana. Segundo Reily, os estudiosos do denominacionalismo norte-americano detectaram algumas características que são peculiares. Dentre elas Reily destaca quatro: 1) possui um

princípio de voluntarismo; 2) possui *propósito ou intenção*; 3) é *unitiva ou ecumênica* e; 4) Se apresenta como *um meio para um fim*.¹⁰⁸

A partir destas características delimitadas Reily destaca que o *princípio de voluntarismo* foi detectado por Robert Baird e citado em sua obra *Religion in America*, no século XIX. Para Baird o voluntarismo despertou nos norteamericanos a “energia’, autoconfiança e esforço na causa da religião”¹⁰⁹. Este vigor voluntarista foi interno, num primeiro momento, tornando-se depois forte alavanca para as missões protestantes estrangeiras.

No que diz respeito ao *propósito ou intenção*, Reily toma Sidney Mead que define as denominações norteamericanas como associações voluntárias “de indivíduos com sentimentos e pensamentos em comum, unidos na base de crenças comuns para o propósito de alcançar objetivos tangíveis e definidos. Um dos objetivos primários é a propagação de seu ponto de vista.”¹¹⁰

Quando destaca a terceira característica, Reily toma como referência o estudioso Winthrop Hudson. Esta característica marca o denominacionalismo norteamericano como uma estrutura não sectária. Um denominacionalismo “*unitivo e ecumênico*” significava, segundo o autor, que

o grupo referido é apenas membro de um grupo maior, chamado ou denominado por um nome particular. A afirmação básica da teoria denominacional da igreja é que a igreja verdadeira não deve ser identificada em nenhum senso exclusivo com qualquer instituição eclesiástica particular... Nenhuma denominação afirma representar toda a igreja de Cristo. Nenhuma denominação afirma que todas as igrejas são falsas... Nenhuma denominação insiste que a totalidade da sociedade e a igreja deve submeter-se aos seus regulamentos eclesiásticos. Assim, a denominação indicava a unidade subjacente à desunião observável (...), enquanto, pelo princípio voluntário repudiava a união exterior imposta por meio de coerção. Aliás, ela reconhecia que, por causa da fragilidade humana, nenhuma instituição humana poderia refletir perfeitamente a essencial unidade da verdadeira Igreja de Cristo. ‘O denominacionalismo era testemunha da verdadeira igreja por indicar, além das divisões das estruturas humanas da igreja, a unidade compartilhada por todas.’¹¹¹

A quarta característica do denominacionalismo de ser *meio para um fim* refere-se a esta estrutura, levantada por Deus, como um instrumento (meio) para a

¹⁰⁸ REILY, Duncan Alexander. **História Documental do Protestantismo no Brasil**. São Paulo: ASTE, 1984, p. 19-20.

¹⁰⁹ REILY, 1984, p. 19.

¹¹⁰ REILY, 1984, p. 20.

¹¹¹ REILY, 1984, Idem.

evangelização dos povos (fim) seja pelas denominações, seja pelas suas redes de organizações voluntárias (Sociedade bíblicas, de tratados, de reformas sociais, de educação, de assistência médica, etc) que poderiam ser criadas por denominações particulares ou pelo conjunto das denominações. O que importava era atingir o objetivo comum: a evangelização.

Os historiadores eclesiásticos Reily e Mendonça, descrevem como os norteamericanos se instalaram no Brasil. O processo pode ter sido semelhante no restante do mundo evangelizado pelos norteamericanos. Sempre estiveram imbuídos do “Destino Manifesto”, que era uma idéia que se impregnou na cultura norteamericana no afã da “Conquista do Oeste”, ligando a nação do Atlântico ao Pacífico. Reily indica que, ao modo bíblico de Josué, “os americanos viam como seu ‘destino manifesto’ conquistar o continente de Oceano a Oceano, espalhando os benefícios de uma civilização republicana e protestante por toda a parte.”¹¹² Este ideal era interno, mas alastrou para outros recantos do planeta.

O destino manifesto americano tornou-se senso comum e foi difundido em todos os aspectos da vida americana, especialmente a partir da primeira metade do século XIX e, quando as denominações norteamericanas decidiram pela evangelização dos povos, carregavam com eles o modo americano de ser.

Os metodistas afirmavam, desde o início do movimento na Inglaterra, que Deus os havia levantado para “reformular a nação, especialmente a Igreja, e espalhar a santidade bíblica sobre a face da terra”.¹¹³ Este slogan metodista pode ter influenciado o destino manifesto norteamericano, quando do domínio da “era metodista”, como bem descreve Reily, pois as denominações norteamericanas que se lançaram às missões possuíam o desejo reformador e carregavam consigo os supostos benefícios da cultura americana. Este convicção de ser “povo escolhido por Deus” lhes dava a autoridade para alcançar as ditas nações pagãs com a sua ética, sua religião e cultura. Neste caminho, Mendonça salienta que

Pelo menos no século XIX, o melhor e mais eficiente condutor da ideologia do “Destino Manifesto” foi a religião americana, ou melhor dizendo, o protestantismo americano com sua vasta empresa educacional e religiosa,

¹¹² REILY, 1984, p. 19.

¹¹³ IGREJA METODISTA. **Plano para a Vida e Missão da Igreja Metodista**. Piracicaba: Editora Unimep, 1982, p. 10.

que preparou e abriu caminho para o seu expansionismo político e econômico.¹¹⁴

Assim se desenvolveu o denominacionalismo norteamericano, que pretendia a cristianização do mundo. Mesmo sendo colaborativas e cooperativas, as denominações organizavam as suas juntas missionárias (boards) e as fronteiras denominacionais foram demarcadas. Cada denominação podia cristianizar uma parte do mundo e também se dividiam em regiões missionárias dentro dos países aos quais se dirigiam para cumprir o seu destino manifesto. As Igrejas da Europa também desenvolveram suas atividades missionárias e estabeleceram fronteiras e barreiras missionárias que suscitavam muitas perguntas sobre suas práticas.

Ainda podemos afirmar que, se as raízes do CMI está no denominacionalismo, sua gestação e nascimento estão nas Associações, Federações e Alianças feitas pelos cristãos nos séculos XIX e XX, bem como nas discussões sobre o modo de se evangelizar os povos.

2.4.1 O CMI e as Associações, Federações e Alianças Cristãs

O Conselho Mundial de Igrejas tem a sua gênese nos movimentos associacionistas de unidade cristã.

Já afirmamos anteriormente que a Igreja romana passou por uma crise séria por conta da nova organização do mundo moderno. Mas esta crise se abateu também sobre outras expressões da fé cristã, como a protestante.

A partir dessa afirmação queremos reforçar aqui que há um certo consenso entre os estudiosos da Filosofia e da História que muitos acontecimentos nos séculos XVIII, XIX e princípios do século XX determinaram o modo como muitas denominações cristãs e Igrejas definiram suas identidades. A Igreja sempre foi determinante na sociedade e na cultura ocidental, pelo menos até o advento da dita Idade Moderna. Na modernidade e contemporaneidade essa determinação sofreu uma mudança assustadora, pelo menos para a Igreja, que passaria a ser

¹¹⁴ MENDONÇA, Antonio Gouvêa. **O Celeste Porvir**: a inserção do protestantismo no Brasil. São Paulo: Paulinas, 1984, p. 57.

determinada pela sua relação com a cultura e a sociedade, nas e das quais está profundamente vinculada, daí o seu fechamento para o mundo moderno.

Citamos anteriormente, mas retomamos aqui que nos séculos XVIII, XIX e parte do XX os movimentos de maior impacto no cristianismo europeu foram, por certo, o Iluminismo, as Revoluções Francesa e Industrial, o Racionalismo, as relações de trabalho, o capitalismo industrial e comercial e uma série de outros movimentos ditos de secularização que solaparam da Igreja o seu papel regulador da sociedade.

Citamos também as críticas ácidas que Voltaire fazia à Igreja. A Filosofia, antes subjugada à Teologia, vai ter em Immanuel Kant uma projeção extraordinária quando este afirma que David Hume o acorda do sono dogmático e o faz romper com a Metafísica Clássica, grega e cristã. Neste despertar de Kant, outros filósofos o seguiram, construindo correntes de pensamento que estabeleceram uma nova forma de perceber a religião e conseqüentemente a maneira de perceber Deus, praticamente negando o seu ser. Na concepção filosófica kantiana, abraçada por muitos outros pensadores

a idéia metafísica de Deus é a idéia de um ser que não pode nos aparecer sob a forma do espaço e tempo; de um ser ao qual a categoria de causalidade não se aplica; de um ser que, nunca tendo sido dado a nós, é posto, entretanto, como fundamento e princípio de toda a realidade e de toda a verdade. Assim, a idéia metafísica de Deus escapa de todas as condições de possibilidade do conhecimento humano e, portanto, a metafísica usa ilegitimamente essa idéia para afirmar que Deus existe e para dizer o que ele é.¹¹⁵

Gonzalez faz uma defesa de Deus, afirmando que Kant não O nega. Para o autor quando Kant filosofa que

Se a existência, por exemplo, não é um dado que provém da realidade, mas é uma das categorias da mente, não há modo algum de provar a existência de Deus ou da alma. Tão pouco (sic) é possível falar de uma 'eternidade' que consista na ausência do tempo, posto que nossa mente não pode verdadeiramente conceber tal coisa.

Por outro lado, tudo isso não sofre uma negação absoluta de Deus, da alma ou da imortalidade. O que indica é simplesmente que, se tais coisas existem, a razão é incapaz de conhecê-las, **de igual modo que o ouvido não pode ver nem o olho ouvir** [grifo meu].¹¹⁶

¹¹⁵ CHAUÍ, Marilena. **Convite à Filosofia**. 5. ed. São Paulo: Ática, 1995, p. 234.

¹¹⁶ GONZALEZ, Justo. **A Era dos dogmas e das dúvidas**. V. 8. São Paulo: Vida Nova, 1984, p. 142. Uma História Ilustrada do Cristianismo

Fato é que as concepções de Kant e de outros pensadores modernos e contemporâneos questionadores sobre a religião, a fé, os dogmas, doutrinas e a Igreja, fizeram com que muitas se fechassem visando preservar sua identidade. O mundo passou a ser visto como um perigo para a fé. Até mesmo a Teologia se dividiu em posicionamentos antagônicos: de um lado a teologia tradicional, o conservadorismo e o fundamentalismo anti-ecumênico e por outro a teologia liberal e modernista, cada uma afirmando e negando a relação da Igreja com o mundo moderno.

Navarro afirma que foi a partir das posições extremas da Igreja e por conta do novo ordenamento do mundo europeu que se suscita um fenômeno: a necessidade de uma nova presença significativa dos cristãos na sociedade moderna. E isto aconteceu nas tentativas de presença

no mundo do trabalho, na universidade, na vida comunitária, que coincidem precisamente com a chegada maciça de pessoas que abandonam o campo e se amontoam em grandes bolsões de pobreza na periferia das cidades. Esse êxodo significa, por um lado, a perda de redutos confessionais herdados do princípio *'cuius regio, eius religio'*, que durante séculos mantivera católicos, luteranos e calvinistas separados geograficamente e sempre estranhos, quando não inimigos. Mas, por outro lado, o êxodo para as cidades significa a possibilidade do encontro e da descoberta mútua na medida em que há lugares comuns: a escola, o bairro, o trabalho, a universidade, as tarefas de beneficência... E começa-se a perceber que todas as tradições cristãs (sic) têm um tronco comum. Surge assim uma série de movimentos e instituições cristãs com uma influência decisiva para o futuro movimento ecumênico.¹¹⁷

Navarro indica, e Santa Ana concorda com ele, que foi a partir destes movimentos e instituições cristãs de juventude leiga, **associados**, que o moderno movimento ecumênico teve solo fértil para germinar e nascer.

Dentre os movimentos associativos Navarro destaca:

Associação Cristã de Moços (ACM/YMCA) – fundada em 6 de junho de 1844 por um grupo de doze jovens liderados por George Williams, na propriedade de W. D. Owen, em Londres. A Associação nasceu da necessidade que seus fundadores sentiram de pensar o mundo crítico da Revolução Industrial e discutir sobre os problemas de sua sociedade e as profundas transformações sócio-econômicas em curso, a introdução de jornadas de trabalho de seis horas, a

¹¹⁷ NAVARRO, 1995, p. 120.

erradicação do trabalho infantil e buscar um sentido de vida. Os objetivos da Associação eram a evangelizar a juventude operária urbana, promover estudos bíblicos e orações. Em menos de uma década após a fundação a ACM/YMCA tornou-se um movimento internacional. Segundo dados da própria ACM/YMCA, em 1845, a Associação já possuía uma sede própria em Londres e “um secretário profissional, T. H. Tarlton, para organizar a sede e promover uma série de programas que iam dos estudos bíblicos e aulas de línguas estrangeiras até sala de banhos e início de atividades de educação física.”¹¹⁸ No ano de 1855 a ACM/YMCA realizou a sua primeira Conferência Mundial, na cidade de Paris, na qual foi criada a Aliança Mundial das Associação Cristãs de Moços e aprovado o seu documento fundamental, a Base de Paris.

Segundo Matos, o fundador da ACM/YMCA, George Williams

foi influenciado pela obra *Lectures on revivals* (Preleções sobre avivamentos, 1835), do americano Charles G. Finney, associando o evangelismo ao trabalho social. A ACM logo se tornou conhecida como a missão das igrejas evangelísticas junto aos jovens. Seu período de maior vitalidade foi de 1870 a 1920, graças a líderes hábeis como o próprio George Williams, Anthony Ashley Cooper (conde de Shaftesbury), o evangelista Dwight L. Moody e John R. Mott, que foi secretário geral de 1915 a 1928. A entidade desse período dava ênfase ao desenvolvimento religioso, educacional, social e físico, visando promover elevados padrões de caráter e de cidadania cristã.¹¹⁹

Podemos afirmar que, por conta de sua liderança, A ACM tornou-se ecumênica e sofreu a crítica dos mais fundamentalistas e conservadores. Matos relata a reação à ACM de um dos destacados líderes evangélicos do Brasil nos seguintes termos

Nas primeiras décadas do século 20, a entidade sofreu um rápido processo de secularização. Escrevendo em 1931, o Rev. Erasmo Braga, que havia sido seu grande entusiasta, disse que a ACM e a ACF (Associação Cristã Feminina) já não deviam ser incluídas entre as forças evangélicas que atuavam no Brasil. O mesmo ocorreu no âmbito internacional. A Aliança Mundial, com sede em Genebra, envolveu-se com o movimento ecumênico e passou a concentrar-se em atividades como assistência a refugiados, direitos humanos e luta pela paz. Na esfera local, o objetivo passou a ser a ênfase numa perspectiva saudável da vida através do cultivo do corpo, da mente e do espírito.¹²⁰

¹¹⁸ HISTÓRIA de um movimento de amor. Disponível em <<http://www.ymca.org.br>>. Acesso em 25 de novembro de 2008.

¹¹⁹ MATOS, Alderi Souza de. **Ministério de Juventude**: conquistas e percalços de um movimento. Disponível em <<http://www.mackenzie.com.br/6984.98.html>>. Acesso em 25 de novembro de 2008.

¹²⁰ MATOS. **Ministério de Juventude**: conquistas e percalços de um movimento. Idem.

No ano de 1881, em sua IX Conferência Mundial, na cidade de Londres, os delegados aprovaram o emblema da ACM. O círculo lembra a ação da ACM nos cinco continentes. Ao centro as letras X (Qui) e P (Rô) do alfabeto grego, simbolizando a base da ACM: a vida, personalidade, ensino e obra de Cristo. No centro, a bíblia aberta no evangelho de João 17.21, texto da oração sacerdotal de Jesus Cristo, no seu ideal de que “todos sejam um” para que o mundo creia...



Associação de Mulheres Cristãs Jovens (YWCA) – fundada em 1855 na Inglaterra por Emma Roberts e Lady Kinnard com o objetivo de defender as causas femininas. A Associação realizou a sua primeira Conferência Mundial somente em 1890. Nesta Conferência compareceram mulheres representantes da Índia. Nasceu com forte marca ecumênica pois reunia mulheres das mais variadas denominações religiosas. Na atualidade a Associação é órgão consultivo da Organização das Nações Unidas (ONU) sobre questões referentes às mulheres.¹²¹



Federação Mundial de Estudantes Cristãos (WSCF) – fundado em 1895, na Suécia, este movimento tem sua origem no Movimento de Estudantes Voluntários para Missões Estrangeiras (SVM) organizado em 1886 e fundado em 1888 a partir do Centro de Conferências do evangelista Dwigth Lymon Moody, em Northfield, Massachussetts, nos Estados Unidos. Tanto um movimento quanto outro foram organizados e fundados por John R. Mott.

Podemos afirmar que a Federação Mundial de Estudantes Cristãos foi o mais importante movimento estudantil para o ecumenismo.

No sítio da Federação Mundial de Estudantes Cristãos encontramos a seguinte informação:

A WSCF foi fundada em 1895 pelo evangelista e ecumenista norteamericano John R. Mott, que possuía visão ecumênica e zelo

¹²¹ YWCA. **Quem Somos**. Disponível em <<http://www.ywca.org.br>>. Acesso em 28 de novembro de 2008.

missionário e também contribuiu para o início do Conselho Mundial de Igrejas.

Os estudantes que adentram para a os Movimentos Estudantes Cristãos são encorajados a estudar a sua fé cristã e seu mundo com a mesma profundidade e sentimento que aplicam em seus estudos. Os Movimentos de Estudantes Cristãos são renovados em suas aberturas e buscas por uma melhor forma de acreditar e por um forte compromisso com a justiça social.

Em 2004 a Assembléia Geral da WSCF afirmou as seguintes bases que guiam a visão da Federação:

‘A WSCF é uma comunidade global de Movimentos de Estudantes Cristãos, comprometidos com o diálogo, o ecumenismo, a justiça social e a paz.

Nossa missão é fortalecer estudantes no pensamento crítico e na transformação construtiva do nosso mundo para ser um espaço de oração e celebração, reflexão teológica, estudo e análises de processos sociais e culturais, solidariedade e ação atravessando fronteiras da cultura, gênero e etnicidade.

Por meio da obra do Espírito Santo, a WSCF é chamada a ser uma testemunha profética na Igreja e na sociedade.

A visão é direcionada por uma esperança radical do reino de Deus na história.¹²²

Aliança Mundial para a Promoção da Amizade Internacional por meio das Igrejas (WAIFC) – tendo como base de fundação a Conferência para a Paz em Haia, no ano de 1907, a Aliança, como era melhor conhecida, surgiu da visão e devoção de um leigo inglês, o Barão Willoughby Hyett Dickinson, que a fundou em Constance, na Alemanha no mês de agosto de 1914 com a ajuda da União pela Paz nas Igrejas que proclamava que as Igrejas poderiam promover a Paz Internacional.

A Aliança, desde o ano de 1907 mantinha relações estreitas com a União pela Paz nas Igrejas. Segundo os arquivos do CMI,

Junto a Dickinson, pessoas como Bispo Ammundsen de Hadrsløv da Dinamarca, Bispo Berggrav da Noruega, Dr. Henry A. Atkinson, Dr. Charles S. AMcFarland, Prof. Friedrich Siegmund-Schultze, Dietrich Bonhoeffer e Henry-Louis Henriod, Secretário Geral da Aliança Mundial e do Comitê Vida e Trabalho de 1933 a 1938, desempenham um importante papel na vida e atividade da Aliança.

A Aliança Mundial compreendia a si mesma como ‘uma livre organização trabalhando primeiramente em e através das igrejas pela causa da paz, em associação com outras ramificações do movimento ecumênico.’ Sua proposta era ajudar a substituir as razões e justificativas da guerra como um

¹²² **WHO are we?** Disponível em <<http://www.wscfglobal.org/>>. Acesso em 26 de novembro de 2008. Tradução livre do texto original: WSCF was founded in 1895 by the North American evangelist and global ecumenist John R. Mott. Mott's ecumenical vision and missionary zeal also contributed to the beginnings of the World Council of Churches.

Students who join an SCM are encouraged to study their Christian faith and their world with the same depth and passion they bring to their studies. SCMs are renowned for their openness to searchers as well as believers and for a strong commitment to social justice.

In 2004 the General Assembly of WSCF affirmed the following statement as the guiding vision of the federation:

"The WSCF is a global community of Student Christian Movements committed to dialogue, ecumenism, social justice and peace. Our mission is to empower students in critical thinking and constructive transformation of our world by being a space for prayer and celebration, theological reflection, study and analysis of social and cultural processes and solidarity and action across boundaries of culture, gender and ethnicity.

Through the work of the Holy Spirit, the WSCF is called to be a prophetic witness in church and society. This vision is nurtured by a radical hope for God's reign in history

significado de disputas por territórios internacionais pela cooperação com muitas agências seculares, igrejas, universidades, escolas e outros grupos trabalhando para o alcance da segurança coletiva e uma paz constante.¹²³

Ainda segundo os Arquivos do CMI

Entre os anos de 1933 e 1938 a Aliança junto com o Comitê Vida e Trabalho publicaram um jornal conjunto, “A Igreja em Ação”, e cooperou com a Imprensa Cristã Internacional e Serviço de Informação. Embora depois da guerra se tenha tentado restabelecer a Aliança em uma base internacional, ficou claro que seria impossível restaurar a velha organização. Como o Conselho Mundial de Igrejas e a Conferência Missionária Internacional criou a Comissão de Igrejas para Assuntos Internacionais, a Aliança se dissolveu em 1938.¹²⁴

Navarro e Santa Ana apontam outros movimentos associativos cristãos que contribuíram para compor o moderno movimento ecumênico de cristãos. São eles as Federações Mundiais ou Alianças de Igrejas. Dentre elas Navarro cita: Conferência de Lambeth (1867), Aliança de Igrejas Reformadas (1875), Conselho Metodista Mundial (1881), União dos Velhos Católicos de Utrecht (1889), Conselho Internacional Congregacionalista (1891), Aliança Batista Mundial (1905), Comitê Mundial de Irmãos (1920), Federação Luterana Mundial (1923) e Convenção Mundial das Igrejas de Cristo (1930). Embora algumas dessas Federações sejam posteriores à Conferência de Edimburgo, da qual trataremos adiante, tais organismos compuseram e contribuíram significativamente para o CMI, “em formação” a partir de 1948.

2.4.2 O CMI e as Conferências Missionárias

Além destes associativismos, Navarro indica que o movimento missionário também contribuiu para o moderno movimento ecumênico. O autor cita que a primeira Conferência Missionária internacional e interconfessional para discutir os rumos da atividade missionária realizou-se em Londres no ano de 1888. A segunda Conferência reuniu-se em Nova Iorque no ano de 1900.

Dias afirma que o movimento missionário serviu-se das Sociedades Bíblicas¹²⁵. As duas mais significativas eram a Sociedade Bíblica Britânica [e

¹²³ **WORLD Alliance for Promoting International Friendship through the Churches**. Disponível em <<http://archives.oikoumene.org/query/Detail.aspx?ID=40897>>. Acesso em 27 de novembro de 2008.

¹²⁴ **World Alliance for Promoting International Friendship through the Churches**. Idem.

¹²⁵ DIAS, Agemir de Carvalho. Caminhos do Ecumenismo. **Revista de História Regional**. Ponta Grossa: Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ano 9, v. 2, Inverno 2004, p. 69

Estrangeira], fundada em 1804 e a Sociedade Bíblica Americana. Ainda segundo Dias

A Sociedade Bíblica Britânica foi criada (...), com o objetivo incentivar a mais ampla circulação das Sagradas Escrituras. A ambição era colocar um exemplar da Bíblia na mão de cada ser humano alfabetizado, tendo como meta o impensável para os grandes tradutores da Bíblia – Jerônimo, Wycliffe, Erasmo e outros que haviam lutado pela Bíblia acessível, na mão do povo.¹²⁶

As Conferências missionárias serviram especialmente para resolver algumas questões. Ao mesmo tempo em que o movimento missionário

levou o cristianismo a lugares que até então ele não havia alcançado (...) também levou as suas contradições: foi nos campos missionários que a divisão do cristianismo se mostrou de fato escandalosa. Os líderes de diversas sociedades missionárias temiam que as rivalidades entre os seus enviados dificultassem o avanço do cristianismo. Apesar de todo o esforço empreendido, um século depois de iniciadas as atividades missionárias ainda eram pequenos os resultados.¹²⁷

Eis uma questão básica a ser resolvida pelas juntas missionárias. Havia uma problemática missionária mundial. Urgia aos delegados das Conferências responderem se a atividade missionária na África e Ásia efetivamente reconciliava as pessoas com Cristo ou criava conflitos com outras expressões religiosas e era intolerante. O âmago da questão era a seguinte: a atividade missionária era evangelizadora ou proselitista? E este era o desafio radical e o critério decisivo de avaliação de toda e qualquer atividade evangelizadora, decisivo inclusive para avaliar a autenticidade, em termos evangélicos, de qualquer esforço ou tentativa de ecumenismo.

Santa Ana corrobora esta informação ao afirmar que

no plano concreto da obra missionária, a nível local, surgia o escândalo das divisões. Como toda pedra de tropeço, impedia que o apreço pela mensagem de Jesus Cristo, pelo Evangelho, se transformasse em adesão às igrejas. Especialmente na Ásia a multiplicação dos esforços missionários levava à confusão: todos pregavam o mesmo Cristo, mas os missionários davam testemunho da rivalidade e até da intransigência e da intolerância. Diziam que Cristo reconciliava, mas nos atos as igrejas estavam divididas. A experiência, portanto, começou a ensinar que a unidade era necessária, que o diálogo e o entendimento eram imprescindíveis.¹²⁸

Tais problemas criavam fronteiras e barreiras entre as denominações que desenvolviam suas atividades missionárias. A questão a ser respondida estava

¹²⁶ DIAS, 2004, *idem*.

¹²⁷ DIAS, 2004, *ibidem*.

¹²⁸ SANTA ANA, 1987, p. 223

intimamente ligada ao modo de se fazer missão. E a missão estava ligada à questão expansionista. Notemos que as Conferências Missionárias foram realizadas pelas e em cidades das grandes potências imperialistas dos séculos XIX e XX, notadamente, Inglaterra e Estados Unidos da América.

Gonzalez amplia a descrição sobre as Conferências, destacando que

Nos Estados Unidos e na Grã-Bretanha houve uma série de conferências missionárias: Em Nova York e em Londres em 1854, em Liverpool em 1860, de novo em Londres em 1878 e 1888, e por fim em Nova York em 1900. Esta última foi chamada Conferência Ecumênica Missionária, usando ainda o termo *ecumênico* no seu sentido original de incluir “toda terra habitada”, ou seja, de ser uma conferência mundial. Pouco a pouco esse termo chegaria a ser usado pra se referir ao movimento de colaboração e unidade entre os cristãos.¹²⁹

2.4.3 A Conferência de Edimburgo

A Conferência de Edimburgo tem esta característica ecumênica pelo fato de que dela participaram não somente missionários protestantes, mas também representantes do anglicanismo, especialmente do bloco anglo-católico.

Como afirmado anteriormente, as Conferências pretendiam derribar as fronteiras denominacionais e missionárias e promover a cooperação missionária. Para nosso trabalho é importante destacar que a Conferência Missionária de Nova Iorque, em 1900, contou com a presença de John R. Mott, que era membro atuante da Associação Cristã de Moços e com grande experiência ecumênica. No ano de 1895 John Mott fundou a Federação Mundial de Estudantes Cristãos e como destacamos anteriormente e, em 1910, será a grande figura a presidir a Conferência Mundial Missionária em Edimburgo, que reuniu 1200 missionários de todo o mundo e será reconhecidamente a Conferência da gênese do Conselho Mundial de Igrejas. Sobre John R. Mott trataremos mais adiante.

Santa Ana destaca que o primeiro Secretário Geral do Conselho Mundial de Igrejas, Wilhem A. Visser't Hooft (1900-1985), ao publicar a obra *The Genesis and the formation of the World Council of Churches* no ano de 1982, não faz menção do movimento missionário e/ou das Conferências Missionárias como contribuintes

¹²⁹ GONZALES, Justo L. **A era dos novos horizontes**. V. 9. São Paulo: Vida Nova, 1983, p. 208. Uma história ilustrada do cristianismo.

para o movimento ecumênico moderno.¹³⁰ Entretanto, não se pode negar que o movimento missionário e suas Conferências, especialmente a partir da Conferência de Edimburgo e das demais reuniões promovidas pelo Conselho Missionário Internacional, ambos presididos por John R. Mott, são fundamentais para a organização do Conselho Mundial de Igrejas. Talvez uma das explicações para a negativa de Visser't Hooft esteja nas discussões que foram travadas nas Conferências Missionárias posteriores a Edimburgo, nas quais se afirmou a verdade absoluta do Cristianismo na sua relação com as religiões não-cristãs, salvo as reações de alguns teólogos como Speer, por exemplo.

Quando da reunião em Edimburgo, Navarro indica que participaram 159 sociedades missionárias. Deste número, 141 eram européias e norteamericanas. Apenas 18 eram de representantes de igrejas-jovens “não-européias”. A América Latina não foi considerada nesta Conferência pelo fato dos missionários europeus a verem como território evangelizado. Isso se explica, em certa medida, pelo fato de que a África fora tomada pelo Islamismo e a Ásia era território de adeptos de outras ditas grandes “religiões mundiais” e que precisavam ser conquistadas pelo evangelho de Cristo. A América foi colonizada e evangelizada pela Europa, portanto já era cristã.

Mendonça afirma que a expansão das missões esteve relacionada à expansão colonial do mundo anglo-saxão e que a Conferência de Edimburgo “forjou a idéia de um *corpus christianum* mundial e procurou centralizar os objetivos missionários nos povos considerados pagãos, como asiáticos e africanos”.¹³¹ E a decisão da comissão organizadora da Conferência de Edimburgo chocava-se com a forma de se fazer missão na América Latina.

Matos, historiador presbiteriano brasileiro, discute a questão de a América Latina ser desconsiderada na Conferência de Edimburgo. O autor destaca duas omissões da Conferência. A primeira delas refere-se à exclusão da discussão sobre questões de fé e ordem, mas que será resolvida posteriormente com a criação de um organismo próprio que mais tarde se integrará ao Conselho Mundial de Igrejas. A

¹³⁰ SANTA ANA, 1987, p. 229-230.

¹³¹ MENDONÇA, Antonio Gouvêa. Evolução histórica e configuração atual do Protestantismo no Brasil. In: MENDONÇA, Antonio Gouvêa; VELASQUES FILHO, Prócoro. **Introdução ao Protestantismo no Brasil**. São Paulo: Loyola, 1990, p. 31.

segunda omissão refere-se ao “não convite” da comissão organizadora da Conferência às sociedades missionárias que não trabalhavam entre povos não-cristãos. Para Matos, esta segunda omissão

visou assegurar a participação das sociedades alemãs, sensíveis quanto às missões metodistas e batistas na Alemanha, e dos anglo-católicos, que nutriam reservas quanto às missões protestantes entre povos de outras tradições cristãs. Isso implicou na exclusão das missões na América Latina, exceto aquelas dirigidas a indígenas pagãos.

A reação latinoamericana à Conferência de Edimburgo

A comissão organizadora da Conferência de Edimburgo, como afirmamos anteriormente, não convidou as sociedades missionárias que desenvolviam suas atividades entre povos cristianizados. E a América Latina era uma destas regiões. A postura da Conferência de Edimburgo em relação à América Latina sofreu reação por parte de missionários norte-americanos e pastores nacionais que trabalhavam na região pois sentiram-se ofendidos no que diz respeito às suas atividades. A impressão dos missionários e pastores era de desvalor dos seus trabalhos e da ilegitimidade protestante em território já cristianizado e que as suas atividades eram marcadamente proselitistas.

No início do ano de 1910, sabendo da decisão de excluir a América Latina das discussões acerca das atividades missionárias pela comissão organizadora do evento de Edimburgo, Erasmo Braga, pastor presbiteriano brasileiro, escreveu a Robert Elliot Speer, pastor presbiteriano norte-americano, secretário de missões estrangeiras da Igreja Presbiteriana dos Estados Unidos. Na correspondência a Speer, Braga comunica as principais resoluções da nova Assembléia Geral da Igreja Presbiteriana no Brasil.

Dentre as resoluções, Erasmo Braga “mencionou o protesto contra o ato da comissão organizadora da Conferência Missionária Mundial, a reunir-se naquele ano em Edimburgo, excluindo daquele encontro as missões protestantes que atuavam em países católicos romanos”.¹³²

¹³² MATOS. **Erasmo Braga e o movimento cooperativo evangélico no Brasil**. Disponível em <<http://www.mackenzie.br/7110.html>> Acesso em 13 de setembro de 2008.

E Speer, durante a Conferência de Edimburgo,

convidou alguns delegados interessados na América Latina para se reunirem informalmente e discutir as necessidades dessa região. Como resultado desses encontros, realizou-se em Nova York, em março de 1913, uma Conferência sobre Missões na América Latina, patrocinada pela Conferência de Missões Estrangeiras da América do Norte. Nessa oportunidade, foi organizada a Comissão de Cooperação na América Latina (CCAL), tendo como presidente e secretário respectivamente Robert E. Speer e Samuel G. Inman.¹³³

O Congresso do Panamá

A CCAL organizou o Congresso de Ação Cristã na América Latina, conhecido como o Congresso do Panamá, que se reuniu em 1916, na cidade com o mesmo nome. O Congresso foi uma reação à Conferência de Edimburgo. A voz de Speer era a justificativa que os protestantes desejavam para manter a atividade e presença missionária na América Latina cristianizada. E Speer era o líder do Congresso do Panamá. Em 1909 Speer havia lançado uma obra intitulada *Missions in South America* no qual expunha a necessidade da missão na América Latina e que foi importante para justificar a realização do Congresso do Panamá. Segundo Mendonça os motivos que fizeram com que Speer organizasse um Congresso Latino-americano foram:

A Igreja Católica não fora capaz de garantir a educação e a moralidade do subcontinente; não dera a Bíblia ao povo na sua própria língua; não formara clero idôneo, intelectual e eticamente; pregara um evangelho deformado e não tinha recursos para evangelizar toda a América latina.¹³⁴

O Congresso do Panamá embora contasse com a participação de 230 delegados de vários países latino-americanos como Peru, Chile, Argentina, Brasil, Colômbia, Porto Rico e Cuba, conforme relatório intitulado *Pan-americanismo: o problema religioso* publicado por Erasmo Braga, não fora mais que um encontro de representantes das sociedades missionárias que trabalhavam na América Latina. Do total de delegados, 145 moravam na América Latina, e apenas 21 eram latino-americanos natos. Do Brasil compareceram poucos representantes ao Congresso: os missionários Samuel R. Gammon, William A. Waddell e o metodista Hugh C. Tucker e os brasileiros natos Álvaro Reis, Eduardo Carlos Pereira e Erasmo Braga, todos presbiterianos.

¹³³ MATOS, Alderi Souza de. **Erasmo Braga e o movimento cooperativo evangélico no Brasil**. Idem.

¹³⁴ MENDONÇA, Antonio Gouvêa. Evolução histórica e configuração atual do Protestantismo no Brasil. In: MENDONÇA, Antonio Gouvêa; VELASQUES FILHO, Prócoro. **Introdução ao Protestantismo no Brasil**, p. 30-31.

Ao Congresso do Panamá se seguiram várias Conferências regionais com a finalidade de unir esforços de ação e evangelização. No Brasil foi realizado o Congresso do Rio de Janeiro que traçou as linhas de ação conjunta do protestantismo brasileiro e foi organizada a Comissão Brasileira de Cooperação no ano de 1920 com os objetivos de fundar escolas através de igrejas protestantes autônomas que se auto-sustentassem, a criar uma universidade para a elite educada e um Seminário Unido.

O Congresso de Montevideú

No ano de 1925 realizou-se o segundo Congresso de Ação Cristã da América Latina, na cidade de Montevideú. Novamente a personalidade de Speer se fez presente na defesa da importância do trabalho missionário na América Latina. A novidade nesse Congresso foi a mudança de estratégia missionária, especialmente por conta das desejadas autonomias das Igrejas nacionais em relação às Igrejas-mãe norteamericanas. O foco missionário seria a área de saúde, especificamente a medicina. Em sua pesquisa sobre os hospitais evangélicos brasileiros, Dias escreve, referindo-se a Speer, que

A sua palestra no Congresso se intitulou: Medical missionary work in south América. Nela expôs a precariedade da saúde na América Latina e a atuação de missões cristãs com foco no atendimento da Saúde em diversos países da América do Sul. O Congresso de Montevideú definiu o trabalho médico como uma das estratégias missionárias para a inserção do protestantismo na América Latina e despertou, em certa medida, uma ação social importante para o Protestantismo Brasileiro. Nos anos seguintes iniciou-se a abertura de diversos hospitais evangélicos no Brasil: Hospital Evangélico Goiano (1927); Hospital Evangélico de Pernambuco (1929); Hospital Evangélico de Rio Verde (1937); Hospital Evangélico de Sorocaba (1935); Hospital Evangélico de Curitiba (1943); Hospital Evangélico de Dourados (1946); Hospital Evangélico de Londrina (1948); Hospital Evangélico da Bahia (1961), entre outros.

O Congresso de Montevideú ainda foi dominado pelos missionários norteamericanos, mesmo contando com uma maior participação de latino-americanos. Matos escreve que “embora a participação de latino-americanos tenha sido maior (o pastor presbiteriano brasileiro Erasmo Braga foi eleito presidente do congresso), os norteamericanos ficaram a cargo da organização e presidiram todas as comissões”.¹³⁵

¹³⁵ MATOS, Alderi Souza de. Samuel Escobar e a Missão Integral da Igreja: Uma Perspectiva Latino-Americana. **Revista Vox Scripturae**. São Bento do Sul: União Cristã, Ano 8, N.1, jul 1998, p. 96.

O Congresso de Havana

Também denominado Congresso Evangélico Hispanoamericano, o Congresso reuniu-se no ano de 1929 na cidade de Havana, Cuba. As discussões e a tônica desse último Congresso Latino-americano faz juz por ser o derradeiro. O Congresso foi organizado, presidido e as discussões todas conduzidas por latino-americanos com assuntos referentes à nacionalização e o auto-sustento das igrejas evangélicas na América Latina. A exigência das Igrejas-mãe para conceder a autonomia era conhecida de todos: auto-governo, auto sustento e corpo pastoral nacional. O presidente deste Congresso foi um jovem metodista mexicano de 30 anos, jornalista e professor Gonzalo Baez-Camargo, que ao longo de sua vida publicou quase 50 obras sobre literatura e Bíblia.

As continuações latino-americanas

Finda esta série de três Congressos, a partir da década de 1940 o protestantismo latino-americano se organizou em torno de outros Encontros dos quais não nos ocuparemos aqui. São eles as Conferências Evangélicas Latino-americanas (CELA I – Buenos Aires, 1949; CELA II – em Lima, 1961 e; CELA III – Buenos Aires, 1969) e os Congressos Latino Americanos de Evangelização (CLADE I – Bogotá, 1969; CLADE II – Lima, 1979; CLADE III, Quito, 1992 e CLADE IV – Quito, 2000), marcadamente ecumênicos.

2.4.4 De Edimburgo a Genebra: a Conferência Internacional de Missões e o Conselho Mundial de Igrejas – do CIM ao CMI

A Conferência de Edimburgo teve desdobramentos que desembocaram no CMI. Santa Ana¹³⁶ destaca que o bispo reformado Willem Adolph Visser't Hooft escreveu em seu livro *The Genesis and formation of the World Council of Churches* acerca da imagem do rio que dá origem ao CMI. Da Conferência de Edimburgo partem três braços de rio que formarão posteriormente o caudaloso rio do Conselho Mundial de Igrejas, no qual navega o ecumenismo. Os nomes dos braços de rio são: Conselho Internacional de Missões, Movimento Vida e Trabalho e o Movimento de Fé e Ordem.

¹³⁶ SANTA ANA, 1987, p. 236.



Finda a Conferência de Edimburgo, líderes ecumenistas se preocuparam em responder, a partir de suas experiências, às questões mais práticas de um movimento ecumênico. Um deles foi **John R. Mott** (1865-1955), membro leigo da Igreja Metodista que trabalhou na organização da Conferência de Edimburgo e a presidiu.

Como já citado, Mott foi o organizador e fundador das principais organizações estudantis que trabalharam juntas para a consolidação do movimento ecumênico no século XX. Reconhecido como uma das figuras mais importantes do mundo ecumênico, Mott, após a Conferência de Edimburgo viajou para a região asiática de missões para organizar conferências missionárias. Como Secretário Geral da ACM e Presidente da Aliança Mundial da ACM fundou o Conselho Internacional Missionário. Mott deu a tônica da Conferência Internacional de Missões e das Conferências missionárias posteriores e das quais trataremos adiante. Nestas Conferências Mott enfatizava que as divergências teológicas e eclesiais eram uma realidade, mas não seriam entraves para a unidade visível dos cristãos. Dessa forma, Mott

destacou-se como líder das Conferências, promovendo o equilíbrio nas divergências organizacionais das comunidades eclesiais, sem que isso afetasse os objetivos ecumênicos. (...) em 1946 recebeu o Prêmio Nobel, por sua luta pela paz e por acolher pessoas politicamente perseguidas.¹³⁷

2.4.4.1 Primeiro braço do rio: O Conselho Internacional de Missões (e seus desdobramentos)

A despeito da reação latinoamericana à Conferência de Edimburgo, esta decidiu pela continuidade de seus trabalhos e nomeou um “Comitê de Continuação” que assentou as bases para a fundação do Conselho Internacional de Missões, o CIM.

¹³⁷ ANDREOLA, Balduino Antonio; RIBEIRO, Mario Bueno. **Andarilho da Esperança**: Paulo Freire no CMI. São Paulo: ASTE, 2005.

Santa Ana descreve que o “Comitê de Continuação” da Conferência de Edimburgo paralisou suas atividades a partir de 1914, por conta da Primeira Grande Guerra. O CIM passou a ser pensado a partir de 1920 e fundado em 1921 na cidade de Lake Monhonk, nos Estados Unidos e em 1924 estabeleceu seu escritório em Nova Iorque. O CIM nasceu como uma organização fundada a partir da adesão de dezessete sociedades missionárias, pelos esforços de John Mott. O CIM trabalhou até 1961 como “uma federação mundial de organizações missionárias e conselhos nacionais de igrejas”¹³⁸ Realizou seis Conferências internacionais sobre missões: Jerusalém (1928), Tambaram (1938), Whitby (1948), Willingen (1952), Achimota (1958) e Nova Delhi (1961) até aderir ao Conselho Mundial de Igrejas em 1961.

No ano de 1928 o CIM realizou sua **Conferência de Jerusalém**. Warren relata qual era o sentimento e quais foram os encaminhamentos do CIM na preparação desta Conferência de 1928. Segundo o autor

O movimento ecumênico de missões experimentava uma decepção. Sinais de problemas apareciam do grande encontro do Conselho Missionário Internacional (CIM) de Jerusalém em 1928, considerado pela velha geração de líderes como um marco do movimento. Desde 1925 os líderes do CIM tinham sentido que o movimento estava perdendo seu ímpeto, percebido nas atitudes negativas para com as missões no meio das igrejas. Eles esperavam que uma grande reunião internacional pudesse estimular um reavivamento. Uma sessão ampliada do conselho foi planejada para se encontrar em Jerusalém na primavera de 1928. Os membros regulares do Concílio, representantes nativos da Ásia e África, se encontrariam com teólogos e representantes de estudantes – todos para reorientar as missões cristãs para um mundo muito mudado desde a última Conferência de 1910. A preparação foi coordenada pessoalmente por Jon R. Mott, presidente do CIM fora de Nova Iorque, pelo secretário J. H. Oldham na Inglaterra e o secretário americano A.L. Warnshuis. Eles escolheram os assuntos e os autores dos textos preliminares da Conferência.¹³⁹

Ao se encontrarem em Londres, Mott e Oldham estavam preparando a Conferência de Jerusalém e estudando artigos sobre as relações entre o Cristianismo e outras religiões. Leram um artigo do Quaker Rufus Jones, escritor sobre o tema do Misticismo, que participava de um Comitê chamado Fé e Ordem, do qual trataremos adiante, que os deixou impressionados. Mott e Oldham tiveram

a mesma convicção instintiva de que uma nova religião, sem lugar para Deus estava ameaçando o Cristianismo e a civilização. Incapazes de defini-la, eles provisoriamente a chamaram de “racionalismo” e “materialismo”.

¹³⁸ SANTA ANA, 1987, p. 232.

¹³⁹ WARREN, Heather A. **Theologians of a new world order**: Reinhold Niebuhr and the Christian Realists – 1920-1948. London: Oxford University Press, 1997, p. 48.

Mott que era próximo de Jones e sua obra, sugeriu pedir-lhe que desenvolvesse a idéia. Jones a nomeou de “secularismo”.¹⁴⁰

Quando da Conferência em 1928, 231 delegados se reuniram (um quarto deles eram da África e Ásia) com uma importante tarefa, com a qual todos concordavam, de que se devia responder a seguinte pergunta: Qual a mensagem cristã os missionários devem nitidamente proclamar? A Conferência se debateu em posicionamentos mais conservadores e liberais e não chegaram a uma resposta efetiva. Warren destaca que as discussões foram findadas através da participação do arcebispo anglicano Temple e do presbiteriano Speer que construíram juntos o consenso que foi o coração da Conferência através da Declaração: “Cristo é o nosso motivo e Cristo é o nosso fim”. Warren encerra sua discussão sobre a Conferência de Jerusalém, que tratou basicamente do perigo do secularismo e da participação da igreja nas questões políticas e sociais, afirmando que esta não conseguiu reverter o declínio da força do CIM e que as crises mundiais que se seguiram afetarão duramente o organismo missionário.

A **Conferência de Tambaram**, na Índia, em 1938 tratou teologicamente da questão da mensagem cristã aos povos não-cristãos. Novamente os posicionamentos foram divergentes. Foi largamente discutido o tema da salvação universal e da revelação divina a todos os povos.

Dhavamony em sua obra *Ecumenical theology of world religions*¹⁴¹ destaca a figura de alguns dos principais teólogos da Conferência: Kraemer na sua concepção cristã fechada e de defesa de descontinuidade entre a fé cristã e as outras religiões; Reichelt que defendia a continuidade e a descoberta de pontos de contato do Cristianismo com outras religiões, usando a idéia joanina do Logos eterno e revelação geral; o teólogo Hogg defendia que nas religiões não-cristãs pode existir algo que conduz a pessoa em sua experiência religiosa, da mesma forma que no Cristianismo. Hogg afirmava que podemos fazer distinção entre fé não-cristã e religião não-cristã da mesma forma que podemos distinguir entre revelação em Cristo e Cristianismo empírico. O teólogo Moses considerou, com relação às religiões não-cristãs que a experiência religiosa e os sistemas religiosos expressam

¹⁴⁰ WARREN, 1997, Idem.

¹⁴¹ In: DHAVAMONY S.J., Mariasusai. **Ecumenical theology of world religions**. Documenta Missionalia – 29. Roma: Editrice Pontificia Università Gregoriana, 2003, p. 27-28.

um tipo particular do conhecimento e contêm nele a verdade e essa “verdade-valor” corresponde às necessidades religiosas básicas quais sejam a de possuir altos valores morais que devem ser conservados. A contribuição de Moisés na Conferência se deu também na sua concepção de **conteúdo** de revelação e revelação como **evento**. No geral esta Conferência tratou mais das relações e mensagem cristã ao mundo não-cristão que as Conferências anteriores com alguns avanços, especialmente no que diz respeito a abertura para o diálogo interreligioso.

No ano de 1947, reuniu-se a **Conferência de Whitby**, no Canadá. A reunião aconteceu fora da Europa, que estava em processo de reconstrução do pós-guerra. Muitos países cristãos europeus com regimes totalitários tragaram a vida de milhões de seus cidadãos. Estima-se que a foram mortos 70 milhões de pessoas nas duas grandes guerras do século XX (20 milhões na Primeira e 50 milhões na Segunda Grande Guerra). As relações estavam estremecidas entre os povos e era necessário repensar a problemática mundial. Na Conferência de Whitby as discussões estavam centradas mais em torno da importância da mensagem evangélica para um mundo e relações humanas esfacelados pela guerra do que debates em torno de “cristãos e não-cristãos”. O lema da Conferência foi “Parceria em obediência” e tratou de fazer a aproximação com o nascente Conselho Mundial de Igrejas. Para a Conferência a missão e a Igreja são inseparáveis e criou-se o conceito de missão da Igreja, que será repensado e mudado na próxima Conferência.

Os organizadores de uma nova conferência internacional decidiram pelo retorno a Europa e no ano de 1952 aconteceu a **Conferência de Willingen**, na Alemanha, cuja contribuição mais importante foi fixar

o conceito ainda vigente da *missio Dei*. A igreja cristã vive da missão de Deus e para a missão de Deus, por meio do envio de Jesus, o Filho, no poder do Espírito Santo. Afirmou-se aí que não existe pessoa cristã, discípula de Jesus Cristo, que não seja ao mesmo tempo missionária. Missão faz parte da autocompreensão e da definição do que seja *igreja*.¹⁴²

Assim, “tanto a Missão quanto a Igreja deveriam viver da *Missio Dei* e na *Missio Dei*”¹⁴³. Longhini destaca a figura do teólogo holandês J.C. Hoenkendijk que

¹⁴² ZWETSCH, Roberto E. Missão e Ecumenismo: desafios e compromissos. **Revista Caminhando com o Itepa**. Passo Fundo: Instituto de Teologia e Pastoral de Passo Fundo/RS, ano XX, n. 71, dez 2003, p. 12-31.

¹⁴³ LONGHINI NETO, Luiz. Missão das Igrejas, Missão de Deus. In: _____. **Pastoral como o novo rosto da Missão: um estudo comparativo dos conceitos de Pastoral e Missão nos Movimentos Ecumênico e Evangelical no Protestantismo Latino-americano 1960-1992**. Tese de Doutorado. São Bernardo do Campo: IEPG-CR, 1997, p. 4. (Tese de Doutorado).

afirmou: “quando a Missão tem como ponto central a Igreja, ela precisa mudar, pois tem um ponto central errado”¹⁴⁴. Foi nesta Conferência que se questionou a hegemonia européia e norteamericana nas missões e os delegados das “igrejas-jovens”, fruto das missões, declararam que apenas a unidade da Igreja permite o avanço da missão e a eficácia no testemunho dessa missão de Deus, que também é o missionário.

A penúltima Conferência organizada pelo CIM antes de sua integração ao CMI foi a **Conferência de Achimota**, em Ghana, África, em 1957/1958 na qual foi dito aos europeus e norteamericanos, pela primeira vez, segundo Brennecke, citado por Longhini, que “antes a Missão tinha problemas, hoje a Missão em si é um problema.”¹⁴⁵ Ainda na Conferência de Achimota se estabeleceu a provisão de recursos para ajudar na construção de instituições e de bibliotecas visando a melhor formação de liderança e ministros das igrejas que estavam unidas no propósito missionário.

A última reunião organizada pelo CIM foi a **Conferência de Nova Delhi**, Índia, no ano de 1961 e na qual decidiu-se pela fusão irrestrita do CIM ao CMI. Com a decisão a discussão se desenvolveu em torno da seguinte questão: se o Conselho Internacional de Missões, que era, especialmente, uma federação mundial de sociedades missionárias, por ter se fundido a um Conselho Mundial de Igrejas não teria a sua tarefa missionária prejudicada pela interferência direta das Igrejas que compunham tal Conselho? A resposta a esta questão se deu na Conferência do México, de 1963, quando o CIM não mais existia.

Não trataremos aqui destas Conferências posteriores a 1961, mas cabe destacar a resposta a pergunta sobre a missão que foi apresentada. De acordo com Longhini Neto

A partir da Conferência do México (1963), **o primeiro evento ecumênico de tal magnitude realizado na América Latina, a expressão “missão mundial” tomou realmente sentido** [grifo meu]. Falou-se da missão no e para os seis continentes. Desde então, não tem mais sentido relacioná-la como uma empresa dos países do ocidente cristão.¹⁴⁶

Com a fusão o CIM assumiu uma estrutura tripla dentro do CMI:

¹⁴⁴ LONGHINI NETO, 1997, idem.

¹⁴⁵ LONGHINI NETO, 1997, Ibidem.

¹⁴⁶ LONGHINI NETO, 1997, Ibidem.

- Comissão sobre Missões Mundiais e Evangelização (CMME), que se reúne a cada 18 meses (antes de denominar-se Comissão, chamava-se Divisão);
- Conferência sobre Missões Mundiais e Evangelização, que se reúne nos interstícios das Assembléias do CMI, a cada três anos e;
- Grupo de Trabalho, que se reúne ordinariamente para tratar de assuntos relacionados ao CMME.¹⁴⁷

A CMME desde 1961 é o organismo do CMI que assumiu as atividades do extinto Conselho Internacional de Missões nas convocações e organização das Conferências Missionárias Mundiais. As que se seguiram a Nova Delhi em 1961 foram: Conferência da Cidade do México, México (1963); Conferência de Bangkok, Tailândia (1972/1973); Conferência de Melbourne, Austrália (1980); Conferência de Santo Antônio, Texas, Estados Unidos (1989); Conferência de Salvador, Brasil (1996) e a Conferência de Atenas, Grécia (2005).

2.4.4.2 Segundo braço do rio: Movimento Vida e Trabalho

O Movimento Vida e Trabalho (*Life and Work*), ou Vida e Ação era o nome comum do importante Conselho para o Cristianismo Prático, fundado pelo arcebispo luterano sueco Lars Olof Jonathan (**Nathan**) **Söderblom** († 1866-V 1931). Navarro destaca que Söderblom “era um intelectual – professor das universidades de Upsala e Leipzig, com vários livros publicados (...) é também um obstinado militante a levar o testemunho cristão à sociedade europeia abalada por uma guerra devastadora.”¹⁴⁸



Söderblom definiu a Conferência de Edimburgo como a voz da consciência cristã no mundo e defendeu que o testemunho e ação diaconal (de serviço) da igreja estava acima das diferenças doutrinárias. O serviço que a Igreja presta à humanidade está acima das construções teóricas e teológicas humanas. A partir

¹⁴⁷ **WCC**. Commission on World Mission and Evangelism. Disponível em <<http://www.oikoumene.org/en/who-are-we/organization-structure/consultative-bodies/world-mission-and-evangelism.html>>. Acesso em 10 de dezembro de 2008.

¹⁴⁸ NAVARRO, 1995, p. 131.

desta compreensão evangélica do serviço cristão é que Söderblom fundou o Conselho para o Cristianismo Prático.

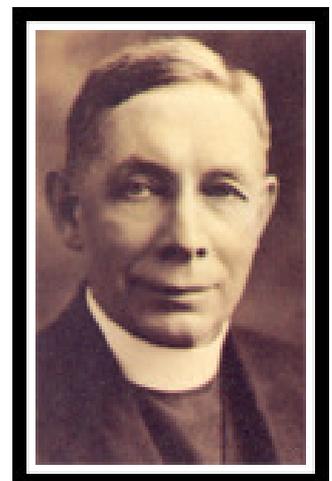
No ano de 1920 Söderblom convocou uma reunião em Genebra que preparou a Conferência de Estocolmo, realizada em 1925. Nesta Conferência originária do Movimento de Vida e ação a pauta tratou acerca das questões econômicas e industriais, sobre as questões morais e sociais, sobre as relações internacionais, sobre a educação cristã e sobre a cooperação e alianças entre as federações de igrejas. Por sua atuação como cristão devoto ao bem-estar humano, Söderblom foi agraciado com o Premio Nobel da Paz, em 1930.

Na segunda Conferência do Movimento de Vida e Trabalho, ocorrida em Oxford no ano de 1937, discutiu-se o tema *“Igreja, Nação e Estado”*. Segundo Thils, citado por Navarro, a definição da Conferência de Oxford era: “os delegados vieram a Oxford falando de Igrejas e voltaram falando de apenas uma Igreja”¹⁴⁹

Basicamente a atuação do Movimento de Vida e Trabalho tinha uma tarefa que era a de “unir todos os cristãos numa ação comum em todos os domínios da vida humana com a finalidade de estabelecer nela ao reino de Deus.”¹⁵⁰

2.4.3.3 Terceiro braço do rio: Movimento de Fé e Ordem

Se na primeira Conferência do Movimento de Vida e Trabalho, de 1925 os delegados afirmavam que “a doutrina separa, a ação une”, será na cidade de Lausanne, no ano de 1927 que será possível uma Conferência sobre as questões de Fé e Ordem, ou ainda **Fé e Constituição**, com a participação de católicos ortodoxos, anglicanos e protestantes para discutir os pontos de unidade nas questões doutrinárias. Uma das figuras mais importantes desta Conferência foi **Charles Henry Brent** (¶ 1862-∇ 1929), canadense de nascimento, ordenado bispo da Igreja Episcopal dos Estados Unidos. Em 1910 Brent foi um dos líderes da Conferência de Edimburgo e defendia tenazmente



¹⁴⁹ NAVARRO, 1995, p. 131.

¹⁵⁰ NAVARRO, 1995, p. 130.

a necessidade de um acordo sobre diferenças doutrinárias entre as igrejas. Segundo Brent, somente através deste acordo seria possível a unidade cristã. Brent foi considerado no meio ecumênico mundial como o primeiro apóstolo da unidade visível das igrejas. A sua compreensão de unidade, que passava pelas vias doutrinárias, fez com que fundasse a Conferência Internacional sobre questões de Fé e Ordem. Na sua luta pela unidade doutrinária entre as Igrejas, Brent, se aliou a um leigo episcopal chamado Robert Hallowell Gardiner III (¶ 1855-v 1924), uma das figuras mais marcantes sobre as questões doutrinárias entre os cristãos.

Embora Gardiner III não seja o grande líder do Movimento de Fé e Ordem a aparecer, por ter falecido antes da organização do movimento, cabe destacar aqui a obra de John F. Woolwerton intitulada *“Robert H. Gardiner and the Reunification of Worldwide Christianity in the Progressive Era”*. Para produzir esta obra Woolwerton acessou registros familiares, leu onze mil cartas, palestras e artigos produzidos por Gardiner III a fim de construir, enquanto analisa e infere, a sua biografia e trajetória de luta pela cooperação mundial entre as igrejas cristãs. Gardiner III atuou durante a chamada Era Progressiva nos Estados Unidos ou o período de maior crescimento e progresso da nação marcadamente entre os anos de 1890 e 1920.

Da cidade de Gardiner, em homenagem aos seus antepassados, o rico leigo episcopal produziu milhares de cartas nas quais apela para a reunificação do cristianismo mundial considerando as questões doutrinárias. Na sua luta, Gardiner III estabeleceu diálogos com as igrejas ortodoxas, protestantes dos Estados Unidos e Europa e com a Igreja Católica Romana, além de dialogar com John Mott e importantes figuras de liderança denominacional e da política norteamericana.

Brent, aliado a Gardiner III, trabalhou intensamente para a realização de uma Conferência Internacional para tratar sobre as questões doutrinárias entre os cristãos. Nas discussões preparatórias desta Conferência, no ano de “1919 uma delegação americana visita as Igrejas ortodoxas e o Vaticano com vistas a ampliar o número de participantes. Roma, uma vez mais, não autoriza sua representação na conferência.”¹⁵¹ Outras reuniões preparatórias de uma Conferência Internacional

¹⁵¹ NAVARRO, 1995, p. 132.

acorreram até que se celebrou em agosto de 1927 a Conferência de Lausanne, sob a presidência de Brent.

Navarro cita que estiveram presentes 108 igrejas diferentes na Conferência e na pauta os delegados discutiram sobre sete temas: “Chamado à unidade; 2) A mensagem da Igreja ao mundo: o evangelho; 3) Natureza da Igreja; 4) A confissão de fé; 5) O santo ministério; 6) Os sacramentos; e 7) A unidade da cristandade e das igrejas atuais.”¹⁵² Navarro afirma ainda que duas correntes de pensamento surgiram e permearam as discussões acerca das doutrinas na Conferência: uma católica, ligada aos anglicanos e ortodoxos e outra protestante, ligada aos reformados. E as correntes de pensamento acordaram na lealdade confessional e na franqueza absoluta ou seja, identidade doutrinária e abertura ao diálogo.

A segunda Conferência do Movimento de Fé e Ordem ocorreu em 1937 na cidade de Edimburgo. A direção do organismo passou do protestante Brent, falecido em 1929, para o anglo-católico William Temple que presidiu a segunda Conferência. Nesta foram discutidos cinco temas: “1) A graça de Jesus Cristo; 2) A Igreja de Cristo e a palavra de Deus; 3) A comunhão dos santos; 4) A Igreja: ministério e sacramentos; e 5) A unidade da Igreja na vida e no culto.”¹⁵³

Grande parte dos temas tratados nas duas Conferências de Fé e Ordem referiam-se às discussões doutrinárias ocorridas ao longo da história da Igreja, especialmente nos movimentos de reforma do século XVI.

2.4.5 A formação do CMI: os braços de rio se unirão num só rio

No início da década de 1920 o Patriarcado Ecumênico de Constantinopla (Patriarcado Ecumênico Ortodoxo) propôs, publicamente, a necessidade de criação de um órgão permanente de comunhão e cooperação de todas as Igrejas conhecido como uma “Sociedade de Igrejas” (Κοινωνία των Εκκλησιών), à semelhança da “Sociedade de Nações” (Κοινωνία των Εθνών) proposta logo após a Primeira Guerra Mundial.

¹⁵² NAVARRO, 1995, *idem*.

¹⁵³ NAVARRO, 1995, *ibidem*.

A partir da Conferência de Edimburgo os movimentos dela originados (**Vida e Trabalho e Fé e Ordem**) organizaram para o mesmo ano de 1937 as suas Conferências Internacionais. No interstício de suas Conferências os Movimentos, juntamente com outros organismos ecumênicos fortaleceram a idéia de juntarem-se a fim de formar um Conselho Ecumênico de Igrejas. Sánchez relata que

Nas vésperas das Conferências de Vida e Ação em Oxford e de Fé e Constituição em Edimburgo, em 1937, reuniram-se em Londres 35 representantes desses dois e de outros cinco movimentos ecumênicos mais importantes (...): Aliança Universal para a Amizade entre as Igrejas, Conselho Internacional de Missões, Aliança Mundial das Associações Cristãs de Moços, Aliança Mundial das Associações Cristãs Femininas e Federação Universal dos Movimentos de Estudantes Cristãos. Tratava-se de estudar a possibilidade de constituir um Conselho Ecumênico de Igrejas. Superando os receios mútuos, os participantes acabaram por recomendar às duas conferências que nomeasse sete membros, constituindo assim o “comitê dos 14”, com a finalidade de ultimar o projeto.¹⁵⁴

Em maio de 1938 o “Comitê dos 14” se reuniu em Utrecht para formular o projeto de criação do CMI, redigir o Estatuto e definir as Bases do Conselho. Da reunião se formou o “Comitê Provisório” que fez duas reuniões em que esboçou o ante-projeto do organismo. As reuniões aconteceram em Clarens, Suíça em agosto de 1938 e em Saint-Germain, na França em janeiro de 1939. Com a declaração da Segunda Grande Guerra, os trabalhos sobre o CMI foram suspensos e retomados após cessar o grande conflito. O período de 1938 a 1948 é conhecido como o do “CMI em formação”.

Assim se constituiu o CMI, no Westfield College em Londres, numa reunião entre os dois Movimentos resultantes da Conferência de Edimburgo e de outros movimentos estudantis e federativos. Na reunião foi definido o nome do futuro organismo: **CONSELHO MUNDIAL DE IGREJAS** (World Council of Churches, em inglês e Conseil Oecumenique des Églises, em francês).

Como regra de constituição ficou acordado entre os Movimentos que esta nova organização

não terá poder para legislar em nome das igrejas e nem para comprometê-las a uma ação sem o seu consentimento; mas, se for eficaz, merecerá e ganhará o respeito das igrejas até o ponto em que seus membros mais eficientes estejam dispostos a dedicar tempo e reflexão ao trabalho da organização’. Também deverão participar os leigos que ocupem ‘postos de responsabilidade e influência no mundo secular’, (...). S. McCrea Cavert

¹⁵⁴ SÁNCHEZ S.J., Jesus Hortal. **E haverá um só rebanho**: história, doutrina e prática católica do Ecumenismo. 2. ed. São Paulo: Loyola, 1996, p. 191.

(Estados Unidos de América) propôs o nome de 'Conselho Mundial de Igrejas'.¹⁵⁵

Os dois Movimentos reunidos em Oxford e em Edimburgo, em 1937 deixaram de trabalhar como movimentos isolados, decidindo pelos esforços de serem um só organismo. Reunidos em Utrecht, em maio de 1938, ambos Movimentos criaram o comitê provisório do CMI "em processo de formação". O arcebispo de Iorque, William Temple, foi designado Presidente, e Willem Adolph Visser't Hooft, dos Países Baixos, o primeiro Secretário Geral.

O "comitê provisório" lançou as bases do atual CMI, definindo sua estrutura no que respeita a sua base, sua autoridade. Em outubro/novembro de 1938, o comitê provisório enviou cartas-convite a 196 igrejas, convidando-as a aderir e compor o grande movimento ecumênico moderno. O presidente do organismo, Temple, fez também uma carta-convite pessoal ao Secretário de Estado do Vaticano para acompanhar os trabalhos do CMI "em formação".

No ano de 1939, em Tambaram, Índia, o Conselho Internacional de Missões, fundado por John Mott, e composto por várias sociedades missionárias também expressou, à maneira das duas Conferências anteriores, o interesse em formar também um Conselho Mundial de Igrejas, mas em separado das outras duas Conferências. Várias das sociedades missionárias que integravam o Conselho Internacional de Missões temiam que as grandes denominações norteamericanas e européias não reconhecessem a importância de igrejas menores em sua constituição. Assim, as igrejas menores contribuíram para que o Conselho Internacional de Missões se "associasse" ao CMI "em formação" no ano de 1948 e se integrasse definitivamente ao organismo em 1961.

Após sua constituição, em 1938, no ano seguinte o comitê provisório do CMI "em formação" planejou sua Primeira Assembléia para agosto de 1941, mas o início da Segunda Grande Guerra adiou a consolidação do organismo. Entre os anos de 1940 e 1946, período em que durou a Guerra, o comitê provisório não avançou muito nas questões mais organizacionais, entretanto, sob a direção de seu Secretário-geral, Visser't Hooft, o CMI sediado em Genebra, desenvolveu várias

¹⁵⁵ Disponível em <<http://wwc-coe.org>>. Acessado em 10 de dezembro de 2008.

atividades que contribuíram para o testemunho supranacional das igrejas cristãs a ele vinculados: serviço de capelania, atividades entre prisioneiros de guerra, assistência aos judeus e refugiados de guerra, contatos com igrejas e seus dirigentes para ajudas intereclesiais e atividades de reconciliação depois do término da Guerra.

Finda a Segunda Grande Guerra, o comitê provisório se reuniu em Genebra no ano de 1946 e em Buck Hills, estado da Pennsylvania, EUA, em 1947, afirmando que a partir da trágica experiência da Guerra as igrejas deveriam tornar visível uma comunidade de reconciliação. No ano de 1948 noventa igrejas aceitaram o convite do CMI e a ele aderiram.

Para a realização de sua Primeira Assembléia, em 1948, O CMI estabeleceu critérios com base aos quais uma igreja ou denominação pudesse aderir à sua organização, desejando assim a formatação de uma representação que fosse ao mesmo tempo confessional e geográfica.

O principal requisito para ser membro era aceitar a base sobre a qual o CMI havia sido constituído. Outros requisitos diziam respeito à autonomia das igrejas, sua estabilidade e suas boas relações com outras igrejas ou denominações. Alguns membros do CMI defendiam que a composição do organismo deveria ser, fundamentalmente, por conselhos nacionais de igrejas ou de famílias confessionais mundiais. Esta defesa não foi adequada para a formação do CMI, mas sim o argumento de que o organismo deveria estar em contato direto com as igrejas nacionais.

Feita a composição do CMI “em formação” com suas igrejas-membro, foi preparada e realizada a Primeira Assembléia. As organizações confessionais mundiais, os conselhos nacionais de igrejas¹⁵⁶ e organismos ecumênicos internacionais puderam participar como observadores, mas sem direito a voto.

No dia 22 de agosto de 1948, na cidade de Amsterdam, Holanda, 147 igrejas de 44 países que representavam, de algum modo, a todas as famílias confessionais

¹⁵⁶ No Brasil, em meados da década de 1980 foi criado o CONIC (Conselho Nacional de Igrejas Cristãs), do qual faz parte também a Igreja Católica Apostólica Romana. As grandes denominações religiosas são autônomas e formam igrejas nacionais (batistas, presbiterianos, metodistas, luteranos, pentecostais, etc)

do mundo cristão, com exceção da Igreja Católica Apostólica Romana, reuniram-se para a fundação do CMI. No dia 23 de agosto de 1948 o CMI veio formalmente à existência e foi aprovada a sua Constituição com a seguinte mensagem:

Cristo nos tem feito seus, e ele não está dividido. Ao buscá-lo, temos encontrado uns aos outros. Aqui em Amsterdam nos reconsagramos a ele, e temos pactuado uns com os outros a constituir este Conselho Mundial de Igrejas. Estamos firmemente decididos a permanecer unidos.¹⁵⁷

A não participação da Igreja católica romana se deu pela proibição do Vaticano. Sánchez destaca que

Em virtude das recusas anteriores, a Igreja católica romana não tinha sido convidada oficialmente. Houve, porém, convite a diversos teólogos católicos, a título pessoal. Mas o Santo ofício, em 5 de junho de 1948, publicou uma severa advertência (*monitum*) proibindo a participação de católicos em reuniões ecumênicas, de acordo com o que estava disposto no Código de Direito Canônico de 1917.¹⁵⁸

Assembléia de 1948 teve importância significativa para o CMI, pois definiu, de forma geral, sua Constituição, suas tarefas e de forma mais específica, o comportamento e posição do organismo frente a decisões políticas, seus programas e seus pressupostos. Deste encontro fundante o CMI foi autorizado a formular mensagens comuns para as igrejas e para o mundo, em seu nome, como “uma associação fraternal de igrejas que aceitam Nosso Senhor Jesus Cristo como Deus e Salvador”¹⁵⁹. Ao todo compareceram 1300 pessoas à Assembléia fundacional cujo tema foi “*A desordem do homem e o desígnio de Deus.*”

Em 1954 o CMI realizou a sua Segunda Assembléia Geral, na cidade de Evanston, EUA. A reunião foi desconfortável por conta da reorganização do mundo pós-guerra e do macarthismo¹⁶⁰ e, especialmente na Assembléia, por conta dos delegados das Igrejas do Leste europeu. Santa Ana aponta a tensão vivida. Segundo ele a Assembléia de Evanston é marcada pela época do

auge do macarthismo nos EUA; que na URSS o despotismo stalinista chegou ao máximo; que tanto Inglaterra como França dificilmente aceitavam as conseqüências do processo de libertação de suas antigas colônias. Para os cristãos era muito importante poder dar testemunho de que em meio a todas estas circunstâncias, Jesus Cristo era a esperança.¹⁶¹

¹⁵⁷ Notas disponíveis, em sua maioria, em: <http://www.wcc-coe.org> (portal do CMI)

¹⁵⁸ SÁNCHEZ S.J., 1996, p. 192.

¹⁵⁹ NAVARRO, 1995, p. 135.

¹⁶⁰ Macarthismo é a atitude política radicalmente infensa ao comunismo, que se desenvolveu nos Estados Unidos, com a campanha desencadeada pelo Senador Joseph Raymond McCarthy, quando presidente do Senate's Government Operations Committee e; qualquer atitude anticomunista radical. In: SALGADO, Carolina; DEFELIPPE, Elisa; PRIMO, Bárbara. **MACARTISMO**. Disponível em < <http://www.historia.uff.br/nec> >. Acesso em 12 de janeiro de 2009.

¹⁶¹ SANTA ANA, 1987, p. 240.

E este foi o tema da Segunda Assembléia: *Cristo, única esperança do mundo*. Santa Ana¹⁶² aponta ainda que os delegados da Assembléia levaram em consideração a teologia do laicato do católico romano Yves Congar e o CMI deu um passo significativo na abertura para a participação dos leigos tanto no movimento ecumênico quanto nas Igrejas-membro do CMI. Ainda nesta Assembléia os católicos romanos não participaram oficialmente.

Na Terceira Assembléia, em 1961, na cidade de Nova Delhi, Índia, o Conselho Internacional de Missões aderiu definitivamente ao CMI constituído e o Conselho Mundial de Igrejas foi oficializado. Os dois Movimentos de Vida e Trabalho e de Fé e Ordem, bem como o Conselho Internacional de Missões tornaram-se, a partir desta Assembléia, Comissões permanentes do Conselho Mundial de Igrejas.

Em outubro de 1958 Angelo Giuseppe Roncalli foi eleito papa, assumindo o nome de João XXIII. O papa de 77 anos, eleito como um “pontífice de transição” foi uma das figuras mais interessantes da Igreja católica romana. Possuía espírito ecumênico, tolerante e conciliador e estabeleceu contatos e diálogo com cristãos de outros blocos do cristianismo como protestantes e ortodoxos. Cognominado de Bom Pastor (*Pastor Bonus*), João XXIII criou em 5 de junho de 1960 o Secretariado para a Promoção da Unidade dos Cristãos. Em 25 de janeiro de 1959 o papa João XXIII anunciou o Concílio Vaticano II e no dia 14 de junho do mesmo ano usou pela primeira vez a palavra “aggiornamento”. Santa Ana considera que João XXIII foi um dos influenciadores dos rumos da Assembléia do CMI, de Nova Delhi, em 1961. Nesse sentido ele afirma que

o começo do Concílio Vaticano II, da Igreja católica Romana, influiu na terceira Assembléia do CMI. Convocado por João XXIII, fez com que o CMI precisasse ainda mais sua concepção da unidade cristã. O Concílio Vaticano II popularizou a palavra *aggiornamento*: tratava-se de por em dia, de acordo com os tempos modernos, a vida da Igreja. Para o CMI o problema se apresentava da seguinte maneira: como entender a unidade nesse período da vida do povo de Deus? A resposta destacou a importância das igrejas locais: na declaração de Nova Delhi sobre a unidade acentuou-se que a unidade se dá quando todos os crentes e batizados, *em cada lugar*, participam juntos da mesma fé através do reconhecimento mútuo na eucaristia, em torno da mesa do Senhor.¹⁶³

¹⁶² SANTA ANA, 1987, p. 241.

¹⁶³ SANTA ANA, 1987, p. 243.

Na Assembléia de 1961 também houve importante participação dos católicos, representados na sua maioria por ortodoxos russos, romenos, búlgaros e poloneses. A Igreja católica romana participou oficialmente com uma delegação. Com a filiação de mais igrejas-jovens, houve uma paridade com as igrejas-mães. O tema da Assembléia foi: *Cristo, luz do mundo*.

Em julho de 1968 aconteceu a Quarta Assembléia do CMI, em Upsala, na Suécia. Realizada em período de pós Vaticano II. É o ano das grandes manifestações estudantis iniciadas em Paris e espalhada pela Europa, especialmente Espanha, Alemanha, Polônia, ex-Tchecoslováquia, Bélgica, Itália e Inglaterra. Os ventos das manifestações estudantis chegaram também no continente americano, atingindo Brasil, Argentina, Uruguai, Colômbia, Venezuela, México e Estados Unidos. Na América Latina se faz ouvir o grito dos oprimidos com a emergência da Teologia da Libertação. O Concílio Vaticano II publica o Decreto *Unitatis Redintegratio*. Os temas da Assembléia foram próprios do momento vivido: “1) O Espírito Santo e a catolicidade da igreja; 2) Renovação na missão; 3) O desenvolvimento econômico e social do mundo; 4) Em busca de justiça e paz nos assuntos internacionais; 5) O culto; e 6) Em busca de novos estilos de vida”.¹⁶⁴ O clamor da juventude se fez presente na Assembléia reivindicando a mudança estrutural do CMI. No documento *Informes, declaraciones, alocuciones*, citado por Navarro destaca-se a mensagem da Assembléia: “O movimento ecumênico deve tornar-se mais intrépido e mais representativo. Nossas Igrejas devem reconhecer que este movimento nos obriga à renovação...”¹⁶⁵ Necessária e corajosamente a Assembléia adotou o Programa de combate ao racismo. O tema era difícil de ser tratado. Na Assembléia anterior, em Nova Delhi, duas Igrejas Reformadas Holandesas se retiraram do CMI devido à questão racial. O tema da Assembléia foi *Eu torno novas todas as coisas*.

No interstício da Quarta para a Quinta Assembléia, no ano de 1971, o Conselho Mundial de Educação Cristã, cujas raízes remontam ao movimento das Escolas Dominicais do século XVIII, também aderiu ao Conselho Mundial de Igrejas. O ano de 1975 foi de significância extrema para os países africanos de fala

¹⁶⁴ NAVARRO, 1995, p. 142.

¹⁶⁵ NAVARRO, 1995, Idem.

portuguesa, por conta da libertação do jugo colonial. Este tema da libertação retomaremos no capítulo seguinte quando trataremos da presença de Paulo Freire no CMI.

Em 1975 realizou-se a Quinta Assembléia do CMI em Nairóbi, capital do Quênia, na África. No tema geral da Assembléia há uma expressão recorrente: **Libertação**. A consideração que se pode fazer desta Assembléia é que havia um perigo de “desunidade” dentro do próprio CMI. Podemos inferir que estas dificuldades se davam motivadas pelas corajosas decisões da Assembléia anterior e da adoção de programas de luta contra a opressão, pela concordância em assegurar os direitos individuais, da juventude, das mulheres, das Igrejas-jovens. A política do CMI passou a ser questionada ou, como indica Navarro, “duramente criticada” pelos grupos mais tradicionais e conservadores. Mesmo em meio às críticas, provavelmente de grupos que destinavam mais aportes financeiros, a Assembléia se reúne na África tratando das seguintes questões: “1) Confessando Cristo hoje; 2) O que a unidade requer; 3) Em busca de comunidade: a busca comum de pessoas de fé, cultura e ideologias diversas; 4) A educação para a libertação e para a comunidade; 5) Estruturas de injustiça e lutas pela libertação; e 6) Desenvolvimento humano: ambigüidades do poder, a tecnologia e a qualidade de vida. A Igreja católica romana se fez presente com uma delegação crescente de 16 observadores. O tema da Assembléia foi *Jesus Cristo liberta e une*.

No ano de 1982 foi aprovado pela Comissão de Fé e Ordem do CMI o documento BEM: Batismo, Eucaristia e Ministério. Discutido desde 1927 em Lausanne, o tema ocupou mais de meio século de debates para ser publicado e encaminhado às Igrejas que compõem o CMI. O documento é emblemático para o movimento ecumênico e foi concluído na reunião da Comissão de Fé e Ordem realizada no Peru. Conhecido como a Liturgia de Lima, o documento foi utilizado a partir da Assembléia seguinte do CMI.

A Sexta Assembléia Geral aconteceu em Vancouver, Canadá, em 1983. A preocupação da Assembléia era com o tema da vida, constantemente ameaçada pelos regimes ditatoriais e pela corrida armamentista. Povos e nações viviam amedrontados e controlados ideologicamente. A Assembléia assumiu um

compromisso pela vida, expresso no tema *Jesus Cristo, vida do mundo*. Santa Ana descreveu bem o contexto da época e as preocupações da Assembléia ao reproduzir a mensagem de abertura que declara:

A corrida armamentista absorve em toda parte grande quantidade de recursos que são desesperadamente necessários para manter a vida humana. Os que ameaçam com o poderio militar estão jogando com políticas de morte. Vivemos todos um momento de crise (...) A vida, dom excelso de Deus, deve ser protegida quando a segurança nacional é utilizada como excusa a um militarismo arrogante. As raízes da paz são feitas de justiça.

A vida é um dom que recebemos. Contemplamos esse dom de Deus com perene gratuidade. No culto de abertura da Assembléia uma mãe ergueu seu filho na mesa do Senhor. Era um sinal de esperança e de continuidade da vida. (...) As forças da morte são poderosas, mas mais poderoso é do dom da vida em Cristo. Comprometemo-nos a viver esta vida com todos os seus riscos e alegrias, e por isso com todas as hostes celestes nos atrevemos a proclamar: 'Onde está, ó morte, tua vitória? Cristo ressuscitou. Ressuscitou verdadeiramente.'¹⁶⁶

A Igreja católica romana se fez presente com uma significativa delegação composta por 20 observadores.

No início do ano de 1991, reuniu-se a Sétima Assembléia do CMI na cidade de Camberra, Austrália como o tema *Vem Espírito Santo e renova toda a criação*. Dividida em quatro seções, a Assembléia tratou de temas que são programáticos do CMI como ecologia, do Programa Justiça, Paz e Integridade da Criação, o racismo, do Programa de combate ao racismo. Tratou também de questões teológicas e da espiritualidade ecumênicas, sendo de extrema importância o documento BEM para as definições do CMI no que diz respeito ao reconhecimento recíprocos da ministração dos sacramentos de batismo e eucaristia e da mutualidade dos ministérios. A Assembléia recebeu próximo ao se encerramento um documento dos católicos ortodoxos em que estes expressavam as preocupações com o perigo de desvirtuamento dos ideais ecumenistas dos fundadores do CMI. Os ortodoxos afirmaram que estava ocorrendo uma distorção crescente das bases do CMI. O documento era dirigido diretamente à Comissão de Fé e Ordem, que foi exortado a ocupar lugar de maior destaque nas diferentes formas de expressão (pluralidade de visões) do CMI.

¹⁶⁶ SANTA ANA, 1987, p. 246.

A preocupação da Assembléia foi com a possibilidade dos ortodoxos se retirarem do CMI, por questões teológicas. A pergunta final no documento era preocupante: “Terá chegado o momento de as igrejas ortodoxas e outras Igrejas-membros reverem suas relações com o Conselho Ecumênico de Igrejas?”. Os ortodoxos se mantêm no CMI e têm papel importante no Conselho, compondo inclusive o Comitê Central, que é o órgão decisório do CMI nos interstícios das Assembléias.

No final do ano de 1998, em Harare, no Zimbabwe, África aconteceu a Oitava Assembléia do CMI com o tema *Buscar a Deus com a alegria da esperança*. Konrad Raiser, Secretário-geral expressou publicamente a preocupação dos e com os ortodoxos. O tema escolhido foi significativo por conta desta questão: *Juntos no caminho*. A Assembléia elegeu uma Comissão Especial para tratar da participação dos Ortodoxos no CMI. A Comissão recordou que o CMI possui compromisso com a comunidade de igrejas-membro no que diz respeito à eclesiologia; afirmou a necessidade de clara definição do que seja culto em comum “confessional” e “interconfessional” e definiu que as tomadas de decisões do CMI seja feita por “consenso” e não mais por “votos da maioria”. As recomendações da Comissão foram experimentadas do final da Oitava até a Nona Assembléia do CMI.

A Assembléia celebrou o cinquentenário de fundação do CMI e da Declaração Universal dos Direitos Humanos. Dentre os temas, a Assembléia discutiu a questão da mundialização da economia como fator de erosão do poder e dos deveres do Estado em garantir os direitos fundamentais da vida humana. Todas as discussões estavam voltadas para a questão dos Direitos Humanos. A Assembléia condenou duramente a utilização de crianças nas guerras, afirmando existirem mais de 300.000 soldados crianças no planeta, e solicitou às Igrejas-membro, especialmente as da África, que exigissem a moratória de recrutamento de crianças para conflitos armados e lutassem em favor da “pronta ratificação por parte de seus governos da *Carta Africana dos Direitos e Bem-estar das Crianças* que proíbe o recrutamento militar e a participação em conflitos de crianças menores de 18 anos”.¹⁶⁷

¹⁶⁷ WCC. 8ª Assembléia. **Proyecto de declaración sobre los niños soldados**. Disponível em <<http://wcc-coe.org/wcc/assembly/child-s.html>> Acesso em 13 de janeiro de 2009.

No início do ano de 2006 aconteceu a Nona Assembléia do CMI que se reuniu na cidade de Porto Alegre, Brasil. As recomendações da Comissão Especial nomeada na Assembléia anterior se mostraram eficientes e foram implementadas nesta Nona Assembléia. Com o tema *Deus, em tua graça, transforma o mundo* a Assembléia reuniu cerca de 4000 participantes. Dentre eles 691 delegados de 348 Igrejas-membro do organismo. A Assembléia aprovou um documento que foi revisado várias vezes intitulado *Chamados a ser uma Igreja Una*. Com 15 pontos o documento aborda questões centrais “da unidade cristã, à catolicidade, o batismo e à oração.”¹⁶⁸ Outros temas dos quais a Assembléia se ocupou foram sobre a economia globalizada, identidade cristã e pluralidade religiosa, a juventude e a violência.

Foi criado pela Nona Assembléia do CMI um organismo especial para o envolvimento e atuação da juventude, visando garantir vivência ecumênica das pessoas com menos de 30 anos. Todas as decisões foram tomadas por consenso, conforme decisão da Assembléia anterior. Na avaliação dos membros da última Assembléia do CMI foi uma das mais impactantes de toda a história do organismo mundial.

Podemos inferir a partir das descrições de cada Assembléia que o CMI, gestado a partir de três grandes Conferências Internacionais, passou por um processo crescente de envolvimento e indicação de caminhos para os problemas do mundo contemporâneo. A crescente participação das Igrejas-jovens contribuiu significativamente para uma compreensão do que seja o movimento ecumênico, experimentado entre as mais variadas expressões do cristianismo planetário. A ameaça, na Sétima Assembléia, de um desmoronamento da unidade conseguida com os católicos ortodoxos foi tratada de forma adequada, permitindo ao organismo se reestruturar, demonstrando efetivamente o que é a sua constituição: um organismo de cooperação e fomento de diálogo entre as expressões do cristianismo, que aplica as recomendações que lhe permitem o melhor funcionamento e cumprimento de sua tarefa.

¹⁶⁸ WCC. 9ª Assembléia. Llamadas a ser la Iglesia Una: Una invitación a las iglesias a que renueven su compromiso de buscar la unidad y de profundizar su diálogo. Disponível em <<http://www.oikoumene.org/es/documentacion/documents/asamblea-del-cmi/porto-alegre-2006/1-declaraciones-documentos-aprobados/unidad-cristiana-y-mensaje-a-las-iglesias/llamadas-a-ser-la-iglesia-una-tal-como-fue-aprobado.html>>. Acesso em 13 de janeiro de 2009.

Na atualidade o CMI, embora não seja o único, é o mais importante organismo de representação do moderno movimento ecumênico e agrupa “349 igrejas, denominações e comunidades de igrejas em mais de 110 países e territórios de todo o mundo que representam mais de 560 milhões de cristãos.”¹⁶⁹ Agrega a maioria das igrejas do bloco ortodoxo¹⁷⁰ (as que se desligaram definitivamente do catolicismo apostólico romano em 1054) e um número considerável de igrejas do bloco protestante (históricas da Reforma Protestante – ou herdeiras da Reforma), dentre eles os anglicanos, batistas, luteranos, metodistas e reformados, muitas igrejas unidas, como a do Canadá e igrejas independentes. No final da década de 1940, quando de sua fundação, o CMI era composto basicamente por igrejas da Europa e Estados Unidos. Atualmente a maioria das igrejas componentes estão em países da África, Ásia, América Latina e Caribe, Oriente Médio e ilhas do Pacífico, sendo que as Igrejas ortodoxas têm participação importante no organismo.

A estrutura do CMI, forjada na sua caminhada se apresenta como um espaço de reflexão, ação conjunta, oração e trabalho realizados pelas igrejas que a ele aderem. Como membros, as igrejas são chamadas a proclamar a unidade visível da igreja sob uma só fé e uma só unidade eucarística, a promoção de programas de combate à violência, à quebra de preconceitos e discriminações de toda ordem, à busca da justiça e dos direitos humanos e à luta pela integridade da criação. São chamadas também à renovação constante da unidade, do culto, da missão e do serviço (diaconia).

2.5 A Natureza do CMI

Nos textos anteriores destacamos a trajetória histórica de formação do CMI. Para que possamos entender qual a sua natureza, é importante dizer primeiro o que não é o CMI. Sendo um Conselho Mundial, há geralmente a tentação de compreender o CMI como uma mega igreja. Na verdade o CMI **não é uma igreja** ou **mega igreja**. Em sua Assembléia de 1948, foi declarado que o organismo que ora se constituía **é uma comunidade de igrejas que aceita a Jesus Cristo como Deus e Salvador**.

¹⁶⁹ Os dados sobre o CMI são retirados de: <http://www.oikoumene.org/en/who-are-we.html>

¹⁷⁰ As igrejas ortodoxas (Orientais) são aquelas que se distanciaram do catolicismo romano (Ocidental) no início da Idade Média, em parte devido às grandes questões teológicas discutidas nos primeiros concílios universais da Igreja.

Esta formulação inicial suscitou preocupações pois lembrava os primeiros Concílios Universais da Igreja com seus debates teológicos acirrados. No CMI se exigia uma melhor definição da vocação cristocêntrica das igrejas-membro, uma expressão mais explícita da fé trinitária e uma referência específica às Sagradas Escrituras. Em 1961, com a Assembléia de oficialização do CMI foi aprovada a seguinte declaração: o CMI é uma comunidade de igrejas que confessam a Jesus Cristo como Deus e Salvador, segundo o testemunho das Escrituras e procuram responder juntas à sua vocação comum para glória do Deus Único, Pai, Filho e Espírito Santo.

O CMI alertou suas igrejas membro que esta declaração, mais que uma confissão de fé ou fórmula, é “uma referência para os membros do CMI, fonte ou fundamento de coerência. Não sendo o CMI em si mesmo uma igreja, não faz juízo algum sobre a sinceridade ou firmeza com que as igrejas-membro aceitam a base nem sobre a seriedade com que se assumem na qualidade de membros [do CMI]”¹⁷¹

Neste sentido o CMI é um organismo composto de igrejas cristãs que a ele aderem com propósitos da unidade, solidariedade, serviço e apoio. O CMI faz destinação de recursos a Projetos e Programas que buscam a unidade visível da Igreja, a missão e a evangelização, a formação ecumênica, a ética da vida e propostas alternativas à globalização, defesa e promoção conjunta da justiça e a solução pacífica de conflitos de toda natureza. O CMI trabalha especialmente com o diálogo interreligioso e em atendimento à África, nas questões sociais e na solidariedade ecumênica.

Na sua estrutura organizacional o CMI está constituído conforme a figura seguinte:

¹⁷¹ Informação disponível em <<http://www.oikoumene.org>>. Acessado em 03 de abril de 2009.

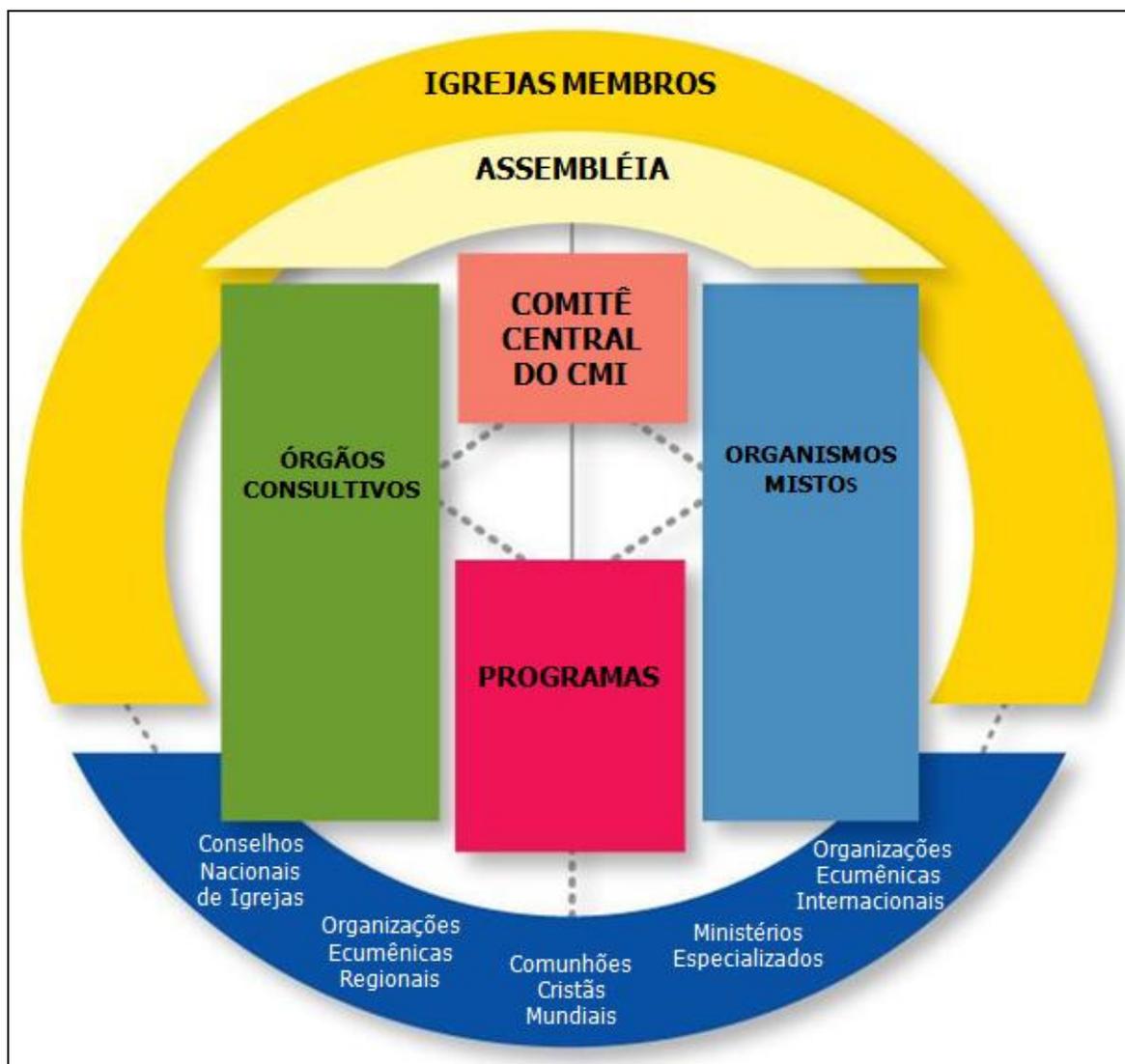


Figura 2 – Estrutura do CMI

Abaixo apresentamos suma tabela legenda do que significa cada componente do CMI. Os dados numéricos da quantidade de igrejas e respectivos países referem-se aos números indicados no sítio www.oikoumene.org de 2009.

IGREJAS MEMBROS	Atualmente são 349 membros entre Igrejas, denominações e comunidade de igrejas de mais de 110 países e territórios, representando mais de 560 milhões de cristãos.
ASSEMBLÉIA	É o “órgão legislativo supremo” do CMI e se reúne a cada sete anos
COMITÊ CENTRAL DO CMI	É o principal órgão decisório do CMI e funciona nos intervalos entre as Assembléias
PROGRAMAS	O CMI trabalha a partir de programas estabelecido em Assembléia. Em 2006 foram formulados seis programas: 1) O CMI e o movimento ecumênico no século XXI; 2) Unidade, Missão, Evangelização e Espiritualidade; 3) Testemunho público: confrontar o poder, afirmar a paz; 4) Justiça e Diaconia; 5) Educação e Formação Ecumênica; e 6) Diálogo e cooperação interreligiosos.
ÓRGÃOS CONSULTIVOS	Assessoram o pessoal do CMI na orientação, execução e avaliação dos programas do organismo. São cinco: 1) Comissão Mundial de Missão e Evangelização; 2) Comissão de Igrejas para assuntos internacionais; 3) Comissão de Educação e formação ecumênica; 4) Echos – Comissão de Jovens no movimento ecumênico; e 5) Comissão Plenária de Fé e Ordem (do qual participa a Igreja católica romana)
ÓRGÃOS CONSULTIVOS MISTOS	São órgãos que cuidam de processos consultivos de longo prazo que o CMI estabelece com Igrejas que não são membros do Conselho, para garantir mais confiança e compreensão. São quatro: 1) Grupo de Trabalho misto entre a Igreja católica romana e o CMI; 2) Grupo Consultivo Misto com Igrejas Pentecostais; 3) Comissão Consultiva Mista com Comunhões Cristãs Mundiais; e 4) Comitê de Continuação sobre “Ecumenismo no século XXI”.
CONSELHOS NACIONAIS e CONFERÊNCIAS	O CMI também estabelece diálogo e cooperação com Conselhos Nacionais de Igrejas, Organizações ecumênicas regionais, Comunhões Cristãs Mundiais, Ministérios especializados e Organizações ecumênicas internacionais

fonte: www.oikoumene.org

Ao ser convidado para trabalhar no CMI, ligado ao Departamento de Educação e Formação Ecumênica Paulo Freire desenvolveu ações compatíveis com um dos Programas do organismo: O Programa de Diaconia e Solidariedade. Este Programa incentiva as igrejas à cooperação na diaconia (termo grego que significa serviço) por todo o mundo. Este programa prepara grupos para oferecer conhecimentos especializados e assessoramento técnico e capacita igrejas locais para promover programas em benefícios das necessidades humanas e de desenvolvimento de suas comunidades.

Paulo Freire era responsável por uma sub-unidade deste Programa que cuidava da Educação Básica de Adultos. No CMI, organismo de importante força formadora e mobilizadora voltada para o bem estar humano é que Paulo Freire se sentiu motivado a trabalhar e, trabalhando redescobriu sua pátria, sua terra.

Tratamos em capítulo anterior sobre a vida de Paulo Freire. Sua trajetória marcada pelo compromisso com o ser humano, e não somente com a vida biológica ou com o fato do ser humano estar no mundo. O compromisso de Paulo Freire foi com o resgate da humanidade subtraída pelos esquemas ideológicos de poder que criam um sistema injusto e desigual entre os humanos. Seu compromisso foi também com o “ser mais” em oposição ao ser humano oprimido que é o “ser menos”.

CAPÍTULO III – PAULO FREIRE NO CMI

Após traçamos a trajetória de Paulo Freire até ele receber o convite para trabalhar no CMI tentamos descrever e compreender sobre um dos mais importantes organismos do moderno movimento ecumênico planetário. Pontuadas a trajetória de Paulo Freire e do CMI, trataremos neste capítulo sobre a presença do educador neste organismo.

Para conhecer melhor a trajetória de Paulo Freire a partir do CMI, estivemos *in loco* consultando os arquivos para acessar documentos que contivessem informações sobre suas atividades naquele organismo. A informação que recebemos no Brasil é que poucos documentos e informações estariam disponíveis.

Foi-nos franqueado acesso às pastas sobre Paulo Freire no CMI, num total de 34 sob número 992.1.1/01 a 992.1.1/34 contendo documentação em vários idiomas: português, inglês, francês, alemão e espanhol. Muitos documentos referem-se à Frelimo (Frente de Libertação de Moçambique) e grande parte ao Programa de Combate ao Racismo do CMI, como cartas trocadas entre líderes governamentais de países africanos, solicitando ajuda financeira para projetos de emancipação humana. Alguns documentos possuem a correção de informações feitas à mão por Paulo Freire e outros têm apenas a sua assinatura. Todo o material foi digitalizado. Também entrevistamos duas pessoas que conviveram com Freire durante a sua passagem pelo CMI: o pastor armênio-brasileiro Aharon Sapsezian que nos forneceu informações importantes e o filósofo chileno Antonio Faundez.

Sapsezian, juntamente com a esposa Zabel, nos recebeu em sua confortável casa no Cantão de Vaud e conversamos por longo tempo. Falou-nos de Paulo Freire, sobre o seu trabalho e especialmente sobre uma palavra que era considerada perigosa para o contexto da década de 1960: **conscientização**.

Faundez nos recebeu em seu escritório, numa organização não governamental denominada *Enfant du Monde*, próximo ao CMI. Na entrevista, num primeiro momento, ele falou sobre o Chile da década de 1960. Não conhecera Freire no Chile, mas foram colegas de trabalho no CMI e o substituiu quando do seu retorno ao Brasil em 1980. Depois falou sobre Freire, sobre o trabalho na África, sobre o CMI e também sobre o livro *Por uma Pedagogia da Pergunta*, escrito em co-autoria com Freire.

3.1 A Educação “teológica” no CMI

O CMI, desde antes de sua formação oficial em 1948, possuía preocupações com a educação. E educação teológica. Desde a Conferência de Edimburgo se entendia que Educação e Missão estavam intimamente ligados e discutiu-se na Conferência o tema da formação dos missionários. Na visão da Conferência a formação dos missionários era muito precária e precisava ser

drasticamente melhorada em termos de a) estudos de línguas, b) história das religiões e sociologia dos territórios de missão, c) princípios gerais do trabalho missionário. A cooperação interdenominacional entre as agências de missão na criação de um programa de formação de missionários foi encarada como prioritária para o futuro, em Edimburgo. Foram recomendados programas de formação para serem academicamente atualizados para níveis de pós-graduação em “Faculdades Missionárias Centrais” (e não somente a formação para missões em seminários confessionais regionais), que deveriam ser criadas em lugares como Xangai, Madras, Calcutá, Beirute e Cairo e deveriam ser abertos a todos os missionários de todas as denominações cristãs.¹⁷²

Werner indica que esta orientação da Conferência de Edimburgo foi “visionária e revolucionária para sua compreensão da educação e da educação teológica em particular”¹⁷³ e para o nascimento de um iniciativa global de criação de

¹⁷² WERNER, Dietrich. **Ecumenical Learning in Global Theological Education: Legacy and unfinished tasks of Edinburgh 1910.** Disponível em <www.edinburgh2010.org>. Acesso em 10 de fevereiro de 2009. [O texto é uma tradução livre do original.]

¹⁷³ WERNER, 2009, Idem. [tradução livre do original]

institutos locais centralizados para a educação teológica ecumênica qualificada em vários lugares fora do mundo ocidental. No mundo ocidental a recomendação da Conferência de Edimburgo teve a sua realização na Missionsacademy da Universidade de Hamburgo, fundada em 1957.¹⁷⁴

A educação teológica para os missionários e nos centros de formação missionária nos países da Ásia era oferecida geralmente em inglês e houve uma reação por parte das igrejas-jovens pela necessidade de estudos teológicos em seus próprios idiomas. Para algumas empresas missionárias a atividade teria mais sucesso com missionários nativos. Esta foi uma das exigências do Conselho Nacional de Igrejas Cristãs da Índia¹⁷⁵ e que teve resultados positivos. Como citamos no capítulo anterior, a Conferência de Tambaram, no ano de 1938, já fazia esta exigência e discutiu as relações entre os missionários norte-americanos e ingleses com os povos não-cristãos no que diz respeito à teologia. Com a eclosão da Segunda Grande Guerra, a questão ficou para ser discutida depois do conflito.

No ano de 1946 foi fundado o Instituto Ecumênico de Bossey¹⁷⁶, com um aporte doado J.D. Rockefeller, para a formação teológica ecumênica com ênfase em três áreas: Bíblia, mundo e Igreja universal. Estas três eram vistas por Visser't Hooft como “componentes-chaves de um conceito holístico de educação e formação ecumênicas para o presente” e, na conferência de abertura do Instituto Visser't Hooft declarou:

A idéia de criar um centro ecumênico de ensino (*formação* em francês) tem as suas raízes na consciência cada vez mais evidente da incapacidade da Igreja para responder ao desafio do mundo moderno, da sua impotência para lutar contra a crescente secularização e paganização. Esta preocupação de uma radical reconstrução espiritual, começando com a igreja em si, foi constantemente presente durante as conversas que levaram à elaboração de um projecto concreto (...) Desde o início, ficou acordado que o Instituto deve colocar a tônica do seu ensinamento sobre os

¹⁷⁴ WERNER, 2009, Ibidem.

¹⁷⁵ O **Conselho Nacional de Igrejas Cristãs da Índia** (NCCI, sigla em inglês) reúne e expressa a unidade das igrejas protestantes e ortodoxas da Índia. É uma união comum de pensamento e ação. Reúne Igrejas e outras organizações cristãs para consulta mútua, assistência e ação em todos os assuntos relacionados à vida e testemunho cristão das Igrejas na Índia. Disponível em <<http://www.nccindia.in/>>. Acessado em 15 de abril de 2009.

¹⁷⁶ O **Instituto Ecumênico de Bossey** é o centro de reuniões, diálogo e formação do Conselho Mundial de Igrejas. Fundado em 1946, reúne pessoas de diferentes origens culturais e religiosas que lhes permitam compreender melhor o ecumenismo e a freqüentar cursos universitários e participar de intercâmbios. Anualmente, o Instituto Ecumênico recebe estudantes e pesquisadores de todo o mundo que se hospedam para continuar seus estudos acadêmicos, sobretudo nas áreas da teologia ecumênica, missiologia e ética social. O instituto possui uma biblioteca notável e todos os recursos necessários. O corpo docente é composto por membros de várias tradições teológicas, culturais e religiosas. O Instituto e os seus diplomas são reconhecidos pela Universidade de Genebra. O Instituto Ecumênico de Bossey está localizado cerca de 25 km de Genebra (Suíça), em Celigny, entre as cidades de Versoix e Nyon, às margens do Lago Genebra. Informações disponíveis em <<http://www.oikoumene.org/es/activities/bossey.html>>. Acessado em 15 de abril de 2009.

fundamentos da fé cristã e, especialmente, sobre a Bíblia. Além disso, o Centro deverá ter um caráter explicitamente missionário, tal como o estudo dos costumes religiosos missionários do campo que lhes forem atribuídos, de modo que os alunos do Instituto Ecumênico devem tornar-se completamente familiarizados com as principais tendências do pensamento e da vida do mundo moderno. Por último, o instituto deve ter um caráter verdadeiramente ecumênico. Deve ser o lugar onde os homens e mulheres de todas as igrejas membros do movimento ecumênico aprender juntos, receber e dar, aprender a lutar juntos, e onde, portanto, aceitar a tensão entre a verdade e a unidade que está na base de qualquer verdadeira comunidade ecumênica.¹⁷⁷

3.1.1 O TEF – Theological Education Fund

Também citamos no capítulo anterior, ao tratarmos da penúltima Conferência organizada pelo CIM antes de sua integração ao CMI (**de Achimota**), em Ghana, África, no final de 1957 e início de 1958, que nela se estabeleceu a provisão de recursos para ajudar na construção de instituições e de bibliotecas visando à melhor formação de liderança e ministros das igrejas que estavam unidas no propósito missionário. Também desta Conferência nasceu o *Theological Education Fund* (TEF) ou o Fundo para a Educação Teológica. O TEF, de seu nascimento às suas modificações será a melhor expressão da ocupação do CMI com a Educação.



Foto da Fundação do TEF, em Gana, África, 1958

¹⁷⁷ WERNER, 2009, Ibidem.

O TEF nasceu graças à doação de dois milhões de dólares pela mesma pessoa que doou para a fundação do Instituto Ecumênico de Bossey: J.D. Rockefeller, condicionando as Sociedades Missionárias a levantarem em dois anos recursos similares. Assim o TEF nasceu com o aporte de quatro milhões de dólares.

O TEF estabeleceu seu escritório em Londres, de onde a equipe diretiva despachava. O órgão possuiu ênfases distintas em períodos distintos, conhecidos como "mandatos". O primeiro deles, de 1958 a 1965 enfatizou a necessidade da criação de instituições de ensino teológico nas regiões de missão. O segundo, de 1965 a 1970 tinha uma ênfase na produção de materiais de ensino teológico naquelas regiões. Mas foi, provavelmente o terceiro mandato um dos mais fecundos, pois fazia a crítica aos modelos de educação teológica e de formação missionária do Ocidente no Oriente e demais países do "Terceiro Mundo". O termo que se utilizava neste período era "contextualização". E esta palavra não era somente um termo presente nos discursos, mas representava uma necessidade. E foi a contribuição do TEF que transformou e qualificou a educação teológica nas regiões de missão, especialmente influenciados pela teologia de Karl Barth. O terceiro mandato durou de 1970 a 1977.

Sobre este terceiro mandato, o mais significativo do CMI, cabe fazer algumas considerações. O mundo passava por transformações profundas, fruto em parte do descontentamento e das manifestações ocorridas pelos vários continentes no final da década de 1960. Com relação ao ensino teológico não era diferente. Havia um descontentamento por parte dos países onde se fazia missão. Afirmamos anteriormente sobre o problema da educação teológica.

Diante destes descontentamentos, a Comissão Mundial sobre Missão e Evangelização do CMI, antigo Conselho Internacional Missionário, formou no ano de 1969 um grupo assessor, liderado por Visser't Hooft. Este grupo solicitou ao TEF que se compusesse uma equipe de consultores especiais junto ao CMI para tratar mais profundamente da questão e fazer uma reforma nas ênfases do TEF. A equipe tinha como presidente Karekin Sarkissian, prelado da Igreja Ortodoxa da Armênia que nomeou Shoki Coe, presbiteriano taiwanês, como diretor de uma "nova e

colorida equipe do TEF¹⁷⁸ que incluía como vice-diretores Aharon Sapsezian, protestante armênio brasileiro, James Bergquist, luterano norte-americano¹⁷⁹ (da IEL), Ivy Chou, metodista malaio e Desmond Tutu, anglicano sul-africano. Estes cinco formaram uma equipe extraordinária que entre os anos de 1970 e 1972 discutiram sobre a "contextualização" como um critério básico para as atividades do TEF. E esta discussão aconteceu por que era necessário um novo termo que "denotasse o caminho em que (...) a mensagem [cristã] deveria se ajustar ao contexto cultural e sobre o próprio fazer teológico"¹⁸⁰ nos países de missão e no "Terceiro Mundo".

Sobre o termo "contextualização" tomamos a conceituação de Lienemann-Perrin, citado por Koschorke et al. em que afirma

Desde que o termo foi cunhado em 1972, o conceito de contextualização tem desempenhado significativo papel nos debates teológicos na Ásia. Logo, isto desloca o modelo tradicional de "indigenização" – isto é, a tentativa de fazer um cristianismo missionário nativo em termos culturais – que se fez sentir (...) e também teve muito poucas relações para o desenvolvimento moderno da Ásia. O conceito de contextualização foi primeiro formulado nas discussões acontecidas na Igreja Presbiteriana de Taiwan. **[ver sobre Shoki Coe acima]**. O Theological Ecumenic Fund (TEF) do Concílio Ecumênico de Igrejas fez da contextualização o conceito central do Terceiro Mandato em 1972 (...) o que ganhou rapidamente a aceitação nos debates ecumênicos.

Contextualização significa tudo o que implica no familiar termo "indigenização" e no que se poderia ir além desta compreensão. Contextualização tinha de fazer com que se avaliasse a peculiaridade dos contextos do Terceiro Mundo. Indigenização tendia a ser usado no sentido de se responder ao Evangelho em termos de uma cultura tradicional. Contextualização, embora não ignorando isto, leva em conta o processo de secularização, tecnologia e a luta pela justiça humana, que caracteriza o momento histórico das nações do Terceiro Mundo.¹⁸¹

O termo continua a ser utilizado e passou por aprofundamentos. Atualmente se utiliza no meio ecumênico o termo contextual, contextualização, intercontextualização, e etc.

¹⁷⁸ HESSELGRAVE, David; ROMMEM, Edward. **Contextualization**: Meanings, methods and models. Grand Rapids: Baker Book House, 1989, p. 28.

¹⁷⁹ Ao referir-me a "luterano norte-americano" faço a distinção entre a Igreja Evangélica Luterana e a Igreja Evangélica de Confissão Luterana.

¹⁸⁰ HESSELGRAVE; ROMMEM, 1989, Idem.

¹⁸¹ KOSCHORKE, Klaus; LUDWIG, Frieder; DELGADO, Mariano. A history of Christianity in Asia, Africa, and Latin America, 1450-1990. A Documentary Sourcebook. Grand Rapids: Eerdmans, 2007, p. 129.

E o termo sofre diferenças quando definido por Bruce J. Nicholls¹⁸² e George W. Peters¹⁸³ e definido pelo TEF. Para Nicholls e Peters o termo “contextualização” somente pode ser entendido no sentido de “apostólico” ou seja, para Nicholls o termo é a “tradução de um imutável conteúdo do Evangelho do Reino numa forma verbal significativa para pessoas em sua cultura diferente e com suas particulares situações existenciais”¹⁸⁴ e para Peters a “contextualização”

adequadamente aplicada serve para descobrir a legítima implicação do Evangelho em uma dada cultura. E isto é mais profundo que aplicação. Aplicação eu posso fazer ou não sem fazer injustiça ao texto. Implicação é exigência por uma adequada exegese do texto [do Evangelho].¹⁸⁵

Quando da nossa entrevista com Aharon Sapsezian, ele nos relatou sobre o tempo em que trabalhou como um dos diretores associados do TEF em Londres e de como se chegou ao termo que, como citamos acima, é diferente dos dois autores. Nicholls e Peters possuem um conceito fechado, restrito, de contextualização. Para os membros do TEF, a contextualização é “profética”. Segundo Sapsezian, a criação do termo se deu num pub inglês. Transcrevemos aqui parte da entrevista.

Educação teológica no meu tempo era um fundo, era dinheiro ... claro que era mais do que dinheiro ... tinha lá certa visão das coisas e procurava através do dinheiro incentivar um ministério de atividades teológicas ... por exemplo, nós falávamos muito em teologia original, local, independente de teologia estrangeira ... A ASTE¹⁸⁶, por exemplo, foi criada nesta época já com esta mentalidade ... Nós precisamos fazer dos seminários brasileiros instituições que caminhem com os seus pés ... todas as igrejas protestantes eram teologicamente tributárias ... todas elas ... e no fim nem nos orgulhávamos disso não ... ao contrário ... porque achávamos que era a grande teologia (...) Todas estas teologias ... nós, na mesma época [referindo-se ao termo conscientização, de Paulo Freire] ... nós da Educação teológica criamos uma palavra que fez história... Contextualização [palavra dita por Odair Pedroso Mateus, teólogo presbiteriano independente, que trabalha no CMI e que nos acompanhava na casa de Sapsezian]. É ... contextualização ... e eu acho que ela de certo modo ... [a esposa de Sapsezian, Zabel, interrompe, em tom de brincadeira, perguntado quem foi que criou o termo, ao que Mateus responde: Shoki Coe e Sapsezian] Pra dizer a verdade foi num pub, numa cervejaria lá perto da sede ... Shoki Coe e eu íamos lá à noite. A gente ia lá (...) falar de teologia. O Shoki (...) era uma excelente cabeça ... a noção (de contextualização) já existia, faltava uma palavra que encarnasse isso. Foi lá.

¹⁸² **Bruce J. Nicholls** foi um missionário na Índia que trabalhou com educação teológica e como pastor na Igreja do Norte da Índia. Foi também editor da Revista Evangélica de Teologia por 18 anos e editor dos Comentários Bíblicos para a Ásia, que publica Livros da Bíblia para serem lidos a partir do contexto vivencial asiático.

¹⁸³ **George W. Peters**, norte-americano, foi professor de Missões Mundiais em Dallas Theological Seminary. Autor de A Biblical Theology of Missions. Homem conservador que acreditava que o melhor caminho era converter as pessoas ao Evangelho e somente então a sociedade sofreria mudanças estruturais profundas.

¹⁸⁴ HESSELGRAVE; ROMMEM, 1989, p. 149

¹⁸⁵ HESSELGRAVE; ROMMEM, 1989, Idem.

¹⁸⁶ ASTE – Associação dos Seminários Teológicos evangélicos. É uma instituição que foi criada no Brasil na década de 1960 e foi a responsável pela tradução de várias obras na área de Teologia.

Eu me lembro naquela noite, no pub ... a palavra pub vem de public house, e o dono do pub era um publican. E o publicano lá nos conhecia ... a nós dois ... éramos fregueses assíduos lá. [Shoki Coe e Sapsezian também almoçavam no pub]. O pub fechava às onze [23h]. As onze tocava um sino lá. Não podia mais servir. O pessoal então tomava o último golinho. Shoki e eu ficávamos. E ele nos servia dizendo: não estou vendendo. Isto é presente da casa. De modo que ele não estava infringindo lei nenhuma. E nós ficávamos noite adentro. A idéia tava presente. Ele mesmo (Shoki) falava em “transplantar”. Esta planta nós temos de plantar em terra nossa, pra germinar lá. Eu me lembro de um artigo dele que falava nisso. E eu continuava ... todo esse evangelho que ele tá falando é coisa que germinou numa cultura diferente da nossa. (...) Terceiro Mundo é tão diferente, tá saindo da colonização, tá querendo descobrir sua identidade própria, herdou esse negócio chamado Cristianismo, católico ou protestante... Mas isso aqui não é pra repensar? Como é que a gente pode ver o que é realmente original nisso e o que é o cosmético cultural de cada país, cada denominação, cada teólogo europeu... Isto não existia. Nunca se falou em teólogo latino-americano. Palavra “teólogo” logo levava seu pensamento a um personagem importante no estrangeiro. Mesmo nós que estudamos fora ... eu fui um dos primeiros que tive este privilégio ... estudei fora, eu fazia propaganda de Barth, Tillich, Niebuhr. (...) Eu, por exemplo, li Barth de cabo a rabo, coisa que pouca gente fez ... tradução francesa ... quer dizer ... não tinha nem terminado ainda a tradução francesa (...) Teologia era isso. Mas depois a gente ficou desconfiando que não pode ser só isso. Não é só isso, não. Há alguma coisa que tem que levar a sério essa verdade tão diferente.¹⁸⁷

E, esta verdade tão diferente precisava ser repensada. E o foi em termos de contextualização e para assegurar que este seria a ênfase diretora das ações do TEF a equipe adotou um documento que seria a base para a efetivação do programa que incluía

três aspectos de **conteúdo**, quatro **tensões** e quatro **linhas** potenciais de renovação.

O conteúdo deveria incluir a [1] compreensão de questões contextuais na generalizada crise de fé e busca de sentido para a vida, [2] as questões urgentes de desenvolvimento humano e da justiça social, [3] a dialética entre a civilização tecnológica global e a cultura local e [4] as situações religiosas.¹⁸⁸

As quatro tensões das quais o documento adotado faz referência são

[tensões] [1] entre continuidade e mudança; [2] entre percepção das necessidades locais de um determinado contexto e as iniciativas de reforma para além daquelas decorrentes daquele contexto, [3] entre a crítica do que é deficiente (...) e do que de positivo e está em curso e [4] entre estudo e ação.¹⁸⁹

No que diz respeito às quatro linhas potenciais de renovação, estas seriam possíveis quando houvesse “indícios de contextualidade [1] na reforma estrutural, [2]

¹⁸⁷ Entrevista com Aharon Sapsezian, realizada em 06 de agosto de 2007, em sua residência no Cantão de Vaud, Suíça.

¹⁸⁸ CHAMBERLIN, J. Gordon. Contextualization: Origins, Meaning and Implications A Study of What the Theological Education Fund of the World Council of Churches Originally Understood by the Term "Contextualization," with Special Reference to the Period 1970-1972. *Journal of Ecumenical Studies*. V. 34, 1997.

¹⁸⁹ CHAMBERLIN, 1997, idem

na abordagem teológica, [3] no método pedagógico e [4] na **missão para com os pobres e oprimidos** [grifo meu].”¹⁹⁰

Hesselgrave e Rommem tomam emprestadas as palavras de Shoki Coe para descrever como o grupo de TEF definia a “contextualização profética”. Segundo Coe

Em usando a palavra *contextualização*, nós tentamos transmitir tudo o que está implicado no familiar termo *indigenização*, (...)
Contextualidade ... é a avaliação crítica daquilo que faz o verdadeiro contexto realmente significativo à luz da *Missio Dei*. Este é o discernimento missiológico dos sinais dos tempos, percebendo que Deus está na obra e nos convida a participar ... Autêntica contextualidade conduz à contextualização ... Esta dialética entre contextualidade e contextualização indica um novo caminho de se fazer teologia. Isto não envolve somente palavras, mas ação.¹⁹¹

O TEF passou por reestruturações e sempre foi o departamento do CMI encarregado pelos programas ligados às questões educacionais. Num primeiro momento apenas com a educação teológica, depois com a educação e formação teológica ecumênica e a partir do final da década de 1960 passou a trabalhar com programas destinados à educação “primária”, especialmente em países pobres.

3.1.2 O TEF torna-se PTE – Program on Theological Education

Em julho de 1977 o TEF foi reestruturado, tornando-se uma sub-unidade do CMI. O escritório continuou a funcionar em Londres até o ano de 1981, quando foi mudado para Genebra. Sua nova denominação passou a ser PTE (Program on Theological Education), e deixou de ser menos uma agência de financiamento de atividades da educação teológica e passou a atuar em duas frentes específicas: 1) **Atividades programáticas**, ligadas a diversos assuntos e 2) **Publicação** sobre temas inovadores na área de “educação teológica e teologia para todo o povo de Deus, formação espiritual, formação interconfessional e novas fronteiras da educação teológica em geral.”¹⁹²

A direção do PTE a partir de 1977 ficou a cargo de Aharon Sapsezian, que convidou Francis Ross Kinsler para se juntar à equipe de diretores associados composta também por Samuel Amirtham e Tom Campbell. Shoki Coe permaneceu

¹⁹⁰ CHAMBERLIN, 1997, *ibidem*.

¹⁹¹ HESSELGRAVE; ROMMEM, 1989, p. 150.

¹⁹² WCC/EET. **14 Reasons for global solidarity in ecumenical theological education**. Disponível em <http://www.oikoumene.org/fileadmin/files/wcc-main/documents/p5/ete/Communication_Leaflet_for_ETE.pdf>, p. 4. Acesso em 15 de fevereiro de 2009.

na equipe como Assessor. Posteriormente Tom Campbell tornou-se presidente do PTE. A grande marca desta equipe do PTE foi a descentralização dos programas de educação teológica, também chamado de “regionalização” e uma forte produção literária na área teológica. A equipe do PTE herdou lições valiosas e conhecimentos importantes acumuladas pela experiência do TEF na sua constante busca por qualidade, autenticidade e criatividade que fizeram com que as relações entre as igrejas dos países ricos e de países empobrecidos se estreitassem no que diz respeito à ajuda e crescimento mútuo. Esta herança permitiu ao PTE cumprir com os objetivos propostos, quais sejam,

dar um novo passo a frente no apoio às igrejas em seus temas centrais na preparação de líderes; no fomento de uma nova visão ecumênica de educação teológica; na partilha de experiências e recursos para a formação no ministério; no desenvolvimento de melhorias dos padrões e instrumentos para a educação teológica; na capacitação do povo de Deus para testemunhar mais efetivamente hoje e amanhã em um mundo de grandes necessidades e crises complexas. A convicção fundamental da nova Comissão Central e do novo PTE é de que a educação teológica é vital para a vida e a missão da Igreja.¹⁹³

3.1.3 O PTE torna-se ETE – Ecumenical Theological Education

Na linha de ocupações do CMI com a educação, no ano de 1991 o PTE foi transformado no ETE (Ecumenical Theological Education). No capítulo anterior tratamos sobre a Sétima Assembléia do CMI na cidade de Camberra e destacamos que um dos temas discutidos referia-se às questões teológicas e a espiritualidade ecumênica. A Assembléia foi tensa por conta dos questionamentos da Igreja Ortodoxa quanto às questões basilares do CMI, que teve de se ocupar da questão nas duas Assembléias seguintes.

Podemos inferir, a partir desta Sétima Assembléia que o CMI teve de preocupar-se mais com as questões da educação teológica e, por isso reestruturou o seu Programa, pois segundo Werner,

Após a Assembléia de Camberra, o programa foi rebatizado para ETE, a fim de sublinhar a natureza específica de ênfase da ecumenicidade na educação teológica. A famosa Conferência Mundial sobre a educação teológica em Oslo 1996 levou à decisão de um certo princípio da regionalização da ETE, que, em princípio, continua a ser válida até hoje, mas também tornou mais difícil de assegurar a sua continuidade interna, coesão programática e força comum como facilitadoras. Por isso, ainda não se tornou evidente se a regionalização da ETE (que, em grande medida, foi

¹⁹³ NEWBIGIN, Lesslie. Theological Education in a world perspective. **Ministerial Formation**. Genebra, n. 110, april 2008, p. 25-26.

também devido à redução de custos por pressão do CMI) levou a um reforço ou a um enfraquecimento dos programas de educação teológica ecumênica do CMI.¹⁹⁴

No que diz respeito à redução de custos, Werner aponta que no TEF a equipe era composta de cinco pessoas trabalhando em tempo integral. No PET a equipe foi reduzida para quatro pessoas e o Programa ETE tinha apenas uma pessoa trabalhando em tempo integral até o início do ano de 2007, sendo auxiliado por “três ou quatro consultores regionais da ETE em vários continentes.”¹⁹⁵ A ETE assumiu como tema central de ação a *Viabilidade da Educação Teológica Ecumênica*, que pode ser entendida de duas formas: econômica ou como busca de renovação. Preferimos ficar com a segunda, por conta da natureza do Programa para o CMI.

Para conhecer e compreender a trajetória do TEF/PTE/ETE, recomendamos a leitura de uma publicação [que ousamos adjectivar de “extraordinária”] de 93 páginas, devidamente documentada, com fotos e textos daqueles que construíram a história da Educação Teológica Ecumênica intitulado *Ministerial Formation*, n.110, April 2008. O *Ministerial Formation* é publicado pelo PTE/ETE desde janeiro de 1978.

3.2 A Educação “não-teológica” no CMI

A partir destes breves comentários relativos à trajetória da Educação Teológica no âmbito do CMI podemos considerar que dentro deste espaço mais amplo de preocupações com as questões educacionais e de formação teológica ecumênica se abriram espaços menores, e nem por isso menos importantes, para a busca da humanização dos sujeitos desumanizados nos continentes asiático, africano e latino-americano, especialmente.

No ano de 1968 o CMI reuniu-se em sua Quarta Assembléia em Upsala e na qual houve um amplo debate sobre a necessidade de reorientação dos padrões educacionais e estruturais do mundo moderno. Estas preocupações são seguramente os reflexos das manifestações estudantis, de trabalhadores e de outros grupos que buscavam assegurar os seus direitos.

¹⁹⁴ WERNER, 2009, p. 8

¹⁹⁵ WERNER. 2009, *idem*.

As Igrejas estavam fechadas em si mesmas. A Conferência do CMME (extinto Conselho Internacional Missionário) realizada em Bangkok, na Tailândia, em 1972/1973 retrata como a Igreja se comportava até então, na sua mais completa despreocupação com a vida concreta dos seres humanos.

Citamos Upsala (do CMI) e Bangkok (do CMME) por causa de um teólogo e missiólogo holandês que participou das duas reuniões: Hoenkendijk. O teólogo afirmou que a igreja era imóvel, centrada em si mesma e introvertida. Bosch afirma que tanto em Upsala quanto em Bangkok haviam delegados

que apoiaram a posição de Hoenkendijk, não porque endossassem suas nuances mais extremas, mas porque desejavam expressar sua frustração com a natureza burguesa da igreja e sua convicção de que uma nova compreensão e práxis de missão resultariam em uma renovação da própria igreja. Considerando as terríveis condições de vida de milhões de pessoas famintas, oprimidas e exploradas, Upsala e Bangkok mostraram uma impaciência sagrada com qualquer complacência por parte da igreja. Pela primeira vez, uma instituição cristã de nível mundial se confrontou com o mal estrutural e não tentou, com subterfúgios espirituais, fugir de suas responsabilidades procurando refúgio em uma instituição sacrossanta.¹⁹⁶

Estas discussões permitiram a Igreja exercitar melhor a sua missão profética, compreendendo que ela está no mundo, mas não compactua com as estruturas injustas do mundo. O CMI instigou suas Igrejas-membro à verdadeira *Missio Dei*. Alguns resultados da reação do CMI às Igrejas se fizeram sentir ainda no final da década de 1960 com a criação de programas e reformulações de outros permitiram uma atuação mais profética.

Uma das conseqüências destes debates foi a instalação, pelo CMI, do seu próprio Departamento de Educação em 1969. Esta decisão se deu, como reafirmamos, após um amplo debate sobre a necessidade de reorientação dos padrões educacionais e estruturais da sociedade durante a Assembléia de Upsala cujo tema estava relacionado à renovação de todas as coisas.

3.3 Paulo Freire no CMI

É nesse contexto todo da trajetória da Educação no CMI que se insere a figura marcante de Paulo Freire, educador brasileiro, reconhecido como o “maior educador do século XX”. Paulo Freire chegou a Genebra em fevereiro de 1970.

¹⁹⁶ BOSCH, David J. **Missão Transformadora**. São Leopoldo: Sinodal, 2002, p. 461.

Muito provavelmente o convite para trabalhar no CMI se deu por conta das aproximações da Igreja católica romana com o CMI.

3.3.1 Dois termos, dois brasileiros

Já abordamos sobre o termo *contextualização* como marca do “terceiro mandato” do TEF, e criação do brasileiro Aharon Sapsezian. Outra palavra cunhada que passou a fazer parte do cotidiano do CMI no seu Departamento de Educação foi *conscientização*. O termo foi introduzido por Paulo Freire. E essas duas palavras, nesse fértil contexto de contradições, cunhadas por duas personalidades brasileiras (uma de tradição protestante e outra de tradição católica) farão a diferença dentro do movimento ecumênico.

Werner afirma que não se pode deixar de mencionar a pessoa de Paulo Freire quando se fala do tema da Assembléia de Upsala que era “Eis que faço novas todas as coisas”. E a Assembléia aconteceu antes de Freire ir para o CMI. Junto a Paulo Freire, Werner menciona também Ernst Lange, embora não tratemos deste, que foi diretor do Instituto de Ação Ecumênica do CMI. A partir destes dois houve um

tempo de transformações revolucionárias e um urgente chamado para uma nova abordagem para a **‘conscientização’** e para uma **‘pedagogia do oprimido’**, numa revisão das abordagens anteriores, que eram elitistas. As diferenças gritantes entre os hemisférios Norte e Sul no chamado conflito do desenvolvimento necessitavam de respostas urgentes que somente poderiam ser dadas de forma pedagógica e educativa,¹⁹⁷ [grifos meus]

Para corroborar a importância de Sapsezian e Paulo Freire no CMI, tomamos a afirmação de Kinsler que diz:

Uma das mais importantes contribuições de Aharon Sapsezian foi o conceito de contextualização, que ele introduziu em 1972 e que foi disseminado rapidamente através dos círculos ecumênicos e evangélicos. Este veio a ser um contínuo desafio para a educação teológica e a missão das igrejas. Contextualização é uma outra palavra para o conceito bíblico de encarnação, que também é teológico e pastoral bem como cultural e socioeconômico.

Um outro tema do PTE e do ETE foi a compreensão de Paulo Freire de educação como conscientização¹⁹⁸ que tem pouco a ver com memorização

¹⁹⁷ WERNER, 2009, p. 7.

¹⁹⁸ Apresentamos aqui um fato que nos ajuda a compreender como a educação como conscientização era muito cara a Paulo Freire desde os anos de 1960 e que foi alvo das preocupações dos conservadores brasileiros. Numa entrevista colhida pelo Museu da Pessoa, em 1992, para o Projeto Memória Oral do Idoso, é feita uma pergunta a Paulo Freire sobre a noite do evento de encerramento do Curso de Alfabetização de Angicos/RN, em 1963, quando um senhor de 70 anos, diante das autoridades pede a palavra e afirma que a fome da cabeça [a necessidade de conhecer, de se reconstruir, de ser mais] é maior que a fome da barriga. Eis a resposta de Freire:

“Inclusive ele fez um discurso, foi muito interessante, porque o presidente da República já tinha encerrado a reunião, quando ele pede a palavra, quer dizer, não tinha nada que ver com os protocolos. Ele pede a palavra pra falar, e eu me lembro que um

de informação e tudo a ver com transformação humana e social. Este conceito continua a ser usado pelos educadores teológicos ao redor do mundo, especialmente na América Latina e África. Este conceito, também, é bíblico, teológico, pastoral, cultural e socioeconômico.¹⁹⁹

Kinsler ainda ousa afirmar que

Contextualização e conscientização culminaram em várias teologias de libertação e em programas de educação teológica libertadoras em diferentes partes do mundo.

Tanto as igrejas quanto suas instituições teológicas foram mais profundamente conscientizadas acerca das estruturas e dinâmicas da pobreza, marginalização e opressão. Elas desenvolveram ferramentas bíblicas, teológicas e pastorais para a libertação pessoal, eclesial e social.

As igrejas e suas instituições teológicas lutaram para superar todas as formas de injustiça e desumanização, em particular aquelas baseadas na raça, etnicidade, classe e gênero e somos confrontados com os enormes desafios que o aquecimento global, a destruição ecológica, a violência e o militarismo, a marginalização das pessoas com deficiências, polarização econômica e o consumismo.²⁰⁰

Considerada a importância de Sapsejian, passamos a considerar a figura de Paulo Freire. O próprio Sapsejian nos indicou, na entrevista, que Freire usava constantemente o termo *conscientização*. E era uma palavra que os norte-americanos relutavam em usar. E Sapsejian afirmou que o termo não era do agrado dos norte-americanos. Eles não gostavam,

mas até que entrou, no tapa na barriga, mas entrou... os americanos e os de fala inglesa passaram a usar "*conscientization*". Aí a palavra pegou fogo

dos presentes da comitiva do presidente disse assim: "Eita, quebrou o protocolo"! Ele virou-se e disse: "Quebrei o que?" E ninguém respondeu mais. E aí o João Goulart, que era um homem muito simples, o presidente Goulart, disse: "Pois não, pode falar". Ele levantou, e disse: "Alteza, chamou o presidente Goulart de Alteza. (risos) Ai disse: "Me lembro de que, uma vez, mais ou menos assim, houve uma fome muito grande nesse Estado, e outro presidente, que era o Getúlio Vargas veio aqui, ao RN, para ajudar a gente a sair da fome da barriga. E hoje veio Vossa Alteza pra ajudar a gente a matar outra fome, a fome da cabeça, a fome do saber". Depois ele disse uma coisa que a imprensa, todo o mundo não deu, não noticiou, ele disse: "**Nós aprendemos aqui, presidente, mais do que assinar o nome, do que ler um bilhete. Nós aprendemos aqui a mudar, também** - sim, porque o João Goulart tinha citado no discurso dele, a leitura da carta do ABC do país, que era a Constituição. E ele disse: "Nós aprendemos, presidente, mais do que ler a carta do ABC do Brasil, aprendemos a mudar ela também." Isso é uma coisa fantástica, e esta afirmação dele não foi citada pela imprensa na época. Não foi. Mas ele disse isso. **E deve ter agravado essa frase dele, ele deve ter agravado os líderes do golpe que em seguida se deu.** Se deu no ano seguinte. E eu me lembro que estava presente nessa reunião e ouviu essa frase o general, então general, o marechal Castelo Branco. E ele estava presente, e era na época comandante do IV Exército. E ele foi pra lá. Mas naquela altura, ora você imagina, isso deve ter sido junho de 63. O golpe foi em abril de 64, quer dizer, naquela altura, o Castelo Branco tinha já o esquema todo do golpe, não há dúvida. E ouviu essa frase desse homem. Depois ele falou comigo e disse: "**Professor, eu acho que o senhor defende uma pedagogia sem valores.**" Eu nunca esqueço desse papo com o Castelo Branco. Eu disse: "Não, general, eu acho que pelo contrário, eu, não, ele falou uma pedagogia sem hierarquia, é parece que era isso. E eu disse: **Não, o senhor está equivocado, eu defendo valores e os valores estabelecem hierarquias agora só que o que é que eu acho é que a hierarquia que está aí montada e estabelecendo princípios, pra nós, está precisando mudar. Eu acho que está montada em bases injustas, etc ...**" E ele falou pra mim: "E o senhor aceita de falar pra nós no IV Exército?" "Falo onde o senhor quiser." Mas não deu mais nem tempo. E eu acho que aquele discurso acabou, né? Porque o discurso daquele homem não ajudou, de jeito nenhum, o amaciamento do golpe. Deve ter, **eu não diria que o discurso do homem foi causa do golpe, seria uma loucura da minha parte, a história não é tão simples assim, mas o discurso do homem deve ter aguçado um pouco as preocupações conservadoras de então.** Quer dizer, hoje, você vê como a história é bonita. Um discurso desse hoje não deixaria muita gente demasiado assustada." Só um ou outro, mais conservador. Mas naquela época, um discurso desse assustaria 99% dos conservadores. [grifos meus] Disponível em <<http://www.museudapessoa.net>>. Acesso em 5 de março de 2009.

¹⁹⁹ KINSLER, Francis R. Relevance and Importance of TEF/PTE/EET: Vignettes from the Past and Possibilities for the Future. **Ministerial Formation**. Genebra, n. 110, abril 2008, p. 12. Acessado em 8 de março de 2009.

²⁰⁰ KINSLER, 2008, Idem.

no terceiro mundo ... O pessoal que ficava também impressionado com o método dele ... que hoje é universal ... E ele realmente através do trabalho dele no CMI ... se ele tivesse ficado no Brasil talvez esta palavra não fizesse a história que fez... Aí ele criou esta palavra *conscientização* ... pegou ... e hoje, mesmo fora do campo da educação se usa conscientização (...) e todo mundo começava a perguntar: o que é isso afinal ... o que é conscientização? (...) é aprender a falar ... é aprender a pensar ... era uma linguagem nova ... educação (...) todo mundo era a favor ... ninguém era contra a educação ... mas ajuntar a educação nessa dimensão ... digamos claro ... política ... isso era um pouco estranho ... pra não dizer chocante ... de modo que nós tínhamos no Departamento de Educação... o Kennedy trabalhava lá... claro, o objetivo era ajudar a educação primária nos países do terceiro mundo, emergentes... na África por ex ... mas era pra aprender o bê-á-bá ... pra ler ... pra a ler a Bíblia ... inicialmente os evangelhos ... pra ler a Bíblia ... de modo que Paulo Freire revolucionou tudo isso.²⁰¹

É consenso que conscientização é um neologismo, "um termo criado em 1955, no ISEB (Instituto Superior de Estudos Brasileiros), ao qual se vinculavam destacados intelectuais e cientistas sociais brasileiros, preocupados com o desenvolvimento nacional e com a construção de um pensamento brasileiro autônomo"²⁰² e pode significar "uma ação tendente a despertar no povo a consciência de sua dignidade, dos seus direitos e do contraste entre esses direitos e a situação de miséria e injustiça a que estava reduzido."²⁰³ Conscientização é um termo que em Paulo Freire reveste o termo de uma significância jamais vista.

Mas esta significância somente foi dada por Paulo Freire no seu contínuo processo de maturidade intelectual. Ele reconhece que o conceito que tinha de *conscientização* era ainda muito ingênuo mesmo sendo muito utilizado no CMI. Em 1973 ele afirmou que 'estava ideologizado, ingenuizado como um pequeno burguês intelectual.' (...) E afirmou também

'Comecei a preocupar-me pelo uso da palavra conscientização. O desgaste que sofreu esta palavra na América Latina, e depois na Europa foi tal que faz cinco anos ou mais que não a utilizo', declarou em 1974. 'A leitura menos ingênua do mundo não significa o compromisso com a luta por sua transformação, e muito menos a própria transformação em si, como parece pretender o pensamento idealista', destacava em Paris em 1986, ao receber o prêmio Educação para a Paz, da Unesco.²⁰⁴

Esta afirmação de Paulo Freire nos indica que ainda no Chile ele já estava preocupado com a utilização do termo, pois, para ele a conscientização é mais do que saber o que se passa ao redor. É um ato histórico do ser humano que se liberta

²⁰¹ Entrevista com Sapsezian.

²⁰² FREIRE, Ana Maria Araújo. **La Pedagogia de la liberation in Paulo Freire: critica y fundamentos**. Barcelona: Editora Grao, 2004, p. 195.

²⁰³ AVILA S.J., Fernando Bastos de. Pequena enciclopédia de doutrina social da Igreja. Loyola: 1991, p. 108.

²⁰⁴ FREIRE, Ana Maria Araújo, 2004, idem.

ao responder aos desafios do seu contexto existencial. E não é apenas fazer a crítica do mundo à sua volta. É se criar e recriar, é pensar e reinventar o mundo, é ser mais, é ser sujeito que permite a adaptação e mais, a integração ao mundo, com o qual o sujeito se relaciona e dele faz a leitura. E a libertação é fruto da conscientização.

Em 1968, quando da realização da Conferência de Medellín, definida por Clodovis Boff como o “nascimento da Igreja na América Latina”, os documentos utilizam muito a palavra libertação. A análise feita a partir de Medellín é de um “Terceiro Mundo” extremamente explorado e carente de libertação, que somente pode acontecer pelo exercício da conscientização. Mas a palavra conscientização não aparece. E Boff afirma que

O Documento IV, relativo à "Educação" é um dos que explicitam de modo mais forte o tema da libertação. Sete vezes aparece aí a palavra "libertação", "libertar" ou "libertador". Há inclusive todo um parágrafo (n. 8) que explicita o conteúdo do que chama com todas as letras a "educação libertadora". Define-a como a que "transforma o educando em sujeito de seu próprio desenvolvimento" e é vista como "o meio-chave para libertar os povos de toda escravidão" (n. 8). Impossível esconder aqui a forte influência da "Pedagogia do Oprimido" de Paulo Freire.²⁰⁵

No ano de 1969 Paulo Freire estava, de certa forma, desgostoso com a sua vida no Chile. Isso se dava também por questões políticas. Membros do Partido Democrata Cristão o acusavam por ter publicado uma obra por que atentava contra a democracia cristã e contra o presidente do Chile. Aliás, Freire publicou seis livros quando estava no Chile: 1) *Educação como prática da liberdade* que era uma versão ampliada de Educação e atualidade brasileira, a sua tese apresentada na Escola de Belas Artes da Universidade do Recife; 2) *Pedagogia do Oprimido*, entre 1967 e 1968 e seriam publicados pela primeira vez em 1970; 3) *Educação e conscientização: extensionismo rural*; 4) *Contribuição ao processo de conscientização do homem na América Latina*; 5) *Ação cultural para a liberdade*; e 6) *Extensão ou comunicação? A conscientização no meio rural*.

De qualquer forma, a *conscientização* está presente nos títulos e conteúdos das obras de Freire até então e esteve presente nas suas atividades desde a década de 1950, mas ele evitou por um período referir-se ao termo, que somente

²⁰⁵ BOFF, OSM. Clodovis M. **A Originalidade Histórica de Medellín**. Disponível em <www.sedos.org/spanish/boff.html>. Acesso em 03 de março de 2009.

voltou a fazer parte de sua fala especialmente a partir de 1974. Antes disso Freire entendia que o termo estava banalizado.

No CMI Paulo Freire teve, além da sua contribuição a partir da *conscientização*, uma atuação importante no que diz respeito à educação como práxis libertadora. O período no CMI foi de consolidação do seu pensamento.

3.3.2 O Itinerário do Andarilho da Esperança: Paulo Freire no CMI

A partir dos documentos Acessos na biblioteca do CMI e do Instituto Ecumênico de Bossey faremos menção de alguns conteúdos que nos permitem caminhar com Paulo Freire durante o período em que ele trabalhou no CMI. É o itinerário de uma vida que se entrelaçou com muitas outras curiosas por conhecê-la.

O primeiro documento (Anexo 1), de fins de 1972 ou início de 1973, embora não seja o primeiro produzido por Paulo Freire quando estava em Genebra está redigido em francês e traz elementos interessantes, pois nele Paulo Freire narra sua trajetória. Cuidamos de fazer uma tradução livre do texto para o português, pois o documento é de Paulo Freire e tem a sua assinatura.

“Paulo Reglus Neves FREIRE

Situação familiar:

- Nascido em 19 de setembro de 1921, no Recife, Pernambuco, Brasil
- Filho de Joaquim Temístocles Freire (falecido) e Edeltrudes Neves Freire.
- Casado com Elza Maia Costa Freire, nascida no Recife aos 16 de junho de 1916 (professora, sem exercício no momento).

Cinco filhos:

- Maria Madalena, casada, residente no Brasil;
- Maria Cristina, casada com o cidadão suíço Alberto Hainniger, residente em Lausanne, Suíça;
- Maria de Fátima, solteira, residente em Genebra, Suíça;
- Joaquim Temístocles Freire, 16 anos, estudante do Conservatório de Música, Genebra, Suíça;
- Lutgardes Costa Freire, 14 anos, estudante da Escola de Voirets, Genebra, Suíça.

Histórico das atividades profissionais e dos problemas políticos

- Professor de Sintaxe da Língua Portuguesa, no Colégio, Recife, entre **1941 e 1947**.
- **1947**: diplomado em Direito pela Universidade do Recife
- A partir de **1947** eu trabalhei como Diretor do Departamento de Educação e Cultura do Serviço Social da Indústria de Pernambuco. Esta experiência me

permitiu apresentar um método original de alfabetização de adultos, conhecido mais tarde com o nome de “Método Paulo Freire.

- Em **1960** obtive meu doutorado em Educação pela Universidade de Pernambuco. Nomeado professor de Pedagogia nessa mesma Universidade.
- **1961**: nomeado Diretor do Serviço de Extensão Cultural da Universidade e membro do Conselho de Educação do Estado de Pernambuco.
- Em **1963** eu dirigi a primeira experiência de alfabetização de adultos segundo meu método, no estado do Rio Grande do Norte.
- Neste mesmo ano eu fui nomeado pelo Ministro da Educação Nacional, como Diretor da Comissão Nacional de Cultura Popular e, em seguida, do Plano Nacional de Alfabetização de Adultos (Esta experiência, que durou de junho de 1963 a março de 1964, foi objeto de muitos estudos de minha parte, que já relatei nas minhas obras (...))
- Em abril de **1964**, imediatamente após o golpe de estado pelos militares, eu fui preso por 75 dias, em diferentes quartéis militares do Recife. Fui acusado de “subversão” por uma comissão de autoridades militares, responsabilizado, segundo a Lei de Segurança Nacional, por cometer atos dos quais eu era culpado, que eu deveria abandonar todo comportamento político, qualquer que fosse e em qualquer data, que seria considerado como um atentado contra a segurança do Estado.
- Depois que fui preso, fui demitido de todas as minhas funções.
- Em setembro de **1964** fui liberado pelas autoridades militares do Recife, e imediatamente convocado a comparecer diante das autoridades militares no Rio de Janeiro. Confrontado novamente com as mesmas acusações e diante da ameaça eminente de uma nova prisão, eu me refugiei na embaixada da Bolívia no Rio de Janeiro.
- Em outubro de **1964** as autoridades brasileiras me concederam um salvo-conduto para que eu me asilasse na Bolívia. O presidente boliviano que concordou em me dar proteção caiu 15 dias depois de eu desembarcar no país, resultado de um golpe militar.
- Ameaçado de extradição pelo novo presidente boliviano, que era favorável ao regime militar brasileiro, antes que se pronunciassem contra mim, decidi mudar para o Chile.
- Por ser cidadão brasileiro, me autorizaram a permanecer provisoriamente no Chile. Eu fui incorporado ao Instituto de Desenvolvimento Agrário em Santiago como Conselheiro e depois como seu Diretor Geral.
- Minha colaboração se estendeu, entre **1965** e **1967**, a diversos organismos oficiais chilenos, até que o Ministro da educação, a través do seu Departamento de Educação para Adultos adotou oficialmente meu método.
- Durante este mesmo período eu dirigi seminários, à convite das Nações Unidas, destinadas a formação de educadores para exercerem suas funções na América Latina.
- Em **1965** eu fui convidado para expor meus conceitos pedagógicos em uma série de Conferências no Centro Intercultural de Formação de Cuernavaca (México).
- Em **1967** eu viajei pela primeira vez aos Estados Unidos, a convite de várias universidades (Columbia, Princeton e Harvard) a fim de expor minhas idéias em matéria de educação.
- Em **1968** eu fui incorporado pela Unesco como Conselheiro especial do Instituto de Capacitação e Investigação em Reforma Agrária chileno (ICIRA), prosseguindo assim meu trabalho com o governo chileno.
- Para efetuar minhas viagens ao exterior, o governo chileno me concedeu um documento de viagem que poderia ser solicitado por qualquer cidadão

estrangeiro residente no Chile e que se encontrasse impossibilitado de possuir um passaporte da parte do país do qual era natural. Este documento, renovável por dois anos e com uma duração total que não poderia ultrapassar quatro anos me foi entregue pela primeira vez em 1965, renovado em 1967.

- Em abril de **1969**, de posse de um novo documento de viagem, entregue pelo governo chileno, número 06137, com validade até 16 de abril de 1971, prorrogável, como o documento anterior, por mais dois anos deixei o Chile acompanhado de minha família, para residir nos Estados Unidos, onde fui nomeado “Professor Visitante”, alocado no “Centro de Estudos para Desenvolvimento e Mudança Social” e em seguida no “Centro para Estudos em Educação e Desenvolvimento” da Universidade de Harvard.
- Em fevereiro de 1970 eu deixei os Estados Unidos para residir em Genebra, na Suíça, onde fui nomeado como Consultor Especial do Departamento de Educação do Conselho Mundial de Igrejas. (...)

Até esta parte do documento Paulo Freire narra sua história, que é bem conhecida dos freireanos. A partir deste tópico Paulo Freire passa a descrever como foi a sua entrada no país que o acolheu para completar o seu tempo de exílio, Suíça. O que muda no discurso de Paulo Freire a partir daqui é que, enquanto estava no Chile, estava na América Latina. Seu método de alfabetização, como ele mesmo descreve acima, foi encampado pelo governo chileno e ele estava trabalhando na sua própria construção epistemológica. Ele já havia produzido seis obras e dentre elas a sua “obra prima”, que havia sido publicada em inglês quando ele estava morando nos Estados Unidos. Ele havia também acompanhado e contribuído epistemologicamente para o despertar da Igreja na América Latina, como pudemos verificar acima, através da Conferência de Medellín.

No final do ano de 1969, durante o inverno, Paulo Freire estava num impasse. Tinha muitos convites para trabalhar. Mas tinha também seus receios, suspeitas e posicionamentos ideológicos. Poderia retornar ao Chile, onde estava ameaçado por conta de seus escritos. Poderia ficar nos Estados Unidos por mais um tempo, mas como ele mesmo afirmou que queria “conhecer a toca do bicho” [referindo-se ao capitalismo], e esta ele já conhecia e não agradava a ele ficar mais por lá. À esposa Elza agradava a idéia de ficar por mais um tempo. Poderia ir para o Canadá [e foi em junho de 1971], para trabalhar em Universidades em Ottawa ou Montreal e tinha uma carta-convite que chegou a ele do CMI, por conta de uma solicitação feita pelo ex-padre e sociólogo pernambucano Almeri Bezerra de Melo, amigo de Paulo Freire, juntamente com mais dois sacerdotes católicos romanos. Bezerra, que era assessor

eclesiástico da JUC (Juventude Universitária Católica) na qual usava o método ver-julgar-agir fez amizade com Paulo Freire, ao que parece, antes dos anos 60, pois

após ter concluído o seu curso de pós-graduação na Universidade Católica de Paris, mais ou menos no início do ano de 1963, assumiu a assessoria de Paulo Freire, ligando-se ao MEB e a todo o Movimento de Cultura Popular do Recife, tornando-se depois secretário-executivo e, posteriormente, diretor do Centro de Extensão Universitária da Universidade Federal do Recife, quando Freire foi para Brasília.²⁰⁶

Segundo Bezerra que nesta época era exilado na Europa, sabendo das aflições de Paulo Freire (relutante em retornar ao Chile, não querendo morar nos Estados Unidos ou Canadá e, não podendo retornar para a sua terra) dirigiu-se a Genebra, acompanhado pelo Presidente e pelo Secretário da Igreja Pós-Conciliar para negociar a ida de seu amigo para trabalhar no CMI. Paulo Freire aceitou o convite.

Na continuidade do documento Paulo Freire escreve:

- Eu entrei na Suíça com o documento de viagem mencionado acima, e obtive a autorização de permanência das autoridades suíças (número 68241). Esta autorização entregue em 14 de fevereiro de 1970 foi renovada em 14 de fevereiro de 1972 com validade até 14 de fevereiro de 1973.
- Em janeiro de 1971, as autoridades chilenas prorrogaram meu documento de viagem com validade até 28 de fevereiro de 1973. (cf. Anexo 2 – Ficha de arquivo Pessoal de membros da Equipe do CMI)
- Não residindo mais no Chile depois de três anos (prazo legal para além do qual ninguém mais pode ser considerado como residente estrangeiro no Chile e, conseqüentemente, não pode mais pretender a obtenção de um novo documento de viagem ...

Este documento que Paulo Freire não poderia mais renovar era como que um passaporte. E ele fazia muitas viagens quando estava morando em Genebra. Paulo Freire continua

- ... eu solicitei ao Consulado do Brasil em Genebra, em setembro de 1972 que me concedesse um passaporte (...). Perceba-se que em 1969 eu tinha feito uma solicitação semelhante ao Consulado do Brasil em Boston, e não fui atendido em minha solicitação.
- No que diz respeito à minha solicitação de setembro último, o Consulado do Brasil em Genebra, em sua carta de 28 de setembro de 1972 (...) me informou que minha “pretensão seria transmitida ao Ministério de Assuntos Estrangeiros” do Brasil, e que uma resposta me seria comunicada assim que conseguissem.

²⁰⁶ CORTEZ, Lucili Grangeiro. **O drama barroco dos exilados do nordeste**. Fortaleza Editora da UFC, 2003, p. 54.

- Em 14 de novembro de 1972, por comunicação telefônica, um funcionário do Consulado do Brasil em Genebra de fez saber que “infelizmente nenhum passaporte me poderia ser entregue”.

E Paulo Freire recebeu o seu passaporte brasileiro em junho de 1979, quando já estava no fim de seu exílio e o Brasil concedeu a anistia, a ficção legal de que todos os seus atos “contra a ordem”, mesmo que não praticados, estariam esquecidos.

Desembarcando em Genebra no dia 14 de fevereiro de 1970, Paulo Freire e sua família foram morar em um imóvel que ficava um pouco distante do CMI, em 19, Chemin de Palettes, 1212 Grand-Lancy. No mês seguinte Paulo Freire começou a sua jornada de viagens, visitas, aulas, escritos, publicações, contatos, diálogos, encontros e homenagens, as quais passamos a descrever.

3.3.3 As viagens de Paulo Freire (cf. Anexo 3)

1970

Março

No mês de março Paulo Freire viajou para Black Forrest, na Alemanha e se hospedou na residência de Werner Simpfendörfer, que foi Secretário-geral das Associações Ecumênicas das Escolas e Centros de Leigos na Europa. Estes centros “foram instrumentos importantes para a promoção de estudos ecumênicos, especialmente depois da segunda guerra mundial.”²⁰⁷. Nesta viagem Paulo Freire juntamente com Will Kennedy e Ernst Lange se reuniram durante uma semana para estudos sobre as suas tarefas como membros do Departamento de Educação do CMI.

²⁰⁷ KINNAMON, Michael; COPE, Brian E. **The Ecumenical movement**: an anthology for Keys texts and voices. Genebra: WCC, 1997, p. 447.

Will Kennedy²⁰⁸, pastor presbiteriano norte-americano, era o responsável pelo Departamento de Educação do CMI, desde que ele fora criado, em 1969 e Ernst Lange era responsável pelo Departamento de Formação Ecumênica. Kennedy e Paulo Freire tinham um olhar semelhante sobre a educação e a consideravam tanto em seu aspecto escolar quanto não-escolar. Ele e Paulo Freire faziam uma análise social e ideológica da educação e a obra de Kennedy se concentrou nos estudos sobre o lugar da educação dentro dos grandes sistemas sociais e servindo a propósitos ideológicos. Kennedy e Paulo Freire sempre compartilharam a idéia de que a educação não é neutra e serve a interesses econômicos. Nesse sentido, o compartilhamento das idéias e olhares sobre a Educação, bem como a análise que faziam permitiram uma caminhada extraordinária do CMI no campo educacional.

Abril

No mês de abril Paulo Freire estava em Roma participando de um Seminário para Grupos Católicos Latino-americanos, com a participação de 120 pessoas, durante uma semana. O Seminário foi coordenado por “Irmã Maria Inês” e o tema foi *Ação cultural para a liberdade e o papel da Igreja Profética*.

Naquele mesmo mês Paulo Freire embarcou junto com Kennedy para Paris, França, para uma reunião do SODEPAX²⁰⁹. A reunião foi com um grupo que trabalhava com educação e se reuniram para fazer uma avaliação sobre o tema.

Mai

No mês de maio Paulo Freire esteve novamente em Paris para um Seminário de três dias com estudantes do Centro Internacional de Formação e de Pesquisa para o Desenvolvimento Harmônico²¹⁰ (IRFED) e de outras universidades francesas. O tema deste Seminário foi *Ação Cultural para a Liberdade*.

²⁰⁸ Sobre Will Kennedy ver VANN, Jane Rogers. **William B. Kennedy**. Disponível em <http://www.talbot.edu/ce20/educators/view.cfm?n=william_kennedy>

²⁰⁹ Em 1968 o compromisso pela justiça entrou no campo ecumênico com a fundação, junto ao Conselho Mundial das Igrejas, em Genebra, de uma Comissão: **SODEPAX** (Sociedade – Desenvolvimento – Paz) com a participação de todas as grandes Igrejas cristãs – inclusive a católica – com o fim de suscitar e acompanhar, entre todos os cristãos, iniciativas comuns diante dos crescentes problemas de injustiças e do desenvolvimento. SODEPAX foi uma grande e audaciosa iniciativa de doutrina e de praxe social apoiada com coragem, humildade e visão do futuro de Paulo VI, como lugar de encontro entre todos os cristãos a serviço da humanidade. In: PIÉRLI, MCCJ, Francisco. **Rumo a uma praxe da família comboniana para a transformação social**. Disponível em <www.combonimediacycenter.org>. Acesso em 15 de abril de 2009.

²¹⁰ O **IRFED** foi fundado em 27 de março de 1958 e dirigido pelo padre Joseph **Lebret**, sob a forma de uma Associação declarada sem fins lucrativos, através da lei de 1º de julho de 1901, da França.

De Paris Paulo Freire viajou para Bergen, na Holanda, para um dos mais importantes encontros sobre educação promovido pelo CMI. Entre os dias 17 e 23 de maio o Departamento de Educação do CMI fez uma séria reflexão sobre a crise mundial da educação e como as igrejas poderiam ser propositivas nesta questão. Esta Conferência de educação do CMI, denominada *Seeing Education Whole* (Olhando a Educação por inteiro, ou Um olhar integral sobre a educação) resultou num texto de 126 páginas, publicado pelo CMI intitulado *Witness to liberation* com a autoria de Paulo Freire em co-autoria com Tom Paxton, Jacques Prevert, Charles Hurst, Martins Conway e Ellis Nelson.

Junho

Paulo Freire retornou a Paris em junho para um encontro do Departamento de Ciências Sociais da Unesco. Neste encontro, que durou uma semana, Paulo Freire se reuniu com 15 especialistas de diferentes países para discutir sobre *O papel das Ciências Sociais no processo de desenvolvimento* e em seguida viajou para Viena, na Áustria, para um *Seminário sobre Ação Cultural e Revolução Cultural* a convite de Ernst Winter, que na época era o diretor do Departamento de Ciências Sociais da Unesco.

Julho

Até o mês de junho de 1970 Paulo Freire faz viagens pela Europa. Em julho Paulo Freire embarca para um Seminário sobre *O processo de alfabetização de adultos como um ato do conhecimento* na cidade de Patzcuaro, no México. Neste Seminário Paulo Freire trabalhou com 75 educadores latino-americanos. Partindo do México, Paulo Freire viajou direto para Roma, na Itália, para um encontro no SODEPAX sobre o tema Desenvolvimento e Educação. Deduzimos que Paulo Freire tenha ido para Roma para discutir sobre decisões que a SODEPAX tinha tomado em

Conforme seus estatutos, ele se propõe a um quádruplo fim:

1. A orientação e a seleção de técnicos, assistentes e peritos, propondo-se a trabalhar a serviço dos países sub-equipados.
2. A informação e a formação dessas diversas categorias de pessoas, homens e mulheres, originados dos países bem desenvolvidos e dos países sub-equipados, a fim de que se encontrem aptos para participar eficazmente nos diferentes setores do desenvolvimento harmônico desses países.
3. A pesquisa com os especialistas de diversas disciplinas dos métodos mais adequados para assegurar um desenvolvimento que respeite as diversas civilizações e culturas.
4. A livre ação com os antigos alunos da Instituição a fim de auxiliá-los em sua ação e a beneficiar, com a sua experiência, as regiões necessitadas associando-os à pesquisa e à formação. In: <<http://www.projeto memoria.art.br/JosuedeCastro/artigos/associacao.htm>>. Acesso em 15 de abril de 2009.

uma Assembléia realizada em Nemi, Itália, no mês de junho pois o CMI queria criar uma Comissão sobre a Participação das Igrejas no Desenvolvimento (CCPD). A Comissão foi criada no ano de 1970.

Agosto

Em agosto de 1970 Paulo Freire viajou para Amsterdã, na Holanda para a Free University of Amsterdam para um Seminário de três dias sobre *Ação Cultural para a Liberdade*. Nessa ocasião Paulo Freire, já conhecido foi entrevistado por um grupo de jornalistas sobre sua experiência educacional na América Latina, Estados Unidos e no CMI.

Terminado o Seminário de Amsterdã, Paulo Freire proferiu uma palestra pública sobre o tema *Ação Cultural para a Liberdade*. Também teve um encontro privado com jovens teólogos protestantes e tratou com eles sobre “*conscientização*”, *libertação e salvação*.

Naquele mês ainda Paulo Freire discursou, na cidade de Haia, no Instituto de Estudos Sociais, que atualmente está sediado na Universidade Erasmus, na cidade de Roterdã. O Instituto onde Paulo Freire discursou possui a tradição de pesquisas e estudos na área de Desenvolvimento.

Setembro

Paulo Freire viajou para Loccum, na Alemanha para participar de um encontro da “DEA Committee”. Não há nenhuma explicação do que seja o/a DEA. Suspeitamos que seja a Diakonie Emergency Aid, também conhecida como Diakonie Katastrophenhilfe, uma organização que auxilia pessoas nas áreas afetadas por desastres naturais, guerras e outras situações que necessitam de reconstrução.

Outubro

Paulo Freire viajou para Bonn para um Seminário sobre *Ação Cultural para a Libertação e o papel dos Voluntários do Primeiro Mundo nas suas atividades no Terceiro Mundo*. Neste mesmo mês Paulo Freire retornou para a Suíça a fim de participar de um curto *Seminário sobre Ação Cultural para a Liberdade em áreas*

rurais da América Latina. Na segunda parte do Seminário Paulo Freire trabalhou o tema *Ação Cultural na Europa, seus obstáculos e suas possibilidades*. Paulo Freire ainda viajou neste mês para uma pequena cidade chamada Dunblane, na Escócia, onde se encontrou com Ian Fraser e discutiram sobre o tema *Ação Cultural para a Liberdade e suas implicações teológicas*.

Neste mês foi publicado um artigo em inglês, de 12 páginas, intitulado *O Processo Político de Alfabetização: uma introdução*²¹¹ que foi traduzido no mês seguinte para o alemão e, no ano seguinte para o francês e italiano.

Novembro

Paulo Freire esteve em Londres, Inglaterra, onde se encontrou com um grupo de católicos para debater sobre o tema *Ação Cultural e o papel das Igrejas*. Ainda viajou para Roma, para participar de um Seminário com os Superiores Gerais das Ordens Religiosas. Neste Seminário Paulo Freire apresentou, para mais de 300 participantes um artigo intitulado *O processo de humanização e suas implicações educacionais*. O Seminário, denominado *Amanhã começa Ontem*, foi organizado pelo padre jesuíta John Blewett, através do EDUC-Internacional, um organismo do qual era co-fundador e presidente, à época. O EDUC-International agrupa uma extensa rede de ensino de várias ordens religiosas católicas masculinas e femininas. Blewett era um jesuíta comprometido com as questões educacionais, e publicou mais de 40 artigos sobre questões educacionais na Índia, Leste Asiático, América Latina e Estados Unidos. Ele também se ocupava de questões tais como desenvolvimento sócio-econômico, movimentos estudantis e educação das minorias e dos Jesuítas a postura de colaboração. Blewett faleceu em 2003 e foi o quarto presidente da Universidade Gregoriana de Roma, segundo dados da própria Universidade.

Dezembro

Neste mês Paulo Freire retornou a Paris para um Colóquio no INODEP (Instituto Ecumênico para o Desenvolvimento dos Povos). Neste Colóquio Paulo

²¹¹ FREIRE, Paulo. **The political literacy process**: An Introduction. Lutherische Monatshefte, Hannover, Alemanha, 1970 (artigo mimeografado).

Freire fez uma discussão sobre *O papel do INODEP, suas escolhas, seu compromisso com a ação cultural para a liberdade*. Desse encontro participaram três teólogos, incluindo Werner Simpfendörfer com os quais se discutiu também a relação entre a Teologia e a Educação par a Libertação.

Hughes de Varine, museólogo e professor francês, numa entrevista a uma revista, fez algumas considerações sobre Paulo Freire no que diz respeito ao INODEP. Ele escreveu que se encontrou com Paulo Freire nos anos de 1970 e 1971.

Antes do encontro com Paulo Freire, Varine diz que se ajuntou a um grupo de missionários católicos franceses, que eram críticos à maneira de se fazer missão impondo um universalismo cristão ocidental (que, segundo ele era a “cooperação pelo desenvolvimento”), e decidiram fundar

uma organização não-governamental de vocação internacional e composição ecumênica (sobretudo católicos e protestantes), para promover novas formas de cooperação ao desenvolvimento. Foi o Instituto Ecumênico para o Desenvolvimento dos Povos (INODEP), que agora desapareceu mas que foi muito ativo durante quase 20 anos na Europa, África, Ásia e América Latina, notadamente como suporte à ação comunitária nesse campo. Procuramos desde o começo uma personalidade eminente para presidir esta associação, alguém que poderia não apenas dar orientação ideológica, mas também nos formar na ação. Sugeriram-nos Paulo Freire que era então, no exílio, conselheiro para a educação no Conselho Ecumênico das Igrejas em Genève. Eu o encontrei pela primeira vez indo vê-lo em Genève para lhe propor essa presidência. Em seguida, durante 3 anos, até 1974, pude trabalhar com ele, sendo eu mesmo responsável pelo sector francês, que assegurava a gestão financeira da organização. E naturalmente, li suas obras em inglês ou francês quando estavam disponíveis. Minha participação no INODEP era absolutamente voluntária e independente do meu trabalho como director do ICOM, mas pude, naturalmente utilizar o que aprendia com Paulo no INODEP no meu trabalho no ICOM.²¹²

Varine também faz um importante comentário. Ele diz que se lembra muito “a recusa brasileira de autorizar a Unesco a convocar Paulo em Santiago”²¹³ no ano de 1972. Como veremos adiante, Paulo Freire esteve em Santiago, contrariando a pressão do governo brasileiro sobre a Unesco.

²¹² RESPOSTAS de Hugues de Varine às perguntas de Mário Chagas. **Cadernos de Museologia**, n. 5, 1996, p. 8. (Texto bilíngüe: português e francês).

²¹³ RESPOSTAS de Hugues de Varine às perguntas de Mário Chagas. **Cadernos de Museologia**, idem.

Ainda em dezembro de 1970 Paulo Freire teve um novo encontro com Werner Simpfendörfer e Ernst Lange na cidade alemã de Frankfurt no qual trataram sobre o tema da *Ação Cultural para a liberdade*.

1971

Janeiro

Paulo Freire inaugura suas viagens no ano de 1971 na cidade de Cuernavaca, no México onde ficou por duas semanas para realizar um Seminário sobre *Processo de Alfabetização como um ato do conhecimento e os riscos da conscientização (idealismo, objetivismo)*. Participaram deste encontro 300 pessoas da América Latina.

Fevereiro a Abril

Entre os meses de fevereiro e abril Paulo Freire passou 8 dias na cidade de Cambridge, no Estado de Massachusetts, nos Estados Unidos, em um workshop sobre *Processo de conscientização e a realidade americana*. Neste encontro participaram 45 pessoas, dentre elas cientistas sociais, educadores e pessoas comuns. Paulo Freire também fez um discurso público na Universidade de Harvard. Dos Estados Unidos ele viajou para Santiago, no Chile, onde iniciou sua colaboração oficial com o governo chileno através do CMI. Nesse tempo Paulo Freire também manteve conversas nos Estados Unidos e Canadá.

Maio

O mês de maio foi de intenso trabalho para Paulo Freire. Ele retornou, como no ano anterior, ao Instituto de Estudos Sociais na cidade de Haia, na Holanda, para um Seminário sobre *Ação cultural e libertação*. Participaram deste Seminário um grupo de 30 estudantes oriundos da África, América Latina e Ásia.

De Haia Paulo Freire foi para Amsterdã onde se encontrou com um grupo de pessoas que trabalhavam de forma ecumênica os diferentes modos de ação cultural. Saindo da Holanda, Paulo Freire foi para a cidade de Bruxelas, na Bélgica para um Seminário sobre *Conscientização e Evangelização* no Instituto Internacional de Catequese e de Pastoral.

Deixando a Bélgica, Paulo Freire foi para Paris onde participou de um Encontro com o Comitê Católico. O tema do Encontro foi *Conscientização, Libertação e Salvação*. Ainda em Paris ele participou de um Seminário com o IRFED sobre a **Pedagogia do oprimido**. É a primeira vez que Paulo Freire vai tratar de sua obra prima em um Seminário.

Junho a Agosto

Em junho Paulo Freire viajou para Lyon, na França. De Lyon foi a uma comunidade pequena próxima, chamada Eveux, onde participou de uma Conferência com o European Students Pastors (Estudantes Pastores Europeus).

Da França Paulo Freire viajou para o Canadá onde participou de duas atividades. [1] Em Ottawa realizou um Seminário sobre um tema do qual tinha trabalhado em outubro passado na Alemanha: *O papel dos voluntários do Primeiro Mundo em suas atividades no Terceiro Mundo*. O seminário aconteceu na Canadian University Overseas Service. [2] A outra atividade foi um workshop patrocinado pelo Centro de Estudos de Desenvolvimento e Mudança Social da Universidade de Harvard. O documento não é claro, pois registra a realização do workshop em Montreal. Os temas deste workshop foram: a) *Ideologias, Epistemologia e as Ciências Sociais*; b) *Ação Cultural, Conscientização e Revolução Cultural*. Paulo Freire registra a participação de um grupo de cientistas sociais, de educadores e do Prof. Paul Lin neste workshop.

Paul Lin era uma das grandes personalidades “sino-canadenses”. Nascido na China, foi muito jovem para o Canadá onde teve toda a sua formação escolar e acadêmica, sendo líder destacado durante as tensas relações da China com o Ocidente. Lin ficou conhecido por ter abandonado o doutorado em Harvard para retornar a China, onde trabalhou por 15 anos (de 1949 a 1964). Em 1958 Lin

participou de um movimento na China no qual os intelectuais abandonavam as cidades para se dedicar ao trabalho com os pobres nas áreas rurais. Inferimos que o tema do workshop (*Revolução Cultural*) o instigou à participação e Paulo Freire fez o destaque da sua presença. Paul Lin faleceu em 2004.

Do Canadá Paulo Freire viajou para os Estados Unidos. Na cidade de Norwalk Paulo Freire participou de um Seminário com um grupo de negros e porto-riquenhos que tinham a intenção de organizar um Centro Cultural para aplicar suas idéias em educação. Findo o Seminário, Paulo Freire foi para um encontro com antropólogos e estudantes de pós-graduação da Universidade de Connecticut. Nesse encontro Paulo Freire tratou do tema *Realidade americana e conscientização*.

Em Boston Paulo Freire trabalhou por cinco dias em dois Seminários. O primeiro deles, com duração de dois dias denominado “Red Pencil”²¹⁴ (Lápis Vermelho) contou com a participação de um grupo de jovens educadores (ligados ao Sindicato) que eram engajados no tema da Ação cultural e libertação.

O segundo Seminário em Boston, que durou três dias, à semelhança do Seminário de Norwalk, contou com a participação de negros e porto-riquenhos.

Saindo dos Estados Unidos Paulo Freire dirigiu-se para a América Latina, indo para o Chile e Peru. Nestes dois países Paulo Freire desenvolveu, durante a estada, importantes trabalhos. Em Santiago, no Chile, Paulo Freire trabalhou na preparação a Assembléia do Conselho Mundial de Educação Cristã (WCCE). Na década de 1960 o WCCE estabeleceu seu escritório para Genebra e passou a desenvolver atividades em conexão com o CMI. No ano de 1968 o WCCE e CMI organizaram um grupo de trabalho conjunto visando estudos para a adesão plena do organismo ao CMI. Depois de trabalhar na organização da Assembléia do WCCE Paulo Freire discursou na Universidade Católica de Santiago e encontrou-se com o Ministro da Agricultura e com o Diretor do ICIRA. Neste encontro discutiram sobre os aspectos da sua contribuição com o governo democrata-cristão do Chile.

²¹⁴ O “Red Pencil” foi, entre os anos de 1969 e 1972 um folheto impresso e distribuído por professores e tratava de temas sobre educação/pedagogia e ativismo social.

Em Lima, no Peru Paulo Freire participou da Assembléia do WCCE como consultor especial sobre o tema *Educação: Crise e Esperança*. A participação de Paulo Freire nesta Assembléia foi importante, pois o WCCE aderiu plenamente ao CMI, em seus Programas de Educação.

Nos interstícios das viagens...

Nesse tempo que vai de maio a agosto o CMI recebeu algumas cartas em que o nome de Paulo Freire aparece. Uma delas (Anexo 4) trata dos “Custos da Proposta de `Curso para Escritores””, datada de 6 de maio de 1971, na qual Nathan Shamuyarira, Secretário de Assuntos Internacionais da União Nacional Africana do Zimbábwe escreve

“Nós planejamos realizar o primeiro curso para escritores do Zimbábwe para agosto deste ano. Nós gostaríamos de saber se é possível acordar com o Professor Paulo Freire para vir em agosto, e Richard Hauser para um segundo [curso] possivelmente em setembro.

Como eu disse, durante nosso último encontro do PCR em Genebra, pretendemos convidar 20 escritores do Zimbábwe, e 5 dos países da África do Leste e Centro, num total de 25.

A resposta do CMI (Anexo 5), depois de uma troca de cartas, foi encaminhada por Charles Spivey Jr. a Shamuyarira nos seguintes termos:

Eu confirmei a disponibilidade de Paulo Freire para a conferência na data proposta. Ele [Paulo Freire] pediu para que você faça contato direto e imediatamente com ele. Como ele está no Peru agora, por mais duas semanas, pode ser que ele se atrase.

Em 13 de julho de 1971 Nawaz Dewood, respondeu pelo CMI, através de carta (Anexo 6) a Shamuyarira o seguinte:

Eu fui informado que Paulo Freire provavelmente estará em Mindolo entre os dias 11 e 21 de setembro. Estas datas são satisfatórias? Eu também gostaria de saber as datas do curso todo pois pretendo estar por alguns dias conforme acordado. Tenho plano de estar em Lusaka entre os dias 18 e 23.

Setembro

Todo o mês de setembro Paulo Freire se dedicará à África. Ele viaja para Zâmbia e Tanzânia. A passagem pela Zâmbia foi rápida. No país Paulo Freire

esteve no Centro Ecumênico de Mindolo, onde realizou um Seminário sobre *Ação Cultural e Libertação*. Ele desembarcou na capital da Tanzânia no dia 12 de setembro, conforme a carta (Anexo 7) datada de 13 de setembro e na qual escreve:

Paulo Freire desembarcou aqui ontem. Como solicitei, o Instituto de Educação nesta Universidade [Dar-es-Salaam] está marcando entrevistas para ele em Dar-es-Salaam. Eu me comunicarei com você nas próximas cartas a respeito do curso (...)

No período em que Paulo Freire esteve na Tanzânia foi possível seu contato com um professor brasileiro, baiano e negro, reconhecido como um dos maiores geógrafos do planeta: Milton Santos. Na década de 1970 Milton Santos foi responsável pela organização do Curso de Pós-graduação em Geografia da Universidade de Dar-es-Salaam. Seu exílio foi uma verdadeira “via sacra”.

Paulo Freire produziu um relatório sobre a sua passagem pela Tanzânia neste período e retornou ao país no ano seguinte para uma estada mais longa.

As impressões acerca da pessoa de Freire na África foram apresentadas numa correspondência (**Anexo 8**) datada de 19 de setembro que diz:

Paulo Freire é uma personalidade muito estimulante e desafiadora, tanto para falar quanto para ouvir. Ele deixou uma excelente impressão aqui na Universidade, tanto entre os ativistas do processo libertador, quanto entre os marxistas-leninistas. Sua palestra programada para durar uma hora passou para duas. Pena que ele nos visitou num período em que nossos estudantes estão de férias.

Todas as pessoas aqui até o Vice-Chanceler (Vice-Reitor), gostaríamos de vê-lo novamente aqui para ficar por mais tempo ensinando, conversando, palestrando, etc. Eu não recebi um relatório detalhado de Lusaka sobre o curso para escritores, realizado recentemente em Mindolo. [A carta de 22 de setembro – Anexo 9, responde como foi o curso] Paulo Freire nos deu a impressão de que foi um bom curso, mas o número de participantes foi muito menor que esperado. Eu não sei ainda o que aconteceu com os outros dez ou mais participantes.

Por enquanto estavam encerradas as atividades na África e Paulo Freire retornou para a Europa. Quando chegou à Suíça Paulo Freire recebeu uma carta de Ross Kidd, da Division of Extra Mural Services, da Universidade de Botswana, Lesotho e Swazilândia na qual lamentava não poder ter ido a Zâmbia, para o curso no Centro Ecumênico de Mindolo e anexava um Projeto de Alfabetização de Adultos inspirado no “Método Paulo Freire”. A carta e a página do Projeto que contém as palavras geradoras encontram-se no Anexo 10.

E, especialmente, a Tanzânia foi a porta de entrada para Paulo Freire na África. No Anexo 11 temos um quadro completo das viagens de Paulo Freire para a África.

Outubro

Neste mês Paulo Freire viajou para a Alemanha em companhia de Werner Simpfendörfer e Will Kennedy. O motivo da viagem foi para participar de um curso sobre *Educação de Adultos* oferecido para pastores. E também para assessorarem um encontro sobre *Educação de Adultos e a Igreja*, organizado por Ernst Lange.

Da Alemanha Paulo Freire se dirige para Paris para participar de dois Seminários. O primeiro deles sobre *Ação Cultural e Desenvolvimento*, promovido pelo IRFED e o segundo sobre *Ação Cultural para a Libertação e o papel profético da Igreja*, promovido pelo INODEP.

Novembro

Paulo Freire esteve, neste mês, na cidade de Nova Iorque, Estados Unidos e na cidade de São José, na Costa Rica. Não há detalhes das atividades que foram desenvolvidas por Paulo Freire neste mês de novembro.

Nesse meio tempo... nasce o IDAC

Mesmo com tantas viagens e compromissos, Paulo Freire organizou tempo para se encontrar com brasileiros exilados na Europa. Neste ano de 1971 Paulo Freire, generosamente, convida um grupo para

ajudá-lo a responder aos inúmeros convites que recebia para seminários e palestras. Nasce, assim o Instituto de Ação Cultural, cujo nome vem do título do último livro de Freire “*Cultural Action For Freedom*”. Cinco brasileiros, um americano e uma alemã, sem um orçamento, sem plano claro de trabalho mas com tudo a ganhar e nada a perder com esta aventura.²¹⁵

²¹⁵ OLIVEIRA, Miguel Darcy. **IDAC**. Disponível em <http://www.bancodehoras.org.br/bem_vindo/idac.html> Acesso em 10 de abril de 2009.

1972

Janeiro

No dia 19 de janeiro Paulo Freire, Werner Simpfendörfer e Will Kennedy foram a Berna, capital da Suíça, para um encontro de Comissões da Unesco. Os três tiveram participação ativa, discursando no Encontro.

Paulo Freire foi também a Bruxelas no mês de janeiro para ministrar um *Curso sobre a Práxis da Conscientização*, no Instituto Lumen Vitae²¹⁶, conforme atesta a Irmã Claire-Marie Jeannotat, do CMI, quando apresentou um relatório²¹⁷, provavelmente o que Paulo Freire teria produzido quando do seu retorno da Tanzânia.

Fevereiro

Paulo Freire esteve no começo do mês em Viena, na Áustria. No dia 14 ele viajou para a Inglaterra, para a cidade de lorque para se encontrar com Ian Lister que na época era professor do Departamento de Educação da Universidade de lorque onde Paulo Freire realizou um *Seminário sobre Educação*.

Ian Lister foi Diretor de Pesquisa do Programa Nacional de Política de Alfabetização do Reino Unido na década de 1970 e por isso tinha interesse nas idéias de Paulo Freire. Na obra *Politics of liberation: paths from Freire*²¹⁸ de autoria de McLaren e Lankshear o capítulo 3 é um texto de Ian Lister intitulado *Conscientization and political literacy: A British encounter with Paulo Freire* em que ele trata do encontro com Freire e da aplicação das suas idéias, especialmente no que diz respeito à *conscientização* no campo educacional nas escolas inglesas.

Maio

²¹⁶ O Instituto Lumen Vitae, é uma instituição que oferece cursos e publica uma Revista Internacional sobre Catequese e Pastoral. Possui convênio com a Universidade Católica de Louvain.

²¹⁷ GADOTTI, Moacir. (Org.) **Paulo Freire**: uma biografia, 2001, p. 129.

²¹⁸ LISTER, Ian. Conscientization and political literacy: A British encounter with Paulo Freire. In: McLAREN, Peter; LANKSHEAR, Colin. **Politics of Liberation: Paths from Freire**. Florence/KY/EUA: Routledge Pub, 1994.

Entre os dias 3 e 6 viajou para Berlim, na Alemanha, para um Encontro na Fundação Alemã para os Países em Desenvolvimento e em seguida viajou para Bad Honnef, uma cidade próxima a Bonn, onde participou de um Encontro organizado por Edda Eisenlohr, que Paulo Freire conheceu em Cuernavaca, no México. Participaram do Encontro Cornélia Edding, uma consultora sobre Desenvolvimento Organizacional, Thomas Loeb e mais 13 pessoas. A maioria dos participantes deste Encontro em Bonn trabalhava em Fundações que se ocupavam com questões educacionais. Neste encontro foi discutido [1] *Pedagogia do oprimido*; [2] *Os efeitos políticos da alfabetização e sua significância para os processos de desenvolvimento*; [3] *A possibilidade de aplicação do Método [de Paulo Freire] para o trabalho político com europeus* e [4] *O ensino de línguas estrangeiras e a alfabetização – exemplos práticos bem como aspectos teóricos*.

Maio e Junho

Entre os dias 10 de maio e 15 de junho Paulo Freire esteve em Nova Iorque e depois viajou para o Chile para atividades de consultoria do Programa de Educação do ICIRA. No restante do mês de junho Paulo Freire foi para a Tanzânia, África.

Julho

Paulo Freire estava na Tanzânia desde a segunda metade do mês de junho e permaneceu até o dia 23 de julho no país, observando e contribuindo em várias atividades práticas no campo educacional como Seminários sobre Educação. Paulo Freire se encontrou com educadores experientes que trabalhavam tanto nas áreas urbanas quanto rurais. Paulo Freire teve contato com o Prof. I. N. Kimambo, que era o Chefe do Gabinete Acadêmico da Universidade de Dar-es-Salaam e com Bud Hall, um educador de jovens e adultos. Hall trabalhou na Tanzânia entre os anos de 1970 e 1974. Nesta época o presidente da Tanzânia era Julius Nyerere, cognominado “O Professor” que muito contribuiu para a emancipação de vários povos da África.

Setembro a Dezembro

Nesses meses Paulo Freire retornou às suas atividades na Europa. Foi a uma reunião do INODEP em Paris no mês de setembro. Em outubro esteve em Londres.

Entre os dias 11 de novembro e 12 de dezembro Paulo Freire esteve em Hamburgo, na Alemanha, e em Paris para outro encontro no INODEP.

1973

Fevereiro

Paulo Freire retomou suas viagens no dia 22 de fevereiro indo para a cidade de Zurique, na Suíça. Foi acompanhado de Will Kennedy e Werner Simpfendörfer para um Seminário na Paulus Akademic. Além destes participaram do Seminário 30 estudantes, dos quais alguns já tinha discutido a *Pedagogia do oprimido* e Max Keller da Paulus Akademic além de Sonderegger e Straub, ambos da Universidade de Zurique e Pfarren Wildbolz.

Março

No dia 2 de março Paulo Freire fez um discurso numa Faculdade de Formação de Professores (Teacher's Training College) de Basel, na Suíça. No dia 8 ele participou de um debate organizado por Pierre Further sobre *Motivação de adultos para estudar e a experiência de Paulo Freire* para um pequeno grupo de estudantes do Curso de Psicologia Industrial da Universidade de Neuchatel. Para a Faculdade de Letras da mesma Universidade Paulo Freire fez um Seminário sobre *Pedagogia*.

Maiο

Entre os dias 3 e 20 de maio Paulo Freire esteve na Índia, com uma agenda a cumprir.

Nos dias 4 e 5 teve encontros fechados em Nova Delhi com a AIACHE (All India Association for Christian High Education) que é uma Associação Ecumênica que reúne instituições cristãs de ensino católicas, protestantes e ortodoxas, visando o trabalho conjunto para atender necessidades e servir às comunidades nacionais.

Entre os dias 7 e 12 Paulo Freire esteve participando de um *Seminário Nacional sobre Educação e Mudança Social* no Centro Ecumênico de Bangalore.

O restante da viagem, de 13 a 20, Paulo Freire tratou sobre Educação nas cidades de Bangalore, Madras, Hyderabad e Nova Delhi. Também participou de um Seminário organizado por J.P. Nalk, Assessor do Ministro da Educação da Índia. Também foi organizado um encontro de Paulo Freire com o Primeiro Ministro da Índia.

Junho

Paulo Freire viajou para a Inglaterra e no dia 23 recebeu o título de **Doutor Honorário** pela Open University, com mais nove pessoas. Trocou correspondência com Walter James, Chanceler da Open University. Entre os dias 25 e 29 Paulo Freire percorreu várias cidades da Alemanha. Nos dias 25 e 26 esteve em Marburg, dia 27 e 28 em Tübingen palestrando para estudantes.

Novembro

Paulo Freire passou uma semana na Argentina trabalhando para o governo.

Dezembro

A Universidade de Berna, capital suíça, organizou um encontro de final de semana (dias 1 e 2) com o tema *Conscientização Política na Suíça*. Um dos objetivos deste encontro era relacionar a experiência de Paulo Freire na América do Sul com a situação da Suíça. Com isso os organizadores do Encontro pretendiam estimular os participantes para um trabalho educacional mais político.

No dia 4 de dezembro Paulo Freire estava em Oxford, na Inglaterra, para um *Seminário sobre Desenvolvimento* junto ao Departamento de Educação da OXFAM.²¹⁹ Entre os dias 5 a 7 Paulo Freire juntamente com David Miliwood, Claudius Ceccon e Gerald Belkin foram os palestrantes da *Conferência sobre Conscientização* com a Christian Aid (Ajuda Cristã) na cidade de Londres, Inglaterra.

²¹⁹ A OXFAM (**O**xford **C**ommittee for **F**amine Relief) ou Comitê de Oxford de Combate à Fome é uma organização não-governamental criada em 1942, durante a Segunda Grande Guerra, com a finalidade de atender populações que sofrem fome e injustiça. Tem sua sede em Oxford, Inglaterra e escritórios em várias cidades do planeta. Atualmente a OXFAM é constituída de 13 organizações internacionais e mais de 3000 parceiros.

Entre os dias 7 e 11 Paulo Freire foi para a Suécia, para uma série de Seminários e Encontros. O primeiro deles foi com professores e estudantes da Universidade de Gothenburg. Na seqüência fez um Seminário com círculos de estudos universitários em Estocolmo e dois Seminários específicos: um para estudantes e outro para professores da Universidade de Estocolmo.

Paulo Freire, ainda em Estocolmo, fez um Encontro informal com algumas pessoas envolvidas com a atividade de educação cristã, especialmente aquelas interessadas em educação para a libertação e educação não-escolar, ligadas às Sociedades Missionárias suecas. Também se encontrou com professores e pesquisadores do Instituto de Pedagogia da Universidade e com líderes missionários suecos. Nesse tempo Paulo Freire também teve um curto encontro com pessoas do Conselho Ecumênico Sueco.

Paulo Freire fez uma palestra pública com a Dag Hammrskjöl Foundation sobre *Pedagogia da liberdade e desenvolvimento*. Visitou a Associação dos Escritores suecos e fez um Seminário com a equipe da SIDA (Agência Sueca de Cooperação Internacional e Desenvolvimento). Também visitou o Instituto Latino-americano de Estocolmo. Encontrou-se com missionários estrangeiros e com algumas pessoas da organização Democracia Sueca.

Paulo Freire visitou o Ministro da Educação da Suécia e fez muitos contatos na cidade. Dentre estes Walter Persson das Sociedades Missionárias Suecas; Sven Hamrell, da Dag Hammrskjöl Foundation; Elizabeth Kvarnbäck, da SIDA; Mariane Maglund, que Freire encontrou em Estocolmo e posteriormente em Genebra; Carol Berggren, pesquisadora sobre alfabetização, especialmente a partir dos livros para crianças e Stig Lindholm, que Paulo Freire encontrou primeiro em Paris e depois em Estocolmo e que ficou sendo o contato sueco com o IDAC. Assim findou o ano de viagens do ano de 1973.

1974

Janeiro

Paulo Freire iniciou a sua série de viagens pela Alemanha. Esteve em Tübingen onde contactou com Gilberto Calcagnotto, brasileiro gaúcho, radicado na Alemanha. Nos dias 25 e 26 de janeiro Paulo Freire viajou para a Dinamarca onde participou de um Encontro organizado pela Universidade de Aarhus e o SCM, que é um organismo do governo responsável por Gestão de Suprimentos. No dia 25 Jürgen Lissner falou sobre *Educação para uma alimentação saudável* e no dia 26 Paulo Freire falou sobre *Educação para a Libertação*.

Fevereiro

Nos dias 4 e 5 Paulo Freire esteve em Bruxelas, na Bélgica. Foi ao Centro Internacional de Estudos de Formação Religiosa, visitou o Instituto Lumen Vitae e fez contato com o seu Diretor, o jesuíta Jean Bouvy.

Abril e Maio

Nestes dois meses Paulo Freire fez uma de suas mais longas viagens. Ele foi para a Oceania. Paulo Freire ficou de 16 de abril a 19 de maio no “novíssimo continente”. De 18 de abril a 5 de maio ficou na Austrália; de 5 a 8 de maio na Papua Nova-Guiné; de 8 a 15 na Nova Zelândia e 16 a 17 nas Ilhas Fiji. A viagem foi organizada por Clifford Wrigth, da Comissão de Educação Cristã, residente em Melbourne.

Abril

No dia 18 de abril Paulo Freire teve uma coletiva de imprensa na Scots Church Hall. No dia 19 teve um encontro com os Aborígenes. No dia 20 ministrou uma Conferência de fim de semana sobre o tema *Educação para a Libertação e a Igreja* que contou com a participação de 68 pessoas. No dia 22 Paulo Freire se reuniu na casa de Clifford Wright para discutir o tema “pobreza” e fez uma palestra pública na Fitzroy Town Hall. No dia 23 Paulo Freire foi entrevistado pela ABC TV;

participou de um Encontro com estudantes da Universidade de Melbourne. Ele relata que fez uma refeição, neste dia, com Dr. Joseph. A última atividade do dia 23 foi o encontro com um pequeno grupo de pessoas inovadoras no ensino, na residência de Clifford Wright.

No dia 24 Paulo Freire almoçou com o sindicalista Max Ogden e fez uma Conferência sobre *Educação para a Liberdade e a Comunidade* com a participação de 90 pessoas.

No dia 29 Paulo Freire foi para Canberra. Contatou com Margareth Bearlin, da Escola de Educação de Professores. Teve um encontro com o Secretário do Ministro da Educação, Sr. Sligar, e fez um Seminário na Faculdade Camberra de Educação Avançada para 60 pessoas.

No dia 30 Paulo Freire teve uma entrevista com Harry Penrith e mais 20 pessoas, todas aborígenes e envolvidas com o Departamento do Governo Federal sobre Assuntos Aborígenes. No começo da noite Paulo Freire, juntamente com familiares da casa de Vaughan e Elizabeth Hinton e Tom e Ellen Whelan jantaram com o aborígenes.

Maio

No dia 1º de maio Paulo Freire encontrou-se novamente com o povo aborígene e no começo da noite teve um encontro com Ross Poole²²⁰. No dia 2 Paulo Freire participou de um Programa da Radio ABC, o “PM” Programme e teve um Encontro com um grupo de 45 pessoas em Redfern. É importante destacar que Redfern é um bairro periférico de Sidney com concentração massiva de aborígenes, imigrantes e pobres, à semelhança dos bairros/redutos pobres da África do Sul. Menos de uma década antes de Paulo Freire estar na Austrália houve um confronto da população de Redfern com o governo que decidiu derrubar várias casas e expulsar 300 pessoas do lugar para construir um centro de triagem dos correios. No dia 3 Paulo Freire encontrou-se novamente com a população aborígene em companhia de Terry Widders, um historiador e lingüista que se ocupa de estudar

²²⁰ Ross Poole é um filósofo australiano formado pela Universidade Macquarrie. É autor de muitos artigos sobre nacionalismo, ética, modernidade, multiculturalismo e direitos dos povos aborígenes. Ele escreveu obras importantes e dentre elas *Moralidade e Modernidade e Nação e Identidade*.

populações nativas e sobre o termo “indígena”. Widders era ligado ao Conselho Australiano de Igrejas e especificamente no Comitê de Desenvolvimento dos povos Aborígenes.

Nos dias 5 a 8 de maio Paulo Freire esteve em Papua Nova-Guiné ou Port Moresby. No dia 5 Paulo Freire estava no sul do país, na região de Waigani, onde participou de um Seminário. Também esteve no Departamento de Pesquisa e encontrou-se com Alan Randall, do Comitê de Consulta sobre o Desenvolvimento da Universidade Nacional da Austrália.

Entre os dias 8 e 15 de maio Paulo Freire esteve na Nova Zelândia onde teve um Encontro oficial com Margareth Reid, Secretária Geral da Comissão de Educação das Igrejas da Nova Zelândia, na cidade de Wellington. Paulo Freire destaca a hospitalidade de três pessoas nesse período de viagem: Athol Duke, de Auckland; Jim Delahunty, de Wellington e o Prof. Graham Nu(a)than de Christchurch. Nestas três cidades [Auckland, Wellington e Christchurch] Paulo Freire participou de Encontros e Palestras.

Entre os dias 16 e 19 Paulo Freire esteve em Fiji. Encontrou-se com Galuefa Aseta, representante da Conferência de Igrejas do Pacífico e do Programa de Educação Cristã e Comunicação da região. Encerrada a viagem pelo Pacífico, Paulo Freire retorna a Genebra e se prepara para viajar para a América Latina.

Julho

Neste mês, entre os dias 1º e 5, Paulo Freire estava em Lima, no Peru, para participar de um Encontro do CELADEC (Conferência Latino-americana de Educação Cristã). Participou do Encontro na qualidade de consultor para a Educação.

Setembro e Outubro

Paulo Freire viajou para Koole, na Inglaterra e entre os dias 10 e 14 de setembro participou como Consultor da área social de uma Conferência organizada pela Koole University. O tema da Conferência era *Novas tarefas para a Educação de Adultos*. Os contatos de Paulo Freire para participar desta Conferência eram os

Professores Roy Show, do Departamento de Educação de Adultos da Keele University, Inglaterra; e Magnus Haavelrud²²¹ da Universidade de Trondheim da Noruega.

Em 17 de setembro Paulo Freire esteve no Caribe e, ao que parece, ficou até o dia 4 de outubro. Seu contato era David Mitchell, em Barbados, da Educação para o Desenvolvimento. Durante o tempo em que esteve no Caribe Paulo Freire visitou a República Dominicana, Porto Rico, Jamaica e Dominica.

No dia 10 de outubro Paulo Freire viajou para Portugal, onde permaneceu até o dia 17. Encontrou-se oficialmente com o Ministro da Educação de Portugal e abordou o tema da *Educação e suas relações específicas com os problemas da alfabetização*.

Entre os dias 21 e 23 Paulo Freire esteve novamente em Estocolmo para Seminários na área de educação organizados por Walter Persson, das Sociedades Missionárias Suecas.

No final do mês de outubro Paulo Freire estava de retorno à Genebra. No dia 28, em Cartigny, próximo a Genebra ele fez um discurso, em inglês, que foi transcrito (Anexo 12). São apenas 3 páginas inteiras e uma quarta que contém apenas cinco linhas, nas quais ele disse:

Finalmente, em meu ponto de vista, todas as vezes em que eu tenho tempo e espaço para agir como um educador minha maior preocupação é também desenvolver, em diferentes modos [ou caminhos], a consciência crítica. Isto é como eu vejo esta questão e talvez isto é o resultado deste meus quatro anos de trabalho no Conselho Mundial.

1975

Fevereiro

²²¹ Magnus Haavelsrud (Noruega) - professor de Educação na Universidade de Ciência e Tecnologia da Noruega e um dos criadores da Comissão de Paz e Educação da Associação Internacional para a Pesquisa da Paz. Esteve no Brasil em agosto de 2009 no Congresso Mundial para a Paz nas Américas, sendo um dos palestrantes. É um crítico do modelo reprodutivista de educação, denunciado por Pierre Bourdieu. Presidiu a Conferência Mundial sobre Educação em 1974.

Paulo Freire estabeleceu contatos com dois Professores da Universidade Católica de Louvain: De Keyser e De Somer. Entre os dias 2 e 5 de fevereiro Paulo Freire esteve em Bruxelas, na Bélgica, onde recebeu o seu título de Doutor *Honoris Causa* pela Universidade Católica de Louvain.

Maio

Entre os dias 10 e 13 de maio Paulo Freire esteve em Manchester, na Inglaterra participando de uma Mesa Redonda, de um Seminário de Equipe e de um Workshop como o Departamento de Educação de Adultos da Universidade de Manchester. Seu contato era o Prof. Ruddock do Departamento de Educação de Adultos.

Nos dias 21 a 25 de maio Paulo Freire estava na Polônia onde participou do III Simpósio “A Paz e a Justiça” e palestrou sobre o tema *Cooperação dos Cristãos e do Marxismo em termos de Humanismo*, patrocinado pela Associação para a Paz (Stowarzyszenie Pax) de Varsóvia.

Junho

Nos dias 21 e 22 de junho Paulo Freire esteve em Breisgau, nos arredores de Friburgo, na Alemanha participando de dois Seminários. O primeiro tratou sobre *Educação para a Solidariedade* e o segundo sobre *Paulo Freire e seu método de alfabetização política*. Ambos os Seminários foram organizados pela Comunidade Estudantil Evangélica de Friburgo. O contato de Paulo Freire era Hartmut Futterlieb, da Comunidade Estudantil Evangélica de Breisgau.

Entre os dias 23 e 25 foi para a França, onde Paulo Freire participou em Paris da Assembléia Geral do INODEP, na qualidade de Presidente.

Julho

Paulo Freire viajou para a Inglaterra e entre os dias 1º a 3 esteve em Oxford participando de uma Conferência sobre *O acesso à Educação Continuada* organizada pela Open University e trabalhou com um grupo sobre o tema *Desenvolvimento de Currículo e Metodologia da Educação Continuada*. Seu contato era Terence Quirke, Secretário do Comitê Volante da Open University.

Setembro

Entre os dias 1º e 5 de setembro Paulo Freire estava em Persépolis, no Irã, onde participou do Simpósio Internacional para a Alfabetização. Neste encontro Paulo Freire fará um discurso em que declara que alfabetizar é ensinar a usar a palavra e pensar o mundo. E para ele escrever é expressar juízo pensado sobre o mundo (No Anexo 13 consta o discurso de Paulo Freire em francês. O texto foi produzido originalmente em português e também há uma cópia em inglês). Os contatos de Paulo Freire para a participação neste Simpósio eram Majid Rahnema²²², que já conhecia Paulo Freire desde sua atuação no Chile, pois ambos trabalhavam para a Unesco e Léon Bataille, do Comitê Patrocinador, autor de uma obra chamada *Um ponto decisivo para a alfabetização*.²²³

Entre os dias 7 e 22 de setembro Paulo Freire, após contato do engenheiro Mario Cabral, chefe do Alto Comissariado de Estado para a Educação e a Cultura do governo de Guiné-Bissau, por solicitação do Ministro da Educação, faz a sua primeira visita ao país, acompanhado de sua equipe do IDAC. A solicitação que vinha do Ministério era para que Paulo Freire e sua equipe pudessem “ajudá-los a desenvolver seu Programa Nacional de Alfabetização de Adultos”. E esta será a primeira da série de dez visitas que Paulo Freire fará ao país, sendo que quando Paulo Freire fez a última visita, já tinha retornado ao Brasil.

Novembro e Dezembro - Uma Assembléia...

Não consta nos registros de Paulo Freire a informação de que tenha participado de alguns eventos maiores do CMI, provavelmente por conta de suas constantes viagens. A Assembléia de Nairóbi, no Quênia, África aconteceu entre os dias 23 de novembro de 10 de dezembro, no tempo em que Paulo Freire desenvolvia suas atividades ligado ao CMI.

²²² Majid Rahnema, nascido em Teerã, no Irã, foi diplomata de carreira. Foi representante do Irã na Assembléia Geral das Nações Unidas (ONU) por 10 anos consecutivos (1962-1972). Trabalhou como Comissário da ONU para Ruanda (para supervisionar as eleições e no referendo realizado em 1960). Foi Vice-presidente da Unesco entre 1965 e 1967. Ele também atuou como membro do Conselho Executivo da UNESCO entre 1974 e 1978.

²²³ BATAILLE, Leon. **A turning point for literacy**. Proceedings of the International Symposium for Literacy. Oxford. Pergamon, 1975.

Embora Paulo Freire não anote nos seus registros a sua participação, Sapsezian informou que Paulo Freire participou da Assembléia de Nairóbi no Quênia. Mais ainda, de que teria influenciado diretamente os rumos da Assembléia que se apropriou dos dois termos discutidos anteriormente [contextualização e conscientização].

No capítulo III quando tratamos do CMI e especialmente sobre a Quinta Assembléia afirmamos que no seu tema geral há uma expressão recorrente: **Libertação**. E a Assembléia se ocupou de questões tais como [1] testemunho cristão, [2] unidade da igreja [3] respeito pela diversidade, [4] educação libertadora [5] injustiças estruturais dentre outras questões em que a contextualização e a conscientização se tornavam urgentes. É inegável a influência de Freire e de Sapsezian.

1976

Fevereiro

Paulo Freire viajou para a Itália. Esteve em Palermo, na Sicília entre os dias 4 a 8 e participou da Consulta Internacional sobre *Educação Inovadora* patrocinada pela Fundação Ford e pela Federação Mundial de Estudos do Futuro.

No dia 14 Paulo Freire e sua equipe do IDAC estavam em Guiné-Bissau para sua segunda visita. Permaneceram no país até o dia 4 de março.

Março

Entre os dias 13 a 22 Paulo Freire esteve na Berlim Oriental, capital da então República Democrática da Alemanha, a convite da Federação de Igrejas Evangélicas daquele país com três atividades específicas: (1) uma consulta com uma Comissão da Federação sobre o trabalho da Igreja com crianças e candidatos a confirmação. Nesta consulta foi discutido com Paulo Freire qual a sua opinião em relação à igreja em geral, ao seu trabalho educativo, à relevância do seu conceito

[de educação] para a situação específica da Berlim Oriental e a significância de sua obra no trabalho que desenvolvia no CMI; (2) visitar uma igreja membro da Federação e reunir com trabalhadores da paróquia e com professores universitários; e (3) Reunir com a Agência Central de Educação.

Abril

Entre 12 e 14 de abril Paulo Freire foi a Tübingen onde se encontrou com Samuel Parmar, da Índia, para um Seminário sobre *Igreja, escolas e crise ecológica e suas conseqüências educacionais* como preparação para a reunião do Setor de Educação do CMI.

Maio

Entre os dias 21 e 23 Paulo Freire viajou para Leeds, na Inglaterra onde participou de um Seminário de final de semana organizado pela Universidade de York, no campus de Helsington.

De junho a outubro Paulo Freire vai se dedicar à África.

Junho

Paulo Freire chegou a São Tomé e Príncipe, na África, no dia 3 de junho. Permaneceu no país até o dia 15. Sua ida para o país se deu por conta de um convite do governo para discutir com ele uma futura colaboração entre o Departamento de Educação do CMI e o governo de São Tomé e Príncipe, especialmente no desenvolvimento de Programas para a Educação de Adultos. O país havia se libertado do jugo colonial português em 1975. Os portugueses e seus descendentes abandonaram o país [que são ilhas] temerosos das reações de um país recém-liberto. O contingente de analfabetos no país era, em 1976, da ordem de 90%. O país tornou-se “dependente” de Angola. Três das visitas de Paulo Freire a São Tomé e Príncipe foram compartilhadas com visitas à Angola.

De São Tomé e Príncipe Paulo Freire viajou para a Tanzânia ficando no país entre os dias 20 e 27. Participou da *Conferência Internacional sobre Educação de Adultos e Desenvolvimento* organizado pelo Conselho Internacional para Educação de Adultos.

Agosto

Paulo Freire fez a sua primeira visita a Angola entre os dias 18 e 31. Esta visita também foi uma solicitação do Ministro da Educação com o objetivo de fazer uma discussão sobre a possibilidade de CMI, através de seu Departamento de Educação se envolver no campo da Educação no país. A ida de Paulo Freire foi articulada por Almeri Bezerra, que à época trabalhava no país, no escritório da Unicef. Angola também conseguiu a sua independência no ano de 1975. Dois grupos tentaram o controle do país MPLA e UNITA. O primeiro governa o país desde 1975 que possuía e ainda possui um alto índice de analfabetismo.

Provavelmente Paulo Freire fez um levantamento da situação São Tomé e Príncipe e de Angola, pois na segunda visita, que será conjunta, virá acompanhado da equipe do IDAC.

Setembro e Outubro

Paulo Freire, acompanhado da equipe do IDAC faz a sua terceira visita a Guiné-Bissau. Ele permaneceu por 22 dias no país. Freire chegou a Guiné-Bissau no dia 23 de setembro e retornou para Genebra no dia 15 de outubro.

Entre os dias 18 e 21 de outubro Paulo Freire estava em Paris para uma Reunião sobre o tema *Conscientização*, organizada pelo INODEP.

Deixando a Europa, Paulo Freire retornou para a África, na Botswana. Entre os dias 23 e 31 de outubro participou de um Seminário sobre *Educação* organizado pelos Estudantes Sul-Africanos (em conjunto com o Programa do Conselho Cristão de Botswana e o Departamento de Juventude do CMI).

Novembro

Paulo Freire retorna a Europa para algumas viagens internas no continente. No final do mês estará de volta na África.

Entre os dias 11 a 14 Paulo Freire esteve em Bielefeld, na Alemanha onde participou de um Encontro organizado pelo Departamento de Investigação e Estudos

Latino-americanos da Universidade de Bielefeld. O tema do Encontro foi sobre *A continuidade e os efeitos do Método Paulo Freire*.

Dias 18 e 19 Paulo Freire foi a Londres, na Inglaterra. O convite para participar de um Encontro veio do Prof. Basil Bernstein, Diretor da Seção de Educação e Desenvolvimento Rural do Instituto de Educação da Universidade de Londres. De Londres Paulo Freire embarca para Bonn, na Alemanha, onde a convite do Prof. W. Saylor participou de um Encontro de final de semana (dias 28 a 28 de outubro) sobre o tema *Educação*.

No dia seguinte (29 de outubro) Paulo Freire estava na sua segunda visita à São Tomé e Príncipe e também Angola para auxiliar no desenvolvimento de seu Programa Nacional de Alfabetização. Paulo Freire permaneceu nestes países africanos até o dia 22 de dezembro, próximo do Natal.

1977

Fevereiro

Paulo Freire retoma a suas viagens de onde havia terminado no ano anterior. Entre os dias 6 e 26 de fevereiro realizou a sua terceira visita a São Tomé e Príncipe e Angola. A impressão que temos é que Paulo Freire retornou para Genebra para preparar material para a atividade da qual participaria duas semanas depois.

Março

Nos dias 9 e 10 de março Paulo Freire foi a Paris e participou de um Simpósio da Unesco-NGO²²⁴ sobre *Alfabetização e a Educação para toda a vida*. O convite para o Simpósio veio de Laurel Casinader da Aliança Internacional de Mulheres de Londres. Encerrado o Simpósio, Paulo Freire estava de retorno à África, na sua quarta visita a Guiné-Bissau e a primeira visita a Cabo Verde. Paulo Freire chegou à

²²⁴ A Unesco-NGO não é a Unesco "Liga das Nações".

África no dia 11 de março e deve ter permanecido até o dia 21. No relatório de viagens ele indica o dia 31 de março, mas no compromisso seguinte ele indica a data 30 de março.

Abril

De qualquer forma, consideremos que Paulo Freire esteve entre os dias 30 de março e 7 de abril na Costa Rica. Ele viajou para aquele país a convite do Presidente da República, Daniel Oduber. O convite era para “opinar” sobre o Programa Nacional de Educação.

No dia 12 de abril Paulo Freire, já retorno à Europa, participou de um Seminário em Estrasburgo, na França, sobre *Ciência e Alfabetização no Terceiro Mundo* organizado pelo Centro Nacional de Investigação Científica e pelo Instituto Nacional de Física e Física de partículas, da Universidade Louis Pasteur.

De 18 a 22 de abril Paulo Freire estava em Amsterdã, na Holanda participando de vários pequenos Seminários de trabalho sobre o tema *Conscientização na Europa* oferecidos para a juventude trabalhadora e líderes profissionais. O convite veio [1] do Conselho da Juventude da Igreja Reformada da Dinamarca, na cidade de Driebergen, próxima da Holanda junto com algumas organizações irmãs como [2] Conselho de Juventude Católico Romano, [3] o Centro para o Trabalho com a Juventude Reformada e o Departamento de Cooperação Internacional da Universidade do Estado de Groningen.

Junho

Paulo Freire vai encerrar suas viagens no ano de 1977 na África. Entre os dias 12 e 26 de junho ele viajou para a sua quinta visita a Guiné-Bissau em conjunto com a sua segunda visita a Cabo Verde.

Agosto e Setembro

De 29 de agosto a 27 de setembro Paulo Freire fará a sua quarta visita a Angola e também a quarta a São Tomé e Príncipe. A visita é conjunta, talvez porque os dois países mantinham relações após a independência.

1978

Janeiro

Paulo Freire esteve rapidamente em Paris, no dia 20 de janeiro, para uma breve reunião (one-day meeting) com estagiários do Instituto Internacional para o Planejamento Educacional.

Nos dias 26 e 27 Paulo Freire foi convidado pelo Pastor H.P. Scheriber para ir a Basel (ou Basileia) da Associação de Estudantes Reformados Evangélicos, para um encontro com estudantes que estavam se dedicando a estudar as aproximações da educação freireana.

No dia 30 de janeiro Paulo Freire participou de um encontro significativo na Universidade de Lyon, Departamento de Letras e Civilização. Ele foi convidado para falar sobre o Programa educacional que estava aplicando em Guiné-Bissau e São Tomé e Príncipe. Neste encontro participaram vários lingüistas que debateram com Paulo Freire a questão da alfabetização e da linguagem.

Fevereiro

Paulo Freire viajou para Frankfurt entre os dias 2 e 5 de fevereiro para participar de um Seminário sobre Pedagogia no Terceiro Mundo. O convite veio da Universidade Johann Wolfgang Goethe.

No dia 12 de fevereiro Paulo Freire estava de retorno à África. Fez a sua sexta visita à Guiné-Bissau. Paulo Freire ficou no país até o dia 28. Esta visita de Paulo Freire se reveste de uma importância extraordinária, pois em Guiné-Bissau ele fez uma reunião internacional, entre os dias 15 e 27 de fevereiro, com os Ministros da Educação de cinco países africanos. Estiveram presentes para um encontro de 12 dias com Paulo Freire os Ministros de Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique e São Tomé e Príncipe. Alguns desses países tinham relações, via

igrejas, com o CMI e já conheciam o "Método Paulo Freire" antes da sua chegada em Genebra.

Abril

O mês de abril será especialmente pesado na agenda de Paulo Freire. Ele viajou pela Inglaterra e Estados Unidos. Do dia 1º ao dia 5 Paulo Freire viajou para Guilford, no Reino Unido, a convite de Rosemary Wilcock, presidente do Concílio Geral e da Junta de Educação da Church House. O convite era para uma consulta e diálogo entre pessoas interessadas no tema das relações entre *Educação, Igreja e Sociedade*. Entre os dias 6 e 9 de abril Paulo Freire esteve em Lincoln, também no Reino Unido, a convite de Canon Rex Davis, que na época havia saído do CMI para ocupar o cargo de Deão de Lincoln, uma das maiores, majestosas e suntuosas catedrais góticas da Grã-Bretanha. Nesta cidade Paulo Freire participou de alguns encontros sobre *Educação e Desemprego* e *Obra e pensamento de Paulo Freire*.

Do Reino Unido Paulo Freire embarcou para os Estados Unidos. Entre os dias 19 e 22 de abril Paulo Freire esteve em Sacramento onde participou de atividades na Universidade do Estado da Califórnia, mais especificamente na Faculdade de Educação. O convite chegou a Paulo Freire através do Prof. John P. McFadden do Departamento de Ciências do Comportamento daquela Universidade.

Entre os dias 22 e 25 de abril Paulo Freire esteve em Long Beach, também na Califórnia, para atividades ligadas à área de Educação. O convite foi feito por Dr. Donald C. Thompson. Paulo Freire viajou para Ann Arbor, no Estado de Michigan, a convite da Faculdade de Educação da Universidade do Estado. Desenvolveu atividades desde o dia 26 até o dia 29 de abril quando então recebeu o título de Doutor *honoris causa* pela Universidade de Michigan.

Paulo Freire encerrou sua viagem pelos Estados Unidos na Filadélfia, visitando a Universidade da Pennsylvania. Foi à Faculdade de Educação a convite de Mary R. Hoover, Professora Assistente na Universidade.

Maio

Neste mês Paulo Freire dedicou-se completamente à África. Ele fez a sua sétima visita à Guiné-Bissau entre os dias 5 e 17 de maio. Nos dias 20 a 31 Paulo Freire viajou para a realizar a sua quinta visita a São Tomé e Príncipe.

Junho

Paulo Freire encerrou o primeiro semestre do ano de 1978 na África. Ao sair de São Tomé e Príncipe, ele foi para a sua quinta visita a Angola. Permaneceu no país entre os dias 1º e 9 de junho.

Agosto

Paulo Freire e mais um grupo de pessoas foram para Stony-Point, no Estado de Nova Iorque, Estados Unidos para uma reunião de trabalho. O Grupo pertencia a sub-unidade do Departamento de educação do CMI do qual Paulo Freire fazia parte. Segundo Antonio Faundez, na entrevista concedida, o CMI possui vários Departamentos, os quais possuem sub-unidades que desenvolvem programas específicos. Paulo Freire era responsável pelo Programa de Educação Básica de Adultos. A reunião do Grupo nos Estados Unidos durou duas semanas. Iniciou no dia 25 de agosto e encerrou no dia 8 de setembro.

Setembro

Entre os dias 21 e 26 de setembro Paulo Freire fez a sua oitava visita à Guiné-Bissau. Novamente Paulo Freire encerra o seu ano de atividades fora da Europa trabalhando na África.

1979

Fevereiro

Paulo Freire iniciou suas viagens no ano de 1979 indo para o Oriente. Esteve entre os dias 7 e 14 de fevereiro na cidade de Nova Delhi a convite de P.T. Kuriakose, do Centro Internacional da Juventude para participar de alguns Workshops e Seminários sobre *Educação de Adultos*.

Março

Entre os dias 5 e 8 Paulo Freire viajou para Kassel, na Alemanha. Foi a convite de Matthias Wessler das Escolas de nível médio de Kassel e da Organização Internacional de Economia Agrária, para participar de alguns Seminários sobre *Educação Superior e Desenvolvimento Internacional*.

Saindo de Kassel, Paulo Freire se dirigiu para a África, onde permaneceu por um mês. Foi para Cabo Verde, para a sua terceira visita ao país, chegando em 9 de março e ficando até o dia 16. No dia 17 chegou a Luanda, capital de Angola, para a sua sexta visita. Ficou no país até o dia 23 quando então embarcou para a sua sexta visita a São Tomé e Príncipe. Sua estada neste país foi de 23 de março a 6 de abril.

Abril

Neste mês, nos dias 21 e 22 Paula Freire foi para Duisburg a convite das Escolas de nível médio para liderar um *Seminário sobre Educação*. Cinco dias depois, no dia 27 de abril Paulo Freire estava em Alicante, na Espanha a convite do Instituto de Ciências Sociais Aplicadas Juan XXIII com objetivo de ajudar na avaliação de um *Programa de Cultura Popular* e para liderar um diálogo sobre *A Evolução da conscientização e o pensamento de Freire*. Paulo Freire ficou na Espanha até o dia 29 de abril.

Maio

Paulo Freire retorna à África. Entre os dias 13 e 27 de maio ele chega a Guiné-Bissau para a sua nona visita.

Junho

O retorno de Paulo Freire para o Brasil começa a ser antevisto. O Projeto de Anistia estava para ser aprovado pelo Congresso e o governo sofria pressões para que tal se realizasse. O mês de junho foi um “mês gracioso” para o andarilho. Paulo Freire recebeu o seu primeiro passaporte como cidadão brasileiro. Até então viajava com um “Documento de Viagem” concedido pelo governo suíço, pois o documento que o governo chileno lhe entregara havia expirado em 1973.



Passaporte de Paulo Freire

Julho

Paulo Freire viajou, como no ano anterior, para Ann Arbor, Michigan, nos Estados Unidos. Chegou à cidade no dia 1º de julho e ficou até o dia 31. Ficou o mês todo participando em um Programa de Verão da Universidade de Michigan. Deve ter levado o passaporte no bolso, junto ao “Documento de Viagem” recebido do governo suíço. Estava na expectativa pela aprovação da Lei de Anistia ampla, geral e irrestrita, sem benesses aos torturadores ou militares.

Agosto

Paulo Freire desembarcou no Brasil no dia 7 de agosto²²⁵, mesmo sem que a Lei de Anistia estivesse aprovada. Visita São Paulo, Rio de Janeiro e Recife. No dia 22 de agosto de 1979 foi aprovada, por pequena margem de diferença: 206 a 201, a Lei de Anistia brasileira. Em 28 de agosto, o presidente militar João Batista de Oliveira Figueiredo sancionou a Lei nº 6.683, anistiando todos os cidadãos punidos por atos de exceção desde 9 de abril de 1964 (edição do AI-1). A Lei anistiava

²²⁵ Segundo Gadotti In: GADOTTI, Moacir. **Atualidade de Paulo Freire**: continuando e reinventando um legado. Coordinamento Nazionale Comunità di Accoglienza/Centro Sociale Ambrosiano - Milano, 25 maggio 2002, p. 1.

estudantes, professores e cientistas afastados das instituições de ensino e pesquisa desde 1964. Entretanto, o reaproveitamento de servidores civis e militares ficou subordinado à decisão dos referidos órgãos de onde foram afastados.²²⁶

Nos registros que acessamos Paulo Freire coloca a seguinte expressão: “August 1979 – home-leave in Brasil” ou, numa tradução livre: “Agosto de 1979: Casa de Férias no Brasil”.

Outubro

Entre os dias 2 e 14 de outubro Paulo Freire viajou para Cabo Verde para cuidar do Programa de Alfabetização de Adultos. Entre os dias 22 de outubro e 1º de novembro Paulo viajou para Manágua, capital da Nicarágua, para responder ao convite de Carlos Tunnerman, Ministro da Educação do Governo de Reconstrução Nacional para discutir com ele sobre o Plano Nacional de Alfabetização que seria desenvolvido a partir de 1980. A Nicarágua estava sob governo dos sandinistas desde 19 de julho de 1979 quando derrubaram a ditadura de Somoza. O país fora destruído por uma guerra civil e necessitava de reconstrução. Contaram com a ajuda de Paulo Freire.

Novembro

Nos dias 1º a 4 de novembro Paulo Freire viajou para Quito, no Equador, a convite de Osvaldo Hurtado, Vice-Presidente da República para assessorá-lo na sua Campanha de Alfabetização.

Paulo Freire ainda se dirigiu para outro país do Caribe, Granada, que pertence à Inglaterra, mas tem administração própria, à semelhança da Austrália. Paulo Freire chegou a Granada no dia 20 de novembro e permaneceu no país até o dia 27. A visita foi para atender ao convite de George Louison, Ministro da Educação para que Paulo Freire oferecesse assistência técnica educacional ao país. Naquele período Granada era um Governo Popular, independente da Grã-Bretanha após um conflito que culminou com a autonomia em 1974. A independência durou até 1983 quando a Ilha foi invadida por tropas internacionais lideradas pelos Estados Unidos.

²²⁶ **LEI Nº 6.683** - de 28 de agosto de 1979 - DOU de 28/8/79 – Lei da Anistia. Disponível em <<http://www3.dataprev.gov.br/sislex/paginas/42/1979/6683.htm>>. Acesso em 5 de abril de 2009.

Dezembro

Entre os dias 7 e 18 de dezembro Paulo Freire fará a sua última viagem do ano à África. De 7 a 17 de dezembro ele viajou para São Tomé e Príncipe para a sua sétima e última visita ao país. No dia 18 ele viaja para Luanda, capital de Angola, que foi também a sua última viagem para aquele país.

1980

Fevereiro, Março e Abril

Entre os dias 18 a 24 de fevereiro Paulo Freire viajou para Granada, para a sua segunda visita de assessoria técnica. Passou o mês de março no Brasil, preparando o seu retorno. Do Brasil viajou para Guiné-Bissau onde permaneceu entre os dias 1º e 6 de abril, realizando a sua décima e última visita.

De retorno a Genebra, Paulo Freire começou a se organizar para deixar o seu posto de Consultor Especial do Programa de Educação Básica para Adultos do Departamento de Educação do Conselho Mundial de Igrejas.

Junho

No dia 15 de junho de 1980 Paulo Freire retornou definitivamente para o Brasil.

A trajetória de Paulo Freire no CMI é marcada por intensidade tanto de viagens quanto de produção teórica. Computamos aproximadamente 150 viagens de Paulo Freire, pelos cinco continentes. Em todos Paulo Freire esteve a convite de Instituições civis e religiosas, federações, associações, organismos oficiais de governos e organizações não-governamentais. Em todas as viagens Paulo Freire carregava na bagagem a conscientização, a libertação e a necessidade de autonomia do ser humano.

Quanto às obras e publicações de Paulo Freire, elas não aparecem no documento que tomamos para analisar. Isto se deve ao fato de Paulo Freire registrar apenas suas viagens. Entretanto, temos conhecimento de que ele foi extremamente produtivo neste período. Como resultado de suas viagens alguns de seus textos produzidos antes da chegada em Genebra foram traduzidos e publicados e outros são resultado de palestras, encontros e seminários realizados pelo mundo afora, o que caracteriza efetivamente Paulo Freire como um andarilho, mas não um andarilho que caminha por caminhar, que vai de um lado para o outro sem uma causa. A causa de Paulo Freire era movida por aquilo que ele afirmou dias antes de sua morte: o amor pelo humano, pela natureza, pelas coisas, pelo mundo.

CONCLUSÃO

Ao construir este trabalho propusemos traçar o itinerário de Paulo Freire no e a partir do CMI. Para isso optamos por seguir um caminho que nos mostrasse Paulo Freire antes de trabalhar no CMI; nos mostrasse o que é o CMI e, por fim; nos mostrasse Paulo Freire e partir do CMI. Num primeiro momento, fizemos algumas considerações sobre o colonialismo, como uma política de controle sobre um território que, conseqüentemente se estabelece como controle sobre as mentes. Portugal soube implementar esta política no Brasil, na África e Ásia, com as graças e chancela da Igreja. O sistema opressivo da política colonial se enraizou criando uma mentalidade colonial a ser imposta sobre uma maioria. Brasil, África e Ásia tiveram suas populações dominadas por esta mentalidade.

Paulo Freire ao trabalhar no nordeste brasileiro, depois no Chile e África, via CMI aprofundou o que já havia percebido mais especialmente a partir da década de 1950: que o colonialismo, com todas as suas crueldades e mazelas, precisava ser superado. E a via para isso é o processo de conscientização.

Nas suas andarilhagens pelo mundo Paulo Freire vai redescobrir a América, mas não a América dos colonizadores e sim a dos colonizados. Paulo Freire não via a diferença da mentalidade colonial no Brasil e na África. E foi trabalhando no CMI que ele pode ampliar a sua compreensão do processo de colonização e de necessidade de emancipação. Ao que parece, os processos de independência na África foram mais conflituosos que no Brasil, mas o modelo implementado era semelhante.

Faremos ainda algumas inferências a respeito de Paulo Freire, sua práxis libertadora, e especialmente, sua presença no CMI. Em **primeiro lugar** temos de considerar que Paulo construiu uma epistemologia ímpar. Seu “método”, que ele não gostava que assim fosse chamado, tornou-se conhecido em vários lugares antes dele sair do Chile. Em junho de 1970 chegou ao CMI uma carta com um anexo. Era um Projeto de Alfabetização de Adultos da Swazilândia, utilizando o “Método Paulo Freire”, conforme já indicamos no Anexo 10. Na nossa entrevista com Sapsezian foi dito que Paulo Freire já era conhecido de alguns países africanos e que ele possuía contatos naqueles territórios.

Em **segundo lugar** temos de considerar a angústia de Paulo Freire quando estava nos Estados Unidos, em fins de 1969. A percepção que temos da angústia é inferência nossa pois, como Paulo Freire dizia, não era afeito aos Estados Unidos, nem ao Canadá. Viver e trabalhar na “toca do bicho”, como chamava uma das maiores nações capitalistas do planeta não lhe agradava, Paulo Freire também deveria considerar que aqueles que o convidavam para o trabalho representavam uma nação que contribuía para o golpe militar que fora a razão de seu exílio e aborto da Campanha Nacional de Alfabetização que estava em pleno funcionamento em 1964. Retornar para o Chile não lhe agradava, por causa dos membros da direita do Partido Democrata Cristão. No primeiro semestre de 1971 Paulo Freire esteve no Chile trabalhando oficialmente com o governo, via CMI. Se Paulo Freire permanecesse no Chile, como a história nos mostra hoje, provavelmente seria uma das vítimas do golpe de 1973.

Sua angústia teve fim quando um sacerdote católico romano brasileiro, trabalhando em Roma vai até o CMI, na companhia de outros dois sacerdotes católicos romanos e conseguem a carta-convite para Paulo Freire trabalhar no CMI. Era o seu amigo da década de 1960, Almeri Bezerra que anos mais tarde vai abrir as portas de Angola para o trabalho de Paulo Freire e sua equipe.

Em **terceiro lugar** consideremos o termo: **conscientização**. Este termo foi introduzido na linguagem do CMI a partir da década de 1970 por Paulo Freire. Conforme afirmamos no capítulo III, este termo era perigoso. E os norte-americanos evitavam usá-lo. Talvez por ter sido criado no Brasil, pelo ISEB no ano de 1955, e

ser aplicado como um conceito de contra-ideologia. Os norte-americanos e ingleses, bem como outros povos de fala inglesa não conheciam o termo. Utilizavam a palavra *awardness* que significa sensibilização. Ao introduzir o termo no CMI, Paulo Freire contribuiu significativamente para desencadear a apropriação não apenas do termo, mas do conceito que carregava com ele.

Outra questão em relação à conscientização é que ninguém pode explicitar algo que não é parte do seu ser. Paulo Freire passou pelo processo de conscientização. Fazia parte dele *estar no mundo e com o mundo*. É como se o prisioneiro da caverna de Platão se soltasse, caminhasse em direção à luz e depois voltasse para a caverna para libertar os seus companheiros. A construção da consciência para Freire aconteceu durante muitos anos, desde a sua adolescência, quando estudava palavras e construía sentenças com a sua professora Eunice Vasconcelos. A conscientização foi ganhando corpo na prática docente junto aos trabalhadores do Recife. A *Pedagogia do oprimido* somente pode ser escrita por causa destes anos de labuta com os pobres, como afirmou ele próprio. E sobre o termo conscientização ele escreveu quando ainda estava no exílio latino-americano. E recusou-se ao uso do termo por alguns anos.

Paulo Freire somente retomou o uso em Genebra, no ano de 1974, quando encontrou-se com Ivan Illich, conhecido como o ex-padre da desescolarização em um Seminário promovido pelo CMI. O moderador neste encontro foi Philippe Potter. Paulo Freire afirmou que faria uma auto-crítica. Ele disse que, ao estudar o processo de conscientização, errou ao considerar que a realidade social revelada ao sujeito era suficiente para a tentativa de se transformar esta realidade. O que Paulo Freire descobriu, nestes quatro primeiros anos no CMI, e após muitas viagens, os seminários e encontros, foi a necessidade de tomar dois momentos numa relação dialética: o do conhecimento da realidade e o do trabalho de transformar esta realidade. Em suma, descobrir a realidade não significa transformá-la. E isto Paulo Freire chamava de conscientização.

Como leitores de Paulo Freire, admiradores e adeptos de sua epistemologia podemos afirmar que o sucesso do trabalho de Paulo Freire na África foi porque ele

amadureceu sua concepção de conscientização. E Paulo Freire começou a desenvolver sua práxis educativa na África a partir de 1975.

Em **quarto lugar** temos de considerar que Paulo Freire influenciou profundamente a Educação no CMI, tanto a teológica quanto a não-teológica. Quando acompanhamos o itinerário de Paulo Freire no CMI anotamos quatro viagens dele em companhia de Will Kennedy, à época o Diretor do Departamento de Educação do CMI. Paulo Freire viajou com ele em março de 1970, outubro de 1971, janeiro de 1972 e fevereiro de 1973. Paulo Freire e Will Kennedy se tornaram próximos e compartilhavam da idéia de que a educação reproduz as estruturas de poder da sociedade e de que a educação é ideológica, servindo a interesses econômicos. Nas viagens que fizeram juntos, Paulo Freire e Will Kennedy trataram sobre Educação de Adultos. Uma das reuniões mais importantes das quais participaram foi em 1972, num encontro da Unesco, no qual tiveram participação ativa, discursando sobre o tema da Educação.

E, em **quinto e último** lugar queremos destacar a importância de Paulo Freire em pensar a teologia. Para ele o papel da igreja não deve ser o de mitologizar, domesticar ou desenvolver a burocracia da fé, mas o de libertar e humanizar o ser humano. Este questionamento de Paulo Freire o instigava, segundo ele mesmo, ao interesse de trabalhar cada vez mais com teólogos, pois acreditava que a teologia na atualidade tem muitas coisas a fazer. Paulo Freire não via a teologia como algo supérfluo. Supérflua é a teologia idealista. Para ele a teologia tem de ser parte da antropologia, comprometida historicamente, contribuindo para a ética e nossa presença no mundo. E esta teologia tem de estar conectada à educação libertadora. Obviamente, esta postura de Paulo Freire está diretamente ligada à Teologia da Libertação ou seja, uma teologia que é uma pedagogia da libertação e uma pedagogia que é uma teologia da libertação. Paulo Freire era conectado (ele vai dizer que na sua adolescência era “menino conectivo”) com a América Latina, mesmo quando estava trabalhando no CMI.

Paulo Freire foi imensamente grato ao CMI por lhe conceder livremente a “liberdade de pensamento”. Podemos concluir com isso que O CMI confiava no seu trabalho e não consta que Paulo Freire tenha sido vigiado, fiscalizado no tempo de

seu trabalho no organismo. Tinha liberdade para exercer sua atividade, seu pensamento, sem a necessidade de apresentar relatórios a qualquer pessoa. Seus registros não são completos. Paulo Freire não cite alguns eventos de importância do CMI como a Quinta Assembléia realizada em Nairobi, Quênia, África, mas sabemos que ele participou do Encontro. E indiretamente Paulo Freire influenciou a ênfase da Assembléia no que diz respeito às questões de luta pela igualdade entre as pessoas, a necessidade de um evangelho mais encarnado na realidade e menos idealista.

Quando voltou para casa, em junho de 1980 Paulo Freire disse que dezesseis anos de ausência exigem uma aprendizagem e uma maior intimidade com o Brasil da década de 1980 e 1990. Neste retorno à terra pátria Paulo Freire veio para reaprender o Brasil.

A trajetória de Paulo Freire no CMI pode ser resumida na sua fala em entrevista ao Jornal One World, em julho de 1980, quando já tinha retornado para o Brasil. Paulo Freire afirmou: “eu estou feliz por poder dizer que eu era feliz aqui [no CMI]. Eu não sei se dei alguma contribuição aqui ou não, mas sei que esta casa me deu uma chance.”²²⁷

De menino pobre e conectivo de Pernambuco ao Paulo Freire conectado aos cinco continentes via CMI podemos afirmar: Paulo Freire ainda menino queria ajudar os homens. Viveu pela causa. Ajudou continentes.

²²⁷ WCC FOCUS. **Entrevista com Paulo Freire**. Jul de 1980.

REFERÊNCIAS

ANDERSON, Justo. **Historia de los bautistas**. Tomo 1. Sus bases y principios. 3. ed. El Paso, Texas: Casa Bautista de Publicaciones, 1993. (texto traduzido do espanhol)

ANDREOLA, Balduino Antonio; RIBEIRO, Mario Bueno. **Andarilho da Esperança: Paulo Freire no CMI**. São Paulo: ASTE, 2005.

AVILA S.J., Fernando Bastos de. Pequena enciclopédia de doutrina social da Igreja. Loyola: 1991.

AYALA, Ignácio Lopes de. **El sacrosanto y Ecuménico Concilio de Trento**. Prólogo. 3. ed. Madrid: Imprenta Real, 1787. (Obra traduzida do latim para o espanhol pelo autor. Original da Biblioteca de Catalunya). Acessado em 12 de maio de 2008. Tradução livre do espanhol.

AZZI, Riolando. **O Catolicismo Popular no Brasil**. Coleção Cadernos de Teologia e Pastoral - 11, Petrópolis, Vozes, 1978.

BARBEIRO, Heródoto. **História Geral**. São Paulo: Editora Moderna, 1976.

BARRETO, Vera. **Paulo Freire para educadores**. São Paulo: Arte e Ciência, 1998.

BATAILLE, Leon. **A turning point for literacy**. Proceedings of the International Symposium for Literacy. Oxford. Pergamon, 1975.

BESEN, José Artulino (Pe.). A Reforma da Igreja: O Concílio de Trento. **Jornal Missão Jovem**. Disponível em <<http://www.pime.org.br/missaojovem/mjhistdaigrejatrento.htm>>. Acesso em 10 de fevereiro de 2009.

Bíblia de Jerusalém. São Paulo: Edições Paulinas, 1984.

BOFF, OSM. Clodovis M. **A Originalidade Histórica de Medellín**. Disponível em <www.sedos.org/spanish/boff.html>. Acesso em 03 de março de 2009.

BOSCH, David J. **Missão Transformadora**. São Leopoldo: Sinodal, 2002.

CARTHAGINENSIS, Cyprianus. **Liber De Catholicae Ecclesiae Unitate.** Documenta Catholica Omnia. Disponível em <<http://www.documentacatholicaomnia.eu/>>. Acesso em 10 de dezembro de 2008.

CHAMBERLIN, J. Gordon. Contextualization: Origins, Meaning and Implications A Study of What the Theological Education Fund of the World Council of Churches Originally Understood by the Term "Contextualization," with Special Reference to the Period 1970-1972. **Journal of Ecumenical Studies.** V. 34, 1997.

CHAUÍ, Marilena. **Convite à Filosofia.** 5. ed. São Paulo: Ática, 1995.

CONCÍLIO Ecumênico Vaticano II. **Constituições – Decretos – Declarações – Documentos e Discursos Pontifícios.** São Paulo: Edições Paulinas, 1967.

CORTELLA, Mario Sérgio; VENCESLAU, Paulo de Tarso. Entrevista Paulo Freire. Seção Memória. **Revista Teoria & Debate.** São Paulo, EFPA, Ano 4, n. 17, jan/fev/mar, 1992.

CORTEZ, Lucili Grangeiro. **O drama barroco dos exilados do nordeste.** Fortaleza Editora da UFC, 2003.

DHAVAMONY S.J., Mariasusai. **Ecumenical theology of world religions.** Documenta Missionalia – 29. Roma: Editrice Pontificia Università Gregoriana, 2003.

DIAS, Agemir de Carvalho. Caminhos do Ecumenismo. **Revista de História Regional.** Ponta Grossa: Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ano 9, v. 2, Inverno 2004.

DREHER, Martin. Introdução. In: **Confissão de Augsburgo: 1530-1980.** São Leopoldo: Editora Sinodal, 1980.

Entrevista com Aharon Sapsezian, realizada em 06 de agosto de 2007, em sua residência no Cantão de Vaud, Suíça.

Entrevista com Balduino Andreola: Andarilhos com Paulo Freire. In: <http://www.ihuonline.unisinos.br/index.php?option=com_tema_capa&Itemid=23&task=detalhe&id=469>. Acesso em 25 de junho de 2009.

EUSÉBIO de Cesaréia. **História Eclesiástica.** Tradução de Wolfgang Fischer. São Paulo: Editora Novo Século, 2002.

FAUNDEZ, Antonio. **Por uma pedagogia da pergunta.** 3. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1985.

FÁVERO, Osmar. MEB – Movimento de Educação de base: primeiros tempos: 1961-1965. In: ROSAS, Paulo. (org.). **Paulo Freire: Educação e Transformação Social.** Recife: Editora Universitária da UFPE, 2002.

_____. **Programa Salto para o Futuro.** Rede TVE Brasil. Entrevista concedida em 18 de julho de 2003.

FISCHER-WOLLPERT, Rudolf. **Léxico dos Papas:** de Pedro a João Paulo II. Petrópolis: Vozes, 1991.

FREIRE, Ana Maria Araújo. **La Pedagogia de la liberation in Paulo Freire:** critica y fundamentos. Barcelona: Editora Grao, 2004.

FREIRE, Paulo. **À Sombra desta Mangueira.** São Paulo: Editora Olho D'água, 1995.

_____. **Conscientização:** Teoria e Prática da Libertação – uma introdução ao pensamento de Paulo Freire. São Paulo: Cortez & Moraes, 1979.

_____. Witness to liberation. In: FREIRE, Paulo et. Al. **Seeing education Whole.** Genebra, CMI 1970.

_____. **Pedagogia da Esperança:** um reencontro com a Pedagogia do oprimido. Notas de Ana Maria Araújo Freire. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

_____. **Pedagogia da Indignação:** cartas pedagógicas e outros escritos. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

_____; GUIMARÃES, Sérgio. **Sobre educação:** Diálogos. V. 1. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1982.

_____. **The political literacy process:** An Introduction. Lutherische Monatschefte, Hannover, Alemanha, 1970 (artigo mimeografado).

FREIRE, Ana Maria Araújo. A voz da esposa: A trajetória de Paulo Freire. In: GADOTTI, Moacir (org.). **Paulo Freire:** uma biobibliografia. São Paulo: Cortez: Instituto Paulo Freire; Brasília: UNESCO, 1996.

GADOTTI, Moacir. A voz do biógrafo brasileiro: A prática à altura do sonho. In: _____ (org.). **Paulo Freire:** uma biobibliografia. São Paulo: Cortez: Instituto Paulo Freire; Brasília: UNESCO, 1996.

_____. **Atualidade de Paulo Freire:** continuando e reinventando um legado. Coordinamento Nazionale Comunità di Accoglienza/Centro Sociale Ambrosiano - Milano, 25 maggio 2002.

GERHARDT, Heinz-Peter. Uma voz europeia: Arqueologia de um pensamento. In: GADOTTI, Moacir (org.). **Paulo Freire:** uma biobibliografia. São Paulo: Cortez: Instituto Paulo Freire; Brasília: UNESCO, 1996.

Gianni Cardinalle. **A Grande Rede das Missões.** Disponível em <<http://www.30giorni.it/br/articolo.asp?id=9185>>. Acesso em setembro de 2008.

GINGRICH, F. Wilbur; DANKER, Frederick W. **Léxico do Novo Testamento:** Grego/Português. São Paulo: Edições Vida Nova, 1984.

GONZALES, Justo L. **A era dos novos horizontes.** Uma História Ilustrada do Cristianismo. V. 9. São Paulo: Vida Nova, 1983.

_____. **A Era dos dogmas e das dúvidas.** Uma História Ilustrada do Cristianismo. V. 8. São Paulo: Vida Nova, 1984.

_____. **A Era dos reformadores.** Uma História Ilustrada do Cristianismo. V. 6. São Paulo: Edições Vida Nova, 1983.

HESSELGRAVE, David; ROMMEM, Edward. **Contextualization:** Meanings, methods and models. Grand Rapids: Baker Book House, 1989.

HISTÓRIA de um movimento de amor. Disponível em <<http://www.ymca.org.br>>. Acesso em 25 de novembro de 2008.

HOOFT, Wilhem A. Visser't. **The Genesis and the formation of the World Council of Churches.** Genebra: WCC, 1982.

<http://wcc-coe.org>. Acessado em 10 de dezembro de 2008.

<http://www.bcb.gov.br/pec/boletimregional/port/2009/01/br200901b1p.pdf>. Acessado em 20 de setembro de 2008.

<http://www.museudapessoa.net>. Acesso em 5 de março de 2009.

<http://www.nccindia.in/>. Acessado em 15 de abril de 2009.

<http://www.oikoumene.org/en/who-are-we.html>

<http://www.oikoumene.org/es/activities/bossey.html>. Acessado em 15 de abril de 2009.

<http://www.paulofreire.org.br/asp/template.asp?secao=abrindo&texto=1>. Acesso em 12 set. 2007.

<http://www.projetomemoria.art.br/JosuedeCastro/artigos/associacao.htm>. Acesso em 15 de abril de 2009.

<http://www.wcc-coe.org> (portal do CMI)

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Disponível em <<http://www.ibge.gov.br>>. Acesso em 20 setembro de 2008.

IGREJA METODISTA. **Plano para a Vida e Missão da Igreja Metodista.** Piracicaba: Editora Unimep, 1982.

INSTITUTO HUMANISTAS UNISINOS. **Andarilhos com Paulo Freire** - Entrevista com Balduino Andreola. Disponível em: <http://amaivos.uol.com.br/templates/amaivos/amaivos07/noticia/noticia.asp?cod_noticia=8773&cod_canal=41>. Acesso em 15 de julho de 2007.

KINNAMON, Michael; COPE, Brian E. **The Ecumenical movement**: an anthology for Keys texts and voices. Genebra: WCC, 1997.

KINSLER, Francis R. Relevance and Importance of TEF/PTE/ETE: Vignettes from the Past and Possibilities for the Future. **Ministerial Formation**. Genebra, n. 110, abril 2008, p. 12. Acessado em 8 de março de 2009.

KOSCHORKE, Klaus; LUDWIG, Frieder; DELGADO, Mariano. A history of Christianity in Asia, Africa, and Latin America, 1450-1990. **A Documentary Sourcebook**. Grand Rapids: Eerdmans, 2007.

LAGE, Ana Cristina P. in: LOMBARDI, Jose Claudinei; SAVIANI, Demerval; NASCIMENTO, Maria Isabel Moura. (orgs.) **Navegando pela História da Educação brasileira**. Campinas: Gráfica FE: HISTEDBR, 2006. (CD-Rom)

LAGÔA, Ana. A Utopia da educação pública. Entrevista. **Jornal do Brasil On-Line**. Rio de Janeiro, 18 jul. 1999. Seção Empregos e Educação para o Trabalho.

LEI Nº 6.683 - de 28 de agosto de 1979 - DOU de 28/8/79 – Lei da Anistia. Disponível em <<http://www3.dataprev.gov.br/sislex/paginas/42/1979/6683.htm>>. Acesso em 5 de abril de 2009.

LISTER, Ian. Conscientization and political literacy: A British encounter with Paulo Freire. In: McLAREN, Peter; LANKSHEAR, Colin. **Politics of Liberation: Paths from Freire**. Florence/KY/EUA: Routledge Pub, 1994.

LONGHINI NETO, Luiz. Missão das Igrejas, Missão de Deus. In: _____. **Pastoral como o novo rosto da Missão**: um estudo comparativo dos conceitos de Pastoral e Missão nos Movimentos Ecumênico e Evangelical no Protestantismo Latino-americano 1960-1992. Tese de Doutorado. São Bernardo do Campo: IEPG-CR, 1997. (Tese de Doutorado).

MANIFESTO dos Pioneiros da Escola Nova. Disponível em <<http://escolanova.net/pages/manifesto.htm>>. Acessado em 28 de agosto de 2008.

MATOS, Alderi Souza de. **Ministério de Juventude**: conquistas e percalços de um movimento. Disponível em <<http://www.mackenzie.com.br/6984.98.html>>. Acesso em 25 de novembro de 2008.

_____. Samuel Escobar e a Missão Integral da Igreja: Uma Perspectiva Latino-Americana. **Revista Vox Scripturae**. São Bento do Sul: União Cristã, Ano 8, N.1, julho de 1998.

_____. **Erasmus Braga e o movimento cooperativo evangélico no Brasil**. Disponível em <<http://www.mackenzie.br/7110.html>> Acesso em 13 de setembro de 2008.

MENDONÇA, Antonio Gouvêa. Evolução histórica e configuração atual do Protestantismo no Brasil. In: MENDONÇA, Antonio Gouvêa; VELASQUES FILHO, Prócoro. **Introdução ao Protestantismo no Brasil**. São Paulo: Loyola, 1990.

_____. **O Celeste Porvir**: a inserção do protestantismo no Brasil. São Paulo: Paulinas, 1984.

MÉZSÁROS, István. **Para além do capital**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2003.

NAVARRO, Juan Bosch. **Para compreender o Ecumenismo**. São Paulo: Edições Loyola, 1995.

NEWBIGIN, Lesslie. Theological Education in a world perspective. **Ministerial Formation**. Genebra, n. 110, abril 2008.

NICHOLS, Robert Hastings. **História da Igreja Cristã**. 7. ed. São Paulo: Casa Editora Presbiteriana, 1988.

OLIVEIRA, Miguel Darcy. **IDAC**. Disponível em <http://www.bancodehoras.org.br/bem_vindo/idac.html> Acesso em 10 de abril de 2009.

PIERLI, MCCJ, Francisco. **Rumo a uma praxe da família comboniana para a transformação social**. Disponível em <www.combonimediacycenter.org>. Acesso em 15 de abril de 2009.

REILY, Duncan Alexander. **História Documental do Protestantismo no Brasil**. São Paulo: ASTE, 1984.

REIS, José Carlos. Anos 1960: Caio Prado Jr. e "A Revolução brasileira". **Rev. bras. Hist.** V. 19 n. 37, São Paulo, set. 1999.

RESPOSTAS de Hugues de Varine às perguntas de Mário Chagas. **Cadernos de Museologia**, n. 5, 1996. (Texto bilíngüe: português e francês).

RODRIGUES, Neidson. Entrevista Paulo Freire: Crítico, radical e otimista. **Revista Presença Pedagógica**. Belo Horizonte, Ano I, n. 1, jan/fev 1995.

ROSAS, Paulo. **Abrindo os Arquivos**. Centro Paulo Freire: Estudos e Pesquisas. Disponível em <<http://www.paulofreire.org.br>>. Acesso em março de 2008.

_____. **Paulo Freire**: aprendendo com a própria história. Disponível em <<http://www.fundaj.gov.br/observanordeste/obex06.pdf>>. Acessado em 08 de agosto de 2007.

SALGADO, Carolina; DEFELIPPE, Elisa; PRIMO, Bárbara. **Macartismo**. Disponível em <<http://www.historia.uff.br/nec>>. Acesso em 12 de janeiro de 2009.

SÁNCHEZ S.J., Jesus Hortal. **E haverá um só rebanho**: história, doutrina e prática católica do Ecumenismo. 2. ed. São Paulo: Loyola, 1996.

SANTA ANA, Julio H. de. **Ecumenismo e Libertação**: Reflexões sobre a relação entre a unidade cristã e o Reino de Deus. Petrópolis: Vozes, 1987.

SCOCUGLIA, Afonso Celso. **A história das idéias de Paulo Freire e a atual crise de paradigmas.** João Pessoa: Editora Universitária UFPB, 1997

_____. **Educação popular:** do Sistema Paulo Freire aos IPMs da Ditadura, João Pessoa: Editora Universitária UFPB/São Paulo: Cortez Editora: Instituto Paulo Freire, 2000.

SHELLEY, Bruce L. **História da Cristianismo:** ao alcance de todos. São Paulo: Sheed Publicações, 2004.

SILVA, Clemildo Anacleto; RIBEIRO, Mario Bueno. **Intolerância Religiosa e Direitos Humanos:** mapeamentos de intolerância. Porto Alegre: Sulina, 2007.

SPEER, Robert E. **Missions in South America.** Nova York: Board of Foreign Missions of the Presbyterian Church in the U.S.A, 1909.

STRECK, Danilo R. **Pedagogia no encontro de tempo:** ensaios inspirados em Paulo Freire. Petrópolis: Vozes, 2001.

TORRES, Carlos Alberto. **Diálogo com Paulo Freire.** São Paulo: Edições Loyola, 1979.

VANN, Jane Rogers. **William B. Kennedy.** Disponível em <http://www.talbot.edu/ce20/educators/view.cfm?n=william_kennedy>. Acessado em 28 de abril de 2009.

VOLTAIRE. **Deus e os homens.** São Paulo: Martins Fontes, 2000.

WALKER, WILLINSTON. **História da Igreja Cristã.** V. 1. 3. ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Juerp/Aste, 1981.

WARREN, Heather A. **Theologians of a new world order:** Reinhold Niebuhr and the Christian Realists – 1920-1948. London: Oxford University Press, 1997.

WCC FOCUS. **Entrevista com Paulo Freire.** Julho de 1980.

WCC. 8ª Assembléia. **Proyecto de declaración sobre los niños soldados.** Disponível em <<http://wcc-coe.org/wcc/assembly/child-s.html>> Acesso em 13 de janeiro de 2009.

_____. 9ª Assembléia. **Llamadas a ser la Iglesia Una:** Una invitación a las iglesias a que renueven su compromiso de buscar la unidad y de profundizar su diálogo. Disponível em <<http://www.oikoumene.org/es/documentacion/documents/asamblea-del-cmi/porto-alegre-2006/1-declaraciones-documentos-aprobados/unidad-cristiana-y-mensaje-a-las-iglesias/llamadas-a-ser-la-iglesia-una-tal-como-fue-aprobado.html>>. Acesso em 13 de janeiro de 2009.

_____. **Commission on World Mission and Evangelism.** Disponível em <<http://www.oikoumene.org/en/who-are-we/organization-structure/consultative-bodies/world-mission-and-evangelism.html>>. Acesso em 10 de dezembro de 2008.

WCC/ETE. **14 Reasons for global solidarity in ecumenical theological education.** Disponível em <http://www.oikoumene.org/fileadmin/files/wcc-main/documents/p5/ete/Communication_Leaflet_for_ETE.pdf>, p. 4. Acesso em 15 de fevereiro de 2009.

WERNER, Dietrich. **Ecumenical Learning in Global Theological Education: Legacy and unfinished tasks of Edinburgh 1910.** Disponível em <www.edinburgh2010.org>. Acesso em 10 de fevereiro de 2009. [O texto é uma tradução livre do original.]

WHO are we? Disponível em <<http://www.wscfglobal.org/>>. Acesso em 26 de novembro de 2008.

WOOLVERTON, John Frederick. **Robert H. Gardiner and the Reunification of Worldwide Christianity in the Progressive Era.** Columbia: University of Missouri Press. 2005

WORLD Alliance for Promoting International Friendship through the Churches. Disponível em <<http://archives.oikoumene.org/query/Detail.aspx?ID=40897>>. Acesso em 27 de novembro de 2008.

www.paulofreire.ufpb.br.

YWCA. **Quem Somos.** Disponível em <<http://www.ywca.org.br>>. Acesso em 28 de novembro de 2008.

ZWETSCH, Roberto E. Missão e Ecumenismo: desafios e compromissos. **Revista Caminhando com o Itepa.** Passo Fundo: Instituto de Teologia e Pastoral de Passo Fundo/RS, ano XX, n. 71, dez 2003.

ANEXOS

ANEXO 1 – Um retalho biográfico de Paulo Freire, dele e por ele

Paulo Regulus Neves FREIRE

Situation de famille :

- né le 19 septembre 1921 à Recife, Pernambuco, Brésil
- fils de Joaquim Tenistocles Freire (mort) et
Edeltrudes Neves Freire
- marié à Elza Maia Costa Freire, née à Recife le 16 juin 1916 (enseignante,
n'exerçant pas en ce moment)
- cinq enfants :
 - . Maria Madalena, mariée, résident au Brésil
 - . Maria Cristina, mariée avec le citoyen suisse Alberto Hainniger, résident
à Lausanne, Suisse
 - . Maria de Fatima, célibataire, résident à Genève, Suisse
 - . Joaquim Tenistocles Freire, 16 ans, étudiant au Conservatoire de Musique,
Genève, Suisse
 - . Lutegardes Costa Freire, 14 ans, étudiant à l'école de Voirets, Genève, Suisse

Historique de l'activité professionnelle et des problèmes politiques

- Professeur de Syntaxe et Langue Portugaise, au Lycée, à Recife, entre
1941 et 1947.
1947 : diplômé en Droit de l'Université de Recife.
- A partir de 1947, je travaille comme Directeur du Département d'Education
et Culture du Service Social de l'Industrie de Pernambuco. Cette expérience
m'a permis de mettre au point une méthode originale d'alphabétisation des
adultes, connue plus tard sous le nom de "Méthode Paulo Freire".
- En 1960 j'ai obtenu mon doctorat en Education de l'Université de Pernambuco.
Nommé professeur de Pédagogie à cette même université.
- 1961 : nommé directeur du Service d'Extension Culturelle de l'université
et membre du Conseil d'Education de l'Etat de Pernambuco.
- En 1963 j'ai dirigé la première expérience d'alphabétisation des adultes,
selon ma méthode, dans l'état de Rio Grande do Norte.
Dans la même année j'ai été nommé, par le Ministre de l'Education Nationale,
directeur de la Commission Nationale de Culture Populaire et, ensuite, du
Plan Nationale d'Alphabétisation des Adultes. (Cette expérience, qui a duré
de juin 1963 à mars 1964, a fait l'objet de plusieurs études de ma part,
que j'ai relatées dans mes ouvrages dont je donne la liste plus loin).

- 2 -

- En avril 1964, immédiatement après le coup d'état militaire, j'ai été arrêté et emprisonné pendant 75 jours, dans différentes casernes militaires de Recife. J'ai été inculpé de "subversion" par une commission d'autorités militaires, chargées, d'après la loi de sécurité nationale, prise après les actes qui m'étaient reprochés, de réprimer tout comportement politique, quel qu'en soit sa date, qui serait considéré comme une atteinte à la sécurité de l'Etat.
- Alors que j'étais emprisonné, j'ai été démis de toutes mes fonctions.
- En septembre 1964, j'ai été relâché par les autorités militaires de Recife, et immédiatement convoqué à comparaître devant les autorités militaires de Rio de Janeiro. Confronté à nouveau aux mêmes accusations et devant la menace imminente d'une nouvelle arrestation, je me suis réfugié à l'ambassade de Bolivie à Rio de Janeiro.
- En octobre 1964, les autorités brésiliennes me délivraient un sauf-conduit pour rejoindre la Bolivie. Le gouvernement bolivien qui m'avait accordé sa protection tombait 15 jours après mon arrivée dans ce pays, à la suite d'un coup d'état militaire.
- Menacé ~~par un risque~~ d'extradition que le nouveau gouvernement bolivien, maintenant favorable au régime militaire brésilien, risquait de prononcer contre moi, j'ai décidé de gagner le Chili.
- En tant que citoyen brésilien, j'ai été autorisé à séjourner provisoirement au Chili. J'ai été engagé par l'Institut de Développement Agricole à Santiago en tant que Conseiller auprès de son Directeur général.
- Ma collaboration s'est étendue, entre 1965 et 1967, à divers organismes officiels chiliens, tel que le Ministère de l'Education, qui, à travers son Bureau d'Education pour les adultes a adopté et officialisé ma méthode.
- Pendant cette même période, j'ai dirigé des séminaires, sur la demande des Nations Unies, destinés à la formation d'éducateurs devant exercer leurs fonctions en Amérique Latine.
- En 1965, j'ai été invité à exposer mes conceptions pédagogiques dans une série de conférences au Centre Interculturel de Formation de Cuernavaca (Mexique)
- En 1967, je me suis rendu pour la première fois aux Etats-Unis, sur la demande de plusieurs universités (dont Columbia University, Princeton University et Harvard University) afin d'exposer mes idées en matière d'éducation.
- en 1968, j'ai été engagé par l'UNESCO en tant que Conseiller spécial auprès de l'Institut de Formation et de Recherche en Réforme Agricole chilien (ICIRA), poursuivant ainsi mon travail auprès du gouvernement chilien.

- 3 -

- Pour effectuer mes voyages à l'étranger, le gouvernement chilien m'avait remis un document de voyage auquel peut prétendre un citoyen étranger résident au Chili et qui se trouve dans l'impossibilité de se procurer un passeport de la part de ~~son~~ pays dont il est le ressortissant. Ce document, renouvelable pour deux ans pour une durée totale ne pouvant excéder quatre années, m'a été délivré une première fois en 1965, renouvelé en 1967.
- En avril 1969, en possession d'un nouveau titre de voyage délivré par le gouvernement chilien, No 06137, dont la validité expirait le 16 avril 1971, prorogeable, comme le précédent document, pour une durée maximum de deux ans, j'ai quitté le Chili accompagné de ma famille, pour me rendre aux Etats-Unis, où j'avais été nommé "Visiting Professor", d'abord au "Center For the Study of the Development and Social Change" et ensuite au "Center for Studies in Education and Development" à l'Université de Harvard.
- En février 1970, j'ai quitté les Etats Unis, pour me rendre à Genève, en Suisse, où j'avais été nommé Conseiller spécial du Bureau d'Education du Conseil Oecuménique des Eglises.

Je suis entré en Suisse avec le titre de voyage mentionné plus haut, et j'ai obtenu un permis de séjour des autorités suisses (no 68241). Ce permis délivré le 14/2/70 a été prorogé le 14/2/72 et est valable jusqu'au 14/2/73.

- En janvier 1971, les autorités chiliennes ont prorogé mon titre de voyage, dont la validité expire le 28 janvier 1973.
- Ne résident plus au Chili depuis trois années (délai légal au delà duquel on ne peut plus être considéré comme résident étranger au Chili et par conséquent ne pouvant plus prétendre à l'obtention d'un nouveau titre de voyage), j'ai demandé au Consulat du Brésil à Genève en Septembre 1972 de m'établir un passeport (voir photocopie ci-jointe). Il est à relever qu'en 1969 j'avais fait une demande en ce même sens auprès du Consulat du Brésil à Boston, et que l'on n'avait pas donné suite à ma demande.

En ce qui concerne ma demande de septembre dernier, le Consulat du Brésil à Genève, en sa lettre du 28 septembre 1972 (copie ci-jointe), m'informait que ma "prétention avait été transmise au Ministère des Affaires Etrangères du Brésil" et qu'une réponse me serait communiquée dès qu'elle lui parviendrait.

Le 14 novembre 1972, par communication téléphonique, une employée du Consulat du Brésil à Genève me faisait savoir que "malheureusement un passeport ne pourrait (m)'être délivré".

ANEXO 2 –FICHA CADASTRAL DO STAFF DO CMI

Entry Recife land
14.2.1970
place of birth
all family members
Recife

(PLEASE TYPEWRITE!)

CONFIDENTIAL Date 16.2.1970

WORLD COUNCIL OF CHURCHES
-Staff members, Personal file.

NAME FREIRE

Christian names Paulo Regulus

Date of birth 19.9.1921 Place of birth Recife (Brazil)

Nationality at birth Brazilian

Present nationality Brazilian

Marital Status married Names of Children and dates of birth

*	Maria Madalena	21.7.1946
	Maria Cristina	11.12.1947
	Maria d. Fatima	14.4.1949
	Joaquim Teomistocho	6.8.1956

Wife's (Husband's) name Elza Lutgardes 1.11.1958
Costa Freire

Wife's maiden name Oliveira - *Maia Costa*

Wife's (Husband's) date of birth 16.6.1916

Father's name Joaquim Freire

Mother's christian and maiden name Edeltrudes Flores Neves

Wife's (husband's) father's name Alberto M. Oliveira

Wife's (husband's) mother's christian and maiden name Josepha Maia Ramos

Church affiliation (denomination) Catholic

Title and Degree Professor

Date of entry into the World Council 16.2.1970

Address in Geneva 19, chemin des Palettes, 1212 Grand-Lancy

Private telephone number 42.62.58 Living in Geneva since 14.2.1970

Permis de séjour No. BR 359 21381 No AVS BR 359 21381

Passport No. ~~06007~~ 02770 Where issued Chile *IDENTIFICACION, Santiago*

When issued 28.1.71 Valid until ~~18.4.1971~~ 28.1.73

Parents address Estrada do Encanamento 1061, Casa Amarela, Recife-Pernambuco
Brazil
Telephone _____

Next of kin Mrs. Freire

Signature *Paulo Freire*

ANEXO 3 – ITINERÁRIO DE PAULO FREIRE – O ANDARILHO DA ESPERANÇA

Report on the work of Paulo Freire:
visits, meetings and contacts 1970 - 1974.

1970

- March: Black Forest, -Germany.
Werner Simpfendörfer's home. A week of study about the tasks of the former Office of Education - Werner Simpfendörfer, Will Kennedy, Ernst Lange, Paulo Freire.
- April Rome, Italy.
Seminar for the Latin American Catholic Group, with a 120 participants for one week.
Cultural Action for Liberation and the role of the Prophetic Church. Coordinator: Sister Maria Ines.
- Paris, France.
SODEPAX - education work group. An evaluating meeting with Will Kennedy present also.
- May Paris, France.
Seminar for the students of IRFED. Three days. Cultural Action for Liberation. Besides the regular students of IRFED there were other students from different universities in France.
- Bergen, Holland.
Consultation on "Seeing Education Whole".
- June Paris, France.
UNESCO, Department of Social Sciences. Meeting with 15 experts from different parts of the world discussing the "role of the Social Sciences in the process of development. One week.
- Vienna, Austria.
Private Center, Director - Ernst Winter. A seminar on Cultural Action and Cultural Revolution.
- July Patzcuaro, Mexico.
UNESCO Centre. Seminar with 75 Latin American educators on "The Adult Literacy process as an act of knowing" for one week.
- Rome, Italy.
SODEPAX. Development and Education.
- August Amsterdam, Holland.
The Free University of Amsterdam. A seminar on Cultural Action for Liberation for three days.
An interview with journalists about his experience in Latin America, in the USA and activities in the WCC.

2.

Public speech on Cultural Action for Liberation.

Private meeting with some young protestant theologians about "conscientizaçao", liberation and salvation.

Speech for the Institute of Social Studies, The Hague.

September

Loccum, Germany.
DEA Committee.

October

Bonn, Germany.

Seminar on Cultural Action for Liberation and the Role of the Volunteers of the First World in their Activities in the Third World.

Switzerland.

Short seminar on Cultural Action for Liberation in rural areas of Latin America. The second part of the seminar was about cultural action in Europe - its obstacles, its possibilities.

Dunblane, Scotland.

Scottish Churches House Consultation with Ian Fraser.

Cultural Action for Liberation and the theological implications.

November

London, England.

Debate about cultural action and the role of the churches with a group of catholics.

Rome, Italy.

Seminar with the General Superiors of the Catholic Sisters, almost 300 participants. Presented paper on "the humanization process and its educational implications". Seminar called: "Tomorrow began Yesterday" and organised by EDUC-International (with John Blewett, S.J. as president)

December

Paris, France.

INODEP, Colloquim. The role of INODEP, its choice, its commitment with cultural action for liberation. Three theologians, including werner Simpfendörfer, participated in the meeting, discussing the theological approach of Education for Liberation.

Frankfurt, Germany.

meeting with Werner Simpfendörfer and Ernst Lange on Cultural Action for Liberation.

3.

1971January
and
February

Cuernavaca, Mexico.
CIDOC. Two week seminar with 300 Latin Americans on the literacy process as an act of knowing, and the risks of conscientization (idealism, objectivism)

Cambridge, Mass., USA.
Centre for the Study of Development and Social Change.
Workshop, 8 days on the conscientization process and the American reality. 45 participants: Social scientists, educators and ordinary folk.

Harvard University - a public speech.

Santiago, Chile.
Beginning of his official collaboration with the Chilean government through the WCC.

Consultation: USA and Canada.

May

The Hague, Holland.
Institute of Social Studies. Seminar on Cultural Action for Liberation with 30 students from Africa, Latin America and Asia.

Amsterdam.
Meeting with groups which work ecumenically at different levels of cultural action.

Brussels, Belgium.
Institut International de catèchèse et de pastoral.
A seminar on Conscientization and evangelization.

Paris, France.
Meeting with Comité Catholique on Conscientization, Liberation and Salvation

Seminar with IRFED on Pedagogy of the Oppressed.

June

Lyon, France.
European Student Pastors' Conference in Eveux.

Ottawa, Canada.
Canadian University Overseas Service. A seminar on the role of the volunteers of the First World in their activities in the Third World.

Montreal.
Workshops sponsored by the Center for the Study of Development and Social Change (Camb. Mass.) on a) Ideologies, Epistemology and the Social Sciences b) Cultural Action, Conscient-

4.

tization and Cultural Revolution. Participating were Prof. Paul Lin and a group of American social scientists and educators.

Norwalk.

Seminar with a group of Black people and Puertoricans who are trying to start a Cultural Center in order to apply our ideas on education.

Connecticut.

Meeting with anthropologists and post graduate students of Connecticut University on American reality and conscientization.

Boston.

A seminar called "Red Pencil" with a group of young educators engaged in cultural action and liberation - two days.

Boston.

A seminar with Black people and Puertoricans - three days.

Santiago, Chile.

Preparation for the WCCE Assembly (Encuentro)

Speech at the Catholic University

Interview with the Minister of Agriculture and the Director ICIRA discussing some aspects of his contribution to the government of Chile.

Lima, Peru.

WCCE Assembly. Consultation on "Education: Crisis and Hope"

September

Zambia,

Mindolo Ecumenical Center. Seminar on Cultural Action for Liberation.

Tanzania.

Dar es Salaam University - wrote a report on his impressions during this trip.

October

Germany

Visit with Werner and Will to participate in a course on Adult Education for Pastors and a consultation on Adult Education and the Church organized by E. Lange.

Paris, France.

IRFED. Seminar on Cultural Action and Development.

INODEP. Seminar on Cultural Action for Liberation and the role of the prophetic Church.

November

New York and San José, Costa Rica.

5.

1972

- January: 19th, Swiss Unesco Commission meeting, Paulo Freire, Will Kennedy, Werner Simpfendorfer, Bern - the 3 talked.
- January: LUMEN VITAE
- February: Vienna
- February: 14th, Jan Lister, University of York, Heshington York YO1 5DD, Department of Education - a seminar on education
- May: 3rd-6th, Deutsche Stiftung für Entwicklungsländer, 1 Berlin 30, Rauchstrasse 22, (German Foundation for Developing Countries) Meeting held in Bonn/Bad Honnef. Organized by Edda Eisenlohr whom Paulo knew since Cuernavaca. Cornelia Edding and Thomas Loeb among the 15 participants at the meeting. Most of the participants worked with the Foundation on educational questions. Discussion on Pedagogy of the Oppressed, the political effect of "alfabetización", its significance for the development process, the possibilities of applying the method for political work with Europeans, teaching of foreign languages and "conscientization" - practical examples as well as theoretical aspects.
- May - June: 10th May - 15th June, New York, Chile (ICIRA), consultation to programmes on education at Instituto de Capacitación de Investigación en Reforma Agraria (ICIRA)
- June: Tanzania
- July: 9th - 23rd, Tanzania - visiting some practical activities in the field of education seminars, meeting with educators with experience in working with people of both rural and urban areas. Prof. I. N. Kimambo, Chief Academic Office, University of Dar-es-Salaam, Bud Hall.
- September: Paris, INODEP
- October: London
- Nov. - Dec.: 11th Nov. - 12th Dec. - Hamburg, Paris (INODEP)

6.

1973February

22nd - Seminar in Zürich at the Paulus Akademie, 8053 Zürich, Carl Spitteler Strasse 38, 0153 34 00. Also present: W. Kennedy, W. Simpfendorfer, 30 students, some who have already discussed Pedagogy of the Oppressed, and Max Keller of the Paulus Akademie, Herr Sonderegger, Herr Straub of the Hochschulpfarramt of Zürich, Pfarrer Wildbolz.

March:

2nd - speech in Basel, Teacher's Training College: Kantonales Lehrerseminar Basel-Stadt, Basel, Riehenstrasse 154, tel. 33 58 30, Dr H. P. Müller, Director.

8th - debate arranged by Pierre Furter on the motivation of adults to study and P. F.'s experiences, with a small group of students of industrial psychology. Université de Neuchâtel, Faculté des Lettres, Séminaire de Pédagogie, Ave. du 1er Mars 26, 2000 Neuchâtel.

May:

3rd - 20th, India.

4th - 5th closed meeting in Delhi, AIACHE thinking Cell, Rev. T. A. Mathias, National Board of Christian Higher Education in India.

7th - 12th, M. A. Thomas, National Seminar on Education and Social Change at the Ecumenical Centre, Bangalore.

Consultation on education in Bangalore

Consultation in Madras

Consultation in Hyderabad

Consultation in New Delhi

Seminar arranged by J. P. Naik, Adviser to the Minister of Education for India.

Meeting with the Prime Minister had been arranged.

June:

23rd - The Open University - University's Installation and Graduation Ceremony at Alexandra Palace. Received Honorary Doctorate with 9 others. Correspondence with Walter James, Chancellor of the University.

25th - 29th, Germany. Marburg 25th - 26th, Tübingen 27th - 28th. Frieda Atichler, Evangelisches Studentpfarramt, Ortenbergstrasse 4, 355 Marburg (Lahn).

November:

Buenos Aires, Argentina - one week with the government

December:

1st - 2nd, weekend organized by the University Parish in Berne on the theme "Political Conscientisation in Switzerland". Aim: to relate P. F.'s experience in South America to the Swiss situation and make it a stimulus for political work here. Mr Christoph Hug, Universität Bern, Evang. - Ref. Pfarramt, EUG, Postfach 1390, 3001 Bern, tel. 65 81 11.

7.

4th, England - meeting with Oxfam in Oxford, a development seminar. C. R. Taylor, Education Officer, 272 Banbury Road, Oxford OX2 7DZ.

5th-7th, Conference on Conscientization with Christian Aid - David Millwood, Claudius Ccecon, Gerald Belkin (Canadian communicator and expert in audio-visual) also part of the team. Organizer in Britain: Kenneth David, Secretary for Theological Education, Education Division, Christian Aid, P. O. Box No. 1, London SW1 9BW, tel. 01 730 0614.

7th-11th, Sweden, Gothenburg and Stockholm, organized by W. Persson.

Seminar with teachers and students, University of Gothenburg.

Seminar with university study circles, Stockholm.

Meeting with students, Stockholm University.

Seminar with teachers, Stockholm University.

Informal talk with some people involved in Christian education work (special interest in education for liberation and non-schooling) at Svenska Missionsförbundet.

Meetings with teachers and research workers at the Pedagogical Institute, Stockholm University.

Meeting with some mission work leaders.

Short meeting with people from the Swedish Ecumenical Council.

Public session with the Dag Hammarskjöld Foundation on pedagogy for freedom and development.

Visit to the Swedish writers' association.

Seminar with the SIDA staff.

Visit to the Latin American Institute of Stockholm.

Meeting with the Foreign Ministry and some people from the Swedish Democrat organization.

Visit to the Minister of Education of Sweden. Contacts:

Walter Persson, Missionsförbundet, Box 6302, 113 81 Stockholm, tel. 08/15 18 30.

Sven Hamrell, Executive Director of the Dag Hammarskjöld Foundation and Member of the Board of the Swedish Development Association.

Miss Elisabeth Kvarnback, Swedish Development Association, Dag Ham. Centre, Ovre Slottsgatan 2, 752 20, Uppsala, Sweden.

Marianne Maglund, Amanvensuäg 12/333, 104 05 Stockholm, student P. met in Stockholm and later in Geneva (Jul. '74).

Miss Carol Berggren, Professorslingan 39 iv, 104 05 Stockholm, research in literacy, especially children's books.

Stig Lindholm, Institute of Education, Fiskartorpsvägen 160 B, Fack, 104 05 Stockholm 50, tel. 15 01 60. P. met with him in Paris first and then in Stockholm and thought very highly of him. He is also in contact with IDAC.

8.

1974

- January Tübingen, Katholische Hochschulgemeinde, 74 Tübingen,
Erasmus Haus, Belthlestrasse 40, Tel: 21091., Gilberto Calcagnotto
- January Roskilde Denmark meeting organized by Danish SCM the Aarhus
25-26 University, Institute for Mission and Ecumenical Theology.
Johannes Aagaard, organizer. Theme - "Education for Liberation",
Paulo spoke on 26th. Jørgen Lissner spoke on "Education for the
Well-Fed".
- February Lumen Vitae, Centre International d'Etudes de la formation
4-5 Religieuse, rue Washinton 186, B 1050 Bruxelles, Belgium. Jean
Bouvy, s.j., Directeur de l'Institut International Lumen Vitae.
- April 16 } Trip to Australia, Port Moresby, Fiji, New Zealand
- }
May 19 } Australia:
Organized by Clifford Wright, 4 Fairy Street, IVANHOE,
Victoria 3079. A.C.C. Commission on Christian Education,
1st floor, 100 Flinders Street, Melbourne, Victoria 3000.
- April 18th - Press Conference at Scots Church Hall, Melbourne
19th - small meeting with Aborigines
20th - Weekend Conference "Marunari" Conference Centre,
Belgrave, Victoria, on "Education for Liberation and the
Church", about 68 people. Chairman: Alan Baxter
22nd - "Poverty" group at C. Wright's house.
- Public meeting Fitzroy Town Hall.
23rd - ABC TV, Ripponlea
- Meeting students Melbourne University
evening meal with Dr. Joseph
- meeting small group of educational innovators at C. Wright's
home.
24th - lunch with Maz Ogden, Metal Workers', Union Education Officer
- "Manyung" YMCA Camp for National Conference on "Education
for Liberation and Community". Mount Eliza, Victoria. About
90 people. Chairman Peter Dwyer.
28th - return to IVANHOE.
29th - Canberra
contact: Margaret Bearlin, School of Teacher Education, Canberra
College of Advanced Education, P.O. Box 381, Canberra City.
Stayed with the Rev. Ian and Gesilla Birch, P.O. Box 17,
Woden, A.C.T. 2606.
Interview with Secretary to the Minister for Education: Mr.
Sligar. Seminar at Canberra College of Advanced Education
about 60 people.

9.

- 1974 -

30th - Interview with Mr. Harry Penrith of Aboriginal Hostels, Woden and People involved with the Federal Government Department of Aboriginal Affairs. About 20 people. leave for Sydney evening meal with Aborigines and others at home of Vaughan and Elizabeth Hinton and Tom and Ellen Whelan.

May

1st - Day at Mt. Druitt with Aboriginal people Kevin Cavanagh Informal evening Ross Poole.

2nd - A.B.C. "PM" Radio Programme Meeting with group (about 45 people) at Redfern, Sydney, Tom Kalmar.

3rd - Meeting with Aboriginal people - Terry Widders A.C.C. Commission on Aboriginal Development.

5th - fly to Papua New Guinea.

May 5 - 8Papua New Guinea

Dr. R.J. Mya = Field Director, The Australian National University, New Guinea Research Unity, P.O. Box 1238, Boroko, Port Moresby, Papua New Guinea - Waigani Seminar

Alan Randell, Committee on Enquiry into University Development, P.O. Box 2564, Konedobu, Papua.

May 8 - 15New Zealand

Margaret Reid, General Secretary, The Churches Education Commission, 185 - 187 Willis st. Box 228, Wellington, N.Z.

Athol Duke, 134 Mountain Road, Auckland 3, New Zealand

Jim Delahunty, 47 Fairview Crescent, Wellington

Professor Graham Nuthan, 18 Christchurch 1, -- three of the people that gave Paulo hospitality.

meetings in Auckland, Christchurch and Wellington.

May 16 - 19

Galuefa Aseta, Pacific Conference of Churches, Christian Education and Communication Programme, P.O. Box 208, Suva, Fiji

July 1 - 5

CELADEC Consultation Lima

September 17

Dr. M. J. P. ... Development Team, CADEC,

October 2/3

P.O. Box 546, Santiago, Dominican Republic, Puerto Plata, San Juan, Dominican Republic.

- 10 -

-1974-

- September 10-14 Keele - England
Participation as social consultant in the conference organized by Keele University on "New tasks for adult education"
contacts: Professor Roy Show, Department of Adult Education, University of Keele, U.K.
Professor Magnus Haavelsrud, Universitetet Tromsø, 9000 Tromsø, Norway
- September 17 - Caribbean
October 3/4 David Mitchell, Education for Development Team, CADEC, P.O. Box 616, Bridgetown, Barbados, visited Dominican Republic, Puerto Rico, Jamaica, Dominica
- October 10 - 17 Lisbon - Portugal
Meetings with the Minister of Education of Portugal, on education and dealing specifically with the problems of literacy
- October 21, 22, 23 Stockholm, Sweden
Participation in seminars on education organised by Walter Persson, Svenska Missionsförbundet, Box 6302, S-11361 Stockholm

- 1975 -

- February 2 - 5 Brussels - Belgium
To receive doctorate honoris causa from Katholieke Universiteit Leuven
contacts: Professor C. De Keyser,
Katholieke Universiteit Leuven
3000 Leuven
Dekenstraat 28 - 30
Professor Dr. P. de Somer
Rector, Katholieke Universiteit Leuven
Naamsestraat 22, Leuven
- May 10 - 13 Manchester - England
participation in a round table, staff seminar/workshop of the Department of Adult Education of the University of Manchester
contact: Mr. R. Ruddock, Senior Lecturer,
Department of Adult Education
University of Manchester
- May 21 - 25 Warsaw - Poland
Participation in III Symposium "La Pax et la Justice" on the theme "Cooperation des Chrétiens et des Marxistes au plan de l'humanisme" sponsored by Stowarzyszenie Pax, Warsaw

- 11 -

- 1975 -

- June 21 - 22 Freiburg i. Breisgau, FRG
Participation in a seminar organized by the Evang. Studentengemeinde in Freiburg on "Education for Solidarity" Paulo Freire's political literacy method.
contact: Mr. Hartmut Futterlieb, Evang. Studentengemeinde Freiburg im Breisgau, D-78 Freiburg i. Br., Turnseestrasse 16, FRG
- June 23 - 25 Paris
participation in General Assembly of INODEP as President of that organization
- July 1 - 3 Oxford - England
Participation in Conference on "Access to Continuing Education" organized by the Open University. Participation in working group on "Curriculum Development and Methodology of Continuing Education."
contact: Mr. Terence Quirke, Secretary, Steering Committee, Open University, P.O. Box 48 Milton Keynes, U.K.
- September 1 - 5 Iran
Participation in International Symposim for Literacy, Persépolis, Iran
contacts: Mr. Majid Rahnema and Mr. Léon Bataille, Sponsoring Committee, 215, rue de Vaugirard, 75015 Paris
- September 7 - 22 Guinea-Bissau
first visit to Guinea-Bissau together with IDAC-team at the request of the Ministry of Education in order to help them in the development of their national adult literacy programme.
contact: Engenheiro Mario Cabral, Comissariado do Estado para Educação e Cultura C.P.353, Bissau, Guiné-Bissau

- 1976 -

- February 4 - 8 Palermo - Sicily
Participation in the International Consultation on Innovative Education sponsored by Ford Foundation and World Future Studies Federation

- 12 -

February 14 - March 4 second visit to Guinea-Bissau together with IDAC team

March 13 to 22 GDR - Berlin - at the invitation of the Federation of Evangelical Churches in the GDR.
 1) consultation with the Commission on Church's work with children and confirmation candidates in order to discuss with Paulo Freire his views in regard to general and church educational work, the relevance of his concept for their specific situation and the significance of their work for the work of the WCC.
 2) meeting with the education central agency in East Berlin
 3) Visit to a member church of the Federation and meeting with parish workers and university lecturers.

April 12 - 14 Tübingen, FRG - seminar with Professor Samuel Parmar (India) (who was at that time in Tübingen) on Church-sponsored schools and the ecological crisis and its educational consequences, in preparation for the meeting of the Core Group on Education of the Sub-unit on Education of the WCC.

May 21 - 23 Leeds, England - participation in a weekend seminar at the invitation of the University of York, Helsington

June 3 - 15 São Tomé and Príncipe, Africa
 first visit at the invitation of the Government of São Tomé in order to discuss with them the future collaboration between the WCC Office of Education and the Government of São Tomé, specifically in regard to the field of adult education.

June 20 - 27 Dar-es-Salaam, Tanzania
 Participation in the "International Conference on Adult Education and Development" sponsored by the International Council for Adult Education

August 18 - 31 Angola - first visit to Angola at the invitation of the Ministry of Education in order to discuss WCC, Office of Education, involvement in the field of education.

September 23 - October 15 third visit to Guinea-Bissau together with IDAC team

- 13 -

- October 18 - 21 Paris - participation in a meeting on
Conscientization organised by INODEP
- October 23 - 31 Botswana - Participation in Southern African
Student's seminar on education (Joint Programme
of Botswana Christian Council and Youth
Department of the WCC).
- November 11 - 14 Bielefeld, FRG - Participation in meetings
on "the continuation and effects of the Paulo
Freire Method" organized by the University of
Bielefeld, Latin-America-Research department.
- November 18 - 19 London - participation in meetings on education
at the invitation of Professor Basil Bernstein,
Director of the University of London Institute
of Education, Section for Rural Education and
Development.
- November 26 - 28 Bonn, FRG - participation in a weekend seminar
on education at the invitation of Professor
Dr. W. Sayler, Pädagogische Hochschule,
Rheinland
- November 29 - December
22 second visit to São Tomé a. Príncipe and
Angola in order to assist in the development
of their national education programmes
1977
- February 6 - 26 third visit to São Tomé a. Príncipe and
Angola
- March 9 - 10 Paris - participation in UNESCO (NGO)
Symposium on Literacy and Life Long Education,
Paris, at the invitation of Ms. Laurel
Casinader, International Alliance of Women,
London
- March 11 - 31 fourth visit to Guinea-Bissau a. Cape Verde
- March 30 - April 7 Costa Rica - at the invitation of Daniel Oduber,
President of the Republic of Costa Rica in
order to advise them in their educational
programmes
- April 12 Strasbourg, France - participation in a
seminar on "Science and Literacy in the Third
World" organized by the "Centre National de la
Recherche Scientifique, Institut National de
Physique et de Physique des Particules - Uni-
versité Louis Pasteur
- April 18 to 22 Amsterdam, Holland - participation in a number
of short working seminars on "Consciousness in
Europe" for leading professional youth workers
at the invitation of the Dutch Reformed Youth
Council, Driebergen (together with her sister
organisations the (Roman) Catholic Youth
Council and the National Centre for Reformed
Youth Work) and the Office for International
Cooperation, State University Groningen.

- 14 -

June 12 - 26 fifth visit to Guinea-Bissau a. Cape Verde

August 29 - fourth visit to Angola and São Tomé
September 27 a. Príncipe

1978

20 January 1978

Paris

Invitation by the International Institute for Educational Planning to have a one-day meeting with the "stagiaires" of this Institute.

26 - 27 January 1978

Basel

Invitation by Pastor H.P. Schreiber Evangelisch-Reformiertes Studentenpfarramt at the University of Basel, to have a meeting with students who are studying P. Freire's educational approach.

30 January 1978

Lyon

Invitation by the University of Lyon, Department "Lettres et Civilisation" to participate in a meeting about the educational programmes in Guinea-Bissau and SAo Tome. In this meeting some linguist specialists of Creol language will take part.

2 - 5 February 1978

Frankfurt am Main, FRG

Invitation by the Johann Wolfgang Goethe Universität, Frankfurt, Department on Educational Sciences to participate in some seminars on "Pedagogy in the Third World".

12 - 28 February 1978

sixth visit to Guinea-Bissau

Participation in meeting of Ministers of Education from Angola, Cape Verde, Guinea-Bissau, Moçambique, Sao Tome and Principe taking place in Guinea-Bissau from February 15-27, 1978

1 - 5 April 1978

Guildford, U.K.

Invitation by Ms. Rosemary V. Wilcock, General Synod, Board of Education, Church House, to participate in a consultation and dialogue between people with a concern for education in the church and in society.

6 - 9 April 1978

Lincoln, U.K.

Invitation by Canon Rex Davis to participate in some meetings on "Education for Unemployment" and "Paulo Freire's work and thinking".

- 15 -

- 19 - 22 April 1978 Sacramento, U.S.A.
Invitation by John P. McFadden, California State University, Sacramento, School of Education, Department of Behavioral Sciences, 6000 J Street, Sacramento, California 95819.
- 22 - 25 April 1978 Long Beach, U.S.A.
Invitation by Dr. Donald C. Thompson, 6481 El Roble Street, Long Beach, California 90815
- 26 - 29 April 1978 Ann Arbor, Michigan, USA
Invitation by the University of Michigan, School of Education, Corner East and South Avenues, Ann Arbor, Michigan 48109
29 April doctor honoris causa by University of Michigan
- 29 - 30 April 1978 Philadelphia, USA
Invitation by Dr. Mary R. Hoover, Assistant Professor of Education, University of Pennsylvania, Graduate School of Education Education Building, 3700 Walnut Street Cl, Philadelphia 19174.
- 5 - 17 May 1978 seventh visit to Guinea-Bissau
- 20 - 31 May 1978 fifth visit to Sao Tome and Principe
- 1 - 9 June 1978 fifth visit to Angola
- 25 August - 8 September 78 Working Group Meetings of the Sub-unit on Education of the World Council of Churches in Stony-Point, New York
- 21 - 26 September 1978 eighth visit to Guinea-Bissau
- 1979
- 7 - 14 February 1979 New Delhi, India
Invitation by Mr. P.T. Kuriakose, International Youth Centre, Circular Road, Chanakyapuri, New Delhi-110021 to participate in some workshops and seminars on adult education.
- 5 - 8 March 1979 Kassel, FRG
Invitation by Dr. Matthias Wesseler, Gesamthochschule Kassel, Organisationseinheit Internationale Agrarwirtschaft, to participate in some seminars on Higher Education and International Development.

- 16 -

- 9 - 16 March 1979 Cape Verde
- 17 - 23 March 1979 Luanda, Angola (sixth visit)
- 23 March - 6 April 1979 Sao Tome and Principe (sixth visit)
- 21 - 22 April, 1979 Duisburg, FRG
Invitation by Gesamthochschule Duisburg to lead a seminar on education
- 27 - 29 April 1979 Alicante, Spain
Invitation by Institute of Applied Social Sciences, Juan XXIII, Alicante in order to help in evaluating a programme of Popular Culture and to lead a dialogue on "the evolution of conscientization and the thinking of Freire".
- 13 - 27 May 1979 ninth visit to Guinea-Bissau
- 1 - 31st July 1979 Ann Arbor, Michigan U-S.A.
participation in the summer programme of University of Michigan, Ann Arbor
- August 1979 home-leave in Brazil
- 2 - 14 October 1979 Cape Verde (adult literacy programme)
- 22 October - 1 Nov. 1978 Managua, Nicaragua
Visit at the invitation of Mr. Carlos Tunnerman, Education Minister of the National Reconstruction Government in order to discuss their national literacy plan for the next year.
- *
20 - 27 November 1978 Grenada
Invitation by Mr. George Louison, Minister of Education, People's Revolutionary Government of Grenada, to give technical assistance.
- 7 - 17 December 1979 seventh visit to Sao Tome and Principe
- 18 December 1979 Luanda, Angola
- *1 - 4 November 1979 Quito, Ecuador
Invitation by Mr. Osvaldo Hurtado, Vice-president of Republic of Ecuador, to advise them in their literacy campaign

- 17 -

1980

18 - 24 February 1980

second visit to Grenada

March 1980

Brazil

1 - 6 April 1980

tenth visit to Guinea-Bissau

15 June 1980

definite return to Brazil (Sao Paulo)

ANEXO 4 – CUSTO DE PROPOSTA

ZIMBABWE AFRICAN NATIONAL UNION

Headquarters

P.O. 20742

Harare, Zimbabwe

Tanzania

P.O. Box 233

London

Zambia

S. C. Mlay
Date ~~24/10/1981~~ 27/8/81

Dear Sir,

Dear Sir,

Mr Dag Dawood,
World Council of Churches,
1211, Geneva,
Switzerland.

COST OF PROPOSED "COURSE FOR WRITERS"

Dear Sir,

We now plan to conduct the first course for writers from Zimbabwe and elsewhere in August this year. We will be pleased if you could arrange that Professor Paulo Freire comes to the August one, and Richard Mouder to the second one possibly in December.

As I told you during our last PCN meeting in Geneva, we intend to invite 20 writers from Zimbabwe, and 5 from other East and Central African States, making a total of 25. They will be drawn mainly from youngsters at University and at High Schools. They will assemble for one month at the Bindola Ecumenical Centre in Kitwe, Zambia.

The total cost of the August course is as follows (excluding lecturers and/or participants from overseas):

Transport for 20 writers from Zimbabwe @ \$200 each	E4000
Transport for 5 writers from East & Central Africa	E 500
Board and lodging at Bindola for one month	E2000
Administration by Africa 2000 (Bwona's salary)	E 400
Printing and duplicating, stationery, typing	E 400
Lecturers' travel within Zambia and upkeep	E 400
Incidental expenses	E 200
Total	<u>E7000</u>

Lecturers from liberation movements or from educational institutions will deliver lectures free of charge. ZANE will provide a full-time participant-organiser for the course - also free of charge.

I will be pleased if you could make these funds available to our Treasurer, Mr Henry Kwekvisiri, as soon as you can. He has already incurred some expenditure for the preliminary work of contacting organisations that will be involved with the selection of candidates.

Yours sincerely,

Nathan
S. C. Mlay,
Secretary for External Affairs.

N.B.: K1 = 1.2 US Dollars

Note: ZANE's address is 2331 not 233

ONE MAN - ONE VOTE

ANEXO 5 – SOLICITAÇÃO DE CONTATO DIRETO

July 5th 1971

CSS/ea

Mr. Nathan Shamuyarira
P.O. Box 2331
LUSAKA

Dear Nathan,

I have confirmed the availability of Paulo Freire for conferences with you during the suggested dates. He has been asked to contact you directly and immediately. As he is in Peru now and for at least two more weeks, there may be some delay.

It might be useful for you to communicate with him as well to ensure that all is tied down.

If I can be of help, here, let me know.

Sincerely,

Charles S. Spivey, Jr.

**ANEXO 6 – CONFIRMAÇÃO DA PRIMEIRA VIAGEM DE PAULO FREIRE À
ÁFRICA**

Programme to Combat Racism

13th July, 1971

WD/ab

Mr. Nathan Shamuyyira
c/o ZANU
P.O.Box 253
LUSAKA

Dear Nathan,

Charles Spivey has already made the transfer of funds to your treasurer.

I have been informed that Paulo Freire is due in Mindolo between the 11th and the 21st September. Are these dates satisfactory? I would also like to know the dates of the entire course since I am hoping to be there for a few days as agreed. My present plans are to be in Lusaka between the 18th and the 23rd.

With kind regards,

Yours,

Ernest Dawood
Secretary for Research

ANEXO 7 – COMUNICAÇÃO DA CHEGADA DE PAULO FREIRE À ÁFRICA

UNIVERSITY OF DAR ES SALAAM

P.O. Box 35291 - DAR ES SALAAM - TANZANIA

Telephone No. 5811

Telegrams: UNIVERSITY
DAR ES SALAAM



Our Ref:

Your Ref:

13th September 1971

Mr. N. Dawood,
Programme To Combat Racism,
World Council of Churches,
1211 Route DeFerney,
GENEVA 20.

Dear Dag,

Our comrade here Zebediah Camanya and I
have opened a joint account Number 57880 with the
National Bank of Commerce, (City Drive Branch),
P. O. Box 9264, Dar es Salaam. We are joint signa-
tories. The Front will be launched soon.

Paulo Freire is arriving here tomorrow.
At my request, The Institute of Education in this
University is arranging interviews for him with
like-minded people in Dar es Salaam.

I will communicate with you about the
next writers' workshop as soon as the Front is
fully launched.

Yours,

Nathan
N.M. Shamyarira

*I have note new
address*

NMS/EC

ANEXO 8 – IMPRESSÕES SOBRE PAULO FREIRE NA TANZÂNIA

ZIMBABWE AFRICAN NATIONAL UNION

Headquarters
P.O. Box 2231
Lusaka
Zambia

P.O. Box 2231

Lusaka

Zambia

Date 19th Sept. 1971.

Your Ref.

Our Ref.

Mr N. Dawood,
Programme To Combat Racism,
World Council of Churches,
150 Route De Ferney,
1211, Geneva, 20.

Dear Dag,

Paulo Freire is a most stimulating and challenging personality to talk or listen to. He has left a very good impression here at the University of Dar-Es-Salaam, both among activists in the liberatory process, and the Marxists-Leninists. His lecture ~~was~~ scheduled to last one hour went on for two. It is a pity he visited when students were on vacation. Every person here, from the Vice-Chancellor downwards would like to see him back here to stay for longer teaching, talking, lecturing etc.

I have not yet received a detailed report from Lusaka on the writers' course recently held at Mindolo. Paulo Freire gives the impression that it was a good course, but the numbers of participants was much smaller than we expected. I do not know ~~what~~ as yet what happened to the other ten or so participants. As soon as I receive a report from Lusaka, I will send you a summary and a request for funds for the next course in December/January.

By now you will have received my letter requesting financial support for the proposed Front. I suggested that part of the money be sent to a joint account opened by Comrade Ganyu and myself in Dar-Es-Salaam, and the other half to Tiyeni Pamodzi in Lusaka. I saw that the wording of the grants to Zimbabwe liberation movements was sufficiently broad to permit for this.

Please send me a copy of the Kunene River Project report.

Finally, a big mass meeting of both ZANU and ZAPU members has been called in Lusaka for October 3, 1971, at which it is hoped a programme of launching the Front will be discussed, and possibly agreed.

With kind regards,

Yours sincerely,

Matthew Z

ANEXO 9 – CARTA SOBRE O CURSO EM MINDOLO

Bev
CS

P. O. Box RW 320,
ZIMBABWE

22nd September, 1971

Confidential

Mr. Nawaz Dawood,
Secretary for Research,
World Council of Churches,
Programme to Combat Racism,
150, Route De Ferney,
1211 GENEVA 20

25 SEP 1971

Dear Nawaz,

Thank you very much for your letter dated the 15th September, 1971.

You really have nothing to thank us for. It was a pleasure and a privilege for both my wife Rose and I to have met and known you.

The Mindelo Writer's course went on very successfully indeed as I have no doubt, Paulo Pereira will inform you. Although the number of persons who came was rather small, they were however, of a high calibre and good material in terms of what we want them to do inside Zimbabwe.

Yes, for a little while, when the Chitepo group knew that I had finalised all the arrangements about the Group's coming into Zambia, they made things very difficult for me so that I give up as that they would have the monopoly of seeing the boys and giving them an anti Unity line. Fortunately, these boys were no fools. They quickly differed with Chitepo on the question of Unity and they decided to see me together with Chikerema and Shanyarira. So Chikerema and I later went to see them and had a very fruitful discussion and established firm working relationship with them.

I will be sending you a full report together with one from the man who was in charge of these comrades S. Nwanza who is the Secretary of Africa 2,000. From these two reports you will be able to see that Richard Dove did not know what he was talking about. Together with the report will be an appeal from the group for aid to enable them to carry on their activities inside the country and to pay for examination fees for students who have been expelled from schools because of their political activities and are doing private studies.

I will send you these reports soon after the 21st September, 1971 as I am leaving tomorrow 19th September, 1971 on a mission to do with the formation of the United Front soon. Ned and Tony who are leaving for Rhodesia on 20th September, and whom I had discussions about their trip, and told me they will be seeing you soon, will be able to give you first hand information on how Chitepo and company were rebuffed by the students and how far they co-operated with us and undertook to work for the Front on getting back to Zimbabwe.

But as I say, the course was such an encouragement to us that I feel if you can, you should try as we discussed, to raise a ticket for me to come there explain its success and appeal for funds this time for the United Front. Greetings from all of us here.

Signed by Mrs. CHINOTA
in her absence

Chinota
Mrs. P. CHINOTA

**ANEXO 10 – CARTA E PÁGINA DO PROJETO DE ALFABETIZAÇÃO DA
SWAZILÂNDIA**

Phone 14
 Mailbox
 Telegrams
 Swaz. Mbabane

SWAZILAND AGRICULTURAL COLLEGE
Where is the recent letter?
 AND UNIVERSITY CENTRE

P.O. Luyenge,
 Swaziland.



1261 NING 62
 29 JUN 1970

21st June, 1970.

Dr. Paulo R. Freire,
 Office of Education,
 World Council of Churches,
 150 Route de Ferney,
 1211 GENEVA 20
 SWITZERLAND.

Dear Dr. Freire:

Please ^{enclosed} enclosed a copy of a project description using your method. We are convinced that your method will provide the social awareness needed for any "development" in Swaziland. Many of the issues the people have selected reflect the concern and apprehension concerning government's "development" activity in the rural areas. Their rhetoric tends to be grass-roots oriented but in practice any schemes seem to be imposed from the top without any consultation or deliberations with the people at the village level. We feel that full participation and control by the people in the rural areas is a necessary aspect of development schemes. Your method is an appropriate vehicle for guaranteeing this participation and control. You'll see from the set of words on the back of the document that we've made one minor change in the linguistic aspect of your method. Instead of introducing all of the vowels and the whole family of sounds in the first instance, we have chosen to introduce vowels over the course of four generative words. With our first word SITINI (brick) the literate has the potential of generating eleven words and three sentences. With KULIMA, adding on two more vowels, he is able to generate a host of words and sentences (more than two hundred words). Could you suggest a contact in Chile who will be prepared to give us some advice on some of the methodological and organisational problems in using your method in a full-fledged literacy scheme? We are particularly interested in your method of training the animateurs. Is there any available written material on your training approach?

Father Colin Collins of the University Christian Movement in South Africa mentioned the possibility of your coming to the Mindolo Ecumenical Centre on the Zambian Copper Belt. We would certainly welcome the wonderful opportunity to have ready access to your advice and dialogue. We would also be prepared to send several of our organisation's members to your training course in order to purge out those ~~un-~~dialogical elements which ~~are~~ present in our scheme as a result of inexperience. Is there any chance that you will take up a position at the Mindolo Ecumenical Centre?

I will be very grateful if you can send me a copy of your paper Extension O Comunicacion.

With Best Wishes.

Yours sincerely,

Ross Kidd

ROSS KIDD

Division of Extra Rural Services,
 Univ. of Botswana, Lesotho & Swaziland.

GENERATIVE WORDS

PHONEMES	WORD	TRANSLATION
1. S,T,N, I	SITINI	brick
2. K,L,M A,U	KULIMA	to cultivate
3. HL E	KUHLHLISA	to resettle
4. K', LW O	SIX'OLWA	school
5. B,MB	KUBAMBISANA	to co-operate
6. G,SH,D	LIGUSHEDE	farmers' shed
7. W,Y,NS	IWAYILENSI	radio
8. BH,DV	TIBHIDVO	vegetables
9. N,TS	LUTSANGO	fence
10. KH,KW,CH	KWAKA LICHINGA KUKHETSA	to plan is to choose
11. P,NDZ,DE,NCW,CW	KUPUNDEA INCWADEI	to read a book
12. H,ND	HULUMENDE	government
13. TH	UMTHOYI	latrine
14. NY	MANYOLO	fertiliser
15. NDL,DL	INDLU	home
16. V	KUVIKELA	to protect soil from erosion
17. NX,NZ	INKUNZI	bull
18. GW,C	USGWACO	road
19. P	KUPOPOLA	to survey
20. MPH, PH	IMPHUCUKO	culture, civilization
21. J, Z	LIJESI	sweater
22. NTF,TF	INTFUTPUKO	community development
23. NTJ,TJ	KUNTJINTJISA KUTJINTJA	to exchange, to barter to change
24. NTFW,TFW	KUTFWALA	to transport
25. NT	EMANTI	water
26. NGC,GC	INGCATFO	piece of virgin land
27. TJW	TJWALA	beer
28. DVW	LIDVWALA	rock
29. KL	IKLINIKI	clinic
30. GCW	UNGCWEMBE	wooden bowl

/2.....

ANEXO 11 – TABELA DAS VIAGENS DE PAULO FREIRE À ÁFRICA

VIAGENS DE PAULO FREIRE À ÁFRICA

ANO	DATA	PAÍS								Qtde DIAS
		ZÂMBIA	TANZÂNIA	GUINÉ-BISSAU	SÃO TOMÉ E PRÍNCIPE	ANGOLA	BOTSWANA	CABO VERDE		
1971	(?) 05 a 11 de setembro									(?) 6
	12 a 18 de setembro									6
1972	(?) junho									(?) 15
	09 a 23 julho									14
1975	07 a 22 de setembro									15
	14 de fevereiro a 04 de março									18
	03 a 15 de junho									12
	20 a 27 de junho									7
1976	18 a 31 de agosto									13
	23 de setembro a 15 de outubro									22
	23 a 31 de outubro									8
	29 de novembro a 22 de dezembro									23
	06 a 26 de fevereiro									20
1977	11 a 31 de março									20
	12 a 26 de junho									14
	28 de agosto a 27 de setembro									29
1978	12 a 28 de fevereiro									16
	05 a 17 de maio									12
	20 a 31 de maio									11
	1º a 09 de junho									8
	21 a 26 de setembro									5
1979	09 a 16 de março									7
	17 a 23 de março									6
	23 de março a 6 de abril									14
	13 a 27 de maio									14
	12 a 14 de outubro									2
	07 a 17 de dezembro									10
1980	18 de dezembro									1
	1º a 06 de abril									5

Aproximadamente 355 dias dedicados a África

Quantidade de visitas de Paulo Freire à África: Guiné-Bissau: 10; São Tomé e Príncipe: 7; Angola: 7; Tanzânia: 4; Cabo Verde: 4; Botswana: 1 e Zâmbia: 1. Total: 34 visitas.

ANEXO 12 – PAULO FREIRE EM CARTAGNY

Transcript of Paulo Freire's speech to the Consultation at Cartigny, 28th October 1974.

I will try to share with you my surprise and shock and how all my experiences have touched me and also have made me come back to some of the aspects, the first aspects, I thought about in my first experiences in Brazil some twenty-five years ago. And how these later experiences have led me beyond some of these first steps, of course. If I were the same Paulo Freire it would be very bad. Of course, I have many aspects I would like to put on the table but there is no time for that.

I would like to insist on one or two of these aspects which I remember from my work as a very young man in my experiences with peasants, for example, and workers in the urban centres. One of my preoccupations, linked to the process of education, was what I named at that time levels of consciousness. I remember I discussed at that time what I named the semi-intransitive consciousness, the transitive naïve, the transitive critical and the fanatic consciousness, this last one, a distortion of the transitive naïve, with a strong character of irrationality.

In my first book I discussed these ideas and I later developed them further in Cultural Action for Freedom, which I wrote in the United States.

And now, after my experience in the so-called First world, and above all in Germany, Sweden and Switzerland, and my experience in the so-called Third world, in Africa, Asia, the Caribbean and Latin America, these ideas continue to be a preoccupation. They lead me again to Lukacs and his study of the 'assault to reason', as well as to Horkheimer and Adorno and their 'Dialectic of Reason'. In this connection Habermas' work is also of interest although I have not yet read it. All of them, including Erich

/.....

Fromm, some years ago discussed in a very serious way what was named the self-destruction of reason, the fear of freedom, the fear of confronting the truth. This fear of freedom, this fear of confronting the truth, and this kind of consciousness, is one of the characteristics of the levels of consciousness which I named fatalist consciousness, irrational consciousness. It is impossible, absolutely impossible, to deny this problem in the First world, the technological society. A certain irrationality which comes up because of the exacerbation of reason. It is a contradiction that at a certain moment of rationality, rationality becomes irrational. I made reference to this possibility in my first book.

In my walks around the world I have been touched by this. But precisely because I am an educator my preoccupation is how to answer this concrete historical fact. In a simple, but not simplistic way, I would say, again that one of the objectives, one of the main aspects, for education for both these worlds would be to emphasize critical consciousness.

The question, nevertheless, which we ask ourselves, is how to put into practice this kind of education, when we know that it is not education which shapes society but that it is society which shapes education. How can we increase a kind of critical consciousness, through a challenging education, in a society whose historical atmosphere, as a globality is irrational. And also in a society whose aspirations, in the case of the Third world precisely because of its dependency on the first one, leads its ruling class to make copies of the models of irrationality which the First world presents as a good model. How can we conduct such a kind of education - even within the churches which are also conditioned by the irrationality and are losing the hope, the meaning of hope? I emphasize this because of my real and deep preoccupation with theology, not as a professional theologian but as a theologian to the extent that I am a human being.

/.....

3.

And this leads me once again to Germany "to meet" Ernest Bloch and immerse myself in the concept of hope which marked Moltmann in his theological thought.

How can we put into practice this kind of education, this humanizing education, without falling into irrationality when the whole historical atmosphere is irrational? We are made made into machines, as a result of a certain model of production, which has to be overcome. The question is is not only to replace a certain social class by another one as regards the power over the means of production, but above all it is also a question of changing the whole approach towards production - the relationships between human beings and nature. In this connection I feel a strong sympathy with Tanzania which seems to me to be aware of this, and is trying at least not to follow the Western model of production and consequently of education in spite of being submitted to the conditions of the Western world. I have a great interest also in China and Cuba because they are trying to do something along these lines, something very humanizing.

My friends, I have no time to expand on this. I would like to tell you of my preoccupation which is the following. How can we be educators today without falling into, on the one hand, pessimism or cynicism and, on the other hand, naivete. That is to say, I know it is impossible to change an educational system, as a sub-system of the whole system, without changing radically the system to the extent that education is a sub-structure. But, even although I know this, I am not pessimistic and I don't say that there is nothing I can do. We cannot despair nor be naive. By naive I mean continuing to insist that by education we can transform reality. Not being naive, being critical, means that although we cannot transform all of society through education we can do something through education. The problem is to know what we can do in different historical spaces, and different situations.

/....

Finally, in my point of view, every time I have time and space to act as an educator my main preoccupation is to develop, in different ways, critical consciousness. This is how I see this question and maybe it is the result of my four years of work at the World Council.

XXXXXXXXXXXXXXXXXXXX

ANEXO 13 – DISCURSO EM PERSÉPOLIS – IRÀ

SYMPOSIUM INTERNATIONAL POUR L'ALPHABETISATION
INTERNATIONAL SYMPOSIUM FOR LITERACY
SIMPOSIO INTERNACIONAL DE ALFABETIZACION

L'ALPHABETISATION DES ADULTES
EST-ELLE NEUTRE ?

par
Paulo Freire



Persepolis
3-8 Septembre 1975

SIPA/10
Orig.: Portugais

L'ALPHABÉTISATION DES ADULTES EST-ELLE NEUTRE ?

par

Paulo Freire

Voici quelques années déjà que je traite dans des articles, des interviews et des livres divers thèmes de l'éducation en général et, en particulier, de l'alphabétisation et de l'éducation des adultes. Cependant, lorsque je suis appelé à réfléchir sur ces questions, j'éprouve toujours la curiosité et l'inquiétude du chercheur. Ma longue fréquentation de ces thèmes n'est jamais parvenue à "bureaucratiser" ma curiosité. Je m'en approche, puis prends mes distances et, en définitive, je les appréhende comme des problèmes et donc comme des défis à relever. Lorsque je les revois et les réexamine, je revois et je réexamine aussi la perception que j'en ai eue au cours de ma réflexion passée, et je revois et réexamine avant tout la pratique qu'il m'a été donné d'en avoir. Ma propre pratique et celle des autres, dont je fais l'objet de mon analyse critique, est une pratique dans laquelle les thèmes se présentent comme des problèmes.

Ma curiosité ne se bureaucratise pas dans la mesure même où je ne me bureaucratise pas moi-même dans l'exercice de ma pratique, point de référence fondamental de ma réflexion.

Ainsi, l'exercice permanent de réflexion auquel je m'astreins est toujours orienté vers le concret et je m'y remets sans cesse en cause. En essayant d'extraire du concret les problèmes en forme de thèmes pour, en y réfléchissant, comprendre leurs raisons d'être, je ne cède jamais à la tentation de les transformer en de vagues abstractions. Si jamais je cédaï à cette tentation, je me couperais de ma propre pratique, niant

- 2 -

ainsi son rôle de source nourricière de ma réflexion : celle-ci se convertirait alors en un jeu purement intellectualiste, un bavardage, qui, sonore ou non, ne resterait jamais que cela.

L'unité dialectique entre action et réflexion, entre pratique et théorie s'impose à moi, quel que soit le contexte dans lequel je me trouve, qu'il s'agisse du contexte concret dans lequel j'agis ou du contexte théorique où j'examine, en prenant mes distances, ce qui s'y passe.

La pratique de penser la pratique est la meilleure manière d'apprendre à penser correctement. La pensée qui éclaire la pratique est éclairée par celle-ci, de la même façon que la pratique qui éclaire la pensée est éclairée par elle.

Aujourd'hui, en revenant sur la problématique de l'alphabétisation des adultes, avec laquelle je reste très intimement lié, j'aimerais autant que possible écrire comme si je parlais.

En procédant ainsi, j'affronte cependant deux difficultés. D'une part, le temps dont je dispose et, d'autre part, la tentation d'insister sur des analyses faites par moi en d'autres occasions à propos du même sujet, bien qu'il me soit impossible de laisser entièrement de côté certaines de ces analyses. Ainsi, au lieu de répéter simplement des arguments développés antérieurement, je m'efforcerai de les éclairer en m'astreignant à un effort de synthèse pour répondre au défi que constitue le problème du temps disponible.

Précisément parce que, comme je l'ai dit, je vais m'efforcer de rédiger ce texte comme si je parlais, je n'essayerai pas de traiter mon sujet dans un enchaînement rigoureux et encore moins d'en traiter tous les aspects. Ainsi, comme dans une conversation non formelle mais ne manquant pas pour autant de sérieux, je vais aborder quelques uns des aspects de mon sujet à mesure qu'ils s'imposeront à ma réflexion.

Le premier de ces points qui me vient dans cette conversation

- 3 -

écrite sur la compréhension critique de l'alphabétisation des adultes, concerne la croyance naïve, plus ou moins généralisée, dans le pouvoir de l'éducation institutionnalisée en tant que levier de la transformation de la réalité, croyance naïve que certains de mes critiques non moins naïfs affirment que je partage.

Dans un court texte que j'ai présenté l'année dernière à un séminaire d'une journée organisé par le Département de l'éducation du Conseil mondial des églises et auquel participait Ivan Illich, je me suis référé à cette question. Je disais alors que l'éducation systématique n'est pas celle qui façonne la société d'une certaine manière mais au contraire que c'est la société qui, suivant sa propre conformation, façonne l'éducation en fonction des intérêts de ceux qui détiennent le pouvoir dans cette société.

En réalité, aucune société ne s'organise à partir du système éducatif existant en son sein, auquel incomberait la tâche de façonner un certain profil de l'être humain qui serait chargé ensuite d'assurer la bonne marche de la société. Au contraire, le système éducatif se forme et se réforme au sein de la propre pratique sociale correspondant à une société donnée.

Reconnaître, d'une part, le rôle indiscutable que ce système éducatif joue dans la conservation ou la reproduction du modèle de société dont il est issu et, d'autre part, que ceux qui passent par ce système n'obtiennent pas tous les mêmes résultats, ne nous autorise pas à accorder au système éducatif un pouvoir qu'il ne possède pas : celui de créer une société, comme s'il était une instance supérieure à celle-ci.

Ce n'est pas, par exemple, l'éducation bourgeoise qui a créé la bourgeoisie, issue d'une situation historique concrète. C'est pour cela précisément que l'éducation bourgeoise en tant que système n'aurait pas pu s'instituer si la bourgeoisie n'avait pas été au pouvoir. Ceci signifie que la transformation radicale d'un système éducatif est conditionnée

- 4 -

par la transformation radicale de la société dont il est l'expression et l'instrument. Mais précisément parce que les transformations sociales ne sont pas un fait mécanique mais historique, constituant un fait humain, elles impliquent une pratique consciente qui correspond nécessairement à une certaine éducation.

De nombreuses personnes ont la naïveté de penser, je le répète, que cette éducation est l'éducation systématique de la société que l'on prétend transformer. En vérité l'éducation systématique, dans une société répressive dont elle est issue et sur laquelle elle agit en tant qu'instrument de contrôle social, a pour rôle de préserver cette société. Par conséquent, la concevoir comme un levier de libération c'est inventer les règles du jeu et attribuer à l'éducation, comme nous l'avons dit plus haut, une autonomie qu'elle n'a pas dans le processus de transformation social sans lequel la libération n'est pas concevable en tant qu'aspiration permanente.

Cette naïveté n'exprime pas seulement un moment de la conscience aliénée, où le réel prend l'apparence de l'illusoire et l'illusoire celle de la réalité, mais renforce cette aliénation. Dans notre cas, le réel est exactement la non autonomie de l'éducation systématique, c'est-à-dire de la scolarisation, dans le processus de transformation de la société dont elle est issue. Il est illusoire d'attribuer un tel rôle à l'éducation. Dans la perspective naïve à laquelle je me suis référé ci-dessus l'illusoire se convertit en "réel possible" et l'acceptation du réel en une sorte de "pessimisme destructif". Il n'y a cependant aucun pessimisme chez ceux qui se libèrent par la critique de ces illusions. Au contraire, ceux qui se libèrent de ces illusions et accèdent ainsi à une perception de plus en plus claire des relations dynamiques entre société et éducation n'ont aucune raison de prendre une position négative.

Cette clarté de perception, qui ne leur est pas donnée en cadeau mais qui se forge au fur et à mesure de leur pratique consciente, les amène

- 5 -

à découvrir le rôle véritable de l'éducation dans le processus libérateur, c'est-à-dire à découvrir la place qui est la sienne et les modes différents mais reliés entre eux de ce processus, correspondant à des moments également différents et également reliés entre eux de celui-là. Dès lors qu'ils possèdent cette clarté de perception, ils peuvent mesurer d'une manière plus ou moins exacte les limites de leur action pédagogique lorsque celle-ci s'exerce dans le cadre du système éducatif et ils n'éprouvent pas de perplexité devant le nombre infini d'obstacles qu'ils affrontent lorsqu'ils s'efforcent de mettre en oeuvre un type d'éducation qui n'étant pas spontanéiste n'en refuse pas moins l'autoritarisme.

Par conséquent, plus il se libèrent de ces illusions moins ils risquent de s'abandonner au pessimisme, au désespoir et à attitude cynique. Au contraire, ce risque guette sans cesse ceux qui convertissent l'illusoire en un "réel possible" si, lorsqu'ils éprouvent leurs premières perplexités, ils ne sont pas capables de se débarrasser de leurs illusions.

Je crois qu'il serait bon de revenir sur certaines des affirmations faites au cours de la présente "conversation". Que voulais-je dire, exactement, en me référant aux formes différentes et reliées entre elles qu'une éducation libératrice doit prendre à des moments également différents et reliés entre eux du processus de libération ?

En premier lieu, il me paraît important d'insister sur le fait que, lorsque nous parlons de libération, d'oppression, de violence, de liberté, d'éducation nous ne nous référons pas à des catégories abstraites mais historiques. Ainsi, lorsque je parle de la femme ou de l'homme je parle d'êtres situés dans l'histoire et non d'idées abstraites. Je parle d'êtres dont la conscience se trouve intimement liée à leur vie réelle et sociale. Par ailleurs, puisqu'il ne m'est pas possible de préfigurer un champ historique existant en tant que royaume de la liberté absolue, je me réfère à la libération comme à un processus permanent au sein de l'histoire. C'est dans ce sens aussi que la révolution véritable et permanente est une

- 6 -

révolution qui a été et qui n'est plus, puisque pour être elle doit être en devenir.

Eh bien, le processus de libération et l'action éducative qui doit participer à ce processus varie du point de vue des méthodes, des tactiques, du contenu, non seulement de société à société mais aussi à l'intérieur d'une même société, en fonction du moment historique où elle se situe ; elle varie aussi en fonction de la manière dont se présentent en son sein les rapports de force, en fonction des niveaux de confrontation entre les classes à l'intérieur du processus de libération.

Une chose est l'effort éducatif libérateur au sein d'une société où les clivages socio-économiques sont visibles à l'oeil nu, où les contradictions sont évidentes et où la violence exercée contre les classes dominées par la classe dominante se situe à un niveau grossier et primaire, et autre chose est le même effort dans une société capitaliste hautement modernisée, ayant un niveau élevé de "bien-être social", dans laquelle les contradictions existantes sont moins facilement perceptibles et où la "manipulation des consciences" exerce un rôle d'une importance indiscutable dans l'occultation de la réalité. Dans ce dernier cas, plus que dans le premier, et pour des raisons évidentes, le système éducatif devient hautement sophistiqué en tant qu'instrument de contrôle social.

Autre chose encore est le même effort à l'intérieur d'une société qui a connu une transformation radicale. Dans le premier cas, c'est-à-dire quand une société n'a pas souffert de transformation révolutionnaire et dont le caractère de classe continue d'exister, que ses contradictions soient évidentes ou non, prétendre que l'éducation systématique soit l'instrument de changement de ses structures est faire preuve de la naïveté critiquée plus haut. Dans une société de ce type l'éducation libératrice s'identifie en termes prépondérants à un processus d'organisation consciente des classes dominées en vue de la transformation des structures oppressives. Par conséquent, cette éducation, au sein de laquelle le

- 7 -

développement d'une conscience lucide de la réalité n'est possible que par la critique de celle-ci, présuppose une action pratique à l'intérieur de cette réalité et sur elle.

Dans le second cas, où une nouvelle société commence à se constituer par la transformation révolutionnaire de l'ancienne société, transformation qui ne s'opérant pas d'une manière mécanique est pénible et difficile, les choses se passent d'une manière différente, et d'autant plus différente que le nouveau pouvoir sera mieux capable de rejeter la tentation du "consommisme" qui caractérise essentiellement le mode de production capitaliste. Avec l'apparition de nouvelles relations humaines, reposant sur une réalité matérielle différente et dépassant dans ce cas les anciennes dichotomies typiques de la société bourgeoise, telles que la dichotomie entre travail manuel et travail intellectuel, entre pratique et théorie, entre enseigner et apprendre, peut apparaître un nouveau système éducatif. De cette manière, l'éducation libératrice, qui dans l'étape antérieure s'identifiait à un processus d'organisation des classes ou des groupes dominés pour la transformation des structures oppressives sans laquelle la libération ne peut pas se concrétiser, devient maintenant un effort systématique au service des idéaux de la nouvelle société. Ces idéaux, évidemment, sont antagoniques à ceux de l'ancienne classe dominante qui se sent opprimée du simple fait de ne plus être capable d'opprimer. C'est seulement dans la mesure où le nouveau pouvoir se consolide et que prend forme une nouvelle pratique sociale que peut disparaître progressivement la nostalgie du pouvoir chez l'ancienne classe dominante.

Si le système éducatif de l'ancienne société avait pour tâche de conserver le "statu quo", maintenant l'éducation doit devenir un élément essentiel du processus de libération permanente. Il en résulte qu'il n'est pas possible de nier, à moins que ce soit du fait d'une naïveté angélique ou par calcul, le caractère politique de l'éducation.

- 6 -

En conséquence les problèmes de base de la pédagogie ne sont pas strictement pédagogiques mais bien politiques et idéologiques.

Je voudrais insister particulièrement sur un aspect du problème : tout au long de ce texte j'insiste sur l'impossibilité, pour moi évidente mais pas nécessairement pour tout le monde, pour le système éducatif d'être considéré comme un levier de la transformation sociale. A aucun moment, cependant, je n'ai nié de manière absolue l'utilité de faire des efforts sérieux à l'intérieur du système; j'ai souligné les difficultés de tels efforts, sans les décrire, mais non leur inutilité.

Le problème qui se pose à ceux qui, même à des niveaux différents, s'engagent dans un processus de libération en tant qu'éducateurs, à l'intérieur ou en dehors du système scolaire mais toujours à l'intérieur de la société (stratégiquement en dehors du système mais tactiquement à l'intérieur), c'est de savoir ce qu'il faut faire, comment, quand, avec qui, pourquoi, contre qui et en faveur de qui.

C'est pourquoi, en traitant à diverses occasions, comme maintenant, du problème de l'alphabétisation des adultes je ne l'ai jamais réduit à un ensemble de techniques et de méthodes. Je ne les sous-estime pas, pas plus que je ne les surestime. Les méthodes et les techniques, de toute évidence indispensables, se font et se défont dans la praxis. Ce qui m'apparaît comme fondamental c'est la clarté par rapport à l'option politique de l'éducateur ou de l'éducatrice, ce qui implique des principes et des valeurs qu'il ou qu'elle doit assumer, c'est-à-dire la clarté par rapport au "rêve possible" devant être concrétisé. Le "rêve possible" doit toujours être présent dans nos réflexions sur les méthodes et les techniques. Il existe une indestructible solidarité entre elles et ce "rêve possible". Si, par exemple, l'option de l'éducateur ou de l'éducatrice est en faveur de la modernisation capitaliste, alors l'alphabétisation des adultes ne peut pas dépasser la capacitation des adultes, d'une part, à lire des textes sans référence à leur contenu et, d'autre part, à mieux

- 9 -

vendre leur force de travail sur ce qui ne s'appelle pas du fait du hasard le "marché du travail". Si l'option de l'enseignant est autre, l'essentiel dans l'alphabétisation des adultes est que les analphabètes découvrent que ce qui est véritablement important n'est pas de lire des histoires aliénées ou aliénantes mais de faire l'histoire tout en étant fait par elle.

Risquant de paraître schématiquement symétrique, je dirais que dans le premier cas les "apprenants" ne sont jamais appelés à porter un jugement critique sur les conditionnements de leur propre pensée, à réfléchir sur la raison d'être de leur propre situation, à faire une nouvelle "lecture" de la réalité qui leur est présentée comme quelque chose qui est et à laquelle ils doivent, tout simplement, s'adapter. La pensée-langage est coupée de la réalité objective ; les mécanismes d'absorption de l'idéologie dominante ne font jamais l'objet de discussion ; la connaissance est quelque chose qui doit être "consommée" et non faite ou refaite. L'analphabétisme est considéré parfois comme une "mauvaise herbe" parfois comme une maladie, c'est pourquoi on en parle tantôt en terme de "liquidation", tantôt en tant que "plaie".

Les analphabètes, dans le contexte général de la société de classe, sont des objets en tant qu'êtres opprimés auxquels il est interdit d'être et sont également de tels objets dans le processus d'apprentissage de la lecture et de l'écriture. C'est que dans ce processus les analphabètes ne sont pas invités à s'approprier une connaissance existante destinée à être approfondie à mesure que l'on prend conscience de ses limitations, mais à recevoir passivement une "connaissance"-préfabriquée établie une fois pour toutes.

Dans le second cas, au contraire, les apprenants sont invités à réfléchir. Dans cette approche, être conscient n'est pas une simple formule ou un "slogan". C'est une manière d'être fondamentale propre aux êtres humains qui tout en refaisant un monde qu'ils n'ont pas fait eux-mêmes font leur monde et, dans ce faire et ce refaire, se refont eux-mêmes.

- 10 -

Ils sont parce qu'ils deviennent.

L'apprentissage de la lecture et de l'écriture en tant qu'acte créateur, implique nécessairement, dans cette approche, la compréhension critique de la réalité. L'appropriation de la connaissance existante que les analphabètes sont appelés à réaliser à partir de leur pratique concrète leur ouvre la possibilité d'une nouvelle connaissance qui, dépassant les limites antérieures, révèle la raison d'être des faits et démystifie les fausses interprétations de ceux-ci. Alors, lorsqu'il n'existe plus aucune séparation entre la pensée-langage et la réalité, la lecture d'un texte exige la "lecture" du contexte social auquel il se réfère. Il ne suffit pas de savoir lire, mécaniquement, qu'"Ève a vu la vigne". Il est nécessaire de comprendre quelle position occupe Ève dans son contexte social, qui cultive la vigne et qui profite de ce travail.

Les défenseurs de la neutralité de l'alphabétisation des adultes ne mentent pas lorsqu'ils accusent la clarification de la réalité dans le cadre de l'alphabétisation d'être un acte politique. Par contre, ils falsifient la vérité lorsqu'ils nient ce même caractère politique à l'occultation qu'ils font de la réalité.